SAYRAGUL SAUYTBAY
ALEXANDRA CAVELIUS

FUGA DO INFERNO

O RELATO DA TESTEMUNHA-CHAVE
SOBRE OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DA CHINA

Uma noite, de volta ao serviço de sentinela, vi uma longa fila de prisioneiros no lado de fora da área médica. "É só um programa de vacinação!", asseguraram as enfermeiras; "é simplesmente uma medida preventiva para impedir a transmissão de doenças infecciosas". Havia muitas pessoas doentes ali no campo de concentração. A administração sabia exatamente o estado de saúde de cada prisioneiro porque eles mantinham um meticuloso registro médico. Por que eles tinham que ser "vacinados" novamente quase todos os meses? Se eles realmente quisessem ajudar aqueles que estavam mal, por que lhes negavam tratamento e cuidados paliativos?

A tortura dobrou muitos homens fortes, mas, no campo de concentração, eram as mulheres e meninas que levavam a pior. Quando eu trabalhava como sentinela ou faxineira no fim da tarde, eu freqüentemente notava que os guardas iam buscar, nas celas, as meninas mais novas e bonitas, a maioria de 18 ou 19 anos. [...] Os guardas só devolviam no dia seguinte as meninas que tinham levado da sala de aula. Elas voltavam com feições pálidas e amedrontadas. Algumas apresentavam escoriações e piscavam continuamente os olhos vermelhos e inchados. [...] "Sente-se!", o guarda latiu, mas ela simplesmente não conseguia fazê-lo. Mandaram-me dar uma advertência e me dirigir a ela, em voz alta, pelo seu número. "Você, menina número ..., sente-se". Nenhuma reação. Ela simplesmente respondeu, com uma única frase: "Não sou mais uma menina". E então os guardas a levaram para a sala escura.

Em 2020, Sayragul Sauytbay foi premiada com o *International Women of Courage Award* pelo Departamento de Estado americano. Seus relatos como testemunha-chave já agitaram o cenário mundial e foram tema de reportagem dos jornais *New York Times*, *Washington Post* e *Frankfurter Allgemeine Zeitung*.

Alexandra Cavelius é redatora e jornalista. Teve seus artigos publicados em revistas renomadas e é autora de diversos livros sobre política. Também é autora do best-seller *Dragon Fighter*, autobiografia da ativista uigur Rebiya Kadeer, indicada várias vezes ao Prêmio Nobel da Paz.

Sayragul Sauytbay

Alexandra Cavelius

Fuga do Inferno

O relato da testemunha-chave sobre
os campos de concentração da China

Tradução:
Rafael Godinho

Editor:
Felipe Denardi

Assistente:
Daniel Alves de Araújo

Tradução:
Rafael Godinho

Revisão:
Lácio Revisão e Tradução

Preparação de texto:
Nelson Carvalho Neto

Diagramação:
Maurício Amaral

Capa:
Nelson Provazi

Revisão de provas:
Tomaz Lemos
Luiz Fernando A. Rosa
Flávia Theodoro

Fuga do Inferno: O relato da testemunha-chave sobre os campos de concentração da China
Sayragul Sauytbay, Alexandra Cavelius
1ª edição — dezembro de 2022 — CEDET
Título original: *The Chief Witness: escape from China's modern-day concentration camps* [Die Kronzeugin: Eine Staatsbeamtin über ihre Flucht aus der Hölle der Lager und Chinas Griff nach der Weltherrschaft].

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630,
Condomínio GR Campinas 2 — módulo 8
CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas-SP
Telefone: (19) 3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA
Sauytbay, Sayragul.
Fuga do Inferno: O relato da testemunha-chave sobre os campos de concentração da China / Sayragul Sauytbay; Alexandra Cavelius; tradução de Rafael Godinho — Campinas, SP: Vide Editorial, 2022.

ISBN: 978-85-9507-153-7

1. Alexandra Cavelius. 2. China contemporânea.
I. Título II. Autor
CDD - 321-92 / 920 / 951

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Comunismo - 321-92
2. Biografia - 920
3. História da China - 951

VIDE EDITORIAL — www.videeditorial.com.br

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

Devo os meus sinceros agradecimentos aos órgãos de direitos humanos das Nações Unidas; ao governo sueco e seus cidadãos; ao povo do Cazaquistão; ao governo da República Federativa da Alemanha; à organização cazaque Atajurt; a toda a imprensa que acompanhou o meu caso; às emissoras de televisão e rádio de tantos países; aos jornalistas de diversos meios de comunicação; e à emissora cazaque Free Asia Television.

SAYRAGUL SAUYTBAY

CAPÍTULO I

Fantasmas do passado

Suplicantes no silêncio da noite

Todas as noites as moças se aglomeravam, chorando, ao redor da minha cama. Seus olhos escuros eram largos, e suas cabeças, completamente raspadas. "Salve-nos!", elas imploravam. "Por favor, salve-nos!". Onde quer que os déspotas governem, nós, mulheres, somos sempre as mais atingidas. É tão fácil nos reprimirem por meio dos demônios do desamparo, da vergonha e da culpa. Entretanto, não somos nós, mulheres, que devemos nos envergonhar das feridas que os homens nos infligem. Tudo o que tenho a fazer agora é internalizar essa verdade. Luto para ficar de pé, mas estou sem vida, congelada como um cadáver.

Desde que saí do campo de concentração, há momentos em que não consigo sair da cama. Isso porque passei muito tempo dormindo sobre um chão frio de concreto. Meus membros e articulações doem por causa do reumatismo. Antes de passar por tudo isso, eu era perfeitamente saudável: hoje, aos 43 anos, sou uma mulher doente. No instante em que cochilo por alguns segundos, num sono inquieto, sou despertada por pesadelos.

Nenhuma das mulheres, crianças, homens e idosos atrás daquelas cercas altas de arame farpado cometeram qualquer crime, exceto o de nascerem cazaques, uigures ou alguma outra etnia muçulmana da província noroeste da China. De terem nomes muçulmanos, como Fátima ou Hussein.

Meu nome é Sayragul Sauytbay. Sou casada, já administrei cinco jardins-de-infância antes de ser aprisionada, e amo a minha família acima de tudo. Viemos da província noroeste da China, uma região maior do que a Alemanha, a França e a Espanha juntas, e que está situada

a cerca de 3.000 km de Pequim, considerando uma linha reta. Rodeada de montanhas com mais de 7.000 m de altitude, nossa província faz fronteira com mais nações estrangeiras do que qualquer outra região da China, incluindo Mongólia, Rússia, Cazaquistão, Quirguistão e Tajiquistão, bem como Afeganistão, Índia e Paquistão. É aqui que a China mais se aproxima da longínqua Europa.

Desde tempos antigos, a região é lar de uma população predominantemente uigur, mas há também numerosas outras etnias, como mongóis, quirguistaneses, tártaros e o segundo maior grupo étnico, os cazaques, ao qual pertenço. Nossa província era chamada Turquestão Oriental até 1949, quando a China — o vasto império vizinho — anexou violentamente a região inteira, uma área estrategicamente vantajosa e informalmente conhecida como o "Portão para o Ocidente". Mao Tsé-Tung a renomeou como Região Autônoma de Xinjiang (Nova Fronteira), mas, para nós, ela permanece sendo o Turquestão Oriental, nossa terra ancestral. Oficialmente, o governo de Pequim garante, ao povo nativo daqui, autonomia, independência e livre-arbítrio. Extra-oficialmente, porém, o governo nos trata como uma colônia de escravos.

Desde 2016, nossa província se transformou no maior Estado de vigilância do mundo. Segundo estimativas de especialistas internacionais, uma rede de mais de 1.200 campos de concentração existe acima do solo, mas relatórios cada vez mais numerosos também dão conta de campos subterrâneos. Estimamos que cerca de 3 milhões de pessoas se encontrem detidas atualmente. Elas nunca foram julgadas. Jamais cometeram um crime. Este é o maior aprisionamento de um único grupo étnico desde o Terceiro Reich.

Representantes do Partido me forçaram a guardar silêncio a respeito de tudo o que testemunhei como uma relevante funcionária do serviço público nos terríveis campos do Turquestão Oriental — "ou então você está morta". Tive, literalmente, de assinar minha própria sentença de morte. Apesar de todos esses obstáculos, finalmente consegui escapar da maior prisão ao ar livre do mundo e chegar à Suécia.

Minha situação é atípica, porque fui colocada para trabalhar como professora em um desses campos de concentração. Essa posição me proporcionou uma visão do funcionamento mais recôndito do sistema. E o que vi foi uma peça cuidadosamente considerada e meticulosamente

detalhada do mecanismo burocrático que operava conforme as instruções explícitas de Pequim. Não se tratava apenas de tortura sistemática, humilhação e lavagem cerebral. Era o extermínio deliberado de todo um grupo étnico.

Enquanto estamos sentados aqui, grandes corporações ocidentais estão fazendo negócios lucrativos no noroeste da China. Entretanto, a pouca distância de seus prédios, crianças, mulheres, homens, meninos e idosos são presos como animais e torturados de maneiras indescritíveis.

Segundo agências de direitos humanos, um em cada dez muçulmanos da minha província de origem se encontra aprisionado. Essa estatística coincide com a minha própria experiência. Estive eu mesma num campo de concentração, ao lado de 2.500 outros prisioneiros. Na região central de Mongolküre — chamada Zhaosu pelos chineses, onde moram 180 mil pessoas — há duas grandes prisões e três campos de concentração, instalados numa antiga escola do Partido adaptada e em prédios abandonados. Supondo que esses locais abriguem a mesma quantidade de prisioneiros, então, mesmo numa pequenina área como o condado de onde vim, há cerca de vinte mil detentos. Hoje em dia, toda família muçulmana já foi afetada por esses aprisionamentos. Não há mais ninguém em Xinjiang que não tenha perdido diversos parentes.

A evidência acerca da existência desses campos de concentração é esmagadora — temos imagens de satélite, declarações documentadas de testemunhas, e, mais recentemente, o vazamento de uma coleção de documentos secretos do governo chinês que ficaram conhecidos como "China Cables", feita por um delator chinês — então Pequim finalmente admitiu sua existência, após um longo período de negação. Ainda assim, políticos chineses proeminentes continuam a usar de eufemismo ao falar dos "centros de qualificação profissional". Produzem filmes de propaganda que mostram estudantes dançando e rindo, assistindo a aulas em salas iluminadas e bem decoradas, e sendo "reeducadas para serem pessoas melhores". A versão oficial do Partido é que a mídia estrangeira está "espalhando mentiras maliciosas", que todos os "estudantes" estão lá por sua própria, livre e espontânea vontade, e que a maioria deles, aliás, já foi liberada.

Quando ouço esse tipo de coisa, pergunto-me aonde todos os meus amigos, vizinhos e conhecidos poderiam ter ido. Se foram libertados, por que

ninguém pode contactá-los por telefone? Além disso, se tais campos são de fato "centros de qualificação profissional", como o governo de Pequim afirma com tanta obstinação, então por que crianças pequenas estão sendo arrancadas de suas famílias e de suas salas de aula e enviadas para lá? Por que deveriam esses "internatos tomar o lugar dos pais", como exige o Partido Comunista da China (PCC)? Que "reeducação" é essa, supostamente passível de ser aplicada a uma mulher de 84 anos de idade? Por que escritores, professores, empresários bem-sucedidos e artistas — todos já altamente educados — precisam ser submetidos a "cursos de educação continuada" atrás de arame farpado?

Qualquer um que conte a verdade sobre esses campos de concentração do Turquestão Oriental é rotulado como espião estrangeiro, um mentiroso ou terrorista. Censores chineses imediatamente apagam toda a informação disponível na *internet* e qualquer um que passe adiante essa informação na China desaparece no dia seguinte, sem deixar vestígios. Assim que uma delegação ocidental anuncia que levará jornalistas para uma visita ao Turquestão Oriental, como ocorreu no outono de 2019, autoridades do Partido rapidamente transformam o "campo de reeducação" numa escola comum.

O arame farpado desaparece das cercas e os guardas fortemente armados são levados para longe dos portões. Professores que foram demitidos do emprego — e agora eram varredores de rua ou operários de fábricas — são colocados novamente em serviço, enquanto durar a visita. Novas salas de aula, repletas de estudantes cazaques e uigures, são rapidamente instaladas, e filmagens iluminadas e coloridas são feitas para a televisão.

Uma amiga, à qual foi concedida uma licença de visitante para assistir ao funeral de sua mãe na região, me disse que todos os professores e estudantes tinham que memorizar textos do Partido, em virtude dos visitantes ocidentais. Qualquer um que esquecesse uma vírgula ou palavra era banido para um campo de concentração. As instruções oficiais eram as seguintes: "Estudantes, vocês estão proibidos de contar o que realmente aconteceu nos últimos anos. Dirão o quanto o Partido é bom e como é boa a sua vida aqui...". Agora já estamos acostumados às *performances* teatrais e às ilusões do PCC. Temos vivido com elas desde que éramos crianças.

Recordar o meu passado me provoca ânsias de vômito. Não consigo parar de vomitar, como se houvesse parasitas no meu corpo. Tenho que envolver a minha cabeça num lenço, como se ela estivesse a ponto de explodir. Talvez sejam as memórias; talvez sejam as conseqüências da tortura. Mas não importa o quão agoniante é falar das minhas experiências, creio que seja meu dever avisar ao mundo. Dito isso, quero enfatizar que eu não culpo o povo chinês por esses crimes terríveis: a responsabilidade recai única e diretamente sobre o governo de Pequim e o Partido Comunista Chinês.

Na condição de testemunha-chave, compartilhei o meu conhecimento acerca do funcionamento interno desse sistema fascista. Não falo apenas por mim mesma, mas também em nome de todas as pessoas aprisionadas nesses campos de concentração e por aqueles que temem por suas vidas sob essa ditadura. Não podemos pressupor que a liberdade seja algo garantido. Se não agimos para protegê-la a tempo, nós já a perdemos, porque, em seus últimos espasmos de agonia, ela desaparece rápido demais para que possa ser mantida. O Reino do Meio — como a China se denomina — traça planos com muitas décadas de antecedência. A fim de minar a democracia pouco a pouco, ela explora as oportunidades proporcionadas por uma sociedade aberta. Experimentei em primeira mão o que significa viver num ambiente controlado por Pequim, num Estado de vigilância hipermoderno, jamais visto no mundo.

E um mundo sem liberdade nos faz percorrer o inferno para salvar a nossa vida.

Da Suécia para a Alemanha

Foi uma situação estranha despedir-me de minha família na Suécia e viajar com meu filho de dez anos, Ulagat, para ser entrevistada na Alemanha. A jornalista Alexandra Cavelius pretendia utilizar nossa conversa para escrever um livro sobre as minhas experiências.

A balsa só partiu às 22h55, mas tínhamos saído de casa quatro horas mais cedo, embora o porto estivesse a apenas quinze minutos de distância. Uali e minha filha de quatorze anos, Ukilay, tinham vindo conosco. Depois de um tempo, ambos de repente ficaram muito quietos e ficaram um pouco para trás.

Meu filho e eu estávamos no ponto de ônibus, esperando a condução que nos levaria ao barco. “Por que eles não estão mais falando conosco?”. Ulagat, puxando a minha jaqueta, queria saber. “Talvez estejam chateados porque estamos indo sem eles?”. Ele correu para o seu pai. “Pessoal, vocês querem que fiquemos aqui?”. Uali sacudiu a cabeça e afagou os cabelos escuros e crespos do menino. “Não, não, esta é uma chance maravilhosa! Pense só: você tem apenas dez anos, e logo terá visitado quatro países bem diferentes. É algo que toda criança pequena sonha fazer. Você é um homem agora, e vai cuidar bem da sua mãe. Quando ela precisar de uma xícara de chá, você vai lhe preparar uma. Quando precisar dos seus remédios, você os dará a ela”.

Meus filhos sabem que estou doente desde que passei pelo campo de concentração. Ninguém sai de um lugar como aquele com boa saúde. Com freqüência, os parentes dos prisioneiros também caem doentes, aguardando durante meses ou anos, consumidos pela ansiedade e esperando em vão por um sinal de vida ou uma manifestação qualquer de seu ente querido. Meus filhos tiveram que amadurecer muito rápido.

Quando o ônibus parou, minha filha se virou e começou a chorar amargamente. Não havia uma causa real para estar triste, mas, de repente, todas aquelas memórias escuras vieram novamente à tona, como bolhas. As crianças estavam se lembrando de como elas haviam fugido para o Cazaquistão com seu pai, enquanto tiveram que deixar sua mãe na fronteira. Dois anos e meio. Nem um contato sequer.

Desde então, nossa família não passou um único dia sem se preocupar. Estávamos sempre nos mudando de um lugar a outro. Antes daquela noite no porto, nunca havíamos estado em paz e nunca tínhamos vivido em liberdade, como uma família normal. De repente, as portas se fecharam, sibilantes, separando a mim e meu filho de minha filha e seu pai. O ônibus mal havia percorrido alguns metros e meu telefone tocou. “Como vocês estão?”, meu marido perguntou. “Está tudo bem? Cuidem-se!”.

Alemanha

Hoje em dia, quando estou num ônibus ou trem e o cobrador se aproxima, sempre tenho que me lembrar de que “Não, este guarda não quer me prender...”. De fato, posso viajar pelo mundo como qualquer

outro cidadão livre. Um dos meus primeiros destinos foi a Secretaria de Negócios Exteriores de Estocolmo, depois denominada Parlamento Europeu em Bruxelas, onde prestei depoimento como testemunha-chave de minha experiência nos campos de concentração.

Acho que foi bom este livro ter sido publicado primeiro na Alemanha. O país teve uma trágica história quando experimentou o fascismo, mas, diferente da China, ele encarou com valentia o seu passado sombrio, procurando saber por que aquelas coisas aconteceram e aprendendo com elas. A China, por outro lado, simplesmente reescreve a sua história, de outro modo seria perigoso para o Partido e o governo. A Alemanha é um país forte, com um sistema político altamente eficaz. Graças ao apoio de incontáveis políticos internacionais, bem como de diversas organizações humanitárias, minha família e eu encontramos um novo lar, num país livre.

Como seres humanos, vivemos todos no mesmo planeta e no mesmo século XXI, mas, no lugar de onde venho, uma grande parte da população está isolada do restante do mundo e tem tido os seus direitos básicos negados. Para alguém que considera garantida a democracia e os direitos humanos, será difícil entender o que enfrentamos diariamente no Turquestão Oriental.

Há um programa televisivo chinês muito popular chamado *Viagem ao Ocidente*, que ilustra perfeitamente a nossa situação. O Partido Comunista usa os personagens principais para demonstrar a sua própria superioridade, já que ninguém é mais esperto ou mais forte do que o Partido. No programa, um feiticeiro viaja para a maior quantidade possível de países ocidentais, por ordem de um monarca, com o objetivo de conhecer os seus costumes e modos de vida. O Ocidente é retratado de forma terrível: atrasado, dividido e fraco. Perdido no caos e na carnificina.

Quando o bruxo desenha, com a sua varinha, um círculo em volta das pessoas, todo mundo dentro dele é atingido pelo seu feitiço. Ninguém ousa se aventurar além das bordas do círculo. Tais prisioneiros não estão mais livres para ir e vir, nem para pensar livremente; esqueceram que são pessoas com direitos humanos normais. Simplesmente aceitam qualquer coisa, como cordeiros sacrificiais, independentemente do que lhes é feito. Eles não têm escolha. Estão tentando sobreviver — da mesma forma que o povo da província noroeste da China.

Ainda preciso me acostumar ao sentimento de que posso sair e caminhar em volta da minha própria casa sem ser observada. Pela primeira vez na vida, tenho testemunhado e experimentado como é ter permissão para viver com dignidade. No Turquestão Oriental, qualquer migalha de informação é controlada. Livros e revistas não censurados e plataformas de mídia social, como Facebook e WhatsApp, são proibidos. Ainda que eu esteja morando na Suécia há alguns meses, ainda sinto a pressão sob a qual vivíamos a cada dia, o medo constante por meus parentes, meu marido, meus filhos e por mim mesma. Às vezes, na rua, surpreendo-me olhando por cima dos ombros e me perguntando, desconfiada: "Quem é aquele sujeito de feições asiáticas atrás de mim? Estará envolvido com a polícia secreta chinesa? Será que está me observando?". O Partido Comunista tem um alcance considerável. Pode perseguir dissidentes em toda parte, mesmo na Alemanha.

No Turquestão Oriental, parece que o povo nativo está vivendo num hospício onde nada mais faz sentido. Mas, se você estiver sempre ocupado e não der um passo errado por medo de ser punido, então não sobra tempo para fazer perguntas. O fato de que hoje sou livre e capaz de fazer essas perguntas importantes é presente de Deus: Por que centenas de milhares de pessoas inocentes estão sendo torturadas e assassinadas, sem que haja quaisquer repercussões? Como alguém pode fazer coisas tão terríveis com outros seres humanos? Isso só pode acontecer porque eles se consideram uma raça imensamente superior e mais valiosa, e isso é precisamente o que o PCC e seu secretário geral, Xi Jinping, têm pregado, imbuído de um ardente nacionalismo. Se os países de todo o planeta estão hoje tão intimamente interconectados, por que permitem que essas violações aos direitos humanos continuem, sem que sejam investigadas? Meu único desejo é que algum poder externo e mais justo intervenha para que isso não se repita no futuro.

Quando pessoas de outros países pensam na China, geralmente concebem uma nação altamente civilizada, avançada e economicamente muito bem-sucedida. Isso não surpreende, haja vista a enorme soma investida por uma das máquinas de propaganda mais poderosas do mundo, para que, do exterior, o país seja visto como uma sociedade relativamente normal e tecnologicamente avançada. A mídia estatal mantém silêncio sobre todas as perversidades e verdades incômodas

que existem por trás dessa percepção. O veneno, no entanto, infecciona por baixo, como pus. Os chineses estão cientes que seu próprio governo mente para eles com freqüência, mas será que os ocidentais percebem isso também? Ou se permitem iludir pela fachada reluzente?

Minha esperança é que as pessoas passem a ter uma melhor compreensão da verdadeira essência e das intenções do regime, o que as protegerá da ameaça da tirania e fortalecerá suas democracias. Minha própria visão de mundo tem sido completamente revisada desde o campo de concentração. Antes, minha preocupação era sobretudo me enquadrar e não quebrar nenhuma regra, para não ser punida.

O objetivo da China é controlar politicamente o mundo inteiro. É por isso que meu aviso a todos os outros países é este: Não desviem o olhar do Turquestão Oriental! É assim que seus filhos e netos viverão no futuro, se não defenderem suas liberdades! — A China, atualmente a maior nação comercial do planeta, não promove relações amigáveis, nem livre comércio. No opaco mundo político do PCC, nada acontece sem um motivo oculto.

E, onde quer que a influência de Pequim esteja em ascensão, a mentira começa a crescer como erva daninha, sufocando a verdade.

Ameaças e esperança

Inicialmente, minha família se sentiu muito solitária na Suécia, nosso novo lar, tão distante de todos os nossos amigos e parentes. Nas últimas semanas, porém, não tivemos tempo de nos sentir assim. Repórteres de cerca de quarenta países, até agora, vieram ao nosso apartamento para ouvirem meus relatos das experiências no campo de concentração. Mas nunca contei a minha história com tantos detalhes como fiz para este livro.

Freqüentemente os jornalistas mal iam embora e nosso telefone já tocava, trazendo mais ameaças. "Pare de falar agora! Pense nos seus filhos!". Às vezes, esses homens falavam sueco; outras vezes, cazaque; e outras, chinês. A cada vez, a polícia sueca depois nos tranqüilizava: "Não se preocupe, aqui não é a China!". Eles tentavam nos encorajar. "Procure apenas levar uma vida normal. Você possui os mesmos direitos que qualquer outro sueco. Estamos protegendo você, mesmo que não

consiga ver uma viatura policial no lado de fora. É que não podemos lhe dizer o que estamos fazendo".

Com o tempo, fiquei mais segura para lidar com os estranhos do outro lado da linha. "Vocês podem continuar nos incomodando com esses telefonemas", eu lhes disse, "mas não podem fazer nada conosco!". Mesmo assim, eles procuravam perturbar o nosso espírito. Recentemente, ouvi falar de uma mensagem que um desses agentes da polícia secreta deixou no mural do Facebook de uma mulher uigur: "Pare, ou encontrarão o seu corpo cortado em pedacinhos na lata de lixo preta, no lado de fora da sua casa". Essa foi a mulher que divulgara os "China Cables", depois que um oficial chinês lhe vazou os documentos em segredo. Graças à coragem dessa mulher uigur, agora há evidência fresca e incontroversa da sistemática opressão das minorias muçulmanas nesses campos de concentração. Nem mesmo Pequim questionou a autenticidade desses documentos secretos.

Os telefonemas com ameaças freqüentemente vinham da China. Certa vez, o número na nossa tela mostrava que a chamada vinha dos serviços de segurança de Pequim. "Por que estão me ligando?", perguntei. "Apenas quero saber como você está passando", respondeu uma voz masculina. "Sei exatamente onde você mora. Já está bem adaptada? O que seus filhos têm feito?". Tentei ficar calma. "Tudo é muito bom aqui, somos felizes".

"Se tudo está tão bom, então por que você não pára de falar com jornalistas? Fique contente de ainda estar viva e pare de falar do que está no passado".

"Nunca vou parar", retruquei, "e, já que trabalha em Pequim, por que não visita o seu líder do Partido e lhe diz para parar de torturar pessoas naqueles campos de concentração, de uma vez por todas?". Nisso, sua voz se tornou fria e dura. "Pare de ter essas conversas com os jornalistas, imediatamente! Pense nos seus filhos!". Sempre terminavam com essas palavras. Vivo em constante medo por meus filhos, que são a coisa mais importante do mundo para mim.

É claro que essas ameaças fazem com que eu me sinta muito pequena, e eu penso: "Que chance temos contra um inimigo tão avassalador?". Mas, não apenas para honrar os prisioneiros dos campos de concentração, mas também meus incontáveis apoiadores no Cazaquistão, tenho o

dever de contar a verdade. Muitas pessoas ali estão desesperadas: seus filhos, pais e avós desapareceram, sem deixar vestígios, nos campos de concentração da vizinha China. Não importa o quanto seu inimigo é poderoso. Nunca podemos deixar de falar. Talvez um dia comecemos um movimento que ponha fim nos abusos de poder hediondos da China.

Quanto tempo se passou desde a última vez que me senti livre? Quando criança, cresci rodeada de cazaques. Tínhamos nossa própria escola, nossas próprias tradições e falávamos apenas cazaque, porque o nordeste do Turquestão Oriental é a terra de meus antepassados, aos quais os chineses chamam de "Distrito Autônomo Cazaque de Xinjiang".

Nunca achei que alguém pudesse roubar a nossa terra natal.

CAPÍTULO 2

Apesar da invasão e da destruição chinesa: O sonho de um futuro dourado e segurança financeira

Uma criança de sorte

"O bebê já nasceu?". Meu pai, então com 39 anos e a barba preta por fazer, empurrou para o lado a aba de feltro que cobria a porta de nossa *yurt*, e olhou espantado para a minha mãe, enquanto ela, em cima do colchão de lã de ovelha, me embalava nos braços. Seus longos cabelos pretos emolduravam o rosto pálido. Aos 27, ela tinha um riso fácil e mal se podia dizer que acabara de ter o quarto filho. Eis como foi fácil me dar à luz.

Aos 16 de setembro de 1976, penduraram no meu berço penas de bufo-real, para me proteger da magia negra e me trazer sorte. Quando abri os meus olhos — marrons-escuros, como castanhas, num rosto redondo — a fumaça do fogo se elevou através da abertura no telhado da nossa tenda. À noite, através desse buraco, a luz das estrelas caía sobre os nossos corpos adormecidos, embalados em mantas de peles.

O Turquestão Oriental tem de tudo, de picos nevados ao segundo maior deserto de areia do mundo. Eu nasci na região rural da Prefeitura Autônoma de Ili, no condado de Mongolküre. Éramos conhecidos como pessoas animadas, que amavam dançar, cantar e contar piadas, mas também por nossos cientistas e poetas, e pelos veteranos que se rebelaram contra as forças chinesas de ocupação durante a revolução.

"Ela trará sorte", minha mãe e meu pai tinham certeza disso. "Não apenas para nós, mas também para toda a aldeia". Durante meses, eles haviam sofrido uma seca terrível, e a fome, como um monstro,

invadiu o estômago de muitas pessoas. Apenas uma semana antes de eu nascer, morreu Mao Tsé-tung, co-fundador do PCC, o "Grande Timoneiro". A crueldade de Mao e o seu desdém pela humanidade haviam deixado o Reino do Meio à beira do colapso. No dia em que respirei pela primeira vez, começou a chover e o campo ficou verde de novo.

Todos os meus parentes balançavam a cabeça, maravilhados. "Que criancinha engraçada. Essa menina nunca faz barulho, nunca grita". Quando minha mãe me prendia firmemente no berço com cordéis, eu dormia profundamente por até nove horas. De vez em quando, meus pais me sacudiam para eu acordar, porque eu não havia feito nenhum ruído e eles temiam que eu não estivesse viva. Aos cinco meses, eu já havia aprendido a me sentar sozinha e a me manter entretida na beira do curral, enquanto minha mãe cuidava de cabras, ovelhas e gado.

Mais tarde, meu pai sempre costumava dizer: "Você é como um gato de nove vidas". Olhando para trás, tenho de admitir: ele estava certo. Muitas vezes enganei a morte nas campinas planas e extremamente belas, em cujas florestas os lobos uivavam. Vistos dos cumes nevados, os prados cheios de ervas e os vales verdes e amplos eram salpicados de pontinhos móveis e coloridos. Eram pastores cazaques, nos seus pôneis pequenos e resistentes, levantando poeira nas pastagens entre ovelhas, vacas e iaques. Acima disso, havia o céu azul, onde as águias circulavam, com as suas asas largas.

Meu povoado ficava no sopé da Tian Shan, uma vasta cadeia montanhosa que, em alguns pontos, ultrapassa os 7.000 m acima do nível do mar. Por muito tempo, ela protegeu os cazaques dos chineses e abriu o fértil Vale do Rio Ili para o oeste. Ficava a aproximadamente 450 km da cidade cazaquistanesa de Almati, próxima à fronteira, e a 750 km de Ürümqi, a capital da região.

Aos seis meses de idade, encarei a morte pela primeira vez.

Enganar a morte

Durante esse período, meus pais eram meio nômades, movendo-se de região em região conforme a mudança das estações, acompanhados de outras famílias e pelos diferentes mugidos dos rebanhos. No verão, íamos às montanhas em busca de água e comida para os animais, e, antes que o inverno gelado chegasse, descíamos de volta para as nossas

casas nas pastagens. Meu pai era professor e dava aula para as crianças onde quer que erguêssemos as nossas tendas, mas também criava animais, escrevia, cantava e compunha músicas; ele adorava criar novas peças musicais para nós, usando a dombra de duas cordas.

Perto dele, nossa mãe parecia pequena, pálida e franzina, embora na verdade fosse rechonchuda e cheia de entusiasmo pela vida. Mas, com 1,90 m de altura, seu marido — alto, poderoso e de pele escura — se destacava de quase todo mundo. Minha mãe fora prometida em casamento ao meu pai quando ainda estava no berço. Minha avó paterna ficou tão encantada ao vê-la, que exclamou: "Um dia esta menina será minha nora!". Naquela época, meu pai tinha doze anos de idade. Felizmente, tal decisão acabou forjando um vínculo maravilhoso entre as duas famílias, porque meus pais se amavam muito, mesmo que nunca lhes tivesse sido dada outra escolha.

Quando nos mudamos, fazia frio e ventava bastante naquele deserto pedregoso. À nossa frente se estendia, vale adentro, um percurso árduo, pois trazíamos conosco todos os animais e bens que possuíamos. Mas, enquanto nós cazaques vagávamos pelas imensas paisagens, exatamente como havíamos feito ao longo de três mil anos, uigures muçulmanos de outras regiões haviam se estabelecido em cidades e povoados, inclusive nas várias ramificações da Rota da Seda. Embora falássemos línguas diferentes, nós nos compreendíamos, já que nossas línguas turcas eram aparentadas.

Elevando-se bem alto, meus pais amarraram aos camelos os seus pertences, junto com seus embrulhos e paus de barraca. Usando barbantes, eles prenderam as criancinhas e bebês como eu em cestas entre as corcovas, de modo que o peso ficasse distribuído do modo mais uniforme possível em cada lado. Então a caravana partiu. Seguiu por caminhos pedregosos e estreitos, freqüentemente ladeada por abismos íngremes.

Tanto os animais quanto os humanos suavam, respiravam pesadamente e davam um passo cuidadoso de cada vez, quando meu camelo escorregou na encosta pedregosa, caiu de joelhos e tombou de lado, berrando alto. Os embrulhos se soltaram e caíram no desfiladeiro. De onde estava, o grupo assistiu horrorizado ao momento em que a cestinha — dentro da qual eu estava presa com firmeza — foi caindo,

capotando e rolando até finalmente parar. Por um instante, todos prenderam a respiração e se puseram a ouvir atentamente, mas nada de choro de bebê. Apenas um silêncio mortal. Então ouviu-se outro choro: “Não!”. O grito de minha mãe era o maior de todos.

“Ela está morta”, concluiu meu pai, interiormente despedaçado. A vida era dura; a maioria das famílias tinha muitos filhos. Quando alguém morria, a resposta sóbria mais comum era: “Foi a vontade de Deus!”. O que mais poderiam fazer? Os outros ainda precisavam de amparo. A vida seguia em frente. Num lugar tão inóspito, era impossível chorar, enlutar ou demorar-se por muito tempo.

Juntos, todos desceram a fim de salvar os nossos pertences e sepultar o meu corpo em algum lugar entre as rochas. Aproximando-se com cautela do cesto, meu pai espiou o interior e viu o meu rosto redondo, com meus olhinhos placidamente fechados. “Não pode ser!”, ele gritou, sua voz falhando. “Ela ainda está viva!”. Minha mãe caiu de joelhos ao meu lado, soluçando. “Que tipo de criança é você? Quase morreu e ainda dorme profundamente!”. Por sorte, nosso camelo também havia sofrido uns poucos ferimentos leves em suas pernas.

A caravana prosseguiu.

O ninho de cobras

Tinha dois anos de idade na segunda vez em que enganei a morte. Minha mãe havia terminado de ordenhar a última vaca do dia, e meu pai montou o seu cavalo e conduziu os animais para uma pastagem mais alta na montanha. Normalmente, ele me puxava para a sela, no lugar diante dele. Dessa vez, porém, tinha algumas tarefas extras para cumprir, então me disse: “Fique aqui hoje!”.

Saiu trotando, rodeado pelo rebanho, e não reparou que eu vinha cambaleando atrás dele. Fui bem longe, mas obviamente o cavalo era mais rápido e logo ficou fora da minha vista. Quando meu pai chegou em casa aquela noite, olhou fixamente para os seus cinco filhos, indagando: “Onde está a minha querida? Não está em casa?”. Minha mãe achou que ele tivesse me levado, como de costume. Ela correu logo para fora, com meus irmãos mais velhos, e começou a chamar por mim. “Sayragul, onde está você?”.

Quando ela perguntou a nossos parentes, amigos e qualquer outra pessoa que pudesse saber onde eu estava, eles simplesmente encolheram os ombros e se juntaram à busca. Em pouco tempo eles já haviam vasculhado cada canto, mas era como se a terra tivesse me engolido. Então, de repente, todos foram impactados por um pensamento terrível: "As cobras a mataram!".

Costumávamos lidar com elas, é claro, mas preferíamos ficar fora do seu caminho. Eventualmente, encontrávamos alguma pendurada no teto de nossa *yurt*, e minha mãe a persuadia a sair derramando um pouco de leite na frente da cobra, traçando em seguida uma trilha no chão, conduzindo-a para fora. A cobra bebia o leite e seguia pela trilha.

Mas as pessoas mais velhas nos matavam de medo com a história do ninho de cobras. "Jamais vá até lá! Ali existem cobras venenosas!". Uma vez que ninguém me encontrara em meio àquela noite escura e estrelada, tinham certeza de que eu havia caído lá. Mas meu pai se recusou a desistir. Cavalgou de volta a uma das campinas e perguntou a um pastor: "Viu uma garotinha com penas de bufo-real no chapéu?". O pastor levantou a borda curva de seu chapéu de feltro, alto e brilhante, apertou o seu casaco de couro em torno do peito e refletiu sobre a pergunta. "Vi uma sombra escura há pouco tempo, bem ali atrás. Talvez fosse sua filha".

De imediato, meu pai cravou seus calcanhares nos flancos do cavalo, estalou a língua e partiu a galope para o local que o pastor apontara. Viu-me deitada no chão, sob a luminosidade leitosa da lua, a minha cabeça repousando sobre o meu chapéu e a minha trança preta, como um xale, ao meu redor. No meu entorno, porém, a grama estava repleta de cobras. Era impossível chegar até mim.

Meu pai não ousou descer do cavalo, então buscou os demais, que cuidadosamente removeram as cobras, uma de cada vez, usando longos gravetos. Como eu estava deitada ali, imóvel, durante toda a operação, todos supunham que eu estivesse morta. "As cobras a morderam", pensaram.

Nessa altura, alguns dos moradores mais velhos chegaram a cavalo. "Fiquem longe!", instruiu meu avô, quando as cobras saíram do caminho. Ele era um homem alto, como seu filho, com uma longa barba branca: a julgar por seu porte atlético, alguém diria que fora um lutador

famoso. Franzindo sua testa, ele abaixou o rosto até o meu e declarou: "Esta menina está respirando".

De volta para casa, meu avô mandou trazerem um xamã. "Devemos rezar e deixá-lo examinar a criança". Nossa religião mistura o culto à natureza e as tradições pagãs com elementos do Islã. Minutos depois, um homem grisalho, vestindo uma boina de pele de raposa e um longo casaco de veludo bordado com temas animais, surgiu na entrada de nossa *yurt*, onde tínhamos pendurado ossos de animais para afastar os maus espíritos. Ele olhou nos meus olhos brilhantes, tocou a pele pálida da minha bochecha e confirmou, diante de todos os espectadores ansiosos: "As cobras não a tocaram". Mesmo assim, para se proteger de qualquer perigo iminente, meus pais e irmãos purificaram a sala com fumaça de arruda selvagem. Meu pai falou: "É a segunda vez que pensamos que ela estivesse morta, mas novamente ela estava só dormindo".

Depois daquilo, meus pais ficaram ainda mais convencidos de que eu era uma criança de sorte. A cada ano que passou desde o meu nascimento, as condições de vida nessas paupérrimas comunidades rurais melhoraram. A campanha de Mao para erradicar as "Quatro Coisas Velhas" — "velhas idéias", "velha cultura", "velhos hábitos" e "velhos costumes" — parecia enfim ter chegado ao fim. Coletivização forçada, má gestão e apropriação ficaram para atrás. As pessoas foram autorizadas a trabalhar e cultivar suas terras de forma independente, mais uma vez. Os salários melhoraram, as liberdades floresceram e a mudança estava no ar.

Eu tinha três anos de idade quando o Partido Comunista, sob o comando de Deng Xiaoping, começou a liberalizar a economia, introduzindo o que chamaram "programa de reforma e abertura" — embora, no fundo, se mantivessem firmemente autocráticos. "É preciso abrir as janelas, mesmo que se deixem entrar algumas moscas", afirmou o sucessor de Mao para os seus críticos.

De nômades a aldeões

Em 1981, nós e mais cerca de 150 famílias nos estabelecemos aos pés da Tian Shan e fundamos uma aldeia, Aheyazi, que era parte do condado de Mongolküre (em chinês, Zhaosu). Situada entre dois rios

verde-esmeralda, a aldeia contava com uma nascente borbulhante que fornecia água cristalina diretamente das montanhas. Era ali onde buscávamos nossa água potável, arrastando os baldes para casa. As mulheres lavavam roupa atrás da ponte do rio, os animais pastavam nas grandes estepes e nós armazenávamos nos celeiros as nossas colheitas e as rações dos animais.

Meu pai mal havia instalado a última peça do telhado, preta e brilhante como as estradas, em nossa casa de madeira, quando convocou todos os aldeões para construírem juntos uma escola. Era uma figura respeitada na comunidade, o meu pai, porque era profundamente íntegro, reservado e paciente; alguém que dava o melhor de si para sustentar não só a sua família, mas toda a aldeia. Como homem proeminente e vice-chefe, ele logo foi convidado para eventos educacionais nas áreas e cidades circunvizinhas. Quando meu pai viajava, minha mãe tinha que se virar sozinha, lidando com a família, estábulos, animais e qualquer trabalho que viesse a surgir. Prendada e organizada, ela lidava com tudo calmamente, mesmo com crianças pequenas correndo em volta dos seus pés.

Embora meus pais tivessem um monte de filhos, sua casa de três quartos era muito pequena. Um dos quartos era para meus pais, outro para meu avô viúvo e o último para nós, crianças. Os três meninos dormiam na primeira fila, depois havia duas outras filas, compostas por nós, seis meninas. A primeira coisa que fazíamos ao acordar de manhã cedo era enrolar nossas esteiras de lã e guardá-las num canto, ao lado de caixas e baús. Partia-se do princípio de que as crianças mais novas herdariam as roupas usadas pelas mais velhas, então minha mãe estava sempre ocupada apertando e alargando nossas calças ou vestidos.

Tarde da noite, podíamos ouvir o alegre ruído de cantos e risos, vindo de todas as portas e janelas da aldeia. Entre nós sempre havia muita coisa acontecendo. Tios e tias, demais parentes e amigos entravam e saíam das casas, e ressurgiam carregados de provisões generosas. Sempre havia comida boa, muitas razões para celebrar e um intenso sentido de solidariedade, o que estava se tornando cada vez mais uma pedra no sapato de Pequim.

Num desses dias, estávamos em nossa *yurt*, esperando com ansiedade febril pelos convidados que vinham da cidade. Meu irmão Sawulet, um

ano mais novo, e eu estávamos pulando de alegria porque eles geralmente traziam presentinhos para nós, crianças. Exultantes, ganhamos bebidas doces em garrafas de vidro.

Quando ficaram vazias, Sawulet e eu — então com quatro e cinco anos — corremos pela colina que havia atrás de nossa *yurt*, em direção ao Rio Ahesu, vestindo nossas calças e camisas de algodão. Queríamos brincar em suas margens. Enquanto enchíamos de água as nossas garrafas, de repente a minha escorregou da mão. Tentei pegá-la de volta, dando apressadamente alguns passos na água, mas tropecei e fui arrastada pela forte correnteza.

Debatendo-me, tentei retornar à margem, mas a correnteza ficava cada vez mais forte, porque não muito longe havia uma cachoeira — uma queda d'água íngreme e estrondosa. "Se eu cair lá, vou me afogar!", pensei. Em pânico, continuei a agarrar as plantas da margem, mas elas se partiam toda hora, por isso eu tinha que me lançar para segurar as próximas. Meu irmãozinho correu ao longo da margem, ao meu lado, as duas mãos sobre a boca: "Por favor, saia daí, Sari May!".

Minha família costumava me chamar afetuosamente de "Sari May" (que significa manteiga), porque minha pele tinha a cor pálida da manteiga. Quanto mais o rio me puxava para a cachoeira, mais desesperado o meu irmão ficava. "Sari May, saia daí! Nunca mais vou te amolar de novo!". Mas eu não conseguia. Minhas roupas encharcadas me puxavam para baixo. Eu estava engolindo água e engasgando. "Sari May, venha, vou dividir tudo com você!".

Diferente das minhas cinco irmãs, meu irmãozinho era um pentelho levado, e arranjar brigas comigo era uma das suas atividades preferidas. "Sari May!", ele chorava, "pode brincar com o meu brinquedo!". Depois de um tempo, percebeu que suas propostas não estavam ajudando muito, então correu o mais rápido possível com suas perninhas pela colina, de volta à *yurt*, para buscar ajuda. Àquela altura, eu conseguira me agarrar a um grande pé de hortelã, cujas raízes eram fortes o suficiente para agüentar o meu peso. Ofegando pesadamente, consegui me rastejar de volta para a margem coberta de cascalho.

Naquele momento, vi minha família e nossos visitantes correndo até mim, gesticulando loucamente. À frente do cortejo vinham meu pai e minha mãe, o cabelo dela tão preto e brilhante como o de sua filha,

mas enfiado sob um lenço solto. "Sayragul!". Gritando, ambos me abraçaram ao mesmo tempo, apesar de eu estar encharcada.

De volta para a *yurt*, minha mãe me deu roupas secas e me pôs diante do fogão a lenha. Meus irmãos me fitaram com olhos escuros e acusadores, enquanto meu pai me repreendia. "Quantas vezes já lhe dissemos para não entrar no rio? Está proibida de brincar ali! Por que você tentou pegar a garrafa? Isso é loucura!".

Mas, mesmo nas raras ocasiões em que estava zangado, nunca perdia sua calma ou elevava muito a sua voz. Assim que ele se acalmou novamente, colocou a sua mão grande e quente no meu ombro. "Cuide mais de si mesma, minha filha! Você só tem cinco anos e hoje é a terceira vez que quase morreu". Minha mãe apertou as suas mãos, olhou para o céu e disse "Graças a Deus!".

Meus pais eram severos, mas amorosos. Nunca nos batiam. Nem tinham motivo para isso: pais e mães eram muitíssimo honrados em nossa sociedade. Quando os pais falam, as crianças ficam quietas e escutam. Minha mãe mal tinha que fazer sinal com a mão e já prestávamos atenção.

Nunca ouvi meus pais tendo uma discussão. Se meus irmãos brigavam, tudo o que minha mãe precisava dizer era "Fiquem bem, ou vou contar ao seu pai", e num instante o quarto ficava em paz novamente. Ela sempre nos exortava a respeitar o nosso pai e a evitar o barulho quando ele estava tentando descansar após um dia difícil.

A maior autoridade numa família cazaque, entretanto, é o *aksakal*, o "barba-branca". Quando uma decisão importante devia ser tomada, meus pais recorriam ao meu avô, em busca de conselho. Ele ocupava um lugar de honra nas festas de família e sempre recebia o melhor pedaço de carne.

Você não deve mentir!

Sempre que meu avô retornava de uma visita à aldeia vizinha, montado no seu cavalo, ele trazia, na sua bolsa, pequeninas peças de açúcar embrulhadas num tecido. Assim que nós, crianças, o víamos — mero pontinho em meio à pastagem —, íamos imediatamente na sua direção.

Meu avô, um homem devoto, ensinava às minhas irmãs, irmãos e a mim mesma as normas do Islã. Fundamentalmente, elas não se

diferenciavam dos Dez Mandamentos da Bíblia. "Não roubarás, não matarás, e deves fazer ao seu vizinho o que julgas que ele deveria fazer a ti". Enquanto minha irmã mais velha lhe servia chá e eu lhe dava o pão pita, um sorriso cruzava a face bronzeada e castigada pelo tempo do velho homem e centenas de pequenas rugas apareciam em volta de seus olhos, como raios de sol. "Filhos, quero que sempre tratem as pessoas decentemente! Um muçulmano devoto nunca prejudica outro ser humano".

Cazaques não separam homens e mulheres em cômodos diferentes. Comemos e celebramos juntos, como as pessoas ocidentais. Nossa forma de Islã é muito moderada. Há séculos as mulheres mais velhas vinham usando um lenço branco tradicional, os quais elas bordavam com desenhos elaborados e meticulosos. Nunca se vêem véus negros, nem mesmo burcas das comumente usadas por mulheres muçulmanas nos países árabes e em alguns lugares do Oriente Médio. Em 2020, sob o governo de Xi Jinping, o "patriarca de coração caloroso", como o Partido gosta de chamar o seu secretário geral, até mesmo esse lenço bordado foi proibido.

Embora meu avô rezasse cinco vezes por dia e freqüentasse a mesquita, ele nunca insistiu que seus netos fizessem o mesmo. Eu nunca vi nem mesmo meus pais rezarem assim. Depois que comíamos, todos nos dávamos as mãos e desejávamos bênçãos e boa sorte para a nossa família, convidados ou a humanidade em geral. Às vezes simplesmente dizíamos: "Graças a Deus".

A partir de uma idade muito tenra, eu estava ansiosa para viver segundo as expectativas que meus pais e avô tinham sobre mim. Tentei tratar as outras pessoas com consideração e respeito. Meu pai com freqüência ficava satisfeito comigo. Ele ria e dizia com orgulho: "Ela é minha filha; é exatamente como eu!".

Eu costumava correr o tempo todo vestida como um menino, com calças e botas de couro. Minhas tranças chegavam até os meus joelhos. Um vestido longo só atrapalharia a corrida e a cavalgada. Eu estava constantemente ocupada ajudando o meu pai, recolhendo lenha ou pastoreando ovelhas. Quando fiquei mais velha, tive até permissão para dirigir o nosso recém-adquirido trator.

Meus pais costumavam me elogiar para as minhas irmãs, igualmente trabalhadoras. "Vejam como a Sayragul é independente!". E cada pequeno elogio me incentivava a agir como modelo. É claro que não era sempre assim. Quando tinha sete anos, eu era a representante de sala do segundo ano, e um dia o professor me pediu para cuidar da turma durante um dia inteiro, porque ele ia ao casamento de seu filho. "Cuide para que seus colegas fiquem quietos e não façam bagunça".

Mas sentar-se em silêncio era uma espécie de punição para os meus coleguinhas, e logo eles começavam a falar. "Não podemos ficar aqui sentados o dia todo", protestou um garotinho com uma cabeleira de cachos pretos. "Então o que devemos fazer?", perguntei. Decidiram que queriam fazer uma bola de tecido, enchê-la de grãos e brincar com ela na sala de aula. Para mim, a sugestão parecia razoável — e, afinal, eu não tinha muita escolha — então concordei.

Em poucos minutos, a bola já estava voando de mão em mão, finalmente pousando diante de mim, na mesa do professor. Preparando-me para um grande arremesso — minha intenção era acertar uma garota no fundo — joguei o mais forte que consegui. Infelizmente, errei a garota e acertei a janela que havia atrás dela, que imediatamente se estilhaçou em minúsculos fragmentos. Fiquei ali, em pé, imóvel, como que presa ao chão. Era inverno, fazia -15 graus, e o frio imediatamente começou a nos penetrar até os ossos.

Quando as outras crianças me viram lentamente desmoronar numa pilha miserável no chão, tentaram me animar. "Na verdade, o erro foi nosso. Afinal, foi nossa idéia". Para evitar que eu fosse punida, decidiram pôr a culpa no suspeito de sempre: um menino que vivia se metendo em confusão. Depois, fechamos o buraco da melhor forma que conseguimos, usando pedaços das nossas roupas.

Normalmente, as outras crianças recorriam à mãe quando tinham problemas e queixas ou quando desejavam alguma coisa. Eu era a única de nossa família que corria primeiro para o meu pai. "Fiz uma coisa errada hoje", confessei a ele, escondendo nas mãos o meu rosto manchado de lágrimas. Acariciando a sua barba crespa pensativamente, ele declarou que somente a verdade me tiraria de apuros.

Passei a noite toda me revirando na cama. Na manhã seguinte, o professor questionou uma criança de cada vez: "Quem foi?". Todas sacudiam

a cabeça. "Não fui eu, foi ele...". Elas apontavam para o arteiro da sala, que obedientemente assumia toda a culpa. Eu era a próxima a responder. "O erro foi todo meu!", soltei em lágrimas.

E como eu fui tão claramente contrita, o professor se acalmou. "Eu não vou puni-la, mas só porque você foi honesta. Quanto ao resto de vocês, todos mentiram, então merecem um castigo". No dia seguinte, todos os outros alunos tiveram que trazer uma pequena quantia de dinheiro, para a substituição da janela.

Depois da aula, as outras crianças me cercaram no lado de fora. Estavam furiosas pelo que eu tinha feito e se sentiam traídas porque eu as tinha deixado expostas. "Por que você fez aquilo? Estávamos tentando ajudá-la. Traidora!". Mas o que eu deveria ter feito? Meus pais haviam me ensinado que mentir era um pecado terrível. E que Deus sempre estava observando.

A situação era muito desagradável para mim. Em casa, porém, meu pai gentilmente assentiu com a cabeça. "Você fez bem. Vai ver que, no fim, os seus amigos vão entender, portanto, não se preocupe". Ainda assim, chorei por muito tempo até enfim me acalmar.

Um ambiente severo

Só fomos capazes de sobreviver naquele ambiente severo, porque a comunidade era unida. Os jovens e os idosos moravam em bairros próximos, ajudavam-se mutuamente e confiavam uns nos outros. Os avós proporcionavam décadas de experiência quanto ao clima, o cuidado dos animais e o cultivo da lavoura. Diferente da maioria das famílias cazaques, sob o nosso teto não se dava tratamento preferencial para os meninos em detrimento das meninas. Nos sentíamos igual e profundamente valorizados.

Eu convivia bem com as minhas irmãs. A mais velha, em especial, desempenhava um grande papel de modelo. Tal como o meu pai, ela era prudente. Era também uma boa aluna, muito inteligente, e, como a minha mãe, nunca se queixava. Eu e todos os meus irmãos e irmãs invejávamos o modo como ela traçava no papel a escrita árabe, com sua caligrafia meticulosa.

Eu queria ser tão organizada e bonita quanto ela, por isso ficava o maior tempo possível a sua volta, ajudando-a no trabalho doméstico.

Havia muita coisa para fazer. Cozinhar, cerzir os buracos das nossas roupas, limpar, cuidar dos animais, lavar roupas no rio...

Ouvíamos repetidas vezes o mesmo velho discurso, quando os convidados vinham comer e beber em nossa casa. "Mantenha os meninos na escola e deixe as meninas fazerem o trabalho doméstico. Por que, afinal, elas precisariam aprender alguma coisa? Só o que têm a fazer é se casar e cuidar do lar". Bem educados, meu pai e minha mãe mordiam a língua.

Depois que os visitantes saíam, porém, eles se adiantavam a tranqüilizar a mim e as minhas cinco irmãs. "Eles podem dizer o que quiserem, mas vemos as coisas de modo diferente". Meu pai fitava com sinceridade os nossos rostos redondos e olhos estreitos. "Vocês precisam de uma educação tão boa como a dos seus irmãos".

E, de fato, quando chegou o momento, todos nós, irmãos e irmãs, conquistamos uma formação universitária.

Hora da festa

Desde quando era criança, eu amava dançar, escrever e cantar. Eu costumava ficar especialmente ansiosa quando os campos se tornavam roxos e rosados, os açafrões floresciam e celebrávamos o Ano-Novo e a chegada da primavera (um festival conhecido como *Nauryz*), nos dias 21 e 22 de março. Todos os aldeões começavam a se preparar com bastante antecedência.

Na floresta e no campo, nós, crianças, íamos à procura de penas esplêndidas e chamativas e de dentes de animais para decorar os nossos chapéus. Se não encontrássemos nenhuma, alguém nos daria, ou podíamos comprá-las de algum comerciante.

As mulheres decoravam as suas casas com flores e guirlandas. Elas limpavam tudo até que ficasse cintilante, preparavam uma sopa especial com sete ingredientes diferentes e davam parabéns aos seus convidados, na chegada da primavera. No dia seguinte, todos celebrávamos juntos, velhos e novos, ricos e pobres, no grande campo que havia ao lado da aldeia. Havia música, dança e fogueiras.

Homens e mulheres demonstravam suas habilidades com o arco, montados a cavalo. Meus três irmãos, juntamente com os outros garotos,

mostravam o quanto eram bons nas lutas. E nós, garotas, já estávamos ensaiando danças na escola, formando grupos e cantando. Nossas tranças pretas, que desciam até os joelhos, nós as enrolávamos e prendíamos no topo da cabeça.

Todos os aldeões vestiam-se formidavelmente, com trajes coloridos tradicionais. Em meu vestido tradicional, caro e bordado de flores, feito por minha mãe, eu girava e girava, até ficar tonta de risadas e alegria, com as penas fofas de bufo-real balançando na minha cabeça. Junto com a Festa do Sacrifício e o Festival de Quebra do Jejum, no fim do Ramadã, os três eventos representam o ponto alto do calendário islâmico.

Desde 2017, o governo chinês baniu todas as nossas celebrações tradicionais e religiosas. Em vez disso, forçam-nos a celebrar os festivais chineses, incluindo o seu Ano-Novo. Temos que decorar as nossas casas no estilo chinês, mesmo que as suas imagens, dentre as quais demônios e caretas horríveis, freqüentemente nos pareçam ofensivas e assustadoras. Quem se negar é estigmatizado como extremista e preso.

A Revolução Cultural: uma sombra sobre a alma

No fim de um dia de trabalho, as pessoas idosas gostavam de se reunir em torno do meu avô, sobre o nosso tapete de lã de ovelha colorido, enquanto meus irmãos e eu nos sentávamos de pernas cruzadas perto da porta e escutávamos. Caso estivessem falando da revolta contra os chineses, eles nos mandavam embora, porque aqueles assuntos não eram para crianças.

Como os demais "barbas brancas", meu avô já havia sido um membro da resistência. Nos anos 1930 e 1940, por um curto período, nossos conterrâneos tinham expulsado os invasores chineses. Meu avô estava lá, quando um governo independente foi formado no Turquestão Oriental, um lugar onde cazaques já viviam por séculos a fio, no nordeste. Hoje, não somos sequer autorizados a mencionar os nomes dos antigos rebeldes, muito menos falar da revolta.

O povo nativo do Turquestão Oriental sempre tinha se rebelado contra o jugo dos chineses, tentando violentamente se livrar dele. Diante de cada protesto, as forças de ocupação chinesas os rechaçaram empregando força bruta, executando prisioneiros, arrancando-lhes os

olhos ou rasgando o couro cabeludo de suas cabeças, coisas que os meus avós e pais testemunharam com seus próprios olhos. Para pacificar a situação, Mao não teve outra escolha — visto o quanto a China estava fragilizada por causa da fome e da miséria — senão conceder autonomia aos muçulmanos, em 1955.

Por séculos, os homens de minha família pertenceram aos níveis mais altos de nosso clã. Felizmente, entretanto, nunca havíamos enriquecido, e por isso meus avós conseguiram sobreviver à Revolução Cultural, que ali começou bem antes de 1966 — mesmo que os livros de história digam outra coisa — e durou até 1976. A Guarda Vermelha forçou o povo local a entregar as suas ovelhas, gado e cavalos ao governo, comprometendo-se, em troca, a construir uma imensa fazenda para todos. Depois que os animais foram apreendidos, o PCC simplesmente anexou todas as propriedades e posses que sobraram e jamais cumpriu o que prometeu. Nesse ponto, meus parentes não tinham, literalmente, nada a perder, exceto as suas próprias vidas.

Em 1962, a maior fome em massa da história da China custara a vida de aproximadamente 40 milhões de pessoas. Mas Mao culpou a União Soviética, que supostamente havia empurrado o país inteiro para a beira do precipício, ao forçá-lo a pagar as suas dívidas tão rapidamente. A tática funcionou, e as pessoas direcionaram a sua raiva para outro lugar.

"Toda casa devia pendurar um grande retrato de Mao", meu avô recordava, sua expressão se fechando. "Três vezes ao dia a pessoa devia se pôr em pé, diante daquele retrato, e rezar para Mao, como se fosse um deus". Mesmo durante as refeições, as famílias tinham que olhar para ele, em adoração. As palavras da Guarda Vermelha, pregadas repetidamente, estalavam na cabeça do meu pai: "Vamos exterminar o sistema capitalista". Foi então que o grande nivelamento começou. Não poderia mais haver qualquer diferença entre as pessoas: ninguém poderia possuir mais bens do que outra pessoa. Para um milionário como Mao, obviamente, as regras eram outras.

"Sim...", concordou o meu avô, reflexivo, balançando o seu tronco para frente e para trás. "Então começaram a jogar as pessoas umas contra as outras: devíamos denunciar a maior quantidade possível de amigos e vizinhos, acusando-os de capitalistas".

"Foi um tempo ruim", meu pai acrescentou. "Muitas pessoas participaram, porque aquilo lhes dava vantagens". Podíamos reconhecê-los por sua faixa vermelha no braço e toda a sua fala sobre espiões inimigos "comprados pelo Ocidente". E pelos seus desfiles de vitória, nos quais arrastavam pelas ruas os cadáveres violentados.

O reino de terror lança uma sombra nas almas de todos os que sobrevivem a ele e os deixam com um medo constante. Minha família raramente falava do seu próprio passado, por medo de despertar novamente aqueles velhos fantasmas, embora o período logo após o meu nascimento tenha sido, por sorte, o de maior liberdade da história da República Popular da China. "Se abrirmos a boca", temiam meus parentes, "o Partido punirá toda a família por causa de suas idéias hostis". Foi nesse nível que a sua desconfiança se enraizou.

Apesar de sua reticência, nós, crianças, entendíamos que os chineses eram pessoas perigosas. E os próprios chineses em breve começariam a nos lembrar disso, diariamente. Nossa aldeia não era apenas lar dos cazaques, mas também de alguns uigures, quirguistaneses e dunganes, que falavam um tipo de mandarim. Mesmo assim, todos ali eram fluentes na língua cazaque e não havia preconceito: éramos uma comunidade. Até então, eu nunca tinha visto uma pessoa chinesa face a face.

"É nesta terra onde estão nossas raízes". Foi o que aprendi. A pessoa devia ser capaz de listar, de cor, sete gerações de sua família, incluindo nomes e locais de nascimento; caso contrário, ela era órfão ou não era cazaque de verdade. Meus irmãos e eu nos orgulhávamos de poder dizer os nomes de nosso avô, bisavô e de mais quatro gerações de antepassados, um após o outro.

Um fantasma vivo do tempo do terror

Sempre que eu usava a nossa máquina de costura, olhava com ansiedade os velhos rótulos que havia nela, os quais eram impressos com uma citação de Mao: "Se o Partido Comunista não existisse, não haveria uma nova China".

Ouviam-se, em toda família, murmúrios casuais sobre os crimes cometidos sob o regime de Mao, assim como os crimes perpetrados na Rússia, sob o comando de Stálin. Ambos haviam marcado a nossa terra

com pegadas de sangue e seus efeitos ainda eram palpáveis. A aldeia era assombrada por um fantasma vivo desse tempo de terror. A mim, pelo menos, ela se parecia com um fantasma, com seu tufo desgrenhado de cabelo branco: uma mulher de setenta anos que enlouquecera durante a Revolução Cultural.

No passado, aquela senhora pertencera a uma rica família. A Guarda Vermelha, ainda insatisfeita com o confisco de toda a sua propriedade, torturara o seu marido e filhos na prisão. Um dia, o seu marido foi encontrado enforcado na cela. As autoridades chinesas lhe informaram, sem rodeios: "Ele admitiu a culpa e tirou a própria vida". Mas todo mundo sabia que eles o haviam matado. Algum tempo depois, os pés de seus filhos pendiam azulados ao ar livre, em cordas utilizadas no parto de bezerros. Os esquadrões da morte exterminaram sua família inteira, um de cada vez. Ela foi a única sobrevivente.

Desde então, a mulher vivia correndo pela aldeia, como louca, invadindo casas e suplicando por ajuda. Para acalmá-la, as pessoas lhe davam algo para comer. Era duro ver uma mãe em tal desespero. Isso fazia o meu peito ficar apertado de tristeza, mas também fazia o meu coração palpitar de raiva das pessoas que a deixaram daquele jeito.

Assim como hoje, era proibido se queixar das mortes ou desaparecimentos, porque, "por Mao, não há sacrifício grande demais". Se o grande líder o decretasse, meus avós e pais deveriam "deixar seus corpos se reduzirem a pó e os seus ossos serem esmagados em mil pedaços".

Meus primeiros anos coincidiram com a espantosa ascensão da China como a segunda maior economia do mundo, embora, no Turquestão Oriental, tudo permanecesse, como sempre, sob o controle absoluto do Partido Comunista: os empregos eram distribuídos e os preços e cotas de produção eram determinados como antes.

Os chineses estão vindo!

"Os chineses estão vindo!". Um grito abafado corria de boca a boca por toda a aldeia. Era o início dos anos 80 e numerosos comboios militares invadiram nosso povoado, parando na ponte sobre o rio. Essas tropas não eram da Bingtuan, conhecida também como Corpo de Produção e Construção de Xinjiang, uma organização paramilitar que instala

grandes corporações no Turquestão Oriental e que, em breve, controlaria ramos inteiros da indústria naquela região, bem como grandes extensões de nossas vinhas e campos de algodão. Eles eram parte de uma unidade especial e diferente.

Os soldados rapidamente se puseram a construir um grande quartel, circundado por muros altos e arame farpado. Atrás, na colina, ergueram uma estação de radar. As obras mal tinha terminado quando cerca de mil soldados chineses afluíram para dentro da base, em seus caminhões, e fecharam os portões em seguida, desaparecendo tão rápido quanto chegaram. Nenhum de nós tinha permissão para entrar. "O que estão fazendo ali dentro?", nós nos perguntávamos.

Os aldeões, profundamente ansiosos, pensavam em conjunto. A ponte sobre o rio era importante para nós — precisávamos dela para reunir os nossos animais no pasto — mas, desde o primeiro dia, os forasteiros só nos causaram problemas. "Encontre outro lugar", eles vociferavam, enxotando-nos.

A chegada dos comboios militares marcaram o fim da paz em nossa aldeia. Os soldados roubavam nossos animais e os levavam para o quartel, bem diante dos olhos de seus proprietários. Pastores montavam nos cavalos perto dos muros, observando de cima enquanto suas ovelhas eram abatidas, entretanto os soldados, furiosos, saíam do quartel como um enxame de vespas e gritavam para eles: "O que estão fazendo aí? Saiam já daqui!".

Depois disso, quem ousasse perguntar onde os animais estavam — quanto mais protestar contra o roubo — era ameaçado ou simplesmente espancado. Esse foi o meu primeiro encontro de perto com os chineses. Todos na aldeia ficaram instantaneamente petrificados. Naquela época, eu estava no terceiro ano da escola.

Dali em diante, sempre que meus irmãos e eu conduzíamos nossas ovelhas para o pasto, nós nos abaixávamos e observávamos, à distância, os soldados com seus cães de guarda ferozes puxando suas curtas coleiras. Estávamos sempre assustados demais para olhar abertamente, e, quando estávamos por perto, caminhávamos o mais rápido que as nossas pernas conseguiam.

"Esses homens nos batem, não falam conosco e nunca nos dão respostas", murmurou amargamente o meu avô, durante a refeição.

"Eles não se responsabilizam nem se culpam por nada", minha mãe acrescentou. "É tirania", declarou meu pai, resignado. "Mas o que podemos fazer?".

Os primeiros colonizadores: "Não tenham medo dos chineses!"

Depois um tempo, os primeiros chineses começaram a se estabelecer na nossa aldeia, abrindo loja de verduras, de fotografia e mecânica de automóveis. Pela primeira vez os aldeões conseguiam ver os forasteiros de perto, mas as outras crianças e eu ainda estávamos com medo e mantínhamos distância. Gradativamente, suas famílias e parentes chinesas se juntaram a eles.

Os recém-chegados logo perceberam quais itens de uso diário os aldeões necessitavam com urgência, e passaram a fornecê-los para nós. Não conseguíamos decifrá-los. Eram amigáveis ou hostis? Falavam somente chinês e se aproveitavam da ingenuidade do povo local, que não sabia muito de negócios. Eles compravam nossos bens e produtos como leite, queijo ou carne pelos menores preços possíveis, e depois os vendiam para seus compatriotas, com uma margem gigantesca.

Os soldados começaram a escavar buracos enormes ao redor da base. Às vezes nossos animais caíam dentro dele e sofriam uma morte agonizante. Eles usavam como material de construção aquilo que escavavam, e requisitavam as áreas de pastagem, sem cerimônias. "Por que os chineses continuam vindo aqui?", perguntou, ansioso, o meu irmãozinho Sawulet um dia; mas eu mesma não sabia responder.

Enquanto os chineses proprietários de lojas rapidamente se tornaram as pessoas mais ricas da aldeia, a população nativa mergulhava em pobreza. Não tínhamos mais pastagens, estávamos com poucos animais e menos renda. Em breve, todas as famílias estavam em apuros financeiros. Toda manhã meus pais nos despediam com um aviso: "Fiquem sempre a uma boa distância do quartel, com os animais. Lá é perigoso demais".

Enquanto isso, Pequim estava inaugurando uma campanha para promover a China e o povo chinês. "Não tenham medo dos chineses! Eles transformarão a região de Xinjiang numa terra economicamente próspera e maravilhosa! Vocês terão empregos e prosperidade!".

Sentados diante da nossa nova televisão de tubo de raios catódicos, nos perguntávamos se aquilo era verdade. Eventos recentes pareciam indicar o oposto. Não havíamos ganhado nada, mas perdido tudo.

Naqueles dias, era muito popular mandar tirar sua fotografia. Famílias, homens e mulheres, velhos e novos: todos queriam ter um retrato. Mas nunca nos aventurávamos a ir à única loja fotográfica da aldeia porque o seu dono era chinês.

O fotógrafo, no entanto, não tinha tais escrúpulos. Era descarado o bastante para simplesmente invadir as nossas casas sem pedir permissão. Sem mais nem menos, havia um homem chinês em pé na nossa sala, tirando foto de tudo, das crianças espantadas aos baús e vasilhas polidas. Depois de um ou dois dias, ele empurrava as fotos nas mãos da minha mãe e cobrava uma imensa soma de dinheiro. Minha mãe, sem jeito, olhava para o chão. Meu pai era cortês demais para recusar.

Desde o começo, os forasteiros nos trataram com tremenda arrogância e presunção. A onda seguinte foram os chineses apicultores, instalando as suas cercas onde bem desejassem e tomando qualquer terra remanescente para si mesmos. "Quem lhes deu permissão para fazer isso?", resmungou o meu avô, indignado. Nós sequer sabíamos a qual autoridade perguntar.

Ilusões

Embora fosse claro desde o começo que havia regras diferentes para os chineses e para os nativos, e apesar de alguns incidentes dolorosos, a maioria dos adolescentes e crianças da aldeia se mantinha confiante e otimista. Nosso coração era jovem e não podia ser tão facilmente mantido a sete chaves. Meu pai evitava emitir qualquer comentário sobre o comportamento vergonhoso dos recém-chegados. Em vez disso, focava no futuro. "Vocês devem estudar muito, para que um dia consigam um bom emprego".

Sem que soubéssemos, ele já estava nos preparando para enfrentar injustiças ainda maiores. Tendo experimentado na pele a humilhação, ele fazia o seu melhor para nos fortalecer com autoconfiança, orgulho da nossa cultura e uma educação acadêmica.

Meu pai mal tinha se aposentado, mas ele e minha mãe estavam concentrando todos as suas energias na nossa pequena fazenda e fazendo

uma extensão para a nossa casa. As coisas pareciam estar melhorando. Quando completei doze anos e fui entrando na puberdade, meu corpo começou a se desenvolver, então ele construiu dois, e depois três novos quartos para as minhas irmãs e irmãos crescidos. No verão, um cinema a céu aberto foi inaugurado em frente a uma discoteca. Podíamos comprar ingressos baratinhos de um dungan e assistíamos, de boca aberta, a filmes estrangeiros, como *Spartacus* e *Fuga de Alcatraz*.

Na nossa aldeia, vivíamos numa bolha. Não ouvíamos nada sobre o que estava acontecendo no mundo à nossa volta. Sequer desconfiávamos que estudantes estavam se manifestando por mais liberdade e protestando contra o regime corrupto e as famílias que, gananciosamente, estavam enriquecendo a si mesmas. Não fazíamos idéia de que, na noite de junho de 1989, tanques invadiram a Praça da Paz Celestial [Praça Tiananmen] e esmagaram os estudantes. De que soldados atiraram em espectadores inocentes e os perfuraram com baionetas.

Só mais tarde, na universidade, eu ouvi meus colegas estudantes cochicharem uns com os outros. "Você ouviu falar de um uigur chamado Urkesh? Ele lutou pelos nossos direitos na Praça da Paz Celestial". Urkesh era um herói para eles, mas teve que fugir da China e morar em Taiwan. Mesmo hoje em dia, não sabemos se os mortos foram centenas ou milhares. Mas, de qualquer jeito, o governo de Deng Xiaoping efetivamente sepultou o movimento democrático.

Também sabemos pouco sobre as revoltas dos anos 90 em outras partes do Turquestão Oriental, onde os uigures, especificamente, se rebelaram contra a discriminação e a opressão, com exceção de que eles foram eliminados brutalmente. Na mídia, que era controlada pelo Estado desde 1949, tudo o que se ouvia eram vozes anunciando tediosamente os grandes sucessos do governo chinês. Nada a respeito de como eles proibiram os uigures de fazer grandes aglomerações, como torneios de futebol, ou de construir uma nova mesquita no município de Baren, após decidirem que era "subversivo". Lá eles implementaram, de imediato, medidas drásticas para "cercar os criminosos perigosos". A queda da União Soviética, porém, não podia ser escondida de ninguém.

Quando a URSS foi dissolvida, em 21 de dezembro de 1991, na cidade de Almati, e substituída pela Comunidade dos Estados Independentes, em que todas as repúblicas da Ásia Central eram membros soberanos,

celebramos na aldeia. Muitas pessoas tiveram a oportunidade de atravessar a fronteira para ver os seus parentes cazaquistaneses, fosse fazendo as malas e se mudando, fosse apenas trocando idéias e informações. Enquanto isso, Pequim insistia implacavelmente que tal declaração de independência tinha sido uma decisão equivocada e fazia todo o possível para sufocar qualquer esperança de independência no seu próprio país.

Escritores, intelectuais e cantores fluíam para a nossa província, fazendo shows ou apresentando o seu trabalho em outros eventos culturais. As pessoas faziam fila fora das livrarias para comprar romances. Só assim conseguimos pôr as mãos em obras de literatura russa, incluindo livros de Maxim Gorky ou Anton Tchekhov, além de outros livros estrangeiros.

Assim como o meu pai, eu tinha fome de conhecimento. Devorava aqueles romances clássicos e ansiava obter mais informações sobre os países ocidentais. Será que eu poderia viajar para lá um dia, caso me tornasse uma atriz famosa, jornalista de televisão ou apresentadora? Naqueles tempos relativamente tranqüilos, do ponto de vista político, nossos compatriotas ainda tocavam à frente estações de rádio e televisão, muito embora a mídia fosse, e sempre tenha sido, "a garganta e a língua" do Partido.

O governo, deliberadamente, nos mantinha em ignorância, preservando a ilusão de que éramos livres. Durante um longo tempo, nós cazaques sentíamos como se fôssemos independentes, na nossa região do Turquestão Oriental: um grupo distinto. Ainda tínhamos espaço e ar para respirar. Não tínhamos percebido que já estávamos vivendo numa gigantesca prisão, cujos muros já fechavam à nossa volta e se tornavam, pouco a pouco, cada vez mais altos e mais difíceis de escalar...

1993–1997: meus anos de estudante

Quanto mais velhos ficávamos, mais nossos pais se preocupavam. Todo ano, um de nós partia para a universidade e se mudava para outra cidade. Mas como os nossos pais bancariam isso? E quem cuidaria de suas meninas na cidade grande, antro de pecado, onde prevalecia a lei da selva? Onde repentinamente tudo se resumia a dinheiro e ambição? O país inteiro estava se modificando numa velocidade espantosa, con-

trariando todos os antigos valores. Aquilo era demais para as pessoas mais velhas, especialmente quando esse novo modo de vida chegava às suas próprias aldeias.

"Você precisa vigiar as suas filhas", meu pai instruía a minha mãe. Não tinha necessidade: ela já estava vigiando. "Tome cuidado, não faça besteiras", ela nos advertia, com ansiedade. Nunca ousaríamos fazer nada imoral, que viesse a manchar a honra da nossa família. Nunca sequer passava pela minha cabeça cometer algum pecado. Eu achava os garotos completamente desinteressantes. Tudo o que me importava era a carreira profissional. Eu queria dar aos meus pais ainda mais razões para se orgulharem de mim e eu sabia que, no futuro, teria mais condições de ajudá-los.

Após deixar a escola, tendo conquistado as melhores notas, fui a única aluna da classe a conseguir ingressar na universidade em Ili. Em vez de me designarem para estudar medicina ocidental, as autoridades me ofereceram a medicina tradicional chinesa. Quando o meu pai me levou até lá para fazer a matrícula, ainda não era tão difícil para os muçulmanos terem acesso à universidade. Alguns dos chefes de departamento eram de origem nativa e 90% da cidade era cazaque. Hoje em dia, os chineses nos transformaram em minoria na nossa própria terra.

Eu tinha 17 anos quando parti, sozinha, na viagem de 600 km para a distante Ili. Como na minha primeira visita, eu olhava boquiaberta, através da janela do ônibus, todos aqueles arranha-céus e via as tradicionais casas de chá encolhidas abaixo deles, onde mulheres ofereciam macarrão artesanal em vasos fumegantes aos transeuntes apressados. Placas bem decoradas pendiam em toda parte, sobre as ruas e lojas, anunciando "Bem-vindos", em grandes letras cazaques, enquanto a palavra equivalente em chinês era impressa em menor escala, logo abaixo. Hoje, os únicos sinais são chineses. Apagaram completamente as nossas palavras.

Nos primeiros meses, achei a vida urbana difícil: as ruas apinhadas, o barulho, a falta de familiaridade. Eu era uma menina simples do interior, em meio a seis mil estudantes, dos quais 30% eram chineses, em comparação com 70% dos professores. À noite, dormindo com oito garotas desconhecidas em beliches, eu me sentia extremamente distante da aldeia e dos meus pais. As meninas que dormiam acima de mim e ao meu lado eram chinesas.

Continuei a ter saudade de casa, sentindo-a como uma pressão na boca do estômago. Eu passava um bom tempo pensando nas montanhas, no aroma da arruda selvagem da nossa casa e nos nossos cavalos. Os cavalos são muito significativos para os cazaques: nossa língua possui 50 palavras para as cores e marcas da sua pelagem. Havia, em geral, uma longa fila para o único telefone comunitário do prédio, então comecei a escrever uma carta, tomando cuidado para que as minhas lágrimas não borrassem as palavras. "Sinto tanta falta de todos...".

Os saguões estudantis eram um pequeno universo, e continham uma loja e um restaurante. A atmosfera era ferozmente competitiva. Se você fosse uma pessoa nativa querendo progredir, não teria outra escolha, senão aprender chinês. Alguns alunos muçulmanos se queixavam em voz baixa. "Por que devemos aprender uma língua estrangeira? Os chineses é que devem aprender cazaque!".

Na universidade era impossível ficar fora do caminho dos forasteiros, como tínhamos feito na aldeia. Inicialmente, a desconfiança entre nós era como um muro. Quando estávamos perante os alunos chineses, medíamos cada palavra, mas, de qualquer forma, eles nunca conversavam conosco. Ter um debate aberto era impensável. Até mesmo críticos moderados da abordagem autoritária de Pequim geralmente eram tratados com arrogância. "Você só está com inveja porque a China é tão bem-sucedida!". Sentíamos sempre que eles estavam nos espionando, então, na maioria das vezes, ficávamos na nossa.

Dito isso, eu sabia que eles não eram monstros. Eram pessoas comuns, com preocupações comuns. "Qual é a melhor forma de administrar o orçamento? Como tirar os meus pais do sufoco financeiro? O que fazer para tirar notas boas?".

Se a pessoa fosse bem avaliada no Grupo A, ganhava pontos, recebia auxílio financeiro e concessões do Estado. Ocasionalmente, também recebia vale alimentação. Eu nunca passava fome porque ganhava muitos pontos. Em pouco tempo, eu não era apenas a mais nova, mas a melhor aluna do meu curso.

Quando a solidão ameaçava ser demais para mim, eu subia num ônibus, no fim de semana, e ia visitar a minha irmã mais velha, na universidade da cidade vizinha. Nós nos consolávamos mutuamente. Pouco tempo depois, meu irmãozinho Sawulet se juntou a nós. Ele

tinha passado para o curso de engenharia mecânica. Durante aquele primeiro ano, nossa mãe nos visitava a cada dois meses, porque seria caro demais que nós três comprássemos uma passagem para casa. Antes de cada visita, costumávamos esperar por ela impacientemente, andando de um lado para o outro na entrada do prédio. Ela nos trazia amor, mas também um pouquinho de dinheiro e algumas refeições caseiras tradicionais — muitas, na verdade. Em casa, meu pai soltava um suspiro desamparado sempre que a via fazer as malas, e então ela sugeria que ele também fosse na próxima vez.

Logo me acostumei à nova vida e tive bastante sorte ao encontrar uma melhor amiga entre as meninas cazaques: Gulina. (Para protegê-la, mudei o seu nome.) Diferente de mim, ela era alta, de longos cabelos loiros; nossas personalidades, porém, eram bem conectadas. Éramos como irmãs. Nós duas sempre procurávamos, sem descanso, cumprir as nossas obrigações e atender às nossas ambições, determinadas a atingir cada objetivo da melhor forma possível, antes de nos movermos para o próximo... Éramos, nesse sentido, tipicamente chinesas.

A felicidade, entretanto, estava sempre um passo a nossa frente.

Um novo Mao

Não importa se estivéssemos no cinema ou em algum outro evento cultural: o Partido, de repente, estava em todo lugar, gabando-se das coisas grandiosas que Mao supostamente conquistara para o regime comunista. Falava-se sobretudo do idealismo e da vontade das pessoas de fazerem sacrifícios — silenciava-se diante do terror e do pavor que ele deixou. Eu era cética, mesmo que ainda estivesse só vagamente ciente, graças aos cazaques mais velhos, sobre o lado mais escuro dessa história.

Os estudantes mais espertos abaixavam suas vozes até que estivessem falando tão baixinho que mal se podia escutar. "Esse novo culto da personalidade não é um bom presságio", ou "Estão abrindo uma porta que nos levará diretamente de volta ao passado", ou "O Partido está inventando o passado para que não precisem enfrentá-lo". Outros, indignados, zombavam. "Se Mao não fosse grande e bondoso, eles não o diriam o tempo todo em nossos livros e na televisão". Durante essas discussões, eu costumava ficar à espreita, escutando.

Quando nos dizem, reiteradamente, o quanto o comunismo é maravilhoso, socialmente benéfico e solícito para todos os interessados, depois de um tempo não discernimos mais o que é verdade. E os horrores do passado, sobre os quais nossos pais e professores nunca nos haviam explicado adequadamente para começo de conversa, desbotaram como velhas fotografias pretas-e-brancas, rapidamente sumindo em meio à névoa.

As primeiras páginas de todo livro que eu abria na universidade continham informação sobre Mao, Lênin e Marx. Se estivéssemos escrevendo uma dissertação ou apresentando-a aos nossos colegas, devíamos começar fazendo referência a suas ideologias. Caso contrário, era impossível conseguir uma boa nota. Supostamente, 70% do que Mao fez era bom. Ele afugentara os maiores inimigos da nação. Seus erros — os 30% restantes — eram insignificantes, como os professores sempre balbuciavam, seguindo a linha do Partido.

"O grande líder nos ensinou a ser leais à comunidade, ao Partido e à nação", escrevi no meu artigo seguinte. Parecia-me evidente que eu vinha por último e tudo o mais na frente. A comunidade era mais importante do que o indivíduo. Mesmo assim, por que Mao havia matado tantas pessoas, de forma tão brutal? De qualquer forma, suscitar perguntas e entender as respostas não traziam soluções, somente novos problemas. Eu não estava interessada em política. Só queria estudar em paz e aderir ao credo nacional: "Seja próspero e bem-sucedido!".

Mas, querendo ou não, vivíamos tropeçando em perguntas que não estávamos autorizados a fazer. "Onde eles conseguem tantos órgãos saudáveis?", Gulina arfejou, surpresa, de pé diante da nossa mesa do necrotério da universidade, seus olhos dando voltas, em choque, enquanto executávamos as nossas primeiras operações práticas. Todos agiram como se a pergunta tivesse desaparecido no ar tão logo fora enunciada, fingindo não terem ouvido nada.

À nossa frente havia mesas repletas de fígados em bom estado, corações, pulmões... Como estudantes de medicina, tínhamos uma quantidade excepcional de órgãos à nossa disposição. Sem palavras, pegamos nossos bisturis e focamos na tarefa que tínhamos em mãos. No Turquestão Oriental, todos estavam comentando como os adeptos da comunidade religiosa "Falun Gong" — demonizada pelo secretá-

rio-geral Jiang Zemin —, bem como outras pessoas da região, estavam sendo gradativamente abduzidos, em plena luz do dia, devido a esse suposto propósito. Era de comum conhecimento que a China fazia muito mais transplantes de órgãos do que seria possível, considerando a quantidade de doadores voluntários. Em 2009, o Ministro da Saúde Huang Jiefu admitiu, explicitamente, que Pequim "coletou cerca de dois terços dos transplantes de prisioneiros executados". O comércio de órgãos na China, altamente lucrativo, é tocado não por criminosos, no mercado negro, mas pelo próprio PCC.

Quando ganhei muito dinheiro

À noite, Gulina e eu às vezes nos deitávamos perto uma da outra, na cama estreita, bastante acordadas e sonhando nos tornarmos ricas e respeitadas. Pessoas ricas, presumíamos erroneamente, podiam comprar qualquer coisa. Inclusive liberdade. Continuei pensando no quão exauridos e macerados os meus pais estavam. Eles tinham economizado e juntado dinheiro para os seus filhos durante toda a vida, nunca se dando ao luxo para nada. Outros quatro irmãos tinham seguido o meu caminho e o de Sawulet, e seus estudos também tinham que ser bancados. "Tenho uma idéia", falei num fim de tarde. Percebi que havia um modo excelente de ganhar dinheiro enquanto estivesse na universidade. "Mas meus pais nunca podem descobrir".

Basicamente, nos fins de semana eu tinha que pegar o ônibus em direção à fronteira com o Cazaquistão. Ali, eu comprava quantidades enormes de pastas, canetas, blocos de anotações e outros itens de papelaria, num dos incontáveis vendedores, de modo que eu podia vendê-los para os meus colegas de classe, a um preço mais baixo, durante minha pausa de uma hora, no fim da tarde. Na condição de melhor aluna, eu gozava de bastante prestígio, então, desde o começo o negócio funcionou tão bem que eu até expandi a minha oferta, passando a incluir semijóias de ouro para as meninas.

No fim, meus bolsos estavam tão cheios de yuan, que era capaz de ajudar a pagar a educação de meus irmãos mais novos. "Onde você conseguiu tanto dinheiro?", perguntou o meu pai, espantado. "Consegui porque eu sou uma aluna muito aplicada e trabalho muito duro", respondi, sem ruborizar: era só metade da história, mas, ao menos, não era mentira.

Eu era perspicaz para evitar, a qualquer custo, a desaprovação dos meus pais. Podia ser perigoso se a verdade se espalhasse, em parte porque eu era uma jovem mulher viajando de ônibus sozinha, e em parte porque eu pechinchava preços e mercadorias como um fazendeiro no mercado, numa indústria dominada por homens. Meus pais certamente ficariam preocupados com a minha reputação. E envergonhados de não conseguirem ganhar dinheiro o suficiente. Se sentiriam como se eles mesmos me tivessem levado àquela situação.

Duas vezes por ano, perto do fim do semestre, meus irmãos e eu voltávamos para a nossa casa na aldeia. Em toda visita, encontrávamos a nossa outrora bela área rural de algum modo desfigurada — a terra toda revirada por escavadeiras, as montanhas esburacadas graças à escavação de minas. A paisagem estava cada vez mais entrecruzada por estradas e veículos. E, devido a cada novo projeto de construção, a fonte, correndo suavemente, produzia sempre menos água para a aldeia.

1997: a fonte secou

Pequim estava enviando cada vez mais colonos para o Turquestão Oriental, como parte de um projeto para "achinesar" até as regiões periféricas da província mais rica em recursos do país. Não foi apenas a paisagem que mudou. Da mesma forma, o comportamento dos moradores.

Não se parava mais na rua para conversar. Seus rostos estavam fechados, suas mentes tão assediadas quanto a terra à sua volta. Mesmo entre quatro paredes, meus pais já nos proibiam de mencionar as nossas preocupações.

As pessoas mais velhas se afundavam em depressão. "Onde os chineses pisam, as gramas deixam de crescer". Esse era o grau de devastação que o seu impacto tinha para os cazaques idosos. Um desastre aconteceria em breve; meu avô tinha certeza disso. Infelizmente, ele tinha razão.

Na próxima vez que retornei à aldeia, a fonte já havia secado, e os aldeões não tinham mais água potável. Logo o nível da água despencou, e ele ficou reduzido a um córrego fedorento, cheio de peixes flutuando de barriga para cima.

No inverno, os aldeões tentaram trazer neve das montanhas para compensar a falta de água. Camada a camada, eles lascavam o gelo e o transportavam para baixo, no lombo de burros. "Afinal, o que está acontecendo?". Meus pais, nervosos, não faziam idéia. Alisando a sua comprida barba branca com suas mãos enrugadas, meu avô balançou a cabeça, murmurando: "As montanhas e a água são criaturas sagradas. Ninguém deve jamais poluí-los com lixo e fezes, do jeito que os chineses fazem. A água deve sempre permanecer pura, ou o seu espírito ficará irado". Minha mãe baixava a cabeça. "Então é por isso que a água está nos abandonando...".

Durante esse período, houve tantos protestos no Turquestão Oriental contra a destruição gradativa das liberdades religiosas e culturais que, olhando agora para trás, não tenho mais certeza do que eu sabia na época e o que eu esqueci desde então. Eu não fazia idéia de que, em 8 de março de 1997, numerosas bombas explodiram em ônibus de Pequim, enquanto a situação do Turquestão Oriental estava sendo dissimulada no congresso do Partido. Quanto mais pressionavam as pessoas, com mais veemência elas resistiam. Mas Pequim respondia com uma repressão e uma violência cada vez maiores.

Nossa família estava acostumada a sofrer. Simplesmente nos aglomerávamos bem perto, como se estivéssemos no meio de uma tempestade, na esperança de que os destroços não caíssem na nossa cabeça. Assim que terminava, voltávamos logo a trabalhar e a ordenhar as vacas. Todas as nossas energias eram no sentido de tornar o dia-a-dia mais suportável, protegendo-nos da pobreza e da carência material. Diferente dos meus irmãos, eu nunca perdia tempo pensando em começar uma família. Eu queria passar nas minhas avaliações o mais rápido possível e encontrar um emprego que pagasse bem.

No hospital, nem todos os pacientes eram iguais

Fui aprovada com louvor nas avaliações e imediatamente recebi a oferta para ocupar um cargo muito bem pago na capital de Mongolküre (Zhaosu, em chinês), trabalhando como médica num grande hospital. "Uma mulher jovem não pode viver completamente sozinha numa cidade", objetou a minha mãe. O que as pessoas iriam comentar?

Meu pai achou melhor que eu fosse morar com um parente distante, do meu lado materno, o qual vivia na cidade e me ofereceu um quarto no seu apartamento. Ele e sua esposa eram servidores públicos de longa data, com boa reputação. Aceitei, porque parecia um bom negócio para os dois lados. Eu poupava o dinheiro do aluguel e da comida, e meus parentes também economizavam, porque eu ajudava a cuidar da casa e auxiliava seus dois filhos em idade escolar.

Compareci ao meu primeiro dia de trabalho com sentimentos confusos. Cerca de 80% dos empregados eram chineses enviados pelo governo para o Turquestão Oriental. Será que meus colegas chineses me aceitariam como uma colaboradora competente? Como nativa, sempre achei que eu deveria ser melhor que qualquer outra pessoa. Caso contrário, imediatamente começariam a dizer "os cazaques são preguiçosos e não têm cérebro".

Eu dei um suspiro de alívio quando cheguei em casa aquela noite. "É um bom lugar para se trabalhar", comentei alegremente com a dona da casa enquanto ela me levava à cozinha, me enchendo de perguntas. Obedientemente, preparei uma refeição para a família e coloquei a mesa. "Estou feliz por você", disse minha parente distante, embora não aparentasse. Inicialmente, não prestei atenção alguma à sua reserva: eu estava inteiramente concentrada no meu novo emprego.

Quando estávamos na clínica, ao redor da cama de um paciente, discutindo opções de tratamento, meus colegas chineses agiam como se fôssemos amigos. Eles não explicitavam os seus preconceitos porque eu era uma mulher educada que conhecia a sua língua e cultura. No entanto, eu ainda podia dizer, baseada no seu comportamento, que eles se consideravam melhores do que eu: mais espertos e superiores. Para eles, nunca éramos bons o suficiente: o que nos sobrava de um lado, nos faltava de outro.

Estavam apenas reproduzindo a linguagem política. Pequim traçava uma nítida distinção entre "nós" e "eles", plantando coisas negativas na mente do povo chinês. Eles cresciam com isso na cabeça; moldava a sua realidade. E, onde o preconceito é semeado, a violência não fica muito atrás. Logo seria nós contra eles.

Às vezes, um cazaque ou uigur doentes viajavam de suas aldeias para a cidade pela primeira vez. Era difícil se orientarem dentro do enorme hospital, então pediam ajuda na sua língua nativa: "Por favor, poderia me dizer onde eu devo ir?".

A equipe chinesa nunca respondia. Tratavam todas as pessoas nativas como se nem estivessem ali. Cada vez mais desesperados, os pacientes tentavam novamente, descrevendo os seus sintomas: "Não estou me sentindo bem, meu intestino está cheio de úlceras...". Entretanto, nunca mereciam mais do que um olhar.

No fim, os pacientes desistiam e, resignados, se retiravam para outro lugar, aguardando indefinidamente... Enquanto isso, a equipe vestida de branco passava apressada por eles, ignorando-os. Ou cochichavam, atrás das mãos "Veja só aquele inseto imundo". Às vezes, o paciente era um agricultor vestido com roupas simples, mas isso era motivo para humilhar alguém? Simplesmente porque pertenciam a outro grupo étnico?

Quando eu percebia a presença de um desses pacientes abandonados, ia em sua direção e pegava o seu braço, guiando-os para o lugar certo. Na primeira vez em que fui confrontada com tal discriminação, fiquei indignada.

Com as mãos na cintura, eu abordava o assunto com meus colegas chineses, de cabeça erguida. "Por que estão tratando tão mal esse paciente? Isso é um hospital. Nosso trabalho é cuidar de todas as pessoas frágeis e doentes que recorrem a nós, e não fazer uma seleção entre eles!".

A resposta era geralmente de surpresa, seguida de uma pergunta. "Oh! Ele era seu parente? É por isso que você quer ajudá-lo?".

Balançando a cabeça, eu retrucava: "Não, eles são apenas pessoas comuns. Não conhecem a língua e as regras daqui, é por isso que quero ajudá-las".

E esses eram médicos e enfermeiros, vinculados a um código de ética comum, segundo o qual todos os seres humanos têm igual valor. Se o impacto da propaganda negativa do governo estava sendo sentido num lugar como aquele — lugar de compaixão e amor —, quão ruim era a situação na rua?

Em lojas, mercados ou restaurantes, as pessoas nativas enfrentavam uma situação cada vez mais difícil. Éramos, com freqüência, alvo de olhares depreciativos dos proprietários chineses. "O que você quer aqui?". Eles nos davam as costas ou vinham diretamente nos insultar. "Vocês, muçulmanos, não passam de inúteis".

O abismo entre mim e meus colegas era ainda mais evidente quando ocasionalmente convidávamos uns aos outros para jantar. Estranhamente, eles sempre me faziam perguntas sobre o Cazaquistão, onde alguns dos meus parentes moravam. Não era uma curiosidade autêntica: apenas queriam confirmar os seus preconceitos.

"Lá não existe uma quantidade de produtos tão grande como na China", comentavam, ou "Os cazaques são pobres e doentes, vivem em favelas e barracos de lata, em condições terríveis".

"Não, não", eu educadamente os corrigia. "Os cazaques vivem em grandes cidades, com prédios altos, assim como as pessoas daqui". Meus colegas tentavam descobrir o que eu achava do interior. Seria eu uma cazaque patriota? Ou, quem sabe, uma traidora da pátria chinesa?

Eu fazia todo o possível para que os meus comentários soassem bem pacíficos. "O Cazaquistão conecta a Europa à Ásia. É o maior país sem litoral do mundo, e oferece muitas oportunidades". Eles me desprezavam por dizer essas coisas. Para eles, o Cazaquistão era subdesenvolvido, empobrecido e atrasado. "O Cazaquistão não pode ter suas próprias empresas, nem usar computadores, nem construir máquinas...". Era exclusivamente graças ao auxílio chinês que os cazaques — assim como o Turquestão Oriental — em breve seriam capazes de desfrutar do progresso e do desenvolvimento. Em retrospectiva, eu me pergunto se eles já estavam reunindo informações a meu respeito. Em 2017, os integrantes veteranos do Partido começaram a usar declarações feitas por pessoas nativas durante esse período como evidência de que eram "inimigas do sistema", o que tipicamente levava à prisão. De acordo com o Partido, qualquer um que fosse considerado amigo do Cazaquistão estava nutrindo "sentimentos traiçoeiros" — razão suficiente para "desradicalizá-los" num campo de concentração.

É possível, no Ocidente, imaginar algo assim acontecendo hoje em dia? Eles serviam chá e biscoitos aos seus convidados, questionavam-nos deliberadamente sobre tópicos específicos e, furtivamente, anotavam

as respostas, a fim de denunciá-los para as autoridades 18 anos depois: "Essa pessoa pode ser perigosa. Detenham-na, tranquem-na na prisão, destruam-na!".

Se uma pessoa chinesa no Turquestão Oriental começasse a fazer aos visitantes perguntas sobre países estrangeiros, normalmente não estava bem-intencionada. Ciente disso, os nativos logo aprenderam a não discutir política com os chineses. Mas, no fim, quando eles não podiam mais extrair informações de nós, um carimbo do Cazaquistão no passaporte era tudo o que precisavam. Era prova suficiente de "extremismo".

A morte do meu avô

Eu estava tomando o pulso de um paciente quando uma enfermeira me chamou para fora, para atender ao telefone. Minha mãe estava na linha. "Venha para casa rapidamente, o seu avô não está bem". Ele tinha convocado todos os seus netos e parentes para ficarem ao lado da sua cama, onde nos disse: "Vou morrer em poucos dias".

"Não", nós desmentimos, com surpresa. "O senhor ainda tem uma longa vida pela frente!". Não havia muito tempo desde que ele estava cavalgando pelo povoado vizinho, visitando os seus amigos. Ele nunca tinha visto um médico, nem obtido qualquer prescrição de medicamento. Até os seus dentes ainda eram intactos e ofuscantemente brancos. Embora ele tivesse nascido em 1897 e tivesse cem anos, a notícia da sua morte foi um choque para todos nós. É claro que ele já tinha vivido uma longa vida, mas adoraríamos que ele continuasse mais tempo conosco.

Não importa quão pobre fosse uma família cazaque, sempre faria uma grande celebração em honra da pessoa falecida. Enquanto as mulheres cantavam lamentações pelo morto e preparavam a comida, os homens que meu avô tinha escolhido embrulhavam o seu corpo — depois que a limpeza e as orações terminassem — num lençol branco de linho. Os demais o colocavam num caixão de madeira e o sepultavam em seu túmulo belamente decorado, no cemitério da nossa aldeia, situado na região montanhosa, certificando-se de que ele estava voltado para Meca.

Tristemente, tive pouco tempo de luto com a minha família: estava sendo requisitada no trabalho. No hospital, inicialmente foi difícil me concentrar nos pacientes. Eu era bem consciente da importância

do meu avô para mim e do quanto eu sentia a falta dele. Passaram-se vários dias até que eu fosse capaz de trabalhar normalmente. Meu avô tinha um caráter tão límpido e cristalino quanto a água que brotava direto da montanha.

O memorial de uma pessoa morta é sagrado para os cazaques, porque nossa casa está onde os nossos ancestrais estão sepultados. Eu seria ao menos capaz de achar a sepultura do meu avô hoje? Vinte anos depois, Pequim decidiu que qualquer coisa muçulmana tinha relação com o terrorismo. Assim, em 2017, os povos nativos foram instruídos a removerem todos os símbolos islâmicos — tais como a lua crescente — das lápides de nossos parentes.

Alguns cazaques, especialmente membros que serviam o Partido há muito tempo, eram especialmente zelosos em destruir as sepulturas de suas famílias, porque assim tentavam agradar aos membros do Partido Chinês. Evidentemente, isso levou a sérios conflitos em suas famílias e desfez muitos relacionamentos.

Numerosos cemitérios que sobreviveram a essa onda de destruição foram posteriormente destruídos por escavadeiras. Em muitas áreas urbanas, as autoridades defendiam suas decisões com a justificativa de "precisar de mais espaço". Em outros lugares, forçavam nosso povo a desenterrar seus mortos e sepultá-los novamente em cemitérios chineses. Todos os vestígios de nossos ancestrais deviam ser aniquilados. Para nós, muçulmanos, isso era uma atrocidade psicológica e um insulto terrível.

As pessoas mais velhas identificaram, muito antes de nós, que havia nuvens escuras no horizonte, anunciando uma iminente tempestade de areia. O perigo estava às portas. Nossa geração só percebeu isso quando era tarde demais.

Meu primeiro cartão bancário

Meu coração bateu acelerado quando segurei meu primeiro cartão bancário. Eu já tinha o meu primeiro salário mensal de 500 yuan na conta. Pouco tempo depois, comecei a atender também a turnos noturnos no hospital, chegando a receber cerca de metade dessa quantia novamente, que o caixa — para a minha satisfação — deu-me em espécie.

Eu, pessoalmente, não precisava de todo esse dinheiro, então subi num ônibus para ver os meus pais e dei o cartão na mão do meu pai, perplexo. "Aqui está a minha renda mensal. Compre o que o senhor quiser". Cheio de gratidão, ele investiu o dinheiro na educação dos meus irmãos mais novos.

Eu recebia o suficiente para bancar roupas bonitas e outros luxos, e já era considerada uma das pessoas mais bem vestidas do meu grupo de amigos. As mulheres me admiravam. "Oh, você tem um estilo único", elas me diziam. Era verdade. Eu não escolhia necessariamente os tecidos mais caros, mas vestia cortes pouco usuais, que eu achava na loja de um amigo que vendia artigos turcos.

Todas as mulheres ao meu redor sonhavam em usar as mesmas marcas caras e os mesmos itens, e assim ficavam todas parecidas. Eu queria me destacar da multidão. Preferia cores vistosas, enquanto todo mundo vestia tons escuros, e saias longas, enquanto as curtas estavam na moda. Os amigos me perguntavam, curiosos: "Onde você consegue coisas assim? Queremos ter também...".

Quando vislumbrava o meu reflexo na vitrine de uma loja, ou quando apresentava eventos da área médica, eu eventualmente pensava no meu antigo sonho de ser jornalista e viajar pelo mundo. Será que eu poderia fazer outro curso? Mas isso teria sido um horizonte distante demais, então, em algum momento, eu sepultei aquele sonho. Com exceção do meu fraco por roupas, eu não tinha tempo para gastar o meu dinheiro.

Depois do trabalho, eu continuava ocupada com o trabalho doméstico na casa dos meus parentes. Eles eram pessoas importantes, constantemente eram chamadas para jantares ou casamentos, e ficavam fora de casa na maior parte das noites e fins de semana. Eles me diziam: "Vamos sair só por um tempinho — por favor, cuide dos nossos dois filhos e deixe tudo arrumado".

Nas raras ocasiões em que enfim tinha tempo para mim mesma, eu tinha que pedir permissão para sair à minha senhoria. Ela sabia perfeitamente que eu adorava dançar, mais do que qualquer coisa, e que eu era uma mulher decente, então ela podia me deixar sair, mas, em vez disso, ela telefonava para os meus pais e exprimia as suas preocupações. "O que você acha? Sayragul quer ir dançar num clube, às 20h, com uma amiga. Francamente, não quero que as pessoas falem

de nós por causa dela... Qual a impressão que isso vai dar?". Toda a nossa existência e a nossa boa reputação eram centradas nos meus pais: jamais arriscaríamos nem uma coisa, nem outra.

Alguns minutos depois, meu telefone celular tocava. Era minha mãe. Depois que eu lhe dizia exatamente com qual menina, e de que família, eu sairia; a qual clube eu iria e a que horas iríamos voltar, eu a ouvia dar vários suspiros. "Ótimo, mas não deixe de se comportar bem, e não fique muito tempo. Esteja de volta perto das 22h".

Embora eu estivesse morando longe de casa há alguns anos e tivesse então 22 anos, meus pais ainda estavam altamente preocupados em proteger a minha honra, porque mesmo um pequeno erro meu repercutiria neles de maneira muito ruim. Gulina e eu pintávamos os lábios de vermelho e os olhos de preto, penteávamos nossos cabelos longos e brilhantes, vestíamos roupas bacanas e calçávamos sapatos de salto alto. Em seguida, íamos nos soltar na pista do clube, dançando em meio ao vapor de gelo seco, sob luzes coloridas e ao som da minha música favorita da dupla Modern Talking.

Mesmo enquanto eu estava na pista de dança, meu telefone tocava e minha mãe perguntava: "Você está atenta ao horário? É que sua tia está ficando aborrecida...". Eu acabava consultando o relógio a toda hora, enquanto dançava. Mais dez minutos. Sintetizadores e guitarras elétricas. "You're my heart, you're my soul...". Naqueles dias, os nomes dos meus cantores favoritos, Dieter Bohlen e Thomas Anders, eram as coisas mais importantes que conhecia da Alemanha. Atualmente, músicas apolíticas do Ocidente estão novamente proibidas na China. O Ocidente, junto com sua liberdade de opinião e seu pluralismo, é, novamente, considerado inimigo. Devasso, pervertido e repreensível.

Preparação para tempos difíceis

Eu dedicava toda a minha energia ao trabalho do hospital, mas, após os turnos, exigia-se que eu trabalhasse ainda mais, limpando, cozinhando e dando aulas particulares até tarde da noite. Custei muito a perceber que eu nunca seria capaz de fazer nada direito aos olhos de alguém como minha senhoria autoritária.

Talvez a sua insatisfação se baseasse no fato de que a política da China ensinava as pessoas, desde a pré-escola — especialmente por meio das canções — a servir fielmente ao governo, ao Partido e à comunidade, mas nunca a elas mesmas. Deve ser por isso que algumas delas desprezavam quem se conservava honesto, pois passavam a servir, sem querer, como um indesejado espelho para elas.

Apesar desses problemas no apartamento, eu me mantinha dedicada, consciente e ambiciosa, repelindo qualquer coisa que estivesse me aborrecendo depois do trabalho. Eu cobrava de mim mesma padrões extremamente elevados. Quando criança, tinha aprendido que, quanto mais esforço eu dedicasse, mais seria valorizada e amada. E eu sempre quis ser uma das melhores — queria crescer e me desenvolver todos os dias.

"Você está autorizada a sair hoje à noite", minha senhoria generosamente me informou. "Seu pai não está aqui para ver", ela brincou, "então pode retornar à meia-noite". Depois que eu, exultante, saí de casa, ela telefonou para minha mãe, acordando-a, e lhe contou da minha ida ao clube, mesmo ela tendo me dado permissão. "São 22h e Sayragul ainda não voltou...".

É claro que minha mãe entrou em desespero e começou a me telefonar, repetidamente, mas então eu não estava mais prestando tanta atenção. Estava ocupada dançando, e o som no clube era tão alto que não percebi as ligações. Foi só quando estava a caminho de casa, pouco antes da meia-noite, que eu finalmente ouvi o telefone tocar. Fui atacada por uma avalanche de perguntas. "Onde você está? Não consegui dormir. Eu estava esperando você me ligar de volta. Por que você não me telefonou? Sua tia está muito chateada. O que ela vai pensar de nós agora?". Fui pega completamente desprevenida ao saber que a minha mãe sabia da minha saída noturna, e imediatamente me senti culpada.

"Mãe, calma...".

"Como poderei dormir tranqüila, Sayragul, se você não estiver em casa?".

Depois disso, desisti completamente de sair. De forma alguma eu poderia deixar que o meu comportamento aborrecesse os meus pais. Desobedecer estava fora de cogitação. Durante vários dias eu me senti

mal por ter chegado em casa tão tarde e causado transtorno para a minha família.

Após um turno noturno de doze horas, eu lavava a roupa de toda a família que me hospedava, comprava comida e cozinhava, até que enfim eu tombava na cama, como um cadáver. Quando outras pessoas estavam por perto, a senhora da casa me elogiava, colocando a mão — repleta de jóias de ouro — sobre o meu ombro e dizendo a seus convidados: "Ela é uma parente tão amável e prestativa! Estamos satisfeitos de tê-la conosco". Isso me fazia sentir bem, porém, dois minutos mais tarde, lá estava eu, à mercê dos seus humores e caprichos.

"Você precisa trabalhar com mais afinco e estudar mais com os garotos, para que tirem notas melhores!". Ou: "Limpe melhor o apartamento!". Ela dizia isso, mesmo que eu ajudasse os meninos o máximo que podia e que tudo estivesse tão brilhante, que fosse possível ver o próprio reflexo. Aquela injustiça era difícil de engolir. Talvez eu não fosse boa o suficiente? Eu permanecia encurralada em auto-reprovação, girando em círculos na minha própria cabeça, sem encontrar uma saída. Eu nunca retrucava; sempre tentava reprimir a minha raiva. Caso contrário, a situação ficaria logo insustentável.

A família me enxergava como um objeto, que os fazia se sentir mais fortes. Olhando para trás, vejo que o tempo que passei com eles foi um bom treinamento para o que me aconteceu mais tarde, quando fui confrontada com dificuldades e barreiras ainda maiores para superar. Numa sociedade como a chinesa, é preciso ser duro consigo mesmo. É necessário saber lidar com os problemas sozinho.

Desde que passei a viver no Ocidente, contudo, me pergunto se, perante algumas coisas, eu deveria não ter simplesmente aceitado sem protestar. Porém, sinceramente acredito que tudo o que fiz por meus pais foi para o seu bem. Para os cazaques, a família é mais importante do que tudo o mais. Nunca me arrependi de nada que fiz por eles. Jamais me senti explorada, ou que os meus irmãos tiveram um tratamento privilegiado. De fato, eu freqüentemente me questionava se estava ajudando o suficiente.

Mesmo assim, em relação àquele apartamento na cidade, eu deveria ter arrumado as minhas malas, me mudado e ter feito melhor uso da minha liberdade. Mas tempo perdido não volta mais.

Começar de novo

Certo dia, meu pai apareceu inesperadamente no apartamento, com o rosto sombrio. Ele parecia esgotado. "Sua mãe está muito doente. Você poderia voltar para casa e cuidar dela?". Meus irmãos mais velhos estavam quase todos casados ou morando em outro lugar e as mais novas ainda estavam na escola e também precisavam ser cuidadas. Era uma situação complicada para mim.

Sem saber o que fazer, mostrei ao meu pai a minha escala de trabalho. "Veja, os turnos são sempre definidos com um mês de antecedência. Não posso ir e vir de ônibus todos os dias". O hospital ficava a cerca de 50 km da aldeia. Só havia uma saída. "É melhor eu me demitir", sugeri.

Meu pai meneou pesadamente a cabeça grisalha. "Não posso tomar essa decisão por você, minha querida. Eu nunca a forçaria a dar um passo como esse". Não precisei pensar muito. Eu podia ganhar dinheiro decentemente em qualquer lugar, inclusive na aldeia dos meus pais. Mas, se algo acontecesse à minha mãe por eu não ter podido ajudá-la a tempo, eu nunca me perdoaria. Depois de quase dois anos, deixei o meu emprego como médica, mesmo que eu recebesse um bom salário, amasse o meu trabalho e fosse uma funcionária valorizada.

Existe, entre os cazaques, uma regra não escrita, de que os filhos nunca abandonam os seus pais. Em geral, cabe ao filho mais novo ou a uma filha que mora com a família cuidar dos seus pais na velhice.

Felizmente, eu não era do tipo que se ressentia ou perdia muito tempo se lamentando sobre o que perdia.

De volta para casa

Minha mãe estava mal. Ela sofria de dores de estômago chatas e persistentes, e mal conseguia tomar a sopa. Fiquei chocada ao encontrá-la deitada na cama, tão magra e enfraquecida. Ajeitando com cuidado o seu travesseiro, eu fiquei observando-a enquanto dormia de forma intermitente. "Preciso de tempo para cuidar dela de forma adequada", eu disse a meu pai, na manhã seguinte. Eu necessitava de um emprego com horário flexível.

Na aldeia, ninguém estava contratando médicos, então eu rapidamente me requalifiquei para ser professora. O processo correu sem

obstáculos porque os nativos que soubessem falar chinês estavam sendo requisitados em todo lugar. Daquele ponto em diante, comecei a ensinar chinês para as crianças cazaques entre seis e treze anos na Escola Ahyaz. Eu era vice-diretora.

Enquanto isso, eu levava a minha mãe doente para cima e para baixo, em busca de atendimento médico nos grandes hospitais, mas ninguém tinha como ajudá-la em relação a úlceras estomacais. Depois de um tempo, encontrei um curandeiro tradicional mongol. "É causado por bactéria", ele declarou, prescrevendo diversas ervas e chás. Uma semana depois, ela se recuperou.

Isso pode parecer estranho para as pessoas do Ocidente, mas, em nossa aldeia, ouvimos apenas fragmentos de informação sobre o episódio do dia 11 de setembro de 2001, quando terroristas islâmicos atacaram o World Trade Center, em Nova York, e o Pentágono, em Arlington. Fazendo uma retrospectiva, é claro que a subseqüente guerra global de Pequim contra o terrorismo deu a eles uma frágil razão para reprimir o Turquestão Oriental com mais brutalidade que nunca. O Islã serviu meramente como pretexto.

Enquanto antes tinha sido dado, ao povo nativo, a escolha de aderir ou não ao PCC, de agora em diante o governo tornava a adesão obrigatória para todos os jovens em instituições públicas. Assim, em 1º de julho de 2001, eu me tornei membro do Partido, mesmo que certamente não quisesse sê-lo.

Era fácil para Pequim começar a estigmatizar os uigures do Turquestão Oriental como terroristas islâmicos, porque, de fato, havia um monte de pessoas profundamente religiosas entre eles. O governo os usava estrategicamente para pavimentar o caminho para oprimir todas as minorias muçulmanas.

Como alguém pode destruir a própria casa?

Os olhos dos chineses estavam sobre a nossa região, não somente devido à sua localização estratégica, mas também porque era um lugar de grandes reservas de petróleo cru, urânio, ouro, minério de ferro e os maiores depósitos de carvão do planeta. O Turquestão Oriental é o coração das indústrias de armas, mineração e cultivo de algodão.

Os militares tinham saído havia muito tempo da nossa aldeia, mas, desde o início do ano 2000, operários chineses da construção vinham vasculhando as montanhas em busca de matéria-prima. Eles extraíam minérios de cor escura, que eram armazenados e processados no quartel vazio.

"Alguém está à procura de emprego bem remunerado?", pessoas de uma nova empresa de construção perguntavam pela aldeia. Só aquilo deveria ter despertado a nossa desconfiança, porque os chineses geralmente pegavam os bons empregos para si, e nenhum deles trabalhava lá. Mas os nossos jovens precisavam desesperadamente de dinheiro. Então eles aceitavam e trabalhavam dia e noite, e, com freqüência, durante três turnos seguidos.

Nossos saudáveis rapazes logo se deterioraram, tornando-se inválidos. O ar empoeirado envenenava os seus pulmões. Eles tossiam terrivelmente. Seus corpos jovens estavam tão fracos e cadavéricos quanto os dos idosos, e o branco de seus olhos se tornou amarelo, pois seu fígado não conseguia expelir as toxinas com a rapidez necessária. Em pouco tempo, muitos deles ficaram incapazes de trabalhar nos empregos mais simples. Nem um sequer se recuperou.

Gradativamente, as empresas chinesas destruíram não apenas a aldeia, mas também a montanha que ficava atrás dela, explodindo-as em pedaços com dinamites.

E faziam isso 24 horas por dia. Os barulhos de explosão e batidas eram quase insuportáveis. Os copos tremiam sobre a mesa. Ao mesmo tempo, veículos de transporte atravessavam velozmente toda a aldeia, um após o outro.

Na sua ânsia de despojar a montanha das suas riquezas, os chineses valiam-se também de substâncias químicas. Repentinamente, certo dia, um fedor estranho veio descendo das montanhas. Os aldeões ficaram temerosos. "É venenoso", murmuravam entre si. Não demorou até que um dos rios secasse completamente, e assim a aldeia foi privada de mais uma fonte de vida.

Para onde quer que se olhasse, havia um terreno arrasado. "Perdemos tudo, nossas pastagens e nossos animais", lamentavam os idosos, "nossa paz e, agora, nossas montanhas sagradas também". Era praticamente

impossível permanecer. Muitos moradores fizeram suas mochilas e foram embora. Nós decidimos ficar.

As montanhas e a paisagem eram sagradas para nós. Pensei no meu avô, que tantas vezes arrancara os cabelos, angustiado. “Essa é a nossa terra. Como alguém pode destruir a própria casa dessa forma?”. Muitas pessoas só choravam baixinho e lamentavam a perda da mãe Terra, que alimentara, por séculos, os nossos ancestrais.

Eu olhava pensativa pela janela. Quando era criança, os prados floresciam com tulipas selvagens, ervas aromáticas e papoulas, até onde a vista alcançava. Pássaros e outros animais incontáveis viviam nos pinheiros e na vegetação. Para onde todos eles tinham ido? No verão, os fazendeiros cultivavam frutas e grãos em nosso solo fértil, e colhiam feno e palha para o gado. Em 2000, no entanto, muitos terrenos encontravam-se abandonados e infestados de ervas daninhas. Mal havia agricultores, porque o Partido Comunista aprisionara gente demais nos campos de concentração. Os chineses começaram a sua invasão fazendo investimentos, e a destruição veio logo em seguida.

Naquele mesmo ano, alguns amigos passavam entre si, clandestinamente, o famoso romance *O Crime*, do historiador cazaquistanês Kajikhumar Shabdan. “Leia isso”, Gulina sussurrou para mim, “e entenderá que existem duas histórias sobre o nosso país”. Uma, sobre o Turquestão Oriental, era a verdadeira, e a outra, inventada pelos chineses, dizia que Xinjiang sempre fora uma parte inseparável da China. Mesmo quando garotinha, eu tinha ouvido coisas assim e sempre presumira que havia um fundo de verdade nelas.

Para o meu assombro, li que os chineses tinham pendurado, numa ponte, a cabeça de um herói cazaque, como meio de dissuasão. Soube do colapso da república do Turquestão Oriental em 1933, quando Inglaterra, China e Rússia brigaram pelo poder no Turquestão Oriental — parte do chamado Grande Jogo. Dez anos mais tarde, em 1944, uigures, cazaques e outros grupos muçulmanos proclamaram uma república nova e independente do Turquestão Oriental em Ili, até que o presidente desapareceu de modo inesperado e misterioso.

Tínhamos acesso a apenas um pequeno vislumbre da nossa verdadeira história. O autor desse célebre romance passou mais de quarenta anos atrás das grades e depois foi solto por curto período, antes de morrer

na prisão de Tarbagatay, em fevereiro de 2011, martirizado por causa dos seus livros.

A oportunidade de fazer as pazes com o passado — de ser autocrítico, de passar anos explorando as suas causas ou de lamentar-se — uma oportunidade tida como certa num país livre, nos foi negada.

Uma eterna solteirona?

Em última análise, minha única alternativa era ser otimista. Caso contrário, eu ia me atrapalhar ou simplesmente gaguejar até ficar sem palavras, porque as autoridades estavam continuamente lançando obstáculos. "Você ainda será bem-sucedida", disse para mim mesma. Eu ainda era ocasionalmente assediada por uma voz que me questionava dentro de mim — mas eu a suprimia, focando no que era positivo.

Decidi que eu era, basicamente, muito sortuda, porque gostava imensamente do meu novo emprego com os estudantes cazaques. E, se eu não tivesse me requalificado para ser professora, nunca teria encontrado o meu marido, Uali. Em julho de 2002, freqüentei um curso de qualificação de quatro semanas, na capital da região de Gulja, aonde professores das onze divisões administrativas de Ili foram levados.

Muitos anos mais tarde, meu marido passou a amar contar, para os nossos dois filhos, a história de como nós nos conhecemos. "Eu estava com meus colegas no lado de fora do centro de qualificação, quando chegaram os carros trazendo os professores. Eu vi a sua mãe saindo do veículo, e foi amor à primeira vista. 'Quem é aquela mulher incrivelmente fascinante?', eu me perguntei".

Uali até se lembrava, com exatidão, das roupas e sapatos que eu estava usando. "Ela estava usando este vestido longo, estiloso e colorido de verão, e saltos nos pés. E o seu cabelo longo e preto brilhante caía soltinho até os seus joelhos...". Ele até se recordava da minha forma física. "Ela era magra e delicada, e o seu rosto era muito bem feito, com olhos amendoados...".

Eu, enquanto isso, não prestava atenção aos homens ao meu redor. Eu sempre tive a intuição de que morreria como uma mulher solteira. Não me via construindo uma família que fosse realmente minha: toda a minha energia era devotada para os meus pais e irmãos.

De todos os trinta professores da sala, entretanto, eu reparei no Uali. De alguma forma, pude sentir, na mesma hora, que ele era uma pessoa especial. A sua voz me soava estranhamente familiar, ainda que eu nunca a tivesse ouvido antes. E, quando olhei mais de perto, o que eu raramente fazia e sempre em segredo, notei também que ele era mais atraente do que os outros — relativamente alto, com um cabelo bastante preto e um rosto redondo e amigável. Ele usava uma jaqueta preta, uma camiseta vermelha, calça *jeans* e sapatos pretos. Durante o intervalo, ele enfiava uma pequena pasta retangular debaixo do braço, o que era algo bastante estiloso naquela época.

Quando o mês terminou, todos os professores retornaram para as suas respectivas escolas. No ônibus, Uali sentou-se perto de mim. Ele devia descer duas horas depois, mas permaneceu por quatro, até que eu chegasse na minha aldeia. Foi engraçado, pensei. Talvez ele tivesse algo para fazer lá.

Mas, naquela noite, ele ainda estava lá. E, na manhã seguinte, eu o vi novamente na aldeia, onde ele passou a noite com algumas pessoas que conhecia. Bem, é justo — era feriado. Mas ele me ligou de novo. "Você está aí? Podemos nos encontrar?".

"O que você ainda está fazendo aqui?", perguntei. Eu tinha certeza de que ele devia ter algum negócio na região. Por que outra razão ele estaria ali? Mas Uali tinha algo mais em mente — eu só não tinha percebido que ele estava interessado em mim, como mulher. Como colega, eu lhe desejava boa viagem pelo telefone.

De agosto em diante, ele me visitava toda semana. É óbvio que todos os aldeões estavam inquietos, assistindo a essa novela por meses a fio. Quando Uali estava comigo, conversávamos sobre coisas comuns, como nossos empregos e o trabalho com os alunos. Éramos, basicamente, muito parecidos. Ele era um cara honesto e solícito, que sempre dizia o que estava pensando. Mas eu ainda não sentia muito por ele, além de amizade.

Ao longo das semanas seguintes, fiquei muito ocupada com outras coisas, porque eu juntava o meu dinheiro com o do meu irmão Sawulet, a fim de renovar e ampliar a casa dos meus pais. Evidentemente, assim que um morador da nossa aldeia fazia alguma coisa nova,

os outros olhavam com curiosidade e tentavam fazer também. Ouviam-se marteladas e batidas em todo canto.

Quando o trabalho de construção foi concluído, colocamos móveis novos e eletrodomésticos modernos em todos os cômodos, inclusive *internet* e uma grande televisão de tela plana. A coisa toda demorou muito.

Foi só em dezembro que Uali tomou coragem e me contou que nutria por mim sentimentos mais profundos. Hoje, não posso deixar de rir quando penso em nós dois sentados ali, de frente um para o outro, os dois rígidos, com as bochechas ardendo.

Mesmo que então fôssemos tão íntimos e entendêssemos a mentalidade e o temperamento um do outro, a primeira vez em que ele me propôs casamento e educadamente apontou que nós dois já éramos adultos o suficiente, eu deixei escapar: "Então tenho que me casar agora, certo?".

Segundos depois, eu estava mordendo meu lábio inferior, desconcertada. E agora, qual era a decisão certa a tomar? Talvez ele estivesse certo. Muitos dos meus amigos já estavam casados e com filhos. E ele era, sem dúvida, um cara bacana. Depois que superei o choque inicial, dei uma risada e disse a ele que eu tinha que pensar melhor no assunto.

Eu sabia que a fábrica de boatos da aldeia já estava funcionando a todo vapor. Então por que eu ainda estava indecisa? Logo estávamos agindo como indivíduos comprometidos, aparecendo juntos nas festas e reuniões. Eu estava tão feliz naquela época! Costumava aumentar o volume do Modern Talking no meu quarto e simplesmente dançar. O que eu não sabia — embora quase todo mundo já soubesse — era que havia outras duas jovens interessadas no Uali. De forma independente, ambas começaram a conspirar contra mim, espalhando boatos de que em breve ele se casaria com uma delas, e não comigo.

A competição nunca termina

Beijar antes do casamento? Isso era impensável na nossa cultura! Os casais cazaques não se abraçam, nem se permitem tanta intimidade. Se tivéssemos, nos sentiríamos incrivelmente culpados e indecentes. O máximo que Uali e eu fizemos foi timidamente dar as mãos e imaginar o nosso futuro juntos.

Uma das jovens que queria nos separar era vice-prefeita. Tinha provavelmente cinco anos a mais do que eu, era bonita e oriunda de uma família muito respeitada. Uali, trabalhador, chamou a sua atenção no instante em que começou a dar aulas na sua cidade, Aksu, e rapidamente construiu a sua própria casa.

Durante esse tempo, ela tinha cozinhado para ele e lavado a sua roupa, sem nunca duvidar de ser a única e real candidata na parada. Afinal de contas, ela escrevia poesias, cantava e tinha muitos outros dons artísticos. Quem podia resistir a isso? Mas as coisas acabaram de um modo diferente do que ela tinha imaginado. Por meio de intermediários, ela me mandou uma mensagem de que eu deveria deixar o Uali imediatamente porque ela queria se casar com ele. Não respondi.

Não muito depois, uma conferência para professores aconteceu em outra cidade e nós duas comparecemos. Tendo nos esbarrado no auditório, começamos a conversar. "Acontece que ele já se comprometeu comigo", ela explicou com bastante naturalidade. Senti como se um terremoto estivesse me abalando por dentro, fazendo desmoronar um prédio atrás do outro. "Se isso é verdade, eu não vou impedi-lo", respondi, tentando desesperadamente controlar a minha voz trêmula e os meus ombros caídos. "Não sou do tipo que separa casais". A idéia de algo dessa natureza chegar ao conhecimento dos meus pais era impensável! Em toda a sua vida, meu pai e minha mãe nos instruíram que nós, meninas, deveríamos ser modestas e corteses. "Sempre reflita sobre o que está fazendo e pese cuidadosamente cada palavra". Nunca devíamos dar às pessoas a oportunidade de formarem uma opinião negativa a respeito de nós mesmas ou de nossa família.

Depois da conferência, nós duas nos despedimos, respeitosamente. Mas eu voltei irada para casa, furiosa com o Uali. "Se você gosta tanto dessa mulher, a ponto de prometer se casar com ela, precisamos terminar agora mesmo!". Ele sacudiu a cabeça, veementemente. "Não, não, isso não é verdade. Nunca escondi nada de você". Ele me explicou, hesitante, que realmente ela o ajudara com as coisas de casa, mas porque ela era como membro da família — e "não uma mulher que eu desejasse, como você". "Está bem", eu disse, mantendo a cabeça erguida, mas aborrecida com a alegria que transpareceu na minha voz.

Não muito tempo depois, eu estava no centro da cidade para resolver questões escolares e quis fazer uma refeição rápida num restaurante, antes de continuar. Eu mal tinha me sentado e começado a enrolar o macarrão no garfo, quando a minha outra rival — de cuja existência eu não fazia idéia — correu na minha direção. Ela era aluna de Gulja e seu rosto estava pálido de fúria. "Que tipo de jogo nojento você está fazendo? O Uali é meu noivo. Eu vou me casar com ele. Mantenha as suas mãos longe dele!".

Ela era uma garota alta, magra e muito bonita. Muito mais bonita do que eu. O seu cabelo, assim como o meu, era muito comprido e escuro, e escorria solto pelas suas costas. Era evidente, também, que ela tinha muita atitude. Muito mais do que eu.

"Quantas vezes preciso lhe dizer? Ele é meu! Deixe-o em paz ou os garotos vão lhe mostrar como as coisas funcionam". Ela apontou com a cabeça para um par de valentões de *jeans* e camiseta, posicionados perto da porta. Olhei em volta, cautelosamente. As outras pessoas do lugar estavam olhando para mim com interesse. Tentei agir como se o chilique dela não tivesse nada a ver comigo. Na verdade, eu estava extremamente assustada. O sangue pulsava forte nas minhas têmporas, mas fiz o possível para continuar a comer, levando o meu garfo muito calmamente até a boca, mastigando e não esquecendo de engolir.

"É melhor você sumir! Ou então meus amigos vão lhe dar uma surra...", rosnou ela, com uma mão no quadril e a outra atrás da cabeça. Outras garotas teriam saído correndo — mas eu não me intimidava tão facilmente. Eu era destemida. Meu pai me educou para ficar sempre calma, não importando as circunstâncias. Mas a minha compostura claramente fez o sangue dela ferver. "Por que você não está me escutando?". Ainda agindo de modo inteiramente impassível, continuei levantando o garfo até a minha boca e descendo... Até que ela, abruptamente, agarrou o meu prato de comida e o arremessou no chão, na presença de todos os clientes do restaurante.

Todo mundo tinha ouvido. Todos ficaram sabendo. Foi um momento estranho e doloroso. Estávamos num lugar público. Meu rosto deve ter ficado tão vermelho e brilhante quanto uma lâmpada de advertência. Todos me conheciam. Todo esse barulho, por causa de um homem! Enfurecida, agarrei a minha jaqueta e saí batendo os pés.

De volta para casa, ainda fervendo de raiva, sentei-me e escrevi uma carta para Uali, praticamente furando o papel com a caneta. “Qual o motivo daquela cena ridícula? Se você tiver alguma coisa a ver com essa garota, é melhor vir aqui imediatamente e esclarecer as coisas. Por ora está tudo acabado entre nós!”. As palavras ecoavam dentro de mim como um trovão, mas, interiormente, eu ainda estava louca de raiva. “Ele tinha que sofrer. Bem feito!”. Por causa dele eu tinha sido feita de idiota em público. E até onde isso me levou?

Nos próximos dias, fiquei esfregando as minhas mãos, imaginando o Uali atormentado pelo remorso e me implorando misericórdia. Mas ele não veio. Mais tempo se passou. Quanto mais eu tentava parar de pensar nele, mais obcecada ficava com esses pensamentos. O que eu deveria fazer agora? Eu continuava a pensar no seu belo rosto — não podia simplesmente deixá-lo ir embora.

Por que ele não tinha entrado em contato? Então, de repente, eu me dei conta: Eu queria aquele homem, e não outro. O ciúme correu como brasa pelas minhas veias. À noite, deitei-me bem acordada, meu coração batendo forte. Estava agitada, inquieta. Nunca tinha me sentido daquele jeito. Uali foi o primeiro homem com quem desejei estar, o primeiro com quem cogitei construir uma vida. Certamente o relacionamento não podia acabar daquela forma.

Eu estava desesperada para falar com ele, mas o meu orgulho não deixava. Continuei a pegar o papel onde estava escrito o seu telefone e a tirar o fone do gancho para discar o número, mas logo eu o largava, como se fosse uma batata quente. Por trinta dias, não trocamos uma só palavra, nem vimos um ao outro.

E então um menino com bolsos protuberantes apareceu na minha sala.

O mensageiro

O menino estava em pé, diante de mim, com um olhar suplicante no rosto. “Com licença, moça, há alguém lá fora querendo falar com você, por favor vá atendê-lo”. Não achei que fosse algo importante — certamente algum vizinho entediado — e então recusei. “Não, agora não, estou ocupada. Irei mais tarde”. Mas o menino, quase a ponto de chorar, deu um tapinha nos seus bolsos, abarrotados de alguma coisa.

"Por favor, moça, venha comigo. Ele disse que você precisa vir, ou vai querer todos os doces de volta".

Nisso eu senti pena dele e o acompanhei até a porta da frente, onde se via a cabeça do Uali, bisbilhotando e rindo.

"Vim para pedir desculpas", ele alegou, enquanto eu ainda caminhava na direção dele. "Fiz tudo como você queria!".

Embora interiormente eu estivesse jubilosa, levantei as sobrancelhas com indiferença, mantendo a cabeça erguida. Uali, desconcertado, pôs-se a confessar. "Sim, eu conhecia aquela garota, e sim, eu a vi algumas vezes, mas nunca demonstrei nenhum interesse sério por ela". Quanto mais eu erguia o meu queixo, mais rápido as palavras caíam da sua boca. "Não havia absolutamente nada acontecendo com aquela garota, mas falei ainda mais claramente com ela. Por favor, me perdoe!".

Aquele homem, tentando nervosamente encontrar as palavras certas, tinha tudo o que eu queria. Um bom emprego, bom caráter — e, sobretudo, era uma pessoa tão amável... Pretendentes muito mais prestigiosas do que eu desejavam tanto se casar com ele que ainda continuavam a persegui-lo. Como eu poderia deixar que um cara tão bacana fosse arrebatado por outra pessoa? Gradualmente o meu rosto se suavizou e os meus olhos começaram a brilhar de alegria. "Tudo bem, vamos nos casar", falou a minha boca, aparentemente por conta própria.

Já tínhamos perdido tempo demais. Uali e eu tínhamos nos conhecido em julho de 2002, mas nosso casamento só foi acontecer em junho de 2004. Deve ser verdade que as mulheres, de forma subconsciente, geralmente buscam homens parecidos com os seus pais. Uali e meu pai tinham muito em comum. Calmos e sensatos, eles eram meus melhores conselheiros e apoiadores mais fiéis. Mas, enquanto o meu pai viveu, ele foi o confidente mais próximo que tive: com a sua ajuda, superei toda sorte de problemas.

Quando os planos para o casamento se complicam

Obviamente, os meus pais — como qualquer outra pessoa — já sabiam há muito tempo que Uali estava interessado em mim e deviam estar secretamente torcendo as mãos, perguntando-se por que ele estava

demorando tanto para fazer uma proposta. Eu era muito obstinada, também, e eles não tinham certeza da decisão que eu iria tomar. Então eles apenas deixaram as coisas acontecerem no seu curso normal e resolveram esperar.

O casamento cazaque é uma cerimônia muito longa e complexa, que consiste em várias celebrações. A noiva nunca se dirige diretamente aos seus pais e fala dos seus planos; portanto, enviei a minha cunhada para falar com eles. Somente então é que Uali informou aos seus parentes, que foram visitar a minha família.

Um dos meus irmãos falou entusiasticamente durante o encontro porque, por acaso, ele conhecia o Uali. "Ele é realmente ótimo, um cara honrado. Tenho certeza absoluta de que ele dará muita felicidade para a nossa querida irmã". Depois disso, todos imediatamente aprovaram a minha escolha, acertaram o dote nupcial e o dia do casamento, e fizeram um brinde.

Quando o assunto é casamento, dinheiro não é problema para os cazaques. Se falta dinheiro, faz-se um empréstimo. As duas famílias pagaram o seu quinhão e fizeram os próprios preparativos. Depois de quinze ou vinte dias, toda a grande família do Uali nos fez outra visita. Como presente do noivo para os meus pais, eles nos deram um pequeno e deslumbrante cavalo marrom cor de ferrugem, com o cabresto decorado com fofas penas brancas de bufo-real e as orelhas em pé. Nosso compromisso foi oficialmente anunciado e novamente celebramos com comida, música e dança.

Poucas semanas depois, os pais do Uali organizaram a próxima festa de casamento na sua aldeia. Pessoalmente, eu não era autorizada a participar, apenas meus parentes e amigos. A família do noivo e seus conhecidos o presentearam com dinheiro, televisores e utilidades domésticas que lhe facilitariam a transição para a vida conjugal.

Finalmente, na casa dos meus pais, eles começaram a fazer os preparativos para a minha partida: centenas de amigos e parentes deviam ser convidados. A noiva sempre se mudava para ficar com o seu futuro marido. Se acontecesse o inverso, o homem seria alvo de risadas e chamado de fracote.

Foi uma despedida longa e triste.

Adeus

A despedida da noiva, em 19 de julho de 2004, foi tão grande quanto a própria festa de casamento. Naquele dia, usei um vestido branco bordado com gavinhas e flores ornamentais. Celebramos na companhia de 400 ou 500 convidados, além da nossa nova família, no jardim dos meus pais.

Muitos cavalos, cordeiros e outros animais foram abatidos para a ocasião: as mesas afundavam sob o peso dos pratos luxuosos. Durante toda a festa, os convidados cantaram músicas tradicionais, fizeram discursos e recitaram poemas. Para a noite, alugamos também um grande local. Era principalmente para os jovens comerem e dançarem, mas os meus pais e sogros, radiantes, participaram também.

Quando tudo acabou, pude passar mais alguns dias em casa. Toda manhã a mesa era preparada e outros conhecidos e parentes vinham pessoalmente me cumprimentar.

Na última tarde antes de eu deixar a aldeia, estávamos todos profundamente reflexivos. Como os meus pais, eu tinha certeza, sem qualquer sombra de dúvida, de que eu ficaria para sempre com eles. No dia seguinte, porém, eu iria embora. Permanentemente. O clima era melancólico. O único consolo dos meus pais era que o meu irmãozinho, Sawulet, queria morar com eles.

Na última cerimônia de despedida, as lágrimas escorriam de todos os rostos. Enquanto os músicos tocavam e cantavam longas melodias, os convidados me entregaram seus últimos presentes para o nosso novo lar. Minha voz estava mais alta do que o normal; eu falava mais rápido e minhas pálpebras estremeciam. Gulina, que já era casada havia algum tempo, apertou forte a minha mão. Enquanto isso, minha mãe continuava a perambular, agitada, para cima e para baixo, conferindo se eu ainda estava lá. Ela queria curtir a minha presença o máximo possível. A idéia de me deixar ir embora estava pesando no seu coração, e eu também andava cabisbaixa e deprimida.

Na manhã seguinte, ainda bem cedo, Uali e seus parentes me levaram até a casa dos pais dele, em Aksu, seguidos por um longo comboio de carros. A tradição prescrevia que o meu pai devia estar em casa. Para que ele não se sentisse tão solitário, uma das minhas irmãs mais novas

lhe fez companhia. Apenas a minha mãe e os meus outros irmãos e irmãs seguiram no cortejo, atrás de nós. Fechando a fila, havia um caminhão carregado com os meus dotes.

"Não passará muito tempo e logo estaremos juntos, como um casal normal", pensei, cheia de expectativas. Contudo, ainda se passariam muitos dias terríveis, antes da nossa noite de casamento.

O casamento em si

Durante o trajeto de quatro horas, em 26 de junho de 2004, as montanhas, árvores e vegetação gradualmente ficaram para trás e a terra ficava cada vez mais plana, árida e estéril. O verão em Aksu era mais quente que o nosso. Eu já estava familiarizada com a área, por causa de visitas anteriores, pois muitos parentes da minha mãe moravam por ali.

Estacionamos fora da casa dos pais do Uali. Já havia uma multidão reunida ao redor das mesas belamente decoradas, posicionadas no grande quintal. Em vista da minha chegada, minha sogra tinha aquecido no fogo alguma gordura animal, para que pudesse me felicitar tocando no meu rosto com as mãos engorduradas. Eu sorri, porque isso significava que eu era bem-vinda e seria tratada bem pela família.

Finalmente, chegou o dia do casamento propriamente dito. Usei um vestido longo e vermelho, para ressaltar os meus quadris magros. Minha cabeça estava coberta com um chapéu igualmente vermelho, pontudo como o de uma feiticeira, adornado com pele de castor, sua altura simbolizando a pureza da noiva. Um véu cobria os meus olhos delineados e o batom vermelho. Uali, por sua vez, vestia um terno azul de veludo, bordado com temas faunísticos. Estávamos apaixonados e encantados um com o outro, como personagens de um conto de fadas.

O último verso da música ainda ecoava quando o músico parou de tocar a sua dombra. Borboletas esvoaçavam no meu estômago, quando me ajoelhei diante do meu esposo, imaginando os seus ancestrais, enquanto os meus parentes se curvavam em toda a nossa volta. O cantor cuidadosamente ergueu o véu do meu rosto, usando uma vara comprida.

A festa começou com a nossa primeira dança como recém-casados e a noite foi intercalada com performances, danças em grupo, jogos e competições. Por volta das 2h da manhã, todo mundo se lançou

na música, enquanto nossos parentes nos acompanharam até a casa. Era uma prática comum, mas, naquela noite, a nossa organização foi pouco usual.

Os noivos não estavam autorizados a ficarem juntos até que todos os convidados tivessem ido embora. Como as minhas irmãs e os meus parentes estavam passando a noite na casa dos pais do Uali, dormi com eles no mesmo cômodo e a nossa noite de núpcias teve que ser adiada. Para ser honesta, não fiquei muito chateada com isso, porque eu estava exausta e adormeci assim que a minha cabeça tombou no travesseiro.

Hoje, olhando a foto de casamento tirada na fronteira da aldeia dos meus pais, mal consigo acreditar. Nós dois éramos tão jovens, tão atraentes e felizes, e ali estávamos, de mãos dadas, de frente um para o outro. Ao fundo, as montanhas Tian Shan e uma vasta extensão de pasto.

Não tínhamos noção de que celebrações tradicionais como aquela seriam proibidas em breve.

Complicações

Como noiva, era meu dever acordar primeiro, preparar o café-da-manhã para todos os convidados e lhes servir um chá. Do nada, a minha sogra começou a gritar da cozinha. "Sayragul! Venha rápido! É uma ligação importante da sua casa". Havia tanta angústia na sua voz, que me fez embrulhar o estômago.

Agarrei o telefone, mas não consegui entender quase nada do que minha irmã falou, porque a sua voz estava muito embargada por lágrimas. "Nosso pai caiu no chão, o corpo dele está se contorcendo todo...!". Na noite anterior, a nossa melhor vaca leiteira tinha sido encontrada morta no chão. E o cavalo marrom cor de ferrugem — meu presente nupcial —, bem como o meu cão, tinham desaparecido. Meu pai ficou tão impactado que sofreu um AVC na mesma noite. Sua face estava paralisada; sua cabeça, torcida para um lado.

A notícia se lançou sobre nós como uma raposa num galinheiro. Minha família correu para casa, sem sequer esperar o café-da-manhã. Eu queria ir com a minha mãe, mas a nossa cultura proibia: Uali e eu não poderíamos visitar a minha antiga casa, até que recebêssemos um

convite oficial dos meus pais e eles tivessem abatido um cordeiro para a ocasião. Se não cumpríssemos as regras, resultaria em azar para todos nós.

Geralmente, aderir à convenção nos ajudava a lidar com situações imprevisíveis; mas, nesse caso, tudo estava às avessas, e Uali e eu estávamos, miseravelmente, presos na casa dos pais dele. "Sei que é uma situação muito difícil para você, Sayragul", admitiu o meu sogro. Ele nos deixou dirigir até a casa do Uali, que era mais perto da aldeia dos meus pais.

"Pelo menos vocês estarão juntos, e dali será mais fácil conseguir notícias dos seus familiares", alegou minha sogra, tentando me consolar.

Eu estava tão perturbada que uma noite de núpcias ou um beijo romântico estavam fora de questão, mesmo estando na casa do Uali. Na manhã seguinte, o meu irmão Sawulet parou por um instante de carro e assim pude ver o meu pai antes de ele ser levado ao hospital. Com a face parcialmente paralisada, ele se esforçava para me dizer alguma coisa, mas tudo o que saía eram lágrimas e ruídos incompreensíveis. Angustiada, passei os meus braços em volta dele, e choramos amargamente. "Muito bem", interrompeu Sawulet. "Agora você precisa ficar na sua própria casa. Havendo notícias, nós lhe daremos mais tarde".

Dias depois, outro irmão me contou "Eles não conseguem desvendar o que causou isso". Comecei a me sentir ainda mais ansiosa. Novamente, o telefone tocou. Eu estava aguardando notícias sobre o meu pai, mas, em vez disso, disseram-me que agora a minha mãe também estava seriamente doente. "Como posso ajudar? Não posso ficar sentada em casa, vendo o tempo passar". Uali e eu trocamos olhares desesperados.

Concordamos que a minha irmã mais velha levaria a minha mãe para a 27ª Divisão Clínica da Bingtuan, conhecida por ter bons médicos. No caminho para lá, ela me buscou. Minha mãe, ao menos, foi capaz de conversar comigo no carro, mas não tinha forças para ficar em pé. "Meu corpo inteiro está entorpecido", ela suspirou, com a voz fraca.

Toda a equipe da clínica era chinesa, mas, felizmente, a minha irmã — que estudara com um dos médicos — tinha um bom relacionamento com eles, então nos trataram como todo mundo. Minha irmã ficou durante duas semanas, até que tudo estivesse resolvido, mas voltei de carro poucos dias depois, assim que minha mãe foi capaz de ficar em pé.

Minha cabeça estava girando, assim como a do Uali. Ainda não éramos realmente marido e mulher, nem estávamos autorizados a nos beijar, porque nossa cerimônia de casamento ainda não tinha se completado. Meus parentes vieram com a solução que nos salvou. "Dê um pulinho em Aksu e se case uma segunda vez!". Dito e feito. Mais uma vez, chamamos nossos convidados e preparamos um banquete.

Agora, meu irmão tinha chamado um veterinário para examinar a vaca leiteira que morreu. "Talvez alguém a tenha envenenado durante as celebrações de casamento", Sawulet refletiu. Mas, para a surpresa de todos, o jovem animal, sempre saudável, morreu vítima de um ataque do coração. Então Sawulet a enterrou atrás da casa. O cavalo e o cão, por outro lado, continuavam misteriosamente desaparecidos.

É possível que alguém tenha tirado vantagem da situação e roubado o cavalo, já que praticamente toda a família estava ausente, no casamento; o cão pode ter corrido atrás. Mas a vaca morta e os meus pais doentes eram coincidências bem estranhas. Eu não conseguia explicar.

Meu pai sofreu um segundo derrame no hospital. Quando voltou para casa, já não era o mesmo, então recorremos a um curandeiro tradicional, que ajudou os meus pais a ficarem de pé. Já era alguma coisa.

Ansiedade sem limites

Uma vez que eu ainda não tinha permissão para visitar o meu pai e a minha mãe — embora eu os visse fora da casa — meu pai decidiu resolver o problema. "Vamos abater um cordeiro e convidar vocês aqui, como manda a tradição". Depois da refeição, eu estava autorizada a voltar lá sempre que quisesse, sem formalidades.

Tudo enfim parecia estar no caminho certo, então Uali e eu, em Aksu, tentamos trocar um beijo — mas fomos interrompidos pelo telefone tocando novamente. Já estava escuro lá fora. Agora, era a minha mãe na linha. "Volte correndo, a sua irmã sofreu um acidente terrível". Quando contei ao meu marido, ele me olhou incrédulo. Estranhamente, apesar de todos os infortúnios que pareciam estar se acumulando à minha volta, ele nunca duvidou de que eu era a mulher certa para ele.

Minha irmã de 16 anos, que interrompera os seus estudos e voltara para casa por causa do nosso casamento, estava inconsciente na

cama. Ela estava na rua, pilotando a sua lambreta para tratar de um assunto rápido, quando um carro arrancou metade do seu calcanhar. Aparentemente, o motorista não a viu. As próprias testemunhas da cena levaram a garota gravemente ferida para casa.

Na mesma noite, minha mãe, Uali e eu levamos de carro a minha irmã, agora gemendo de dor, para o hospital da região. Os médicos balançavam a cabeça, com tristeza. "Teremos que amputar uma parte do pé dela. Ela vai andar com dificuldade, durante o resto da vida". Minha irmã, perplexa de medo e dor, deu um grito: "Minha vida acabou!".

"Não, não, tudo ficará bem", dissemos a ela, e decidimos obter uma segunda opinião.

Na *internet*, encontrei um cirurgião chinês situado em Nanjing, segundo o qual ela provavelmente precisava de outro procedimento; mas queria examiná-la o quanto antes. Não tínhamos que pagar nada para trazê-lo até lá, mas, se ele executasse o procedimento, os custos chegariam a 20 mil yuan. Juntamos nosso dinheiro.

Logo no dia seguinte, o médico chinês pegou um vôo para Gulja e esperou por nós no hospital de lá. "Com um pouco de sorte, ela será capaz de caminhar novamente", ele declarou após avaliar a situação. Mas não poderia garantir. Enquanto Uali e minha mãe voltaram dirigindo, fiquei ao lado da cama da minha irmã.

De volta para casa, o meu marido estava resolvendo algumas formalidades junto às autoridades de Aksu, para que eu pudesse lecionar na mesma escola que ele. Depois de todo o estresse e agitação, eu tive apenas cinco dias para relaxar, antes de começar no meu novo emprego. Uali era o vice-diretor, enquanto eu trabalhava sob a sua direção. Nosso trabalho ficava a apenas dez minutos a pé da nossa casa.

Tendo passado mais de duas semanas desde o nosso casamento e uma cachoeira de eventos desafortunados, pela primeira vez nos achamos sozinhos e tranqüilos. Foi no dia 10 de julho quando nós finalmente nos sentamos à mesa e conversamos por um longo tempo. Depois, nos abraçamos bem forte e nos beijamos, nos comportando, pela primeira vez, como felizes recém-casados. Desde o comecinho, Uali provou ser um marido incrivelmente carinhoso e gentil. Estávamos ambos prontos para nos dar totalmente um ao outro.

Um mês depois, minha mãe me chamou para pedir um favor. "Você daria uma carona para a sua irmã até o hospital, para ela fazer um *check-up*?".

Essa viagem acabou tendo um efeito profundo na minha vida.

Um encontro misterioso

Encomendei uma minivan para o percurso, para que a minha irmã pudesse se deitar no fundo, ocupando quatro assentos. Sentar-se ainda era impossível. Minha irmã, que antes era uma garota animada, sempre tagarelando alegremente sobre alguma coisa, tinha se tornado arredia desde o acidente.

Quando ela falava, entretanto, sempre fazia a mesma pergunta: "O que vai acontecer comigo agora? Vou ficar deficiente, não vou conseguir achar um emprego e serei um fardo para todo mundo". Ela sempre tinha sido magra, mas agora era como se o próximo golpe de vento fosse soprá-la para longe. Ela se deitou no banco traseiro, com uma expressão miserável.

Sentei-me na frente da janela, deixando, ao meu lado, um assento vazio. Ao longo do caminho, outro cazaque entrou: tinha entre quarenta e cinqüenta anos de idade; seus cabelos e olhos eram de um preto intenso e o seu rosto, sábio e sagaz como o de uma coruja. A paisagem lá fora passou em silêncio até que, um tempo depois, senti os olhos do homem sobre mim, como um dedo sobre a pele. Voltei-me para ele, resolutamente. "Você me conhece?".

Ele me avaliou e então respondeu: "Parece que você se casou recentemente e agora está tendo todo tipo de problemas na casa dos seus pais. É porque, quando você se mudou, levou embora toda a energia e toda a força consigo". Engoli seco. Ele continuou, placidamente. "Você sempre foi o epicentro daquela casa. Sem você, ela perdeu toda a estabilidade. É por isso que todas essas coisas ruins estão acontecendo".

Eu olhei para ele, meus olhos arregalados. "Como sabe disso tudo? O senhor é um curandeiro ou adivinho?". Eu estava sem tempo para mágica ruim, mas era óbvio que o homem era diferente — que ele possuía dons especiais. Sem pensar duas vezes, contei a ele sobre o acidente da minha irmã e que ela precisava ir ao hospital para realizar exames uma vez por mês. Perguntei a ele: "Minha irmã voltará ao normal?".

O desconhecido misterioso fechou os olhos e inclinou-se para trás, gemendo levemente, como se estivesse enxergando algo sinistro. Então ele se inclinou para frente de novo e abriu as suas pálpebras pesadas. "Sua irmã será curada, mas isso vai levar bastante tempo. Ela começará uma família e será feliz".

Profundamente comovida, pedi a ele mais conselhos. "O que posso fazer para trazer a situação na casa dos meus pais de volta ao equilíbrio?". Novamente ele fechou os olhos, antes de dar uma resposta. "Na próxima vez que visitar os seus pais, entrará com um sorriso e os deixará com um sorriso". Ele fez uma breve pausa, para deixar as suas palavras caírem fundo.

"Se machucarem você, esconda deles a sua dor. Mesmo que lhe tenham feito algo terrível, não guarde ódio no coração. Se conseguir fazer isso, será forte e capaz de resistir a qualquer dificuldade". Após um tempo, ele acrescentou: "Você deveria cuidar de si mesma. Não acompanhe sempre a sua irmã. Você não está sozinha, há duas de vocês".

Confusa, olhei para ele. O homem baixou a cabeça e, pela sua postura, eu poderia dizer que terminara de falar. Ele desceu da minivan na parada seguinte. Quatro dias depois, descobri que estava grávida, aos 28 anos. Foi a melhor notícia que Uali e eu recebemos! Estávamos inacreditavelmente felizes. Tudo o que o homem previu se tornou realidade. Minha irmã mais nova de fato se recuperou, mas demorou dois anos para caminhar novamente. Ela tem um bom emprego e um bom marido, além de duas crianças.

Depois daquele encontro, tentei ser mais despreocupada com as coisas. Antes, se um funcionário chinês tentasse me repelir — "Volte amanhã, estamos atendendo aos requerimentos dos chineses primeiro" — eu ficaria uma fera. Não teria deixado a situação passar. Da mesma forma, quando alguém próximo a mim estava triste, eu logo sentia a mesma dor.

Dali para a frente, procurei sorrir ainda que fosse maltratada. Escondi, da minha mãe soluçante, a dor da despedida e lhe disse: "Então até mais, voltarei em breve". Isso fez bem para mim.

Pode parecer esquisito, mas, sem esse conselho para me guiar, eu nunca teria suportado o que me aconteceu nos anos seguintes.

O vislumbre de um futuro radiante

Nossa casa de tijolos ficava no centro da cidade, numa rua bem perto de um bazar. No verão, o calor era como se houvesse um forno debaixo daquele telhado vermelho de zinco, mas, no inverno, não ficava muito gelado, mesmo quando a temperatura lá fora despencava para -24 graus. Às vezes, Uali e eu acendíamos vários fornos de carvão, para aquecer os três quartos. No lado de fora da casa, havia um quintal bem grande e, atrás dele, um belo jardim, com macieiras e um riacho, perto do qual plantamos verduras.

À medida que minha barriga crescia, cada vez mais redonda, Uali e eu fazíamos planos para o futuro. "Quando tivermos filhos, daremos a eles uma vida melhor do que tivemos". Ambos concordávamos nisso.

Um casal trabalhador de uma minoria muçulmana não era autorizado a ter mais do que dois filhos — era lei na China desde 1992. Os próprios chineses só podiam ter um único filho, o que despertava inveja em muitos deles. "Não é justo! Como os nativos podem ter mais filhos do que nós?". Naqueles dias, a proporção de chineses na região, apesar do programa migratório de Pequim, era de apenas 20%. Não muito alta. Hoje, a estimativa é de quatro vezes isso.

"Sim, vamos trabalhar duro. No futuro, abriremos um negócio e ganharemos muito dinheiro". Esfreguei as mãos, contente. Com mais de 500 mil habitantes, Aksu era um lugar excelente para os negócios. Diferente de outras grandes cidades, aquela possuía uma boa infra-estrutura, os prédios municipais eram muito bem construídos e organizados.

Em 19 de abril de 2005, senti uma forte pontada no abdômen. Só a minha mãe entrou comigo na sala do hospital: meus irmãos e irmãs, bem como meus sogros, esperaram com Uali no corredor, nervosos. Foi um parto complicado. Durou quase trinta horas e, no fim, eu estava exausta e banhada de suor.

Durante o trabalho de parto, minha mãe deu um pulo no corredor para dar notícias aos meus numerosos parentes. Mas, na vez seguinte, ela simplesmente bateu palmas, dizendo "Vão para casa, ainda vai demorar um tempo!". Eles mal deixaram o lugar e uma antiga tradição cazaque de repente estalou na sua cabeça. "Se alguém vai para casa durante o nascimento e retorna depois, precisa deixar algo pessoal para trás.

Caso contrário, um acidente acontecerá". Imediatamente, ela correu lá fora para trazer todo mundo de volta, mas, naquela altura, um dos meus irmãos já estava na estrada. "Onde ele está? Traga-o de volta!".

Como ele havia desligado o telefone, não viu a ligação da minha irmã até que chegou em casa, duas horas depois, já pendurando a sua jaqueta no cabide. "Volte correndo!". Atordoado e ansioso, ele coçou a cabeça. "Por quê? Você acabou de me mandar para casa!".

"Apresse-se!", ordenou a minha irmã, sem dar muita explicação. Meu irmão mais velho teve certeza de que algo terrível tinha me acontecido, então reassumiu o volante, em lágrimas, e voltou a toda velocidade. Ele imaginou que eu estava morrendo e ficou desesperado para me ver antes do meu último suspiro.

Aflito, ele entrou correndo no hospital, onde os outros imediatamente o tranqüilizaram. "Apenas deixe algum item pessoal para trás e pode voltar dirigindo para casa".

"Não, não, eu sei que alguma coisa aconteceu. Vocês estão mentindo, não estão me falando a verdade. Preciso ver a minha irmã". Todos tentaram acalmá-lo. "Está tudo bem! Nós só o chamamos de volta por causa da tradição". No fim, ele caiu na gargalhada, entregou o seu relógio na mão da minha mãe e voltou para o carro.

"Gostaríamos de fazer uma cesárea", os médicos sugeriram, mas minha mãe nutria sérias reservas e me encorajou a continuar empurrando. "É melhor não deixarmos — o parto deve ser normal". No momento em que o meu irmão mais novo estava abrindo sua porta da frente, duas horas depois, a minha filha nasceu. Sem precisar de cirurgia. Então ele voltou para o carro e pisou fundo no acelerador.

A família inteira estava reunida, feliz com o nascimento da pequena Ukilay. 20 de abril foi o mesmo dia em que minha mãe nasceu, 56 anos atrás. Não nos importávamos se era menino ou menina, apenas que era uma criança saudável. Gulina deu à luz a sua filha no mesmo dia também, embora ela tivesse se casado dois anos antes do que eu. Durante vinte anos, Gulina e eu fomos gêmeas em espírito.

Hoje, evito ter qualquer contato com a minha melhor amiga, porque não quero que a minha presença na sua vida a ponha em perigo mortal.

CAPÍTULO 3

Bocas caladas com fita adesiva

Mãos que sufocam nossa garganta

A oeste, operários já haviam lançado as bases para um complexo de edifícios. Estávamos construindo uma pequena fazenda, na esperança de ganhar a vida criando animais. Mais tarde, Uali e eu compramos um pedaço de terra adicional, de um lugar vizinho. Quando Ukilay tinha cerca de dois anos, possuíamos quatro cavalos, trinta cordeiros e quatro cabeças de gado.

Nossa produção conquistou muita popularidade nos mercados. Comerciantes nativos e chineses alertavam igualmente os seus amigos e parentes contra a aquisição de produtos feitos por empresas chinesas, fosse comida, roupa, sapatos ou outros itens. "Por quê?", perguntamos primeiro, confusos. "Os produtos chineses contêm substâncias químicas venenosas ou plastificantes que causam danos duradouros no fígado, provocam doenças e infertilidade", todos nos contavam. Era por isso que os chineses ricos preferiam comprar, para si e para os seus filhos, produtos da Europa ou da Turquia.

Os negócios iam bem e o nosso próximo passo era abrir uma loja de roupas infantis numa aldeia vizinha, contratando um assistente de vendas. Na própria localidade de Aksu, já existiam lojas parecidas — a competição era acirrada demais. Na aldeia, porém, fomos bem recebidos pelas famílias com filhos.

Ano a ano, aumentávamos os nossos ganhos. Na primavera, eu me divertia organizando e apresentando o festival cazaque *Nauryz*. Meu pai compôs músicas, e um dos meus irmãos músicos lançou um CD que fez sucesso.

Minha família estava feliz, mas as relações entre os uigures e os chineses estavam cada vez mais tensas. Os cazaques da região eram

mais moderados; não havia revolucionários entre nós, de modo que Pequim não podia rotular muitos de nós como inimigos islâmicos do Estado. Ainda assim, eles estavam visivelmente asfixiando todos os muçulmanos do Turquestão Oriental. Em 2006, Pequim promulgou uma nova legislação, com a qual estabeleceram o sistema "bilíngüe", o que foi um desastre para todos nós. Antes, pessoas nativas — especialmente do interior — falavam apenas a sua língua materna. Não entendiam nada do chinês.

Mas, sob a nova lei, 80% de todas as contratações escolares tinham que ser de pessoas chinesas. As providências deviam ser tomadas imediatamente. Se, por exemplo, elas anunciassem vinte novos empregos, automaticamente dezoito seriam para os chineses e apenas dois para nós, muçulmanos. Na verdade, não demorou até que praticamente 100% dos professores fossem chineses, assim como os demais trabalhadores do setor público.

Na nossa escola, um prédio de muitos andares, com um grande pátio, quase mil crianças foram impactadas por esse decreto tão abrangente. Até então, quase 97% dos alunos eram cazaques, sendo o restante uigures e dunganes muçulmanos. Não havia uma só criança chinesa.

De uma hora para outra, numerosos professores nativos, com muito tempo de profissão, viram-se no olho da rua, inclusive acadêmicos e escritores, que precisaram ganhar a vida como agentes de segurança. Aos professores mais jovens, o governo ofereceu um treinamento — mas custava dinheiro e levava alguns anos até que um morador local estivesse apto a ensinar chinês como uma disciplina. Aqueles que superavam essa barreira eram, dali em diante, autorizados a apenas ensinar naquela que, para eles, era uma língua estrangeira.

Uali e eu debatíamos essa catástrofe todos os dias com outros professores nativos. "Onde isso vai parar?". A legislação afetava não apenas o nosso futuro, mas também o de todos os nossos filhos. Até agora, as famílias vinham falando em casa, naturalmente, a sua própria língua. "Será que os nossos filhos esquecerão, em breve, a sua cultura e a sua identidade? Isso porventura os tornará chineses?", algumas mães se questionavam, dando voz à preocupação de todos os presentes.

"Somos todos uma só nação", era a ladainha dos oficiais do Partido. Numa viagem de negócios a Ürümqi, Uali reparou num pôster

que lhe chamou a atenção. Exposto num corredor, ele discriminava a demografia da nossa região, separando-a por grupos étnicos. No primeiro lugar da lista estavam 17 milhões de uigures, seguidos por 3 milhões de cazaques.

Atualmente, Pequim geralmente afirma que há 11 milhões de uigures e 1,2 milhão de cazaques. O que aconteceu aos outros milhões? Seguindo uma política cruel de assimilação, o governo fez inúmeras pessoas desaparecerem e transformou uma região colorida e diversificada num estado chinês homogêneo.

As crianças não param de chorar

Durante esse período, minha mente freqüentemente se desviava para o meu avô, que tinha descrito as atrocidades cometidas por Mao. Às vezes eu sentia um calafrio descer pela espinha. Dessa vez, eu pensei, as coisas provavelmente seriam muito piores do que antes. Mas o Partido ainda estava tentando nos convencer de que tudo era para o nosso próprio bem. Ninguém na província seria deixado para trás. Todos teriam um lugar para dormir e comida suficiente para comer.

"Ensinem as crianças a amar o Partido!", nossos chefes nos instruíam. Logo nossas criancinhas tinham que carregar para a escola tantos livros chineses que mal podiam levantar as suas mochilas. Em regiões como a nossa, onde ainda havia mais professores cazaques, dávamos, pelo menos, uma aula por semana em nossa língua, mas logo tivemos que interromper isso também.

Não ajudava o fato de que o Partido sobrecarregava as crianças com tanto dever de casa que, às vezes, tinham que ficar acordadas até 1h da manhã. Como esperar que elas conseguissem? Não falavam sequer uma palavra em chinês, mas os livros e tarefas eram todos impressos nessa língua de caracteres estranhos. Era particularmente difícil para as famílias comuns, que moravam em áreas rurais, porque os pais tampouco entendiam chinês. A pressão exercida na escola era tão intensa que o comportamento das crianças estava cada vez mais transtornado.

Em sala de aula, eu tinha que ensinar alunos de seis a treze anos de idade completamente exaustos, desalentados e atacados por crises de choro. A cada dia, havia novas letras e novas palavras para aprender,

sempre mais rápido... Era o bastante para enlouquecê-los. Apenas imagine uma classe onde a maioria dos 36 a 40 alunos passam todo o tempo chorando de desespero. Era duro para mim como professora, porque eu mesma estava perto do meu próprio limite e não tinha noção de como ajudá-los a prosseguir.

Fiz o que pude para reconfortá-los todos os dias. "Esses tempos ruins irão passar, não se preocupem. Vão conseguir aprender tudo, vocês conseguem!". Enquanto isso, os mesmos problemas estavam acontecendo no mundo dos adultos. Toda a nossa comunidade estava sob uma enorme pressão.

"Talvez devêssemos emigrar para o Cazaquistão", Uali e eu continuávamos a cogitar. Mas, em 2006, as pessoas nativas já não podiam se mudar livremente para outro país. Anteriormente, os pais podiam levar os seus filhos usando o próprio passaporte. Agora, porém, as crianças deviam ter o próprio documento, mas os funcionários viviam atrasando a emissão. Conseguir um passaporte para criança era um processo difícil.

Um novo curso de qualificação

Rapidamente ficou óbvio que o governo estava interessado não apenas nas habilidades lingüísticas dos seus professores de chinês, mas em substituir os nativos pelo seu próprio povo. Fui afetada diretamente.

Fui chamada para conversar com o diretor. "Sei que você já é qualificada como professora, mas não pode continuar a trabalhar aqui porque, na verdade, você é médica. Caso deseje ficar, deverá fazer outro curso de qualificação".

Essa mudança na lei me forçaria a passar dois anos num instituto pedagógico em Ürümqi, a cerca de 1.000 km de distância. Fiquei a ponto de explodir. Eles vão me separar? Da minha filha, ainda pequena? Nunca! Desviei o meu rosto rapidamente, para que ele não visse o quão terrivelmente aquela notícia me afetara.

Que espécie de mãe deixaria, de boa vontade, a sua filha de menos de dois anos para trás, sozinha, num mundo frio e impiedoso? Ukilay necessitava de proteção, cuidado e a profunda devoção de uma mãe amorosa. O pensamento de ser afastada da minha filha pequena quase

partiu o meu coração. E, de qualquer forma, como eu pediria a Uali para carregar nos ombros ainda mais responsabilidades? A fazenda, a loja — ambas precisavam de alguém no comando.

Pelo menos a nova lei não afetou o meu marido, que já era professor de formação. E eu estava empregada de forma permanente, então a escola concordou em continuar pagando o meu salário enquanto eu estava longe — embora eu ainda estivesse inconsolável. "Como eu poderia viver sem a minha pequena Ukilay?". Cobri o meu rosto com as mãos e não estava disposta a retirá-las.

Vendo-me daquele jeito, Uali engoliu em seco. "Não se preocupe", tentou me animar. "Vou levá-la para o trabalho comigo. Minha equipe cuidará dela". Naquela época, o meu marido trabalhava num arquivo localizado no porão de um prédio escolar, longe do bloco principal. Sendo assim, se Ukilay chorasse de vez em quando não incomodaria ninguém.

Uma vez, quando eu estava tão frustrada que não sabia o que fazer, entrei no carro e dirigi até a cidade dos meus pais. "Pai, posso falar com o senhor em particular?", perguntei. Ele pegou a sua bengala, gentilmente segurou a minha mão e me levou para o jardim, onde ficamos a salvo de enxeridos. Ele era a única pessoa com quem eu poderia falar abertamente sobre a minha frustração com as medidas implacáveis dos chineses.

Com a mão tremendo, ele limpou as lágrimas do meu rosto e me fez elogios. "Você é a minha filha mais esperta e o meu tesouro mais querido. Não se deixe abater por essas pessoas. Mostre para elas o quanto você é ambiciosa e que não deixará de cumprir os seus deveres". Devagar eu fui levantando a cabeça.

Pela minha natureza, eu era uma grande empreendedora da vida. Normalmente, eu era apaixonada por tentar ser a melhor, mas eu já estava sentindo falta da minha filha no momento em que dei um beijo de despedida em suas bochechas macias. Tentei cerrar os dentes e agarrar o touro pelos chifres.

Tínhamos, pelo menos, muitos amigos, conhecidos e parentes que eu podia visitar em Ürümqi. Depois que me mudei, entretanto, a dor simplesmente não ia embora. Afundei-me na tristeza. Várias vezes ao dia, eu tirava do bolso o retrato da minha filha e olhava demoradamente para ele, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

Quando Uali me telefonou, dizendo com a voz rouca que Ukilay tinha sido levada às pressas para o hospital com uma pneumonia severa, reservei um vôo para casa na mesma noite. Quando cheguei à clínica, ele estava quase tão branco como as paredes. As bochechas da minha garotinha estavam reluzentes de febre, mas ela jogou os seus braços em volta do meu pescoço e me abraçou como se nunca quisesse me deixar. Nem eu queria. Ela estava tossindo, mas eu não tinha escolha senão arrancar-me dos seus braços magrinhos e pegar o meu avião de volta.

Às vezes, em Ürümqi, eu me deitava na cama e imaginava Uali, Ukilay e eu construindo uma nova vida além das fronteiras, no Cazaquistão. Depois de 2008, as pessoas nativas foram autorizadas a viajar para lá como turistas, mas os funcionários do setor público, como nós, estávamos proibidos de nos mudarmos para um país estrangeiro.

Em 12 de maio de 2008, ouviu-se um grito na universidade: "Houve um terremoto horrível em Sichuan!". Aproximadamente 65 mil pessoas perderam suas vidas. "O que aconteceu, exatamente?", indaguei. "Muitas escolas desabaram em cima de milhares de crianças", minhas colegas me contaram.

O problema não foi realmente o terremoto, e sim a construção — ordinária e malfeita — e a corrupção. Como era comum, os funcionários do Partido encobriram-se uns aos outros, ocultando os próprios erros. Alimentaram a mídia com histórias comoventes sobre médicos e outros profissionais que sacrificaram suas vidas pelo PCC, transformando um dia de sofrimento num dia de celebração. Os pais que protestavam eram rapidamente retirados do caminho.

O governo exigiu um momento de silêncio a todo o país. De cabeça baixa, eu e outros estudantes ficamos em pé, ainda em choque, numa praça fora da universidade.

Hoje, muito mais pessoas inocentes perdem as suas vidas nos "centros de qualificação profissional". Mas as suas mortes não são suficientes para que o PCC exija um único dia de luto. Eles sequer abaixam suas cabeças. Porque a vida de seus próprios cidadãos lhes vale muito pouco.

"Não importa o que me digam, eu quero esse bebê!"

Deixei o meu programa de requalificação com um diploma em mãos, mas também com uma aguda dor abdominal. Os médicos desconfiaram

de pedras na vesícula e prescreveram analgésicos poderosos, sob a forma de injeções.

Em abril, quando tive uma consulta de rotina, o médico balançou a cabeça. "Você precisa fazer algo a respeito". Olhei para ele, intrigada. "Você está grávida e, durante os últimos três meses, andou tomando uma medicação com sérios efeitos colaterais. É bem provável que a sua criança nasça com uma deficiência severa". Em seguida, ele me olhou por cima do aro dos seus óculos. "Não preferiria fazer um aborto? Converse sobre isso em casa com o seu marido. E então marcaremos outra consulta".

Chorei ao longo de todo o caminho de volta. Quando cheguei em casa, Uali pôs um braço em volta dos meus ombros e me deu um lenço com a outra. "Se é o que a ciência nos diz e também o que o médico diz, então teremos que abortar a criança". Mas fui teimosa. Eu sabia que não desejava aquilo.

Um após o outro, recorri à minha irmã, mãe, amigos e conhecidos, em busca de conselhos. Todos concordaram com o Uali. "Se é o que a ciência lhe diz...". Mais um mês passou, mas eu não conseguia dar aquele passo.

Quem sabe a razão pela qual eu estava tão desesperada para me agarrar ao ser vivo que crescia dentro de mim era porque uma grande parcela das nossas vidas cotidianas eram ditadas a partir do exterior. Dessa vez, porém, isso me afetava em aspectos mais íntimos e profundos. O meu corpo e a minha alma, a minha vida e o meu amor. Eu não queria que ninguém me dissesse o que fazer.

Talvez, pensei, todos estivessem errados. Enviei vários exames de sangue para médicos renomados de outras cidades. Infelizmente, todos confirmaram o diagnóstico do primeiro e repetiram o que ele dissera sobre o aborto. Mas eu não estava disposta a acreditar.

Desde o começo, a gravidez foi um enorme fardo psicológico, especialmente por causa dos nossos dias já tão comprometidos. Às 7h, deixávamos a nossa filha, então com três anos e meio, no jardim-de-infância. Na hora do almoço, nós a buscávamos para uma rápida refeição em casa e depois a devolvíamos para as cuidadoras, por vezes até às 21h.

Ainda que o mundo inteiro estivesse contra mim, eu estava determinada a ter a minha segunda filha. Uali continuou a me lançar olhares

reprovadores. "O que faremos se a criança nascer deficiente? Como manteremos os nossos empregos? Todos os nossos problemas serão por nossa culpa...". Ele continuou assim ao longo de dois meses, até que finalmente parou, em parte porque eu não estava mais escutando ninguém, em parte porque fomos atingidos por outro golpe do destino.

A maior das perdas

Meu amado pai nunca se recuperou completamente do seu AVC. Depois de várias passagens pelo hospital — Uali e eu nos revezamos fazendo-lhe companhia — ele faleceu, em casa, no dia 16 de fevereiro, aos setenta e dois anos.

Quatro homens carregaram o seu corpo num caixão de madeira para o cemitério muçulmano. Seu percurso os fez passar pelo novo cemitério que os chineses tinham construído para si. No fundo da nossa dor, minha família e eu pensamos, por um breve momento: "Não vale mais a pena viver". Passado o sepultamento, o silêncio se instalou. Apatia. Escuridão.

Eu via o meu pai nos meus pensamentos, do jeito que ele era quando eu era uma garotinha. Eu o vi ajuntar toda a comunidade local para construir uma escola. Até as crianças tinham ajudado, moldando tijolos de barro e construindo as paredes. Aquela escola materializava o nosso senso de orgulho como nação; ali, os professores ensinaram na língua cazaque, transmitindo a nossa cultura e tradições. Do dia para a noite, os chineses haviam pisoteado tudo. Destruíram o nosso sistema educacional e apreenderam a escola da aldeia. Hoje, ensinam apenas em chinês, mesmo que meu pai tenha destinado a escola para o nosso povo.

Depois que ele faleceu, ficou em mim uma sensação profunda de inquietação. Intelectualmente, eu podia lidar com a perda, mas estava impotente contra as minhas emoções. Exatamente como o meu avô, ele sentira muito cedo que o desastre era iminente para o nosso povo. É por isso que ele estava constantemente me ensinando a ser forte. "Não chore na frente das outras pessoas, minha querida. Não pode deixá-las ver a sua fraqueza. Precisa aceitar as coisas como elas são, mas mantenha-se forte e íntegra". Fundamentalmente, ele estava sempre me dizendo a mesma coisa: os mesmos conselhos que o misterioso

curandeiro outrora me dera na minivan. Depois disso, esforcei-me ainda mais para levá-los no coração.

Durante toda a minha vida, meu pai tinha sido a minha fonte mais importante de apoio. E agora, abruptamente, ele se fora, abalando tudo até a base. Ele era insubstituível. Posteriormente, quando visitava minha mãe, agora viúva, eu me retirava com uma desculpa. "Só quero dar uma volta". Estritamente falando, a tradição proibia as mulheres de visitar o cemitério sozinhas, mas, mesmo assim, eu ia visitar a sepultura do meu pai. Estava ao lado da do meu avô.

Fiquei em pé, em silêncio, diante da sua lápide, as minhas mãos cruzadas sobre a minha barriga de grávida, e lhe pedi conselho, assim como fizera por tantos anos. Aqueles diálogos com ele me faziam bem, porque eu o via com os olhos da alma. Eu sabia que ele estava me ouvindo, que ele estava sempre comigo. Mesmo hoje em dia, meu pai aparece nos meus sonhos e me reconforta.

Um espírito compassivo

Às vezes, Uali me encontrava sozinha no quarto, em conversa profunda comigo mesma. "Está bem, pai, prometo que serei forte...".

"O que você está fazendo?", ele perguntava. "Com quem está falando? Se continuar assim, ficará louca. Precisa parar com isso". Mas acho que o oposto é verdadeiro, e era o meu pai quem estava me impedindo de enlouquecer. Eu lhe respondi: "Meu pai era o único que me dava forças".

Ao longo das semanas seguintes, sempre que alguém sussurrava, no meu ouvido, algo sobre fazer um aborto, eu me trancava no quarto e me recusava a comer. Por fim, Uali entendeu e me deixou em paz. Ficamos ambos felizes quando sentimos a criança se mexer. "Sinta isso", eu falava para o Uali, e ele colocava a mão sobre a minha barriga. "Que criança forte!", ele dizia, com um sorriso largo.

Estávamos constantemente nos tranqüilizando um ao outro. "Tenho certeza de que a criança será saudável...". Mas, momentos depois, já duvidávamos e ficávamos ansiosos. "Como vamos enfrentar a situação, se...?". As expectativas sociais eram extremamente altas. Enquanto isso, estávamos andando em círculos, alheios a tudo, senão à necessidade de continuarmos caminhando.

Seis meses se passaram e eu ainda estava procurando em vão um médico que me dissesse algo que eu não tinha ouvido de todos os demais. Dessa vez, tive uma consulta de ultra-som com a minha médica de família, que era uma grande amiga. Quando ela viu a minha barriga enorme, ficou horrorizada. "O quê? Você ainda não fez o aborto? A criança ainda está aí?".

E repliquei, séria e exausta: "Não fale demais. Só me diga como o bebê está". A médica movimentou o *scanner* pela minha barriga e descreveu que estava enxergando na tela. "Sim, está vivo. Ele tem pés, pernas, braços e todos os órgãos. Seu corpo está bem, mas é extremamente provável que a medicação tenha causado sérios danos no cérebro. Você realmente quer dar à luz um filho intelectualmente deficiente?".

Será que eu sabia, ela perguntou, o que aquilo significaria para as nossas vidas?

Autocrítica em três fases

Uma após a outra, as campanhas políticas se sucediam. Desde o ano anterior, todo funcionário do setor público fora obrigado a submeter-se a um processo de três fases de autocrítica, diante de todos os seus colegas. Na primeira fase, tivemos que anotar todos os erros que já tínhamos cometido, no que diz respeito ao Estado ou ao Partido, desde o nosso nascimento até aquele dia. Não importava se escrevíamos isso na escola ou em casa — o importante era que o fizéssemos em três dias. Todo ambiente de trabalho dispôs, especificamente para esse fim, de um escritório separado, onde entregamos a nossa lista.

Na segunda fase, tivemos que achar meios de corrigir as nossas transgressões. "No passado, falhei no que se refere a inculcar sistematicamente a orientação do Partido nos estudantes. De agora em diante, serei extremamente cuidadosa para guiar as crianças no caminho certo", escrevi. Outros escreveram: "Daqui para frente, pagarei em dia as minhas taxas para o Partido".

A princípio, meu marido e eu achamos difícil entregar ofensas críveis e explicá-las de forma plausível. Se a pessoa confessasse lapsos pequenos demais, era imediatamente repreendida pelos seus colegas de Partido. "Você é um opositor. Está fazendo graça com esses seus 'equívocos'".

E, em seguida, vinha a terceira fase, a mais desafiadora. Devíamos confessar as nossas culpas diante de todos os nossos colegas. Toda a equipe estaria reunida numa única e ampla sala de reunião. Os membros do Partido escolheriam vários professores da audiência. "Você, você e você, levantem-se e façam a sua autocrítica".

Os professores escolhidos teriam que ler, em voz alta, toda a sua lista de transgressões. Demorava muito, porque a lista começava no nascimento — portanto, a maioria das pessoas tinha acumulado bastantes itens. "No passado, eu não segui totalmente as normas do Partido, mas, no futuro, prestarei o máximo de atenção a todas as diretrizes". Era inacreditavelmente humilhante ficar ali em pé, como uma idiota, na frente de quase cem pessoas.

Era mortificante o suficiente passar por essa experiência, mas, para piorar as coisas, eles cortavam o seu salário ou recusavam importantes benefícios financeiros adicionais. Se o sujeito fosse impactado de forma especialmente negativa, poderia ser o fim da sua carreira. Ser promovido se tornava impossível e ele ficava proibido de receber premiações ou de participar de competições.

Como membros do Partido em posições relevantes que falavam um chinês excelente, Uali e eu não éramos tão controlados como os demais, graças a Deus. Mas os funcionários do Partido mantinham registros detalhados de todas as confissões escritas e, posteriormente, utilizavam-na reiteradamente como evidência, se quisessem mostrar que um professor não era confiável. "Agora você está contradizendo o que disse antes", eles advertiam. "É um mentiroso e precisa ser punido...".

Tão logo Uali e eu compreendemos que eles não estavam usando aqueles documentos para ajudar as pessoas a melhorar, mas tão-somente para controlá-las, nós secretamente alertamos todos os professores nativos — "Precisam ter cuidado em relação ao que escrevem" — e os ajudamos a preencher os formulários adequadamente.

Alguns dos meus compatriotas não eram tão proficientes em chinês e não entenderam o que lhes estava sendo solicitado. Se um deles se precipitasse fazendo uma confissão irrefletida, imediatamente nos desculpávamos, em seu nome, para as autoridades pertinentes, na esperança de protegê-lo da punição. "Essa professora não fala chinês muito bem, por isso não se expressou de forma adequada".

Alguns colegas confessavam coisas como: "Dez anos atrás, assim que comecei a lecionar, eu não ensinava chinês aos alunos, mesmo que seja a língua mais importante". Ou, "Uma vez, quando estava doente, faltei a um importante evento do Partido". Todas essas confissões eram obviamente planejadas. Em pouco tempo, todos estavam copiando uns dos outros, porque sabíamos que, se déssemos respostas diferentes ou variadas, nós nos destacaríamos. E destacar-se da multidão era razão suficiente para ser punido.

A melhor alternativa era admitir erros no ensino ou no relacionamento com outros colegas. A pessoa nunca podia confessar delitos em relação às políticas do Partido ou ao Estado. Se alguém dissesse: "Sempre achei que Xinjiang fosse uma república autônoma e que devíamos ser permitidos a falar a nossa própria língua", seria rotulado como subversivo. Isso poderia levar à execução.

A partir de 2016, oficiais do Partido começaram a usar esses documentos para justificar detenções em massa de meus conterrâneos e conterrâneas. A prática da autocrítica ajudou na preparação da subseqüente onda de encarceramento: com anos de antecedência, eles já elaboravam listas de pessoas a serem presas.

Foi esse desonesto planejamento de longo prazo que os habilitou a encarcerar mais de 1 milhão de pessoas nativas num período de poucos meses.

Morrendo de vergonha

"Sayragul Sauytbay!".

Quando o meu nome foi chamado no encontro seguinte, ele me atingiu como um choque elétrico. Apesar de estar grávida e pesada, saltei de pé imediatamente e falei, em voz alta, para o salão lotado: "Sou uma pessoa má... Cometi erros... Eu os lamento profundamente". Fez-se um silêncio embaraçoso entre os meus colegas. Foi pior do que ser digna de pena.

Eu estava morrendo de vergonha. Foi tão injusto! Eu superava cada obstáculo, não importa o tamanho, e devotava todas as minhas energias à escola. Normalmente, os professores trabalhavam oito horas por dia, mas nós nos mantínhamos ocupados durante doze ou quatorze horas

seguidas. Eu estava trabalhando até os ossos e não havia cometido erro algum, mas eu ainda tinha que confessar as minhas faltas perante todo mundo.

Não era apenas algo psicologicamente estressante; era insuportável. Depois da sessão de autocrítica, senti-me terrível por cerca de dois dias — eu sentia que as autoridades tinham me feito de idiota. Levou um tempo até que eu me recuperasse da humilhação.

Uali deslizou os dedos sobre o cabelo. Não sabia o que dizer. Então ele soltou: "Que situação absurda! A pessoa precisa inventar uma mentira, depois confessar aquela mentira diante de todas aquelas pessoas e expor-se à punição pública por ela". Assim como nós, os nossos colegas chineses também tinham que anotar os seus desvios em relação à linha do Partido, revelando tudo e criticando-se a si mesmos. Mas, quando chegava a vez de eles falarem — o que raramente acontecia — estavam seguros e autoconfiantes. "O que é tudo isso, afinal? Por que estão nos pedindo para confessar tudo? Fazemos um bom trabalho". Diferente de nós, tiveram permissão de se safar mesmo dizendo isso.

As pessoas nativas, porém, viviam em constante medo de insultos e do opróbrio. Mantivemos os nossos lábios ainda mais fechados, determinados a não retrucar e a nos esforçar para seguirmos as normas do Partido mais meticulosamente do que nunca. Queríamos provar que não éramos pessoas más. Procuramos fazer tudo conforme as normas, sempre, para que não fôssemos excluídos, desprezados, insultados e ameaçados.

Os funcionários importantes do Partido nos tratavam como crianças que necessitavam de uma liderança firme e clara, usando um misto de bajulação e ameaças. Sentir a bondade do Partido, segui-lo e garantir a estabilidade era o seu credo. Eles fingiam que todas essas medidas existiam apenas para nos protegerem do "caos".

Inicialmente, estávamos convencidos de que o Partido devia ter um motivo legítimo para tentar a impor a paz e a ordem. Por que outro motivo fariam aquilo? Certamente não para triturar a nossa autoconfiança... Não para nos tornar conformistas submissos e ignorantes... A idéia parecia tão monstruosa que não fazia sentido para ninguém. Até nos desculpávamos pelas suas ações. "Devem ter boas intenções. Estão sinceramente tentando melhorar o nosso trabalho", disse Uali.

E eu assenti, pensativa. No começo, tranqüilizávamos uns aos outros, encorajando-nos a termos esperança. "É só uma fase transitória. Tudo vai ficar bem, em breve". Mas não ficou.

No fundo, todos os professores nativos odiavam esse processo de se depreciarem a si mesmos diante do Partido, mas fizemos o nosso possível para esconder. Enquanto os nossos colegas chineses continuaram a se defender, nós já estávamos acostumados a ser tratados como cidadãos de segunda classe. E, mesmo sabendo que isso não era verdade, ainda nos sentíamos culpados — mesmo não tendo feito nada errado.

Embora nossos colegas chineses também trabalhassem duro, eles passavam as tarefas mais desagradáveis para os nativos. Não estavam submetidos aos mesmos fardos que nós, porque pertenciam — como o Partido continuamente lhes reafirmava — à "classe dominante".

No começo, a injustiça implacável nos deixou, a mim e Uali, com raiva e desapontados. Sentimos que as sementes do ódio começavam a lançar, vagarosamente, as suas raízes. Mas isso só fez com que nos sentíssemos ainda mais como sombras de quem já havíamos sido, e eu me lembrava das palavras do curandeiro misterioso, alertando-me que o ódio desenfreado era, em última instância, autodestrutivo. Falando a sós com o meu pai durante as noites, jurei a mim mesma que me manteria firme.

Sangue corre pelas ruas

"Outra rebelião. Dessa vez em Ürümqi". Perdido em pensamentos, Uali pôs a mão na boca e se virou novamente, distraído. Uma menina uigur do Turquestão Oriental, empregada como trabalhadora imigrante em Guangzhou, tinha sido estuprada por vários chineses. Seus familiares denunciaram às autoridades competentes, mas foram ignorados. Isso levou a um conflito entre jovens chineses e uigures, que culminou numa revolta em 5 de julho de 2009, quando milhares de uigures fizeram uma grande manifestação em protesto contra a discriminação e o tratamento incessantemente severo por parte do governo.

Pouco tempo antes, um grande comboio militar, repleto de soldados, dirigiu-se para o centro da cidade. Amigos que estavam no local relataram depois: "Vimos com os próprios olhos: alguns soldados se vestiram como uigures e se misturaram com as multidões de uigures e chineses. Até então, pouca coisa havia se passado".

No entanto, esses agentes à paisana estavam portando paus e facas. Eles atacaram essencialmente os seus próprios compatriotas chineses, tentando provocar mais conflito e dar, aos outros agentes de segurança, uma razão para fechar o cerco. Muitos inocentes que passaram por ali foram mortos.

Uma pessoa que conhecíamos tinha uma irmã que acabara de ser tratada de uma séria enfermidade numa clínica da cidade. Ela tivera alta, com um atestado de saúde limpo, naquele mesmo dia. A mulher estava descendo a rua, contando alegremente para a sua mãe a boa notícia, ao telefone — "Tudo está bem novamente..." — quando, de repente, a conversa foi interrompida. Foi o exato momento em que os soldados dirigiram os seus tanques sobre a multidão, esmagando a mulher sob as esteiras. Nunca se encontrou o seu corpo.

No momento em que terminaram, as ruas estavam sujas de sangue e cheias de partes humanas. Havia tantos cadáveres que foi difícil dizer se eles eram na maioria chineses, uigures, cazaques ou de outro grupo étnico. Na manhã seguinte, as equipes de limpeza haviam removido cada vestígio: era como se nada tivesse acontecido.

Nos dias 6 e 7 de julho, após esse incidente, o PCC enviou agentes à paisana de porta em porta, durante a noite, proibindo as famílias chinesas da etnia han de sair de casa pelos próximos dois dias, ou de abrir as janelas ou cortinas. Outros grupos étnicos não foram informados. Eles foram para os seus trabalhos normalmente, sem desconfiar de nada. O que se seguiu foi um "expurgo" generalizado, no qual muitos inocentes uigures e cazaques foram mortos.

Uma amiga de Aksu perdeu os dois filhos. Um deles pretendia trabalhar no restaurante do seu irmão. O mais jovem, por sua vez, estava na cidade, ajudando o seu irmão a encontrar um terno para o casamento. O filho mais velho morreu na rua; o mais novo foi assassinado na loja. A mãe nunca viu os corpos dos seus filhos.

Quando a notícia do acontecimento circulou, Uali e eu, assim como nossos amigos, fomos todos oferecer nossas condolências. Ela estava aflita, evidentemente, mas depois — abruptamente — ela se negou a dizer qualquer outra palavra sobre a perda de seus dois filhos. Subitamente, todos os enlutados de Aksu ficaram em silêncio, mesmo que dias antes eles estivessem implorando à polícia para devolver os corpos dos

seus filhos. Se alguém perguntasse àquelas pessoas se as autoridades finalmente haviam feito alguma coisa, eles silenciosamente davam meia volta e iam embora. A polícia deve tê-los ameaçado de retaliação, caso continuassem a falar sobre as mortes.

O incidente brutal foi assunto de reportagem na TV, mas foi descrito simplesmente como uma rebelião de terroristas uigures. Eles estavam continuamente usando as duas palavras "uigur" e "terrorista", juntando-as como irmãos gêmeos, de modo que as pessoas pudessem achar que fossem a mesma coisa.

A maioria dos cazaques zombou da cobertura. "Como é que, de uma hora para outra, existem tantos terroristas em nossa terra natal — exceto os chineses? De onde vêm todos eles? E onde eles estavam antes?". Era largamente conhecido, no Reino do Meio — tanto pelos chineses, quanto por outros grupos étnicos — que o Partido e o governo contavam mentiras.

Outro bom amigo de Aksu, um dungan chinês muçulmano, conheceu um segundo lado, chocante, dos protestos. Sua filha ficara incapacitada de encontrar trabalho, apesar da formação universitária, então ele usou seus próprios contatos para lhe conseguir emprego num crematório, onde os chineses evitavam trabalhar.

A filha já estava ali há dois meses e era perfeitamente feliz. Ela estava recebendo um bom salário. Após a manifestação, contudo, ela se negou a sair de casa por quatro dias. Seu pai ficou furioso. "De que você está brincando? Tive tanto trabalho para conseguir aquele emprego para você". Chorando amargamente, ela lhe disse a verdade angustiante. "Nunca mais quero voltar para lá. Vi coisas tão horríveis, o senhor não pode sequer imaginar...".

Na noite da revolta, os soldados levaram inúmeros corpos humanos para o crematório em caminhões militares e os jogaram fora, como se fossem lixo. Os lábios da filha tremiam enquanto ela falava. "Havia pessoas feridas debaixo dos mortos. Ainda estavam vivas...".

Da montanha de cadáveres vinham sons de pessoas gemendo por ajuda e mãos se esticando na sua direção. A polícia simplesmente as chutou de volta com as suas botas. E então lançaram todas na fornalha. Seu pai estava tão chocado, que continuou repetindo isso para quem quisesse ouvir. "Eles jogaram pessoas vivas na fornalha. Pessoas vivas...".

Outras testemunhas relataram informações parecidas. Tudo se encaixava, como peças de um quebra-cabeças. Agora estava claro onde os corpos desapareceram. Ninguém duvidou da história dela. Acreditávamos que o Estado era capaz de tudo.

Aniversário da República Popular: uma festa indesejada

"Dentro de dois meses, celebraremos o sexagésimo aniversário de fundação da China", anunciou o diretor-geral numa reunião de professores. Devíamos começar a nos preparar em agosto, de modo que tudo estivesse pronto a tempo para a enorme celebração em 1º de outubro de 2009. Nada — absolutamente nada — poderia dar errado.

Diversos grupos de trabalho se dedicaram por completo ao planejamento do evento, do início da manhã até tarde da noite, sem focar em nada mais. Foi muito estressante para mim, então grávida de sete meses. Ensinei aos meus alunos todo tipo de músicas e textos do Partido Comunista. Cada linha devia ser memorizada.

"Se ao menos isso já tivesse terminado...", eu continuava desejando no meu coração. Eu estava tão esgotada. Durante as noites eu acariciava a minha barriga, na esperança de que o estresse não estivesse prejudicando o meu bebê. Será que estaria sofrendo ao nascer? Será que seria feliz?

Na véspera da cerimônia, todos os professores se reuniram no lado de fora da escola para limpar e decorar os prédios e a rua. O início do evento se deu logo após o nascer do sol, com fileiras de pessoas aplaudindo e agitando bandeiras.

Foram horas de canções comunistas e danças chinesas, enquanto uma voz retumbava de um alto-falante: "Xinjiang é uma parte inseparável da China. Graças à mão amiga da China, Xinjiang foi transformada numa região próspera". Em essência, a celebração era nada mais do que propaganda repetitiva para uma China unificada.

Minhas pernas estavam pesadas e a minha barriga estava dura. O bebê não estava se movendo. Minha boca cantou: "Minha mãe deu-me apenas o corpo, mas o Partido ilumina o meu coração...". A celebração continuou até tarde da noite, e depois tivemos que limpar tudo novamente. Foi extremamente estressante e nada próximo de uma fonte de divertimento.

Uali e eu tínhamos desistido de discutir os ditames do Partido. Aceitando o inevitável, fazíamos o nosso melhor para completar cada nova tarefa, desesperados para nos mantermos longe de problemas.

A mamãe maluca e seu bebê fofinho

Em dezembro, minha mãe e irmãs vieram nos visitar em Aksu. Já era tarde quando elas foram embora. A porta mal se fechou atrás delas quando senti as primeiras contrações. Meu marido e eu rapidamente organizamos a casa e falamos com os empregados da nossa fazenda, antes de um deles nos levar de carro para o hospital, através da névoa.

Às 7h, o motorista, Uali e eu acordamos o porteiro, sacudindo-o, e ele correu para chamar os médicos. Enquanto isso, eu estava andando de um lado para o outro no corredor. Quem não pagasse com antecedência não seria atendido, então, às 7h05, Uali correu até o setor de pagamento, em outro prédio, após pedir ao nosso funcionário para ficar comigo.

Naquela altura, as contrações estavam tão intensas que chamei uma enfermeira. "Por favor, não consigo mais agüentar...". Ela me levou para um quarto próximo, onde o bebê praticamente caiu de dentro de mim. Ninguém precisou fazer nada. Eram 7h10 da manhã, do dia 15 de dezembro de 2009.

O médico de plantão, que não sabia nada sobre a deficiência potencial do meu bebê, foi até o nosso motorista, no corredor, e lhe estendeu a mão. "Parabéns pelo seu novo bebê!". O homem pegou logo o seu telefone e ligou para o pai verdadeiro, que estava no meio do ato de entregar o dinheiro para o caixa. "Uali, onde você está? Seu filho está aqui".

"Espere. O quê? Como foi tão rápido?".

Uma das enfermeiras pegou a criança para levá-la para outra sala, para exames, mas eu berrei com autoridade: "Traga-me esse bebê imediatamente! Preciso vê-lo!". Ambas as enfermeiras visivelmente se surpreenderam ao me ver dando ordens com uma voz tão imperiosa enquanto eu ainda estava me recuperando na cama, e apressadamente entregaram o bebê de volta para os meus braços.

Eu queria verificar, por mim mesma, se não havia nada errado fisicamente com o meu filho. Um, dois, três... Possuía todos os dedos da

mão e do pé. Seu nariz e orelhas estavam ali. Mas ele certamente era intelectualmente deficiente. Querendo verificar seus reflexos, belisquei firmemente suas bochechas, enquanto as enfermeiras observavam a cena, com pena do pobre bebê e enojadas por sua horrível mãe. "Que diabos essa maluca está fazendo com a criança?".

"Porque ele não está chorando?". Eu me perguntei. "Não está sentindo nada?". Belisquei-o de novo. Em seguida, expulsei as duas enfermeiras, impacientemente, para fora da sala. "Vão para fora, as duas! Vocês não entendem!".

No dia seguinte, os médicos me deram os resultados de seus exames e me disseram que não havia nada fisicamente anormal com a criança. "Não se preocupe", falaram. Falar era fácil.

Dois dias depois, Uali e eu estávamos em casa, sentados no sofá, fitando impotentes o nosso recém-nascido. "O que faremos se ele não conseguir viver por conta própria? Como ele sobreviverá, num mundo como o nosso?". O pai acariciou a sua bochecha gordinha e murmurou, em êxtase: "Que bebê fofinho!".

Havia uma fila de visitantes fora da nossa porta, e o telefone não parava de tocar, mas eu não queria ver ninguém, nem aceitar felicitações, porque eu ainda não tinha certeza da condição do meu filho. É costume dos cazaques apresentar os bebês para todos os amigos e conhecidos, por meio de uma grande festa em casa, mas não antes de quarenta dias após o nascimento. "Vamos esperar até lá", implorei a Uali.

De acordo com a nossa tradição, uma criança não recebia o seu nome até aquele momento. No passado, isso se devia ao alto percentual de mortalidade infantil. Para os nossos ancestrais, os recém-nascidos eram mensageiros do mundo subterrâneo, cujos espíritos ainda o chamavam, e essa conexão só cessava após quarenta dias.

Tão logo eu me recuperei da tensão psicológica dos últimos meses, e os quarenta dias se passaram, sussurrei o nome do meu filho três vezes no seu ouvido — "Ulagat" — e, orgulhosa, mostrei-o para a sua avó, seus tios e todas as outras pessoas. "Eu sou mesmo uma criança sortuda", decidi, embalando nos braços o meu pequeno Ulagat.

O que mais eu podia pedir da vida? Meu marido e eu amávamos um ao outro, tínhamos dois filhos maravilhosos e tínhamos trabalhado

muito duro para construir uma vida digna para nós. Agora, havíamos aberto uma segunda loja de roupas, em outra cidade; nossa residência era a maior de Aksu e havia um carro importado estacionado no lado de fora da nossa porta da frente: um Chevrolet azul.

Em fotos antigas daquela época, aparecemos levando as duas crianças para um evento perto de Aksu, que envolvia cavalos de corrida cazaques. Nosso filho Ulagat tinha cinco meses e Ukilay tinha quatro anos. No fundo, vêem-se muitas placas de rua e de lojas. Não há uma sequer em cazaque — são todas em chinês.

Mesmo assim, quando, à noite, nos sentávamos à mesa e fazíamos um balanço das nossas vidas, ficávamos satisfeitos. Tivemos que desprezar os dias maus, ou a nossa esperanças de tempos melhores teria sido arruinada. "Foi um começo complicado para todos nós. Porém, gradativamente, as coisas melhoraram", concluímos. Éramos algumas das figuras mais proeminentes e respeitadas de Aksu. O alívio tomou conta de nós: tudo estava bem.

A saúde do meu marido era agora a minha única causa verdadeira de preocupação. Uali estava cada vez mais pálido, tenso e magro. Era como se ele estivesse se desintegrando. A palavra "pausa" não estava no seu vocabulário — ele trazia trabalho da escola para casa e trabalhava arduamente até tarde da noite. A tensão constante e a ansiedade de não satisfazer os seus chefes, apesar dos seus esforços, estavam exaurindo as suas forças.

Tudo é gratuito (só para quem é chinês)

A palavra "achinesamento" estava em todos os lábios em 2010 e 2011, época em que o governo povoou, com grande quantidade de pessoas chinesas, todo o Turquestão Oriental. Isso causou um profundo impacto em nossa terra. As empreiteiras chinesas se mudaram para todas as cidades onde os cazaques viviam e puseram-se a construir centenas de residências, numa velocidade surpreendente. Uma era mais inexpressiva do que a outra. E os resquícios de nossa história e cultura foram apagados junto com os prédios antigos.

Diferente das casas do povo local, aqueles blocos não só pareciam perfeitos, quando vistos de fora, mas também modernos e meticulosamente planejados. Eles foram disponibilizados aos novos moradores

pelo Estado, gratuitamente. Tudo o que tinham a fazer era apanhar a chave e se mudar para a sua nova casa. Se quisessem abrir um negócio ou administrar uma fazenda, o Estado construiria os prédios ou galpões que precisassem.

Subitamente, fomos inundados por milhares de pessoas provenientes do interior da China. Provavelmente vinham por vontade própria, porque o governo pagava até os seus custos de mudança. Embora eles recebessem um auxílio financeiro generoso, as pessoas nativas não recebiam financiamento algum e as suas acusações silenciosas ficavam cada vez mais visíveis nos seus rostos. "Estamos sendo sempre ludibriados". Por que as nossas necessidades eram menos importantes?

Também ficamos surpresos ao descobrir que a "política do filho único", ainda em voga na época, aparentemente não se aplicava aos recém-chegados, porque a maioria deles tinha dois filhos. "Talvez estejam tentando nos substituir ainda mais rapidamente", alguns nativos especulavam, cautelosamente.

Amigos que trabalhavam com tecnologia computacional nos alertavam, cada vez mais agitados, que fôssemos cautelosos. "Tomem cuidado! Não falem de política em casa, mesmo que estejam sozinhos". As empresas chinesas instalaram grampos nos televisores e outros eletrodomésticos. Todo mundo estava sendo espionado.

Há muito tempo, a vida não era normal.

As luvas caem

Ultimamente, Uali começara a se repreender cada vez mais severamente. "Não sei o que há de errado comigo! Meu cérebro não está mais funcionando". No decorrer de vários dias de trabalho, ele de repente ficava confuso e não conseguia se concentrar. À noite, ele ficava acordado, com a mente zumbindo, mas, de manhã, sua cabeça estava vazia. Foi a nossa situação que o deixou doente — e não havia remédio que ele pudesse tomar para isso.

Até ali, Pequim preferira usar métodos relativamente suaves para nos separar gradualmente da nossa própria cultura e tradições, tornando tudo chinês e sufocando todos os outros estilos de vida. Agora, porém, as suas políticas tornavam-se brutais. Usavam todos os meios necessários.

De vez em quando, Uali ficava com falta de ar. Era extremamente duro consigo mesmo, lutando desesperadamente para encarar tudo o que fosse jogado sobre ele, mesmo às custas da própria felicidade. Evidentemente, era inevitável que cometêssemos erros, só pelo fato de trabalharmos muito mais do que qualquer um. Mas, mesmo quando o meu marido se tornou esqueleticamente magro, não parava de exigir de si mesmo. Era como se alguém o estivesse perseguindo com um chicote.

Quando teve uma consulta, o médico internou Uali no hospital. Antes de mandá-lo para casa, alguns dias depois, advertiu: "Primeiro, você precisa de bastante tempo para melhorar. Depois, ache um trabalho que não seja tão estressante. Se continuar nesse ritmo, vai parar no chão".

Quando as crianças estavam dormindo, conversamos sobre isso, à mesa da cozinha.

"Por que você não passa umas duas semanas em casa para descansar?". Falei suavemente, movendo a minha cadeira para um pouco mais perto.

"Isso não vai nos impactar demais?", replicou Uali, duvidoso. Ele parecia preocupado, como se não estivesse escutando.

"Já temos tudo o que precisamos e possuímos muitas economias. Vou continuar trabalhando na escola sozinha. Talvez, se você ficar em casa, melhore rapidamente. Vou cozinhar o que você gosta de comer. Você vai ver — suas células cerebrais vão sarar num piscar de olhos".

"Sim, talvez seja mesmo melhor que eu pare", admitiu Uali, envergonhado, curvando-se diante do inevitável. A partir daquele ponto, ele focou por completo na nossa fazenda e na administração do negócio. E, que surpresa, a sua saúde lentamente começou a melhorar.

"Ainda mais rápido! Mais alto! Mais longe!". Era a palavra de ordem para os funcionários nativos do setor público. Em 2011, o Partido escolheu o nosso distrito, dentre todos os lugares, em busca de cinco escolas para testar um novo programa. O nosso dever, como diretores, era otimizar a promoção dos valores morais comunistas nos nossos alunos. Em vez de realizar uma única cerimônia dedicada à bandeira, apenas nas manhãs de segunda-feira, agora a realizávamos todas as manhãs. Os alunos e os professores estavam sob uma pressão ainda maior para terem um bom desempenho.

Como se isso não fosse estressante o suficiente, os funcionários do Partido organizaram eventos adicionais, nos quais ensinavam regras comunistas sobre o "Partido correto, grande e glorioso". Todos deviam participar. Mas, novamente, as crianças não entendiam nada e, mais uma vez, eram repreendidas até que as lágrimas começassem a descer pelas suas bochechas.

Introduziram uma nova disciplina, "Xinjiang": uma aula de história que era como um disco riscado. Xinjiang é uma parte inseparável da China. E não somente desde Mao — pelo jeito, éramos chineses há séculos.

Meus professores deviam ler em voz alta para os nossos alunos usando, para tanto, livros recém-impressos. Graças à influência dos chineses — líamos —, os primitivos uigures e cazaques, nesta região remota, com a sua cultura ultrapassada, aprenderam a viver como seres humanos normais e civilizados.

Bocas caladas com fita adesiva

Quando nosso filho Ulagat tinha três anos e meio, nós o matriculamos no jardim-de-infância, assim como fizéramos com Ukilay. Depois de um tempo, contudo, ele se negou a ir. Ele gritava e chorava, rolava no chão e, no instante em que tentávamos levantá-lo, seus joelhos se dobravam novamente. "Não volto nunca mais!". Preocupada, tentei descobrir o que havia de errado. "Por que não? Lá é tão legal, você pode brincar com as outras crianças".

Mas o menino estava inconsolável. "Eles calam a minha boca, não me deixam falar". Demorou um tempo até entendermos o que exatamente aconteceu. Entre os soluços descontrolados de Ulagat, ficamos sabendo que as professoras chinesas tinham fechado a sua boca com fita adesiva, porque ele estava falando cazaque com as outras crianças. Uali e eu trocamos olhares desesperados. "A tia da escola sempre faz isso", alegou Ulagat, impotentemente. "Tenho que ficar andando com a fita o dia todo".

"Não pode ser verdade", disse Uali, incrédulo, mas nenhum de nós tinha certeza. Ulagat enterrou o seu rosto no meu peito e se agarrou em mim. "Combinado, vou falar com a tia", eu o tranqüilizei, acariciando

as suas costas. "Tudo vai ficar bem". Mas ele não acreditou em mim e enfiou sua cabeça embaixo do meu braço, como se estivesse buscando uma caverna para se esconder. "Não, não vai. Não volto nunca mais!".

Após fazer algumas perguntas no jardim-de-infância, descobri que era verdade: todas as crianças cazaques que falavam a língua de suas mães passavam o dia inteiro com as bocas caladas com fita adesiva. A equipe só removia a fita pouco antes de os pais chegarem para buscar os filhos.

"Não, isso é inadmissível", enfureci-me, em casa. Uali e eu consideramos a idéia de nos mudarmos para o Cazaquistão de uma vez por todas. Muitos outros pais e pessoas que conhecíamos já tinham deixado o Turquestão Oriental, ou haviam feito as malas assim que ouviram falar de como as crianças estavam sendo tratadas. Estávamos aguardando o passaporte de Ulagat há semanas, mas os seus documentos ainda não estavam prontos. Sem um passaporte válido, não poderíamos viajar.

Depois de um tempo, colocamos o plano de lado também por outros motivos: estávamos administrando um negócio muito bem-sucedido e tínhamos amigos e famílias perto de nós. "É verdade que podemos falar a nossa própria língua no Cazaquistão, e temos muitos familiares ali, também", alegamos um ao outro, "mas teríamos que começar do zero. Não é fácil se virar numa cidade estrangeira". E então continuamos a adiar a nossa decisão, o que se mostrou um erro bem grave.

Pelo menos achamos uma vaga num jardim-de-infância particular para a nossa filha. As regras ali eram menos estritas do que nas instituições geridas pelo governo e Ukilay tinha permissão para falar cazaque. Ela deve ter tido problemas, mas não falava sobre eles.

Em casa, como todos os pais da região, nós nos comunicávamos em cazaque com os nossos filhos. Eu lia inúmeros livros na nossa língua para eles. E, como éramos uma família musical, também gostávamos de escutar música tradicional juntos, bem como dançar e tocar instrumentos.

Ukilay tinha uma voz particularmente amável e conseguia tocar dombra de duas cordas. Naquela época, ainda éramos autorizados a ensinar, para os nossos filhos, aquele tipo de habilidade cultural. No início, entretanto, não lhes contamos nada sobre as regras religiosas do Islã.

Caso contrário, eles teriam começado a tagarelar na escola ou no jardim-de-infância sobre as aulas de islamismo e teríamos sido presos por terrorismo.

Na escola, as professoras chinesas faziam questionamentos às crianças nativas, com enfoque deliberado na sua vida doméstica: "O que você faz no tempo livre? Sobre o que você conversa? Você também lê o Corão?". Então elas coletavam diligentemente todas as informações, para poderem perseguir os pais.

Se tivéssemos explicado à Ukilay e ao Ulagat que eles eram muçulmanos e que deviam rezar regularmente, isso teria colocado todas as nossas vidas em perigo. Nem mantínhamos um Corão na estante. Nossos chefes tinham deixado claríssimo para nós que devíamos seguir os preceitos do Partido e nunca os da religião.

Ensinávamos os dez mandamentos para os nossos filhos, como sendo as regras normais da vida, do jeito que o meu avô fizera. "Você não deve mentir", "Deve cuidar do meio ambiente e não atormentar os animais", "Nunca prejudique outra pessoa". Eram preceitos religiosos. Os do Partido eram exatamente opostos.

Como não conseguimos achar, em curto prazo, outro jardim-de-infância onde as crianças fossem autorizadas a falar cazaque, simplesmente decidimos manter o nosso filho em casa. "Ah, por que não? De qualquer jeito, estou em casa". Uali piscou para o garotinho. "Pode me ajudar a cuidar do celeiro, certo?". Ulagat deu um salto, batendo palmas animadamente. "Oba!".

Ürümqi: a terceira cidade mais poluída

Assim que Uali se sentiu preparado para enfrentar novos desafios, um ano depois, aceitou uma lucrativa oferta de trabalho em Ürümqi. Como ele falava um chinês impecável, era muito requisitado na firma de construção chinesa que o empregava: trabalhando do seu computador no escritório, ele era responsável, principalmente, por monitorar a chegada e a saída dos materiais de construção.

Ürümqi, a capital regional, ficava longe de onde morávamos, mas era bem acessível por trem e avião. Eu conseguia visitá-lo com as crianças quase todo fim de semana, chegando lá em menos de duas horas.

A empresa dera a Uali um pequeno apartamento no subúrbio da cidade. "Comparado com o trabalho na escola, isso é brincadeira de criança", ele nos contou. O seu dia de trabalho era limitado a oito horas e suas responsabilidades eram claramente definidas.

Ainda assim, mesmo em Ürümqi conversávamos regularmente sobre nos mudarmos para o Cazaquistão. "As coisas ainda estão bem complicadas agora, não posso simplesmente abandonar tudo e jogar a toalha", apontei. "Tenho obrigações a cumprir primeiro". Minha promoção veio com ainda mais responsabilidades e o trabalho era duas vezes mais difícil que antes. Eu não queria aceitar que as pilhas de papel sobre a minha mesa nunca diminuíssem.

Nos nossos fins de semana em Ürümqi, preferíamos evitar o centro da cidade. Havia torres de blocos em toda parte, construídas demasiadamente próximas umas das outras. As ruas estavam entupidas de carros e não se conseguia escapar do fedor, do trânsito e dos gritos dos vendedores ambulantes. Todas as calçadas eram lotadas — era difícil locomover-se com as crianças, porque éramos constantemente empurrados.

A poluição envolvia a cidade, cobrindo-a com um véu cinzento que bloqueava a luz do sol. No horizonte, as chaminés das fábricas expeliam fumaça. Ürümqi era famosa por uma triste estatística: era a terceira cidade mais poluída da China. Felizmente, a empresa de Uali e o seu apartamento eram um pouco fora dela.

"Olha só, mais pôsteres gigantes", assombrou-se Ukilay, quando olhamos para fora da janela do táxi, de volta ao aeroporto. De fato, desde que Xi Jinping se tornara secretário geral do PCC em novembro de 2012, e o presidente da China em março de 2013, não havia uma só parte do país que não fosse coberta com retratos dele e imagens de propaganda no estilo ultrapassado preferido de Mao, caracterizadas por ilustrações coloridas de camponeses. "As pessoas são felizes!" e "A China é forte, graças ao Partido!". O poder do Partido e do seu líder seria, em breve, onipresente.

"Repressão ao terrorismo" era a próxima prioridade de Pequim. Xi Jinping estava alimentando o medo de forma ainda mais vigorosa, demonizando cada vez mais os que eram considerados inimigos pela China,

a fim de fortalecer sempre mais a base do seu poder. Mais e mais pessoas abarrotavam as prisões. Em 2014, quase todos os hotéis cinco estrelas eram reservados exclusivamente para chineses: não importava quanto dinheiro os nativos tivessem. De repente, estavam fazendo distinções entre os cidadãos chineses han e os não-han nas estações de trem. Eles eram autorizados a seguir adiante, sem verificação de segurança, mas o restante de nós — considerados suspeitos — tínhamos que nos submeter a várias checagens e, às vezes, éramos interrogados por até uma hora. Isso me lembrou do *apartheid*, na África do Sul, e das leis raciais de Jim Crow, nos Estados Unidos, quando as pessoas brancas e negras foram expressamente segregadas.

No início de 2014, a vida em Aksu se tornou ainda mais difícil para mim. Em casa, eu estava gradativamente afundando em trabalho, enquanto o meu emprego na escola se tornava cada vez mais complicado e prolongado, envolvendo tarefas extras, mais organização e mais coordenação. Nossas próprias crianças estavam sendo negligenciadas, então eu disse ao meu marido, no telefone: "Seria melhor que você voltasse e passasse mais tempo com Ukilay e Ulagat". Não demorou para que ele estivesse conosco em Aksu.

Enfim reunidos como família, nos fins de semana nós alegremente preparávamos as nossas malas para passar algum tempo no campo e relaxarmos. Havia muito tempo não tivéramos chance de fazê-lo.

Julho de 2014: recuperar as forças no paraíso

Amávamos viajar com outras famílias para o famoso *spa resort* de Akyaz. O vale, circundado de montanhas, fica no meio da cordilheira Tian Shan, a apenas quatro horas de nós e perto da cidade de meus pais. Os nativos acreditavam que o lugar possuía poderes curativos. Havia casas de feltro no estilo cazaque, construídas especialmente para visitantes, e muitos cavalos. E, independentemente da época do ano, a paisagem era sempre verde.

Mais em cima nas montanhas, nômades cazaques viviam com seus animais, como viveram há séculos. As águas do Rio Akyaz resplandeciam sob a luz do sol, azul de um lado e branco de outro, as cores separadas por uma linha natural que parecia pintada por uma mão

invisível. A paisagem de contos de fadas atraía muitos nativos e, por um longo tempo, foi um dos nossos lugares favoritos: um dos poucos que não haviam sido completamente arruinados pelos chineses.

Após 1998, entretanto, muitos chineses começaram a chegar: inicialmente, para construir minas de ouro; depois, para abrir negócios a fim de atender as ondas de turistas chineses em busca de descanso e relaxamento; e, finalmente, para cobrar, do povo local, taxas de ingresso para visitar os lugares que, por tradição, havíamos visitado por séculos, o que nos gerava um sentimento incrivelmente humilhante. Mesmo assim, eu recuperava as forças toda vez que íamos para lá: afinal, essa era a terra dos nossos antepassados.

Na nossa última visita, tínhamos visto alguns engenheiros chineses recolhendo amostras do solo, perto do rio. "O que eles estão fazendo ali?", minha filha nos perguntou, mas não fazíamos idéia — apenas um sombrio pressentimento. Havia chineses demais procurando ouro no nosso rio, despejando mercúrio e outras substâncias venenosas na água e redirecionando o seu curso. Como resultado, as correntes estavam ainda mais poderosas e as pessoas e animais da região começaram a morrer por causa das toxinas liberadas no ambiente. Em 2015, as autoridades estabeleceram essa área como restrita: ninguém estava autorizado a entrar. Desde então, não tínhamos nenhuma informação sobre o que acontecera a um dos nossos últimos antigos lugares sagrados.

Na época também estávamos encantados com a beleza de uma paisagem montanhosa igualmente onírica, situada perto de Ürümqi, a qual outrora também havia abrigado principalmente cazaques, por séculos. Os chineses mantiveram os olhos sobre Ulanbai durante anos, até que finalmente a capturaram e começaram a desenvolvê-la como destino turístico. Antes de começarem a construção, as empreiteiras geralmente circulavam pela região, divulgando seus projetos e fazendo, aos nativos, todo tipo de promessas: "Vocês ganharão muito dinheiro, terão uma vida ótima...". Freqüentemente os agricultores acreditavam neles, vendendo as suas pastagens a preço irrisório. Depois percebiam, tarde demais, que nunca veriam sequer uma fração dos ganhos prometidos e que a maioria dos empregos iam para os chineses.

Dessa vez, no entanto, os chineses se depararam com a resistência de cazaques mais cultos e urbanizados. Em 2014, tensões levaram a

um grande conflito em Ulanbai entre cazaques de Ürümqi e os militares chineses. O incidente foi bem documentado em artigos e até em diversas filmagens, nas quais se podem ver chineses arrasando casas e espancando mulheres que estavam tentando fugir. Muitos dos nossos compatriotas acabaram no hospital. A violência levou até a um pequeno conflito entre os governos cazaquistanês e chinês, embora Pequim, em última instância, tenha prevalecido. Em sistemas corruptos, até concessões políticas estão à venda.

A mídia estatal noticiou a resistência da maneira típica: "Pequim está procurando trazer prosperidade para o país, mas alguns desordeiros incultos e agressivos tentam, em vão, impedir isso".

Há várias gerações, a maioria dos nativos reprime o sofrimento de serem subjugados, por medo de serem punidos. E, como os nossos avós fizeram com os nossos pais, Uali e eu protegemos os nossos filhos com o silêncio, não contando a eles nada da história e da política do nosso país. Aceitamos, com resignação, todos os tapas na cara, como escravos acorrentados.

Nunca tínhamos aprendido a pensar por nós mesmos e nunca expressávamos as nossas críticas. Na China, não havia livre pensamento, nem concessão alguma para tentar coisas novas, de forma independente. Desde a infância, estávamos acostumados a ter apenas um mínimo espaço de manobra — como se tudo já fosse preparado para nós, de modo que nunca precisássemos decidir, por nós mesmos, o que de fato queríamos. Contudo, tais limitações consistiam exclusivamente no medo que haviam infundido em nós. O PCC temia que descobríssemos o que havia além daquelas limitações.

Nossos caráteres, assim como a nossa paisagem, estavam arruinados. Mas de que outra forma se espera que as pessoas venham a reagir, numa sociedade como a da China? O Partido quebrara nossos espíritos e a nossa saúde. Olhando para trás, isso faz o meu sangue ferver. Tudo o que fizéramos para satisfazê-los, esperando que nos deixassem viver em paz, foi perda de tempo. Todos os nossos esforços foram em vão. Em vão!

Na época, eu não tinha consciência do tremendo peso que havia sobre os meus ombros. Só depois que cheguei ao Ocidente encontrei a coragem para expressar o meu desgosto com o PCC e me distanciei

o suficiente para dizer: "Não sou mais um membro do Partido!". E, naquele instante, senti uma enorme sensação de alívio, como se tivesse tirado das costas uma mochila cheia de chumbo. Foi como se eu tivesse aprendido a voar.

Mas, até chegar nesse ponto, teria ainda, à minha frente, uma estrada amarga, repleta de sofrimento e tristezas para trilhar.

Os três males

Era como se fôssemos um barril de pólvora e o governo tivesse acendido um longo pavio. Subitamente, tudo explodiu ao mesmo tempo. Houve, durante esse período, tantos protestos e ataques motivados por frustração, que quase nos acostumamos.

Quando várias pessoas mascaradas iniciaram um ataque a facas numa estação de trem em Kunming, em março, ou quando houve um ataque no mercado de verduras em Ürümqi, em abril de 2014, por exemplo, apaguei completamente os incidentes da memória. Terroristas uigures aparentemente haviam lançado bombas no mercado, matando dúzias de pessoas e ferindo mais de uma centena.

Fanáticos religiosos estrangeiros, nos disse o Partido, estavam incitando os uigures a cometerem atos violentos. "Vamos apagar as chamas do terrorismo!", anunciaram. Todos os dias falavam do que denominaram os três males: terrorismo, extremismo e separatismo. Demonstravam, hora a hora, o seu poder superior na televisão estatal, ostentando imagens de iniciativas contra o terrorismo: forças de segurança invadiam condomínios e prendiam suspeitos, que mais tarde seriam executados. Desde então, documentos revelaram que, já em 2014, o governo chinês estava convidando empresas para licitar projetos no intuito de construir os primeiros campos de concentração para muçulmanos.

Na esperança de impedir Ukilay e Ulagat de fazer as perguntas erradas, eu apenas os deixava assistir à programação infantil. Nossa filha já estava no quarto ano e era uma aluna muito dedicada. Para o meu alívio, tinha achado uma vaga para o nosso filho num dos cinco jardins-de-infância que administrei a partir de 2015. Ali eu podia ficar de olho nele. Meus filhos estavam sempre me perguntando: "Por que não podemos falar a nossa língua na sala de aula?". Eu respondia de

forma concisa. "Porque é o que as autoridades querem". Depois de um tempo, eles pararam de questionar.

Com os olhos grudados na televisão à noite, Uali e eu torcíamos as mãos. A China tinha visto o seu primeiro e terrível atentado suicida. Em numerosos discursos, Xi Jinping alertou que terroristas treinados na Síria e no Afeganistão poderiam realizar ataques em Xinjiang a qualquer momento.

Não tínhamos certeza de que terroristas realmente estavam operando em Xinjiang. Como não havia muita evidência, não estava claro quem estava por trás dos ataques, nem se tais autores realmente tinham conexões fora do país. "Mas, mesmo que isso seja verdade", queixou-se Uali, "não há cazaques entre os radicais". Além disso, qual era a razão de tentar explicar? Nosso povo não está indo para o Afeganistão ou Síria para combater: estamos lutando pela sobrevivência na nossa própria terra.

De forma geral, os cazaques do Turquestão Oriental estavam numa situação melhor do que os uigures em outros locais. Poucos de nós estávamos desempregados ou vivendo na miséria. O governo cazaquistanês tinha uma boa relação econômica com os cazaques do Turquestão Oriental, embora Pequim já estivesse tentando abalá-la.

Nunca acreditamos em nenhuma propaganda do governo acerca dos uigures. Havia muitos deles entre os nossos amigos, colegas de estudos ou de trabalho, e conhecidos. Como povos turcos, éramos culturalmente parecidos. Nossa língua, cultura e arquitetura eram muito similares. Casávamos entre nós. Eles eram pessoas completamente normais, como nós, que trabalhavam duro e só queriam viver em paz.

É possível que existissem alguns radicais entre eles, como em qualquer outro país, mas isso não justificava rotular todo um grupo religioso como terrorista. Fazê-lo era qualquer coisa, menos uma boa resposta à violência de alguns indivíduos. Contudo, o Partido nunca perdia a oportunidade de voltar as minorias muçulmanas umas contra as outras e de provocar preconceitos nos chineses.

Mesmo assim, qualquer pessoa com a mínima formação sabia quais eram as verdadeiras intenções do governo. Eles estavam usando os uigures como peças num tabuleiro de xadrez, definindo os seus próximos

passos. Xi Jinping estava transmitindo uma nova campanha televisiva de intimidação contra todos os muçulmanos. "A população de Xinjiang terá, à sua frente, um período de tratamento doloroso", anunciava. Não haveria "mais clemência".

Mas, como poderíamos ter previsto um cenário como esse, que jamais existiu em tal escala? Previsto o que nem os pensadores mais brilhantes, em seus vislumbres mais tenebrosos do futuro, nunca haviam descrito? Os habitantes de Xinjiang estavam enfrentando o *establishment* do maior Estado de vigilância do planeta, que poderia dispor do maior banco de dados e da mais moderna tecnologia de informação que o século XXI tinha a oferecer.

Era o fim de toda a autodeterminação.

Passaportes revogados

"Todos os funcionários do setor público devem entregar os passaportes", exigiam as autoridades. "Por quê?", perguntamos, chocados. As razões eram objetivas: "É inofensivo. Estamos apenas modernizando algumas tecnologias para facilitar o nosso trabalho. Queremos registrar todos os dados novamente". Quando algumas pessoas ainda hesitavam, eles tentavam tranqüilizá-las: "Terá o seu passaporte de volta rapidamente".

Entretanto, muitos nativos eram céticos — suspeitávamos que, no fim das contas, as autoridades tinham outras intenções. Talvez quisessem nos impedir de viajar para o exterior. Prender-nos no nosso próprio país? Continuamos a fazer as mesmas perguntas, tentando postergar a entrega dos nossos passaportes. Eles respondiam definindo um prazo até o fim de abril. Quem o perdesse seria penalizado.

Como Uali estava no início da sua aposentadoria, não mais trabalhando no setor público, ele foi autorizado a ficar com o passaporte. Mas, com um embrulho no estômago, entreguei o meu. Evidentemente, não eram apenas nativos que deviam fazer isso; os chineses deviam também. No entanto, enquanto fiquei na fila, observei que os passaportes dos chineses eram logo devolvidos, enquanto os nossos eram retidos.

Naquela noite, o meu marido e eu nos deitamos face a face. "Espero ter logo o meu passaporte de volta", falei ansiosamente.

"Tudo vai ficar bem", Uali me disse, tirando o cabelo do meu rosto, mas a sua voz soou como se não acreditasse. "Durma".

Não fazíamos idéia de que os guardas da fronteira já tinham recebido instruções do governo para não deixar funcionários públicos viajarem sem permissão especial. Mesmo com o meu passaporte, eu não teria sido autorizada a atravessar.

Aparentemente, eles estavam tentando impedir pessoas como eu de revelar os segredos estatais ou informações sobre a opressão das minorias em Xinjiang. Nada preocupava mais Pequim do que histórias negativas sendo vazadas sobre a China, prejudicando a sua imagem e a sua pujante economia, e reduzindo o seu crescimento em direção ao cume do domínio global. A revista do Partido, *A Busca da Verdade*, exigia que os partidários mais proeminentes publicassem internacionalmente somente histórias positivas acerca do Reino do Meio.

Meu esposo e eu não queríamos passar mais um dia naquela grande prisão a céu aberto. Estávamos convencidos disso. Íamos nos mudar para o Cazaquistão, permanentemente. Lutei obstinadamente por meses para reaver o meu passaporte, expondo as minhas razões para os funcionários: "Quero apenas fazer uma breve visita ao Cazaquistão para visitar os nossos familiares com a minha família. Em seguida, voltaremos".

Mas eles continuavam a dar desculpas.

Hora da despedida

No passado, passávamos anos sem sentir o doloroso impacto das políticas de Pequim na nossa vida cotidiana. Depois, meses. Depois, semanas. Logo, apenas dias. E agora, cada segundo contava.

À noite, Uali e eu ficávamos em pé debaixo de uma macieira do jardim. "Nossos filhos não têm mais um futuro no nosso próprio país. Precisa tentar pegar os seus passaportes o mais rápido possível, para fugir para o Cazaquistão", eu sussurrei. "Se as coisas continuarem nesse ritmo, não vai demorar até que vocês três também não possam mais viajar".

Mais do que pensar em mim mesma, decidi pôr a minha família em primeiro lugar. Uali engoliu em seco. No seu pescoço magro, o pomo

de adão subiu e desceu. Baixou a cabeça e, depois de um silêncio longo e pensativo, falou: "Sim, acho que você está certa. Eu deveria viajar o quanto antes, com as crianças". Suplicante, peguei as suas duas mãos e falei: "Seguirei vocês assim que tiver o meu passaporte".

Eu ainda estava me apegando àquela esperança, como um náufrago se agarra a um pedaço de madeira. No dia seguinte, Uali informou aos funcionários pertinentes que ele estava levando os filhos para visitar os seus parentes durante dois meses. Eles ainda não me permitiam sair do país. "Neste exato momento, é difícil conseguir uma autorização de viagem para você", alegaram. "Deixe a sua família ir sozinha. Poderá juntar-se a eles alguns dias depois".

Era arriscado, mas contamos às duas crianças que tínhamos decidido dar as costas para a nossa terra natal, para sempre. "No Cazaquistão", dissemos, "a vida é melhor. Lá podemos falar a nossa própria língua". Não quisemos mentir para Ukilay e Ulagat. O plano era o Uali alugar um apartamento na capital, Astana, achar um emprego e matricular as crianças numa escola.

Em julho de 2016, concluímos todos os preparativos e fizemos nossas malas. Eu era a única com licença para dirigir o veículo, então, se íamos viajar uma longa distância, eu tinha que dirigir. Assumi o volante e levei a minha família, por oito horas, rumo à fronteira, em Korgas. Não houve atrasos na estrada, apenas os habituais postos de controle localizados na entrada e saída da cidade. Nos dias de hoje, eu não teria ido tão longe, porque, mesmo em viagens curtas, eles começaram a escanear, nos postos de controle, as faces de todas as pessoas no carro.

Mesmo à distância, vimos o enorme complexo de prédios na fronteira, à semelhança de um aeroporto. Parei num estacionamento, perto da entrada. Uali e eu saímos em silêncio e nos abraçamos. Para o bem das crianças, agimos como se fosse uma despedida completamente normal — como se eu apenas fosse dar um pulo na padaria. Mas, mesmo assim, a situação os afetava. Eles ficaram um longo tempo sentados no carro, chorando.

Senti vontade de chorar também, mas pigarreei e tossi, fingindo ter algo preso na garganta. Eu não podia deixar que vissem a sua mãe triste e profundamente amedrontada. Com a voz estridente, eu disse a eles: "Agora vocês vão na frente, e daqui a pouco me juntarei a vocês".

Nisso, Ukilay e Ulagat choraram ainda mais alto. "Só tenho algumas coisas para resolver, mas prometo a vocês que virei o mais rápido possível", falei, acrescentando: "Não vou abandonar vocês. Afinal, eu amo vocês mais do que tudo no mundo".

As crianças sabiam que aquilo era verdade e nos acompanharam em direção ao grande terminal, que estava fervilhando de pessoas. Guardas uniformizados e câmeras estavam por toda parte. Assim como o aeroporto, somente pessoas com os documentos certos estavam autorizadas a atravessar o posto de controle.

Uali segurou as minhas mãos úmidas, as lágrimas brotando dos seus olhos. "O mais importante é você tentar recuperar o seu passaporte assim que possível", afirmou com firmeza. "Não se preocupe com trazer o nosso dinheiro e os bens — deixe tudo para trás". Interiormente, ambos estávamos divididos: tínhamos esperança de que eu logo me uniria a eles, mas sabíamos que isso podia ser impossível. Foi difícil desviar os olhos um do outro, mas fizemos o nosso melhor para manter os nossos filhos tranqüilos; além disso, o tempo era curto.

De mãos dadas com as crianças, Uali foi embora, além da barreira, enquanto Ukilay e Ulagat continuavam com os olhos voltados para mim, tropeçando nos próprios pés. Acenei até que, enfim, os três desapareceram na multidão. Em seguida, entrei no carro e dirigi de volta.

Chegando em frente da nossa casa, desliguei o carro e corri para o nosso apartamento vazio. Parando um instante na sala, desabei sobre o chão como um monte de trapos. Houve um breve silêncio. Então comecei a gritar e a chorar amargamente. Eu tinha perdido tudo! Tudo desapareceu! Finalmente, parei de balançar e me sentei ereta. Minha voz se encolheu até tornar-se um sussurro, e então fiquei completamente quieta. Congelei assim, incapaz de me mover. "Meu pai, perdoe-me por ser tão fraca...".

CAPÍTULO 4

Pior do que um hospício: O maior Estado de vigilância do mundo

Um tirano vindo do Tibet chega ao Turquestão Oriental

Em agosto de 2016, o presidente nomeou um novo secretário do Partido para o Turquestão Oriental. O homem escolhido para a função foi Chen Quanguo. Nos últimos sete anos, ele fora responsável por destruir a cultura e o modo de vida das pessoas nativas no vizinho Tibet. Muita gente conhecia a sua história. Visitantes oriundos do Tibet diziam a todo mundo que foram as suas políticas desumanas que levaram os monges a se encharcarem de gasolina e a atearem fogo em si mesmos publicamente.

As notícias se espalharam por Aksu como um incêndio: "Aquele assassino em massa está chegando a Xinjiang!". Todos os nossos amigos estavam falando sobre o assunto. "O que vai acontecer conosco agora?", cogitavam, ansiosos. Ficamos todos apavorados.

Enquanto isso, os funcionários do Partido estavam tocando a máquina de propaganda a todo vapor. "Esse homem é um gênio da administração e um grande líder do povo. Num curto período, ele levou grande prosperidade para a região em desenvolvimento do Tibet. Quando chegar a Xinjiang, todos se beneficiarão com o avanço econômico!". Eles tentavam tudo o que podiam para torná-lo um homem palatável, mas isso só nos deixava mais em pânico. Sabíamos que a verdade era sempre o exato oposto do que o Partido tentava nos vender.

Quando a notícia da primeira decisão de Chen Quanguo chegou até nós, empalidecemos. "O restante de vocês deve entregar os passaportes, também", disseram-nos. "Inclusive crianças e idosos". Naquele

momento, toda a esperança que havia dentro de mim logo desapareceu. "Nunca sairei daqui", eu pensei.

A cada 50 ou 100 m de estrada brotavam pequenos *bunkers* de concreto do solo, como cogumelos: postos de controle. Policiais e agentes auxiliares, em uniformes pretos, azuis ou amarelos, estavam em cada esquina, parando os transeuntes e pedindo para ver seus documentos. Praticamente não havia mais por que guardar o documento de identidade, porque seria necessário mostrá-lo novamente, minutos depois. Percorrer 100 m levava uma hora. Até que, abruptamente, informaram-nos que todos os cidadãos tinham que se dirigir a um dos postos de exame médico.

Aquele que não colaborasse seria encaminhado para uma delegacia.

Ficamos espantados quando — após um testes de AIDS e uma coleta de sangue — nos foi dito para nos encaminharmos à delegacia mais próxima, para um escaneamento de retina. Eles lhes enviariam os nossos dados de saúde sem pedir a nossa permissão.

"A terceira geração da carteira de identidade será lançada em breve, então precisamos de determinadas informações", diziam, antes de gravar um vídeo curto de cada pessoa. "Por favor, sorria, agora fique triste, vire para a esquerda e depois para a direita... E, aproveitando a ocasião, vamos registrar também amostras da sua voz".

Por que eles precisariam de amostras da nossa voz para confeccionar um novo documento de identidade? "É para a sua própria segurança", eles enfatizaram. As pessoas tinham tanto medo que procuravam amenizar a própria situação apegando-se a alguma justificativa que as tranqüilizassem.

"Se eles estão usando os métodos mais avançados", elas raciocinavam, "faz sentido que necessitem desse tipo de informação". Utilizando todos os dados que havia coletado, o Estado logo seria capaz de rastrear todos os passos de cada indivíduo do Turquestão Oriental.

Durante esse período, o tráfico de órgãos começou a ser um assunto preocupante na nossa região. Na cidade de Kuytun, foram encontrados os corpos de duas crianças dunganes, debaixo de uma ponte. Seus órgãos haviam sido removidos. Vídeos da família gritando e chorando ao lado dos corpinhos brutalizados rapidamente chegaram aos incontáveis

grupos de discussão na *internet*. Contudo, já no dia seguinte, todos os vestígios do vídeo haviam sido eliminados. Na mesma época, os corpos de duas estudantes, uma cazaque e outra uigur, foram achados em Ürümqi. Eles tinham sido abertos e depois sumariamente descartados pelos criminosos.

Quem éramos nós para o PCC? Era uma pergunta que nenhum de nós ousava fazer em voz alta, porque ninguém ousaria escutar a resposta. Eu observava, inexpressiva, enquanto técnicos instalavam dezenas de câmeras em cada um dos prédios estatais, inclusive nas entradas e áreas recreativas de nossos jardins-de-infância. Por que estavam fazendo aquilo?

Lojas e alfaiates antigos que vendiam ou confeccionavam roupas tradicionais foram forçados a fechar. A polícia confiscou seus bens, levou os proprietários ao tribunal e depois para a prisão, e ainda enviou os empregados para campos de concentração.

Reunião secreta: a instalação de centros de qualificação profissional

Era aproximadamente 19h. Eu não tinha sequer tirado os sapatos quando o telefone tocou. "Você precisa estar num encontro secreto em Zhaosu, em duas horas", um membro do Partido me informou. Não houve mais explicações. Prendi apressadamente o cabelo antes de entrar no carro e partir. Ao chegar, por volta das 21h, encontrei outros 180 funcionários públicos muçulmanos reunidos no lado de fora dos principais gabinetes do comitê do Partido no condado. No frio de inverno, cumprimentamo-nos com um aperto de mão e nos apresentamos mutuamente. "E de onde você é?", perguntei às pessoas em torno de mim. Estava tão gelado que se via o vapor da nossa respiração. Todos nós ocupávamos cargos relevantes em hospitais e instituições educacionais e havíamos sido apressadamente convocados das cidades vizinhas. Ninguém sabia o que esperar.

Olhando para trás, eu diria que aquele encontro aconteceu no início de novembro de 2016, não sei exatamente o dia. Eu costumava armazenar muitos números de identidade e seqüências de dígitos na minha cabeça, durante semanas — mesmo quando, na estrada, eu passava veloz por

um número de telefone, eu o guardava na memória. Mas, agora? Depois das experiências traumáticas que passei no campo de concentração, as memórias às vezes vazam do meu cérebro como por uma peneira. Minha mente está tão abarrotada de lixo que nada mais consegue entrar. Não consigo contar a minha história de modo limpo e organizado. Continuo esquecendo coisas que, posteriormente, surgem na minha cabeça, de modo que parece que estou emaranhada em contradições.

Quando entramos, eles recolheram os nossos telefones e bolsas; em seguida, conduziram-nos até um salão repleto de cadeiras. Conduzindo a reunião, sobre um palanque, estavam cinco ou seis agentes de segurança de alto escalão, em diversos uniformes militares, além de outras figuras importantes da liderança do Partido. O tópico principal da noite era o seguinte: "Como alcançar a estabilidade em Xinjiang?". O segundo era: "Qual é a maneira mais efetiva de combater o extremismo religioso?".

Entre os participantes, estava a diretora da autoridade educacional, uma chinesa absolutamente terrível, que atende pelo nome de Yang Tianhua, que fez um discurso escandalosamente ofensivo. Ela tinha altura mediana e uma trança escura que ia até os quadris. "No futuro, vamos erradicar todos os pensamentos nocivos, contaminados com vírus ideológicos, oriundos dos povos nativos!". Olhei em volta, irritada, mas todos tinham os olhos fixos nela, como se estivessem enfeitiçados.

Como uma funcionária importante, ela vestia o típico uniforme comunista azul: jaqueta, blusa e calças, além de um broche de metal preso no peito, contendo a insígnia do Partido, uma bandeirinha vermelha e a foice e o martelo dourados. Nos últimos anos, professores e diretores de escola também foram forçados a vestir esse modelo de roupa — não só em eventos oficiais, mas também no dia-a-dia.

Perto do fim da reunião, os outros funcionários do Partido explicaram, de maneira prática, como planejavam "desradicalizar" os separatistas islâmicos. "A fim de alcançar a nossa meta, a dizer, a estabilidade", anunciaram, "vamos instalar campos de reeducação". Foi como se os nossos cérebros tivessem que traduzir essa declaração terrível, antes de absorvê-la. Eles não forneceram estimativas exatas, nem qualquer informação concreta quanto ao tamanho desses campos, mas enfatizaram que isso se daria em larga escala. As pessoas na sala começaram a se inquietar, como se estivessem sentadas em carvão aceso.

Foi a primeira vez que ouvimos algo sobre tais campos. O sujeito que leu a declaração estava segurando diversos documentos, mas só compartilhava uma pequena parte conosco. Evidentemente, a maior parte da informação ficou de fora. Da mesma forma, nossos questionamentos não foram totalmente respondidos. Algo estava errado. Um murmúrio varreu a sala como uma onda.

As pessoas presentes na audiência continuaram erguendo as mãos para ter certeza do que ouviram. "Não entendemos bem o que será instalado aqui. O que significa 'campo de reeducação'?". Um importante oficial militar se apressou a tranqüilizar o público apreensivo. "Não se preocupem. É claro que não afetará pessoas bem respeitadas como vocês. São só algumas medidas simples para auxiliar os nativos culturalmente desfavorecidos — para ajudá-los a se requalificarem e aprenderem um novo trabalho. São centros de qualificação perfeitamente normais".

Antes de nos permitirem sair — já era quase meia-noite — os chefes do Partido advertiram que tudo o que ouvíramos naquela noite era expressamente confidencial. Ninguém estava autorizado a falar da reunião. Fomos instruídos a entregar os nossos telefones e bolsas, na entrada lá fora, espontaneamente, em todas as reuniões futuras. "É terminantemente proibido fazer anotações, tirar fotos, filmar ou gravar", enfatizaram. Por volta das duas da manhã, eu estava em casa. Estava tudo escuro.

Não havia ninguém com quem comentar as coisas assustadoras que eu escutara.

Inspeções inesperadas

Aconteceram muitas outras reuniões secretas com membros do alto escalão desde aquela noite — às vezes no prédio do governo local, às vezes em diferentes gabinetes de governo. Numa delas, o enfoque foi a política do filho único. Todo aquele que administrasse um jardim-de-infância ou uma escola deveria descobrir quais colaboradores desobedeceram a lei desde a implementação da política em 1980 e tiveram mais de dois filhos. Isso mesmo que todos esses casais já tivessem sido punidos — não entendemos o motivo de começar tudo de novo em 2016.

Era uma medida insana após a outra. Na ocasião seguinte, disseram--me que eu deveria me certificar de que o apartamento de cada um dos meus cem funcionários fosse inspecionado. Conforme cada lar fosse alvo de buscas, eu preenchia um formulário que incluía várias questões acerca dos itens domésticos. "Há itens religiosos, como um tapete de orações ou objetos estrangeiros, do Cazaquistão ou da Turquia?". Em seguida, eu tinha que ir até as suas estantes, na companhia de um colega, para registrar os títulos, individualmente. É óbvio que essas inspeções deviam ser inesperadas. Qualquer coisa proveniente de um país estrangeiro era suspeita e tomada como indicativo de atividades terroristas.

Isso me fazia muito mal, mas todos os indícios da nossa cultura eram condenados — enfeites na parede, por exemplo, borlas coloridas ou adagas decorativas com cabos dourados. Fiz o que pude para estar presente na maior quantidade possível dessas visitas, tentando proteger ao máximo os meus compatriotas e listar a menor quantidade possível de objetos. "É melhor que você descarte ou destrua certas coisas. Caso contrário, elas podem colocar você em perigo", eu alertava. Nós até erguíamos as pontas dos tapetes para verificar os fabricantes. "É melhor remover todas as etiquetas, assim não se pode dizer que vieram do exterior".

Não me preocupava a hipótese de que os meus colegas me causassem problemas com os superiores por causa desse aviso. A maioria deles já me conhecia há anos, e respeitava a minha justiça. No meu jardim-de-infância, todos os que se dedicassem eram premiados, independentemente de serem cazaques ou chineses. Todo mundo conhecia as minhas boas intenções. De qualquer forma, os muçulmanos eram maioria ali, portanto a maioria da equipe também era afetada pelas medidas.

Se, porventura, eu fosse fazer uma inspeção na companhia de um dos meus poucos funcionários chineses, avisava antecipadamente aos meus colegas nativos, por precaução. Como resultado, não havia muitos problemas durante a busca em si. Nós obedientemente tirávamos nossas fotos e preenchíamos juntos os formulários.

Cortando o contato

"Terroristas muçulmanos estão tentando jogar Xinjiang no caos". Ouvia-se isso no rádio, na televisão e também no trabalho, na voz dos grandes funcionários do Partido. Porém, o caos na nossa terra era causado não por terroristas, mas por Pequim e pelo próprio Partido.

Morar no Turquestão Oriental era como se, dia após dia, estivéssemos esperando uma enorme erupção vulcânica. Cada vez mais pessoas sumiam das ruas. A polícia circulava pela vizinhança, prendendo amigos e conhecidos. Ninguém nunca retornou. Em pouco tempo, praticamente não havia mais homens jovens. Afinal, o que estava acontecendo?

Um dia, as autoridades começaram a racionar açúcar, porque tal ingrediente poderia ser usado para fazer uma bomba. É claro, os cazaques não usam tanto açúcar, a não ser que alguém fizesse um bolo, portanto isso, na realidade, não nos afetou. O que nos causou impacto, contudo, foi quando as autoridades, repentinamente, começaram a enviar alguém, uma vez por mês, para verificar o medidor de energia elétrica nas nossas casas. Caso estivesse usando mais energia do que de costume, eles interpretavam isso como um sinal claro de que estávamos cometendo alguma ilicitude — devíamos estar preparando um ataque terrorista. A detenção, nesses casos, era a única opção.

Nas escolas e jardins-de-infância, grupos de operários chegavam para instalar arame farpado nos muros. Levantaram torres de vigilância e cercas altas demais para alguém pular. Todo o lugar começou a parecer um presídio de segurança máxima. Até as nossas portas foram reforçadas com aço. E, em toda parte, em cada canto, nos pátios e nos corredores, lá estavam as câmeras, observando.

Olhei pensativamente pela janela do meu escritório para o pátio abaixo. Antes que meus colegas estacionassem seus carros, mostravam o seu documento de identificação para os agentes de segurança. Todo dia, o mesmo jogo. A pessoa mostrava os seus documentos e repetia o pequeno discurso: "Reafirmo que trabalho aqui". Somente esse procedimento durava cerca de meia hora.

O único prazer que me restou foram os telefonemas para Uali e as crianças. Nós nos comunicávamos via WeChat, um *app* chinês semelhante ao WhatsApp, quase todas as noites. "As crianças estão com

muita saudade de você", disse Uali. "O pequenino chora por você o tempo todo e pergunta quando você virá".

"Coloque-os no telefone", pedi, e fiz uma promessa para Ukilay e Ulagat, um de cada vez. "Receberei o meu passaporte daqui a pouco, depois irei para aí". Tentei parecer o mais confiante e calma possível.

Na próxima vez que liguei, Uali me contou como estava terrivelmente frio em Astana. "Está -40 graus aqui. As crianças não podem ficar aqui por muito tempo — em parte, por causa das temperaturas congelantes e em parte porque elas se sentem longe demais de você. Vamos nos mudar para Almati". Era perto da fronteira com o Turquestão Oriental, e o clima mais ameno.

"Mamãe, quando você vai chegar?". As crianças estavam gemendo ao fundo. Uali se virou para acalmá-las. "Assim que estivermos perto da fronteira, sua mãe vai poder estar com vocês em poucas horas". Mas eu pude notar o quanto ele estava tenso. "Sayragul, por favor, diga a eles que é verdade". Ukilay e Ulagat riram com alívio quando eu confirmei o que ele dissera. Em seguida, Uali pegou o telefone, foi para outra sala sozinho e começou a falar baixinho. "Por favor, tente recuperar seu passaporte o mais rápido possível, para que possa estar conosco nas férias, em janeiro".

"Sim", respondi. "Vou tentar".

Depois disso, todo o contato foi interrompido. Em novembro de 2016, as autoridades cortaram toda comunicação entre o Cazaquistão e a China pelo WeChat, telefone ou *internet*. A ninguém era permitido manter contato com o mundo exterior por meio dessas tecnologias.

Todos esses *apps* estavam banidos. Tivemos que deletá-los imediatamente, ou enfrentar punições draconianas. Não muito tempo depois, eles nos forçaram a carregar os nossos computadores, laptops e telefones celulares até um dos postos de segurança, onde os agentes verificaram os conteúdos de cada dispositivo. Na noite anterior, passei um bom tempo olhando para a mensagem na tela — "Sentimos a sua falta...!" — antes de deletar os nossos últimos textos.

No dia seguinte, preenchi um formulário listando todos os meus números de clientes, tudo o que estava instalado nas máquinas e cada programa que eu havia baixado no telefone e no computador. Mas eles também tinham um monte de outras perguntas. "Quantas pessoas moram

na sua casa? Quantos animais você tem? Quantos dispositivos eletrônicos você possui?". Quando entreguei o papel, o funcionário chinês me informou: "De agora em diante, podemos capturar e inspecionar o seu celular, telefone fixo ou computador, a qualquer momento". Era óbvio, pelo seu largo sorriso torto, o quanto ele desfrutava do seu próprio poder.

Foi só depois que eu cheguei ao Ocidente, que aprendi que eles aproveitavam essas oportunidades para instalar *spywares* como Fengcai (cuja tradução é algo como "abelhas coletando mel") nos nossos telefones celulares. Eles usaram esses aplicativos para coletar dados incrivelmente íntimos, habilmente organizados em categorias como mensagens de texto, contatos, calendário e fotos. Eles procuravam tudo em busca de palavras-chaves suspeitas, como "Taiwan" ou "Islã", que imediatamente alertariam os serviços de segurança. Mesmo as pessoas que meramente viajassem dentro de Xinjiang teriam os seus telefones inadvertidamente vasculhados do mesmo modo.

Ao chegar no trabalho, sentia a cor sumir do rosto enquanto mostrava meus documentos ao funcionário. Como ele me enxergaria hoje? Uma espiã, traidora ou diretora de jardim-de-infância? A partir de janeiro de 2017, a política dobrou as prisões de pessoas com familiares ou amigos fora do país.

Fui considerada um "elemento suspeito", uma vez que o meu marido e filhos estavam no Cazaquistão. Se eu fosse detida como esposa de um "espião", as autoridades encontrariam, no meu telefone, os números de contato da minha mãe, irmãos e irmãos, e assim eles estariam implicados também. Na tentativa de preservar os meus familiares de perigo desnecessário, dali para a frente eu evitava ter contato com eles, o máximo possível. Nem sequer ousava telefonar para a minha mãe para perguntar como ela estava.

A solidão se infiltrara no nosso coração.

Reeducação política

Nada permaneceu igual depois daquilo. Nossas vidas viraram de cabeça para baixo. Após recolherem os passaportes da população nativa, eles passaram a mudar qualquer nome que soasse muçulmano ou religioso, pondo em seu lugar outro mais simples, geralmente chinês. Hussein subitamente se tornou Wu.

Foi decidido então que precisávamos de um novo visual para acompanhar os nossos novos nomes. Todo homem muçulmano usava barba, mas, a menos que quisesse ser preso, agora tinha que tirá-la. Um vizinho de setenta anos recusou-se a obedecer. Certo dia, alguns membros do Partido invadiram a sua casa, ataram as suas mãos atrás das costas, e removeram a sua barba branca à força. O homem ficou gritando o tempo todo: "O que estão fazendo? Estão cortando a minha barba, mas vai crescer de novo!". Foi levado para o campo de concentração, onde ficou sete anos.

Nossa vida social foi aniquilada. Ninguém mais ousava parar para conversar na rua. Ninguém queria fazer comemorações em grupo num restaurante ou encontros num café. E quem era audacioso o bastante para fazer um grande casamento tradicional, ou para convidar muitas pessoas para o funeral de um parente, tinha que submeter a sua lista de convidados antecipadamente e informar o nome dos organizadores. De uma hora para outra, havia câmeras em todo lugar; as ruas estavam cheias de policiais, e as casas de chá quase vazias de freqüentadores.

Se você quisesse se encontrar com amigos, devia antes pedir permissão à polícia ou ao órgão de segurança competente. Demorava dias até chegar uma resposta, que normalmente dizia que o evento tinha que terminar às 21h30. Caso quisesse convidar pessoas para uma refeição no restaurante, precisava informar o seu nome e se sujeitar a ser interrogado pela polícia, que perguntaria por que você havia organizado aquele compromisso.

Ninguém queria arriscar seu pescoço. No máximo duas ou três pessoas poderiam comer juntas no restaurante, se elas se encontrassem por acaso. Quem queria sair, naquelas condições? A maioria dos indivíduos ficava em casa, odiando o governo e o seu despotismo. As viaturas policiais patrulhavam as ruas, 24 horas por dia, com as sirenes ligadas e as luzes piscando. Sem trégua. Ninguém era autorizado a se expressar.

Agentes uniformizados podiam aparecer sem aviso, a qualquer momento, para carregar as pessoas para longe. A alguns eles acordavam no meio da noite; outros eram informados antecipadamente que, nos próximos dois dias, seriam levados para um "campo de reeducação". Diversas pessoas se enforcavam nas suas casas, antes que pudessem ser levadas. Muitas crianças eram deixadas para trás, sem ninguém

para cuidar delas e assim o PCC as levava para um orfanato. Outras morriam na rua.

Publicamente, o Partido continuou a falar usando eufemismos sobre "centros de qualificação vocacional", onde as minorias nativas "seriam qualificadas" e "concluiriam o ensino básico". Mas por que a polícia estava carregando os indivíduos algemados à noite, se eles apenas estavam sendo levados para uma escola? Todos sabiam que, naqueles campos, as pessoas eram torturadas e assassinadas. "Não se pode puxar, uma por uma, as ervas daninhas escondidas em meio à plantação", riam os inspetores chineses, zombeteiros, nos seus coletes à prova de balas amarelos. "É preciso borrifar produtos químicos, se se quiser aniquilar tudo".

Estávamos todos num constante estado de medo, esperando que homens fortemente armados irrompessem por nossas portas. Quando serei levada? Fiz preparativos, como todos os demais. Numa bolsa, enfiei um par de calçados, camisola, escova de dentes e roupas sobressalentes e a pendurei na parede, atrás da porta, de modo que, se eu fosse presa, conseguisse agarrá-la ao sair.

Quando me recordo, era como se eu vivesse numa zona de guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados abatiam pessoas como se fossem animais: era assim que eram mortas. Matar no século XXI, entretanto, era diferente: éramos objeto de permanente tortura psicológica. O governo estava promovendo um tipo específico de guerra contra uma população inteira. Eles nos estão matando lentamente, mesmo agora, pouco a pouco. A cada manhã, morre uma parte sua. Dentro de poucos meses, nossas vidas viraram um pesadelo.

O mundo desvia o olhar

Em algum momento daquela palhaçada, uma delegação de funcionários de alto escalão de Xinjiang foi convidada a Pequim. Foi decidido que, a partir de 2020, as fronteiras do Turquestão Oriental seriam fechadas. Ninguém seria autorizado a deixar a região, e ninguém entraria nela sem permissão. Tal privilégio estaria reservado a certos funcionários públicos.

Um dos políticos presentes na reunião anunciou a decisão e a notícia logo se espalhou na *internet*, num cazaque sombrio: "Fomos informados que toda a região de Xinjiang será fechada". Fiquei chocada. Eu não

tinha mais com quem conversar, então falei em silêncio comigo mesma. "Está parecido com a Coréia do Norte".

No dia seguinte, todos nós recebemos a mesma notícia novamente, mas, dessa vez, estava riscada com um x vermelho. Notícias marcadas com um x vermelho brilhante eram o modo de o Partido reagir diante do vazamento de informação confidencial. Acrescentaram um aviso: "Este boato é falso".

Todos tínhamos que ler e passar adiante. Assim, chegava às poucas pessoas que ainda não tinham lido. Essencialmente, o Partido tinha acabado de tornar pública essa informação "confidencial". E todos sabíamos que, se o governo alegava que algo era mentira, então devia ser verdade. Isso fez o nosso sangue congelar.

Não muito depois, recebemos outro boletim cruzado: como cazaques, tínhamos que ser cuidadosos, porque havia no Cazaquistão uma organização antichinesa chamada Atajurt. Quem estivesse ligado a essa organização ou ao seu chefe, seria detido imediatamente. Dali em diante, todos os cazaques ficaram informados de que havia uma organização no Cazaquistão que estava documentando os abusos aos direitos humanos na China, graças aos relatos sistemáticos das pessoas que haviam escapado. "Pelo menos não nos esqueceram", suspirei, aliviada.

Porém, eu ainda estava perdendo o sono por causa da primeira notícia. O que nos aconteceria em 2020 se o Partido nos aprisionasse no nosso próprio país? Não haveria testemunhas dos crimes que estavam sendo cometidos. Será que matariam todas as minorias e livres-pensadores? A idéia de ficar tão completamente sozinha e isolada do restante do mundo era paralisante. Quem deu a Pequim tanto poder, a ponto de se permitirem nos prender, torturar e assassinar, de modo descontrolado e impune? Não há outros países que possam intervir e interromper tais atrocidades? Por que não há fim para a constante onda de prisões, dia após dia? Quando isso tudo vai parar? Por que ninguém no mundo nos enxerga? Por que a comunidade internacional não está protestando? Continuei a quebrar a cabeça, mas não achava respostas.

"Se o mundo continuar a desviar os olhos", pensei febrilmente, "eles acabarão exterminando, num só golpe, milhões de pessoas — todo um grupo étnico. Genocídio".

E então a minha porta da frente foi invadida.

CAPÍTULO 5

Controle total: Interrogatórios e estupro

Janeiro de 2017: o primeiro interrogatório

Verifiquei todos os jardins-de-infância antes de ir dirigindo para casa, por volta das 20h. Eu estava na cozinha, preparando algo para comer, quando ouvi um ruído na porta da frente, e então uma debandada de passos se aproximando. No momento seguinte, três policiais chineses armados bloquearam a minha rota de fuga.

Numa fração de segundo, a sala começou a girar; a minha mente acelerou. Eles vão me levar para um campo de concentração! Eu tinha certeza disso.

"Venha", um dos homens me ordenou.

"Para onde?". Minha voz estava fina como uma linha de costura.

"Você não precisa saber. Venha conosco!".

Eu ainda estava segurando o meu celular, mas, um momento depois, um dos agentes o apanhou de mim e entregou a outra pessoa. Não tive tempo de trocar de roupa: Eu ainda estava vestindo o meu uniforme azul do Partido, usado no trabalho. Não me deixaram vestir o casaco, nem pegar a bolsa que eu tinha preparado exatamente para uma emergência como aquela. De repente, tudo ficou escuro. Vieram por trás e enfiaram um capuz preto na minha cabeça.

Do lado de fora, eles me empurraram para o banco traseiro de um carro e, no momento seguinte, eu estava apertada entre dois homens armados. O terceiro estava ao volante. Meu coração estava gelado. Ficarei presa para sempre? Verei meus filhos de novo? O que eles queriam comigo? Que erro eu tinha cometido?

O percurso levou cerca de uma hora. Quando eles puxaram o capuz da minha cabeça, vi que estava numa pequena sala de interrogatório. Onde eu estava? Talvez num prédio secreto da polícia? Não fazia idéia. No meio estava uma parede divisória de vidro, e dois policiais chineses — um homem e uma mulher — estavam sentados no outro lado. Ele fazia as perguntas; ela tomava nota de tudo. À minha frente havia uma mesa, e sobre ela um microfone com um botão.

Fui bombardeada com perguntas. "Por que os seus filhos e o seu marido foram para o Cazaquistão? Onde eles moram? O que estão fazendo lá?". Se eu hesitasse por um segundo sequer, a mulher intervinha instantaneamente. "Por que não está respondendo? Que tipo de razões desonestas estão na sua cabeça? Você é inimiga? Fale!". Acusações sem fim, proferidas aos berros como ordens. "Qual foi o propósito de sua família viajar para lá?". Escolhi as minhas palavras cuidadosamente, preocupada com que um passo errado naquele campo minado causasse uma explosão. "Eles só queriam visitar o Cazaquistão. Temos muitos parentes lá. Mas os meus filhos gostaram muito do local, então resolveram ficar e ir para a escola". Quando perceberam que eu estava me envolvendo com a história, tentaram achar outras coisas para me culpar. "Tem alguma coisa contra o sistema educacional chinês? Existe algo nele que você não goste? É por isso que enviou os seus filhos para uma escola no Cazaquistão?". "Não, não me oponho a nada!", protestei, sentindo-me como um peixe se contorcendo no anzol. Não quis lhes dar nenhum terreno para que imputassem delitos contra mim.

Os dois continuaram a verificar o meu telefone, para ver com quem eu tinha me comunicado. "O que o seu marido está fazendo no Cazaquistão? Ele tem conexão com alguma organização política de lá? Para quais inimigos da China ele está trabalhando?". O homem continuava a reformular as mesmas perguntas. "Ele foi para o Cazaquistão com o objetivo de trabalhar com alguma espécie de organização separatista, não foi? Não tem como nos enganar. Sabemos de tudo, temos pessoas em todos os lugares, inclusive no Cazaquistão".

Respondi com sinceridade. "Eu não sei!". Gradativamente, contudo, o meu temperamento aflorou e eu perdi a calma. "Se você sabe tudo, e pode fazer todas essas coisas, então pode descobrir por si mesmo!".

No fim, instruíram-me explicitamente a trazer Uali e as crianças de volta. "Seu marido é membro do Partido desde 2007. Ele é um traidor. Você deve se divorciar dele", disse-me. "Ele deve voltar e entregar os seus documentos". Depois disso, a minha família nunca seria autorizada a deixar o país novamente.

O interrogatório demorou quatro horas. Depois eles puseram de novo o capuz na minha cabeça e me empurraram para o carro. No trajeto de volta, o homem ao meu lado rosnou: "Você não dirá a ninguém sobre este interrogatório. Entendido?".

"Sim", eu me escutei responder. A 1h da manhã, eles finalmente me deixaram em casa.

Parada no corredor, respirei sem fôlego, como se tivesse corrido uma maratona. Estava cheia de desgosto. Passei anos me dedicando, dia após dia, pelo Partido e pelo governo, trabalhando como escrava e me humilhando, de manhã até a noite. Eu tinha feito tudo o que fora pedido, da melhor forma possível; nunca dera um passo errado. Porém o Partido estava me tratando como lixo. Por quê? Qual era o motivo disso tudo? Arremessei a minha jaqueta no chão.

Eu sabia que coisas piores estavam por vir. Pude sentir, no meu coração, a fúria arder e se transformar num ódio sem medidas. Então apanhei a foto do meu pai e sentei-me na minha cama, confiando a ele todas as dificuldades e escutando os seus conselhos. "Nunca perca a fé no futuro. O mais importante é que você ainda esteja viva. Você vai ver, haverá tempos melhores. Mantenha a cabeça erguida!". Eu poderia desistir e morrer, ou lutar — e talvez sobreviver. Dali para a frente, eu me deitava todas as noites já vestida, pronta para me levantar.

No fim daquele ano, eles já tinham me levado outras sete ou oito vezes. Toda manhã, quando eu acordava em casa, na minha cama, eu agradecia a Deus por ainda estar viva.

Um ano de terrorismo psicológico

Em março de 2017, o PCC tornou Xi Jinping — "escolhido pela história" — presidente vitalício. Ao fazê-lo, elevaram-no ao mesmo trono manchado de sangue antes ocupado por Mao. Não havia no país homem mais poderoso. Xi, com então 63 anos, desempenhava na propaganda

o papel do pai bondoso e abnegado, porém rigoroso, ao passo que o Partido era a mãe afetuosa. Enquanto isso, à população nativa era negada qualquer piedade.

Os interrogatórios noturnos sempre seguiam o mesmo padrão. Repentinamente, eu me via cercada pela polícia — no banheiro, corredor, sala de estar ou em torno da cama. Em instantes o capuz já cobria a minha cabeça. Apenas as salas de interrogatório e os rostos dos agentes eram sempre diferentes.

Às vezes, havia somente um indivíduo me interrogando. Quando havia dois, um deles geralmente ficava observando, em pé ao meu lado, enquanto o outro fazia as perguntas. Aqueles homens eram sinistros. Aterrorizantes. Minha boca ficava seca e o meu coração, acelerado. Gostavam de me ver tremendo. Num dos interrogatórios, eles me bateram. Na cabeça e no rosto. O mais forte que puderam. E mais de uma vez. Eu não deixava transparecer o quanto os golpes me machucavam, mas, no fim, as lágrimas caíam por si mesmas. A cada vez, eu me rastejava de baixo da mesa, endireitava as minhas costas e me sentava.

"Você ainda está em contato com a sua família no Cazaquistão?" ou "Já disse para eles voltarem?".

"Como eu poderia? Estamos proibidos de fazer contato com eles...". Eles estavam sempre berrando tão alto, que eu mal ousava levantar a minha voz além de um sussurro. Começaram então a me bater novamente, até que as minhas bochechas ficassem inchadas. Continuei a gritar em resposta: "Como eu saberia o que eles estão fazendo?". Logo eu estava novamente debaixo da mesa. "Deve trazê-los de volta imediatamente!".

Na ocasião seguinte, eles estavam bastante irritados comigo. "Você sabia que o seu marido e filhos conseguiram cidadania cazaquistanesa?". Eu estava sinceramente surpresa. "Não, é novidade para mim". E, embora eu tivesse medo, naquele momento estava interiormente exultante. Pelo menos aqueles que eu amava estavam seguros, eu pensei. Agora o Partido não pode fazer nada para machucá-los. Os agentes começaram a ralhar comigo novamente. "Fale a verdade: você sabia, não é?".

Eles provavelmente presumiram que os interrogatórios incessantes me triturariam como grãos num moinho. Que, tão logo eu retornasse,

acharia um modo de contatar Uali e lhe implorar que viesse para casa — que eu não agüentaria ser intimidada por mais tempo. Posteriormente, forçariam prisioneiros como eu a ligarem durante os interrogatórios para os respectivos familiares fora do país, a fim de atraí-los, com mentiras, de volta ao Turquestão Oriental. Coisas como: "Venha rápido para casa, a sua mãe está gravemente doente".

Na China, usar a família é uma maneira habitual de exercer influência. Ameaçam estudantes, pensionistas e até parentes que vivem há décadas no exterior: "Se não voltar agora e cancelar o registro devidamente, seus pais ou suas irmãs vão acabar presos". Porém, quem retorna para proteger os seus familiares logo é algemado. Percebi que estava sendo mantida em Xinjiang como refém.

Em todos os interrogatórios eles me faziam as mesmas perguntas. É claro que eles tinham descoberto onde e como o meu marido e as crianças estavam morando. "Você sabe tudo sobre isso, só está mentindo! Acha que somos idiotas? Por que não nos conta a verdade?". Poucas horas depois, o carro da polícia me largou na frente da minha porta. Antes de eu sair, devolveram-me o telefone.

Quando eu o liguei, no apartamento, vi que havia setenta ligações perdidas da minha mãe. "Por que você não fez contato? Onde você está? Estou tão preocupada! Por favor, me ligue!". Todas tinham sido durante o último interrogatório. Minha mãe teve que esperar até meia-noite antes que eu finalmente telefonasse de volta.

"Onde você esteve esse tempo todo? Continuei a ligar, mas você não atendia. Aconteceu alguma coisa?". Sua voz soava tão ansiosa que o meu coração doeu mais do que o meu corpo ferido. Eu não contara a ninguém sobre aqueles interrogatórios noturnos. Contudo, minha mãe sentia que algo não estava bem. "O que aconteceu, minha filha?".

Tentando não a transtornar, falei delicadamente. "Está tudo bem. Apenas precisei trabalhar no jardim-de-infância esta noite. E esqueci meu telefone em casa. Desculpe ser tão tarde, mas só cheguei em casa agora".

Sua voz estava diferente de outras ocasiões, como se algo em seu interior tivesse se quebrado: "Vá dormir, minha filha. Relaxe! Você precisa descansar".

Junho de 2017: reuniões secretas

No Turquestão Oriental, a maioria dos cargos era ocupada por chineses, e esses vinham criando cada vez mais leis proibitivas. Estávamos sendo esmagados sob o peso de todas as proibições. Tal como um desabamento, elas nos espremiam e sufocavam, até que estivéssemos todos lutando desesperadamente para respirar, incapazes de ter a mínima autonomia.

Sentei-me bem ereta no auditório, em meio aos outros diretores escolares que eu conhecia de Aksu, para escutar o intolerável. Ninguém podia compartilhar conteúdos religiosos, como os versos do Corão, pelo telefone celular. Tibet e Taiwan se tornaram um tabu. "Os documentos oficiais devem ser entregues, pessoalmente, no departamento competente, e não por computador ou telefone", informaram-nos. Isso tornava mais fácil encobrir seus rastros. "Se descobrirmos alguém da sua equipe fazendo alguma dessas coisas, vocês serão responsabilizados", advertiram-nos, ameaçadores. Comportamentos inadequados por parte do nosso pessoal deviam ser relatados imediatamente. Inequivocamente, estavam nos dizendo para denunciá-los. Assim como meus outros colegas em funções relevantes, eu nunca denunciava ninguém. Em vez disso, eu os alertava em segredo. "Cuidado com o que diz! Não fale mais sobre o Tibet ou causará um grande problema para todos nós".

Reiteradamente, vimos o Partido trazer à luz fatos históricos para enquadrar as pessoas como traidoras do país. Entre 1988 e 2000, houve um curto período de liberdade religiosa e muitas mesquitas foram construídas. Inúmeros indivíduos fizeram doações em dinheiro ou em jóias, ajudaram na construção ou deram um cordeiro para os operários.

"Vocês descobrirão quem esteve envolvido", eles nos instruíram. Dezessete anos depois, estavam nos mandando interrogar centenas de empregados quanto a sua participação. As instruções podem ser resumidas em três passos. Primeiro: pergunte de modo amigável. Segundo: se a pessoa insiste ser inocente, force-a a revelar informação sobre outro colega. Terceiro: se a pessoa não deseja falar, finja possuir evidências oficiais contra ela.

À mesa, enquanto preparava a minha refeição noturna, me vi murmurar agitada. "Que absurdo! Que coisa desnecessária!". Notei tarde demais que eu tinha picado os pimentões e batatas praticamente até

virarem polpa. Só muito depois compreendi por que estavam fazendo tudo isso. Diligentes como abelhas, eles estavam reunindo justificativas para levar os nativos para os campos de concentração. Desse modo, sempre tinham uma razão para aprisionar alguém atrás daqueles silenciosos muros de concreto. O que tais motivos tinham de aleatório, também tinham de insanos. Em breve a justiça se inverteu, e os muçulmanos passaram a ser culpados, até que se provassem inocentes.

Com o cotovelo apoiado na mesa e o queixo repousando na mão, fiz um balanço rápido da situação. Todos os meus colaboradores mais antigos haviam doado algo ou estavam envolvidos de alguma maneira. Como eu poderia avisá-los, sem que meus colegas chineses ficassem sabendo também? Ao ver um caminhão entrar no pátio trazendo uma grande entrega de suprimentos médicos, tive uma idéia. Corri para o andar de baixo para juntar as pessoas com quem eu estava preocupada.

"Ajudem-me a descarregar o caminhão!". Já tínhamos elaborado um código para emergências, a fim de que os nossos colegas chineses não descobrissem imediatamente o que estava acontecendo. Caso a pessoa quisesse alertar alguém, por exemplo, ela dizia: "Vai fazer frio amanhã". Às vezes também trocávamos bilhetes em segredo, e por eles costumávamos passar mensagens curtas ou codificadas.

"Todo esse material precisa ir para o porão!". Falei isso, porque sabia que lá as câmeras ainda não tinham sido instaladas. Enquanto desembalávamos balanças, testes oftalmológicos e dispositivos de medição e os colocávamos nas estantes, eu rapidamente deixava os meus colegas a par da situação. "Direi às autoridades que nenhum de vocês estava envolvido com a arrecadação", expliquei. Se o interrogante chinês fingisse que eu havia informado o nome deles, não deveriam acreditar. Apertei as minhas mãos, suplicante. "Não confessem nada, ou seremos todos levados embora. Permanentemente".

Três dias depois, eu e os demais diretores entregamos as listas em branco para as autoridades. Na manhã seguinte, recebemos todos uma advertência e nos foi dito para investigar mais atentamente. Novamente, não informamos nome algum. Fomos imediatamente convocados para outra reunião. "Vocês são todos mentirosos!", repreendeu um dos nossos superiores. "Sabemos exatamente quem apoiou a construção

das mesquitas. Os imãs nos deram uma lista de doadores. Vocês terão uma última chance de nos dar os nomes por si próprios!". Enquanto saíamos, deram um aviso final: "Mintam de novo, e serão presos". Dessa vez, deram-nos apenas um dia.

Naquela noite, fiquei um longo tempo sentada à mesa da cozinha, pensando. Eu conhecia os meus colaboradores há anos; alguns eram amigos próximos. Se eu os denunciasse e pusesse os seus nomes na lista para salvar a minha pele, o que sobraria de mim como ser humano? Refleti. Na manhã seguinte, entreguei uma lista em branco.

Mais uma vez, eles reuniram todos os diretores escolares e brandiram as folhas na nossa frente. "Amanhã, uma comissão começará a investigar. E ai de quem estiver mentindo".

Na manhã seguinte, havia uma longa fila fora dos escritórios da autoridade educacional, e eu me juntei aos outros no fim da fila. Todo mundo estava segurando uma lista. Quando reparei que alguns deles na verdade continham alguns nomes, sussurrei: "O que estão fazendo?".

Eles se defenderam, sibilando de volta, baixinho: "Você não ouviu? Eles já sabem os nomes. Se nos recusarmos a dizer, acabaremos nós mesmos na prisão".

Cochichando, mas ainda rispidamente, disparei de volta "Ah, é mesmo, eles possuem listas? Dezessete anos atrás, não existia qualquer registro detalhado em computador, e decerto os imãs já tinham se livrado, há muito tempo, das listas manuscritas. As próprias pessoas que efetivamente recolheram as doações já teriam falecido ou se mudado para outro lugar. É um blefe!".

Gradativamente o humor mudou. As pessoas na fila começaram a discutir o assunto entre elas. "Ela deve estar certa". E: "Somos uns idiotas!". Eles voltaram direto para as suas escolas e elaboraram novas listas. Sem nome algum. Decidimos que, se uma comissão interrogasse, alegaríamos a mesma coisa: "Somos inocentes. Se possuem alguma prova, por favor nos mostrem". No fim, acabou que nunca existiu tal lista de doadores. Mas, de qualquer forma, muitas pessoas foram presas.

De acordo com os dados dos documentos "China Cables", 15.683 pessoas no Turquestão Oriental foram aprisionadas no intervalo de apenas uma semana.

Pior do que um hospício

"Todas essas medidas estão sendo tomadas devido ao risco de um ataque terrorista", disseram nossos superiores. Às vezes, a minha equipe e eu tínhamos que passar várias noites seguidas na escola, para que estivéssemos disponíveis a qualquer momento. Durante toda a noite, inspetores chineses vestidos com coletes à prova de balas amarelos se espalharam pelo prédio como um feroz enxame de vespas, fazendo buscas. Se um deles aparecesse no escritório e não encontrasse a pessoa com quem queria falar, isso era motivo suficiente para demiti-la por "se recusar a trabalhar". O estresse era indescritível.

Um terço dos meus professores foi designado para fazer guarda no prédio. Outro terço foi agrupado para ser uma força de segurança armada com cassetetes e para patrulhar depois que escurecesse. O último terço ficou ocupado da sala de vigilância, observando durante 24 horas o circuito interno de TV que cobria toda a área. Além dos seus próprios colegas portando cassetetes, eles nunca viam ninguém. A cada dois ou três dias, eles trocavam as funções.

Como diretora, era meu dever supervisionar todo o processo. Ocasionalmente, as autoridades do Partido nos autorizavam a dormir por algumas horas e por isso montamos uma sala de guarda com cerca de cinco camas dobráveis. Alguns professores com função de guarda ficavam tão exaustos que adormeciam ali mesmo onde estavam. De repente, porém, os "coletes amarelos" praticamente saltavam sobre eles, guinchando: "O que está fazendo? Você está em serviço! Leve-o para o campo de concentração!".

Se um dos meus colegas se ausentava para atender às suas necessidades fisiológicas e um dos inspetores resolvesse procurar por ele, começavam a perguntar: "Onde fulano está? Por que está sentado na privada, quando devia estar no serviço de guarda? Está desafiando o Estado!". Então eles o agarravam pelos braços e o arrastavam para a prisão, na qualidade de subversivo. Uma loucura, não é?

Meu escritório principal ficava situado no maior jardim-de-infância: os outros prédios eram menores, localizados a 3 ou 4 km de distância. Eu ficava lá até meio-dia, ocupada com papelada e questões burocráticas; depois entrava no carro e dirigia de um jardim-de-infância para o outro, verificando se tudo estava em ordem.

Como diretora, eu era responsável por todas as pessoas e devia estar permanentemente disponível. Se uma criança se machucasse num acidente ou se um membro da equipe cometesse um erro, eu era responsabilizada e presa. Então eu estava sempre em movimento, durante toda a noite — apressada atrás do volante, abordando um prédio de cada vez. Era como se eu estivesse dando voltas sem fim numa rotatória, sem jamais chegar ao destino.

Alguns dos meus professores tinham que tomar posição no lado de fora da entrada, às 7h, ficando em pé rigidamente, como os guardas do palácio da Rainha da Inglaterra, usando capacetes e segurando os seus cassetetes na frente do peito, enquanto as crianças fluíam para o prédio. Outros membros da equipe ficavam na rua, ostentando os seus cassetetes para os carros e motos. "Aonde você vai? O que está fazendo? Dê meia volta!".

Assim que todas as crianças chegavam no prédio, nossos guardas se apressavam atrás delas, tiravam todos aqueles seus apetrechos o mais rápido possível e ressurgiam a tempo, na porta da sala de aula, agora vestidos de professores. Tão logo a campainha tocava, eles saíam às pressas, apanhavam os seus capacetes e bastões, e faziam a vigilância do pátio escolar. Em pouco tempo eles já não sabiam se eram professores ou agentes de segurança. Sequer nos restava tempo para dar aulas. Ficamos todos incrivelmente confusos.

Num sistema assim, a única coisa que o faz sobreviver é enxergar como que num túnel. Deve estar, o tempo todo, sob rigoroso controle, monitorando cuidadosamente os demais, para se certificar de que eles também estão de acordo. A falta de sono nos derrubava implacavelmente. Muitos ficavam doentes. Não podíamos sequer comer em paz. Meus colegas professores encomendavam *fast food* e passavam os turnos de guarda comendo pacotes de salgadinhos. Isso também era motivo de prisão. "Não importa que estejam no intervalo", os inspetores fustigavam as suas vítimas, "ou cansados ou doentes. Quando estão ali, devem fazer o seu trabalho". A vida na escola era pior do que num hospício.

Se os superiores me concediam uma pausa, eu corria para casa por duas ou três horas, tomava uma chuveirada, me trocava e logo corria de volta. O PCC fez de nós zangões obedientes e submissos. Aceitávamos as suas ordens. Se nos dissessem que algo estava errado, simplesmente

tomávamos ao pé da letra, mesmo que a ordem fosse suspensa no dia seguinte. Estávamos absolutamente sob o seu controle, manipulados de forma perfeita e incapazes de pensar por nós mesmos. Éramos marionetes.

Como pude enfrentar isso por tanto tempo? Primeiro, não sou o tipo de pessoa que é facilmente pacificada. Segundo, apesar daquela situação miserável, eu nunca deixei de ter esperança de que um dia eu recuperaria o meu passaporte — de que um dia eu veria novamente os meus filhos e o meu marido.

A pá de cal: controle físico

Se alguém havia presumido que as coisas não poderiam piorar, estava enganado. Em outubro de 2017, as autoridades instituíram um programa para cazaques e chineses denominado "Tornar-se uma Família", planejado para nos ensinar mais sobre a cultura chinesa. Pessoas nativas tinham que viver com uma família chinesa por oito dias, uma vez por mês — ou, alternativamente, pessoas chinesas poderiam morar conosco. Os chineses poderiam escolher a opção que preferissem.

As autoridades designavam, para cada família chinesa, um muçulmano da nossa região. Como de costume, eles se ocultavam atrás do jargão doce e enjoativo do Partido, fingindo que tudo estava sendo feito por consideração e para a nossa proteção. "Vocês tomarão juntos o café-da-manhã, o almoço e o jantar, como um membro da família", eles nos diziam.

A pessoa deveria comer qualquer item que lhe fosse oferecido. Se eles enchessem o prato do hóspede muçulmano de carne suína, assim seria. A família hospedeira teria que documentar todas as atividades compartilhadas, tirando uma foto com o celular e enviando-a para as autoridades. "Ah, eles jantaram juntos", os funcionários assentiriam com a cabeça, riscando aquilo das listas.

Se os meus professores estivessem em serviço de guarda, tinham que dar, antecipadamente, uma porção de avisos às autoridades: "Acho que não poderei comparecer à minha família chinesa no dia tal. Mas irei depois". O importante era que cumprisse os seus oito dias por mês. E como aquilo funcionava, na prática? Bem, durante o intervalo para o lanche,

você corria para a casa da sua família hospedeira, cozinhava, e depois retornava ao trabalho. À noite, fazia o trabalho doméstico e passava a noite. Se fosse sábado ou domingo, você passaria o seu tempo livre com eles. Para nós, muçulmanos, aquilo geralmente significava fazer as tarefas deles — limpar o chiqueiro e a casa, cuidar dos idosos. E, à noite, devíamos deitar junto com os hospedeiros.

No mês seguinte, as autoridades nos enviavam para a próxima família chinesa, ou outra pessoa chinesa estaria em pé na nossa porta. Pode imaginar o que era aquilo para meninas, esposas ou mães sozinhas como eu? Aos homens era dado o mesmo direito de acesso ao nosso corpo que ao de sua esposa. Era a cereja do bolo de seu terrível plano: retirar o nosso controle sobre o nosso próprio corpo. Estamos tratando aqui de estupro cometido em larga escala, contra todo um grupo étnico.

Se uma mulher ou menina resistisse, o hospedeiro chinês devia queixar-se junto às autoridades. "Ela não está cumprindo os seus deveres!". E então a polícia agarrava a garota e a levava para o campo de concentração, onde lhe ensinariam a ser mais obediente.

À noite, à mesa da cozinha, eu conversava docemente com o meu pai. "Se eu trabalhar ainda mais e me tornar indispensável, então não poderão me mandar para a família chinesa por oito dias... Sairei dessa situação... Pai, o que acha?". Mas eu não conseguia ouvir a sua resposta por causa das sirenes ensurdecedoras dos carros de polícia lá fora, os quais, passando, me cobriam de luz azul.

Uma campanha de "amizade" que semeia ódio

Publicamente, o objetivo da campanha era promover relações amigáveis com a comunidade nativa. Na verdade, estava semeando o ódio. Vivíamos em constante estado de pânico. Todos os dias, a cada minuto, a cada segundo, sentíamos medo. As fotos e os vídeos que as famílias chinesas registraram eram, supostamente, apenas para as autoridades, no intuito de provar que elas estavam aderindo ao programa, então não faço idéia de como chegaram no exterior. As pessoas devem tê-las compartilhado entre si e passado adiante.

Pode-se encontrar inúmeras dessas imagens na *internet*, mostrando mulheres nativas nos braços de homens chineses. Às vezes, eles estão

lado a lado na cama, os lençóis mal cobrindo os seus corpos sem roupa. Há casos de mulheres que, profundamente envergonhadas, se mataram depois que aquelas fotos foram vistas por seus parentes.

Eu mesma vi algumas dessas fotos quando cheguei ao Cazaquistão. Vídeos, por exemplo, que mostram dois homens chineses se embebedando e rasgando o lenço de uma avó, rindo, ou constantemente enchendo o copo de um muçulmano idoso de barba branca e forçando-o a beber. Outro vídeo mostra uma menina de quatorze ou quinze anos. Perto do fim, ela está muito bêbada, e fazem-na dançar para os chineses. Sua mãe e seu pai estão sentados e imóveis no sofá, olhando um dos homens beijar a sua filha. As autoridades usavam tais registros como evidência de que um cidadão chinês havia cumprido corretamente a sua função na família muçulmana.

A região em torno das Montanhas Altai era conhecida por sua população rebelde. Notícias sobre dois casos na região, situada no extremo noroeste, chegou até Aksu. Numa escola, quarenta estudantes muçulmanos se recusaram a comer carne suína e foram todos presos.

Em outra ocasião, um chinês foi designado para uma família muçulmana, que incluía um avô e sua neta de 16 anos. Passado um tempo, o homem quis se relacionar sexualmente com a jovem. O avô respondeu que lhe foi dado tal direito, mas que antes queria mostrar o seu cavalo preferido. Como todos os cazaques, aquele velho homem era um montador de primeira linha. Balançando em cima do cavalo, ele subitamente enlaçou o homem no pescoço, e depois afundou os calcanhares nos flancos do cavalo. Pondo-se a galope, ele arrastou o homem pela areia até que estivesse morto. Como punição, o avô idoso e toda a sua família foram levados para os campos de concentração.

E então eis que, pela primeira vez, a campanha de "amizade" chegou até a minha porta.

"Vamos resolver isso..."

Sentada à minha mesa, encarei fixamente o seu endereço. Eu sabia que ele era um empresário solteiro e abastado de Aksu. Como eu ia passar aquele dia? Uma mulher muçulmana, sozinha, na casa de um homem cujas intenções eu não conhecia? Nossa honra e nossa reputação eram

sagradas para nós. Naquela época, essas eram as únicas coisas que nos haviam restado, sendo profundamente valorizadas.

Naquela noite, no caminho para lá, com uma sensação ruim na boca do estômago, continuei pensando como me salvar daquela situação — qual era a melhor tática? Eu estava tão concentrada, que não notei meus pés virando na direção do bloco de apartamentos, minhas pernas me levando escada acima até o segundo andar, ou meu dedo apertando a campainha. Assustada, dei um passo atrás quando a porta abriu.

"Oh! É você!", o homem exclamou, espantado. Era alto, de aproximadamente trinta anos de idade. Ele me reconheceu, é claro, porque eu também era uma figura bem conhecida em Aksu, e havia acolhido e dirigido vários eventos relevantes. Claramente, ele não tinha noção de que cazaque as autoridades haviam designado para ele, e me cumprimentou polidamente.

Primeiro ele me convidou para a sua cozinha, onde tomamos juntos uma xícara de chá: isso era exigido pelas diretrizes, que ele já tinha recebido por escrito. Minhas bochechas estavam queimando, como se eu estivesse sentada perto demais do fogo. Tive que respirar fundo várias vezes, e então tudo o que eu estava sentindo saiu de uma só vez: "Você conhece a nós e a nossa cultura, e sabe qual é a nossa condição de vida atual". Seu olhar penetrante se fixou em mim enquanto eu lutava pela minha honra. "Sou muçulmana e você é chinês. Nós dois fomos forçados a essa situação. Você sabe o quanto é imoral essa posição para uma mulher cazaque como eu". Ele assentiu com a cabeça. "Sim. Neste momento, precisamos dessa nova política em Xinjiang. Trará mais estabilidade para a região. Mas entendo o que você quer dizer".

Em seguida, convidou-me para a sala de estar do seu apartamento de quatro ou cinco quartos, onde nos sentamos, um de frente para o outro. Novamente, observei-o com grande interesse, como um animal encurralado, juntando as minhas forças para sair daquela circunstância terrível. "Vamos resolver essa situação, para sairmos ambos ilesos...".

Os participantes chineses da campanha eram obrigados a preencher um formulário todos os dias, detalhando os deveres que seu convidado muçulmano tinha cumprido: tomar junto o café-da-manhã, almoçar junto, e daí por diante. A folha de papel estava sobre a mesa, entre nós dois. Toquei nela com o dedo. "Por favor, mostre-me alguma compaixão

e diga que eu fiz todas essas coisas". Alisando nervosamente as minhas calças, apressei-me a descrever a minha situação. As palavras caíam da minha boca: era como se eu não pudesse respirar, senão depois de desabafar tudo de uma vez. "Sou uma esposa e mãe morando sozinha, uma diretora escolar...". Ele me cortou impacientemente. "Sim, sim, eu conheço você. Estou ciente de quem você é".

Movendo-me rigidamente, tirei a minha carteira da bolsa. "Quanto preciso lhe pagar?". Pude ver, pelo seu sorriso fino, que eu o tinha julgado com precisão. "20 yuan por dia seria bom", ele respondeu. Não era uma soma enorme: com aquela quantia, podia-se comer duas vezes num restaurante. Sem dizer nada, ele enrolou as notas de dinheiro e continuou a me escutar. "Pagarei essa quantia todos os dias. Em compensação, quero sair daqui por volta da meia-noite e ir para a minha casa. Usarei a saída dos fundos. Ninguém me verá. Voltarei cedo na manhã seguinte, antes de o sol nascer".

"De acordo", ele disse, a sua expressão impassível. Por um momento, sentei-me de novo na poltrona e dei um suspiro profundo de alívio. Para demonstrar a minha gratidão, cumpri imediatamente as outras tarefas exigidas pela campanha, uma após a outra: enfiar a sua roupa suja na máquina de lavar, passar as camisas, esfregar o corredor...

Quando terminei, nós nos sentamos novamente diante da mesa posta. "Você só precisa comer o que desejar", ele me disse, sacando o telefone, "mas vamos tirar uma foto rápida, como evidência". Ele andou em volta da mesa. "Muito bem, agora pegue um pouco da carne de porco e finja que está comendo...". Levantei o garfo até a minha boca e esperei ele tirar bastantes fotos. Também registrou todos os meus outros trabalhos, e depois enviou as imagens diretamente para as autoridades.

Ele era um dos chineses que adotavam apenas aquelas partes do sistema que os beneficiava. As partes restantes, eles as aceitavam na medida que não os prejudicassem, nem lhes impedissem de ganhar dinheiro. Muitos dos seus compatriotas eram cúmplices silenciosos do sistema: haviam aderido ao "sonho chinês" tão apregoado pelo Partido e estavam intoxicados pela idéia de que seriam, em breve, parte da elite dirigente mundial.

Após cerca de sete horas, desci furtivamente as escadas, como um gato no meio da noite. Do lado de fora, havia guardas e câmeras em

toda parte. Com passos cuidadosos, sempre espiando ansiosa por cima do outro, peguei um caminho tortuoso para casa, através de passagens e ruas paralelas. Cada sombra parecia um perigo. Aquilo ali era alguém limpando a garganta? Empurrei-me contra uma árvore, segurando a respiração. Houve um silêncio longo e medonho. Em circunstâncias normais, era apenas 1 km, mas peguei tantos desvios, que percorri pelo menos o triplo da distância, até que, sentindo o demônio nos meus calcanhares, entrei rapidamente na minha casa e fechei a porta atrás de mim, apoiando-me nela para respirar.

Sem acender a luz, caminhei na ponta dos pés até a minha cama. Dormir era impossível: meu coração batia forte demais. De manhã cedo, enquanto ainda estava escuro, voltei rapidamente ao apartamento dele, pelo mesmo trajeto sinuoso. Embora ninguém me batesse ou maltratasse, aqueles oito dias foram torturantes. Toda noite eu deixava 20 yuan sobre a mesa do empresário chinês e assim era autorizada a ir embora.

O Partido e o governo usavam aquela campanha para destruir as nossas jovens meninas. A quem elas confidenciariam as coisas terríveis que lhes aconteciam? Qualquer uma que denunciasse um estupro acabava na prisão. Ademais, nossa cultura proibia qualquer discussão sobre estupro. Eles mancharam a reputação das nossas meninas e mulheres, ainda que nós mesmas fôssemos irrepreensíveis.

Nos jardins-de-infância, muitas das minhas jovens colaboradoras vinham até mim, soluçando, jogavam os braços trêmulos a minha volta e choravam até que a gola do meu uniforme do Partido ficasse encharcada de lágrimas. Eu tentava dizer algo para confortá-las, mas todas as palavras me soavam zombeteiras. Então ficávamos em silêncio, nossas cabeças repousando no ombro da outra, até nossos olhos ficarem vermelhos.

Tínhamos aturado, até ali, todas as crueldades: não poder mais falar a nossa própria língua, não poder mais praticar as nossas tradições, nem ser quem realmente éramos. Contudo, essa outra humilhação era a maior de todas. Eles estavam violentamente nos forçando no íntimo do nosso ser, tentando nos subjugar, nos quebrantar. Não consigo sequer encontrar as palavras certas — como descrever uma situação indescritível?

Ninguém mais queria falar. Dentro das famílias, a confiança tinha sido destruída porque o Partido exortava a que todos denunciassem uns aos outros. A traição era, freqüentemente, o único jeito de salvar a própria vida ou o próprio emprego. Uma linha telefônica de emergência chegou a ser criada especificamente para tal propósito. Seguindo ordens, informei este número para todos os meus subordinados. Também instalaram, perto da entrada do jardim-de-infância, uma nova caixa postal com uma placa encorajando as pessoas a relatarem, anonimamente, alguma atividade suspeita.

Não faltavam razões para difamar alguém. Alguns chineses tinham inveja de que um cazaque, devido a sua melhor educação ou desempenho, conseguisse um trabalho mais proeminente que o deles. O Partido havia fornecido a essas pessoas um meio altamente eficaz de se livrarem da concorrência indesejada. Bastava, para isso, uma única queixa. Por exemplo: “O gerente local está prejudicando as relações amistosas entre cazaques e chineses. Está menosprezando a nós, chineses, e favorecendo os seus próprios conterrâneos”. Em pouco tempo, o acusado veria os seus documentos carimbados com as palavras “nacionalista perigoso” e seria levado para os campos de concentração para reeducação.

Como diretores escolares, não tínhamos mais nenhum espaço de manobra no trabalho. Cada tarefa devia ser feita num determinado período e depois relatada aos superiores como completa. Os colegas não eram mais autorizados a trocar informações pessoais. Não havia mais espaço para compaixão, nada de “Você está pálido, precisa de ajuda?”. Em vez disso, devíamos repreender as pessoas. “Você já terminou todas as suas tarefas?”.

Lentamente, mas de forma inequívoca, as pessoas em toda a Aksu estavam desenvolvendo transtornos psíquicos. Não vi ninguém que tivesse perdido totalmente o juízo ou enlouquecido por completo, mas tampouco quem se comportasse como um indivíduo normal. Muitos comerciantes, por exemplo, perderam a vontade de manter as suas lojas. As pessoas mergulharam na apatia. Tudo ficou estagnado; a vida perdeu a graça. “Por que eu deveria ganhar dinheiro, se eu posso ser mandado para o campo de concentração amanhã?”.

No mês seguinte, as regras da “campanha da família” ficaram mais duras. As autoridades ficaram sabendo que muitas cazaques pagaram

suborno para evitar passar a noite na cama de um estranho. Ávidos por fechar a última brecha, os inspetores começaram a telefonar para as famílias chinesas, no meio da noite, e a mandá-las pôr a hóspede cazaque para falar ao telefone. Todo mundo devia manter os seus telefones por perto, o tempo todo, de modo que as autoridades pudessem localizá-los em qualquer lugar. Ao fim, posicionaram guardas uniformizados durante a noite, do lado de fora das portas das famílias chinesas. Se você fosse uma mulher cazaque tentando ir para casa, acabaria com um capuz preto sobre a sua cabeça.

Tive sorte. Não fui afetada pelas regulamentações mais severas, que vigoraram em outubro de 2017. Mas não passou muito tempo, e eu mesma fui mandada para o campo de concentração.

Uma visita secreta à noite

Certo dia, ouvi por acaso trechos da conversa de um amigo. "Você não vai acreditar: Um casal de idosos na cidade vizinha obteve licença para ir a um funeral no Cazaquistão!". A notícia me atingiu como um relâmpago. Oficialmente, pessoas nativas só eram autorizadas a atravessar a fronteira se encontrassem um parente que garantisse o seu retorno — usando a sua vida como contrapartida. Na prática, viajar era proibido. Mesmo assim, detectei uma chance de enviar uma mensagem para o Uali, por meio do casal.

Mas como eu poderia convencer aqueles desconhecidos a me ajudarem? E como eu chegaria lá, sem ser capturada? Dois dias antes de eles partirem, eu secretamente aluguei um carro, que estacionei bem longe do meu prédio. Eu não poderia deixar que ninguém me reconhecesse, então, certa noite, tirei do guarda-roupas uma jaqueta e uma calça do Uali, escondi o meu cabelo comprido no seu chapéu, e, vestida como homem, assumi o volante do veículo. Eu sabia que estava em perigo mortal, é claro, mas, de qualquer forma, a minha vida corria cada vez mais perigo.

No subúrbio da cidade, apaguei os faróis e parei o carro perto de umas árvores. Percorri o último trecho a pé, no escuro, mantendo-me fora da estrada. Não havia luz acesa em nenhuma das casas. Andando na ponta dos pés, entrei no quintal como um ladrão e bati na porta do casal. Dois idosos, sonolentos e assustados, atenderam.

"Por favor, é importante", sussurrei, as palavras escapando como curtas rajadas, enquanto eu, sem fôlego, tentava respirar. Eles cobriram a boca com as mãos e espiaram em volta, antes de me puxarem para dentro. Quase sem ar, desabafei tudo de uma vez: "Meu marido está morando com os nossos dois filhos no Cazaquistão. Há muito tempo não falo com eles". Segurei a minha carta, como uma indigente. "Vocês poderiam dar isto para eles?".

Eles olharam o envelope, como se ele fosse uma cobra venenosa. "Não, é perigoso demais!", responderam com a voz rouca. No entanto, ao menos eu fui capaz de convencê-los a levarem um pedaço de papel contendo o número de telefone do Uali. "Por favor, ligue para ele quando estiver no Cazaquistão, e pergunte onde ele está morando e como as crianças estão". A conversa não durou mais de cinco minutos, e logo eu estava de volta, em meio à escuridão.

Uma ou duas semanas depois, uma mulher cazaque que eu não reconheci veio apanhar um casal de crianças no jardim-de-infância. Ela esperou por mim no jardim, até que todos os pais fossem embora, antes de se aproximar. "Com licença, gostaria de falar com você sobre essas duas crianças". Em seguida, inclinando-se mais perto, ela se apresentou discretamente como sendo a nora do casal idoso que tinha ido para o Cazaquistão. "Meus familiares não têm permissão de ir para casa", ela cochichou. Aparentemente, tinha havido problemas com os documentos deles na fronteira.

Respondi em voz alta: "As crianças são muito esforçadas!". Ela sorriu e replicou: "Eu sei", e depois acrescentou, baixinho: "Seu marido comprou uma casa numa cidade perto de Almati. Seus filhos estão estudando numa escola de lá. Eles estão bem".

"Devem continuar se esforçando bastante no chinês", enfatizei em voz alta. Assentindo ansiosamente, ela aproveitou a oportunidade para me passar rapidamente o novo endereço do meu marido.

Finalmente, descobri onde Uali estava morando. Agora eu só tinha que achar um jeito de chegar até ele no Cazaquistão. "Talvez dentro de alguns dias eu já esteja fora daqui", pensei. Na verdade, entretanto, eu não tinha chance de escapar. Já estava nas garras dos meus predadores...

CAPÍTULO 6

O campo de concentração: Sobreviver no Inferno

Fim de 2017: a chegada ao campo de concentração

Perto do fim de novembro de 2017, o toque do telefone interrompeu o meu sono. Quem poderia ser? Desconfiada, levei o telefone ao ouvido. "Pegue um táxi para o centro de Zhaosu, imediatamente", me instruiu uma voz masculina. "Alguém buscará você lá".

"Por que eu deveria ir para lá?", perguntei, nervosa. "Quem está falando?".

"Não faça perguntas!".

Mas as palavras saíam de minha boca sem que eu as contivesse. "Por que eu deveria ir a qualquer lugar a essa hora da noite?".

"Você não deveria fazer perguntas. Será levada para a requalificação".

"Que tipo de requalificação?".

"Não precisa se preocupar. Amanhã você participará de um seminário em outra cidade".

Seria verdade? Por que eu deveria partir para um programa de requalificação no meio da noite? Mas talvez eu estivesse me inquietando por nada e fosse só outro encontro secreto. Levou cerca de uma hora para chegar ao endereço que eles haviam me dado, segurando uma bolsa com minha escova de dentes e itens básicos essenciais no meu colo. "Aqui estamos", disse o motorista, parando no meio de uma rua larga. Era meia-noite. Conforme combinado ao telefone, peguei meu celular debaixo de um poste de luz e digitei uma mensagem para o número que eles haviam me indicado: "Estou aqui".

Assustada, baixei meu telefone e curvei meus ombros. Era tarde demais para escapar. De qualquer forma, para onde iria? Eles poderiam

me encontrar em qualquer lugar. Então, vi as luzes de um carro de polícia. As portas se abriram e quatro policiais armados saltaram. Segundos depois, agarraram-me pelas mangas, enfiaram um capuz na minha cabeça e me empurraram para o banco traseiro do veículo. Eu já havia sido levada antes, é claro, mas desta vez eu sabia: "Enfim, está acontecendo. Eles estão me levando para um campo de concentração. Minha vida acabou".

Enquanto me achava sentada ali atrás, entre dois policiais armados, com o tecido cobrindo o meu rosto, comecei a chorar. Por um momento, perdi o controle de mim mesma: meu corpo tremia, as lágrimas escorriam, eu soluçava convulsivamente. O policial ao meu lado espetou o rifle no meu lado, falando rispidamente: "Pare com isso! Por que está gemendo? Fique quieta! Se não parar, daremos um motivo para berrar! Quer que paremos o carro?". Nesse ponto, congelei. Eu sabia que eles fariam, a uma mulher, qualquer coisa que quisessem.

O percurso durou cerca de duas horas. De repente, o carro começou a se mover bem devagar, até parar. Eu não via nada, mas consegui escutar quando o vidro da frente foi aberto. "Estamos deixando uma pessoa", o motorista falou. Então estacionaram, forçaram-me a sair do carro e me arrastaram para longe, segurando os meus braços.

Portas pesadas foram destrancadas e abertas, e depois fechadas atrás de nós. Nossos passos ficaram mais abafados: devíamos estar dentro de um prédio. Meus joelhos cediam, fracos; minhas pernas mal podiam me carregar. Duas ou três vezes paramos, e um dos policiais repetia: "Viemos deixá-la". Em pânico, tentei descobrir o que estava acontecendo. Aqueles eram pontos de controle e o que me esperava adiante era pior que uma prisão. Cerrei minha mandíbula, para impedir que meus dentes batessem.

Assim que entramos numa sala, alguém puxou o capuz da minha cabeça. Estava tão claro que pisquei sob a luminosidade inesperada. Aos poucos meus olhos se acostumaram e, atrás de uma mesa, vi um oficial militar chinês, com várias insígnias nos ombros. Era um homem enorme, lá pelos seus quarenta anos, de altura mediana e que usava óculos na cara larga e feia de sapo. Na cabeça, usava um quepe com mais insígnias militares e botas altas de couro nos pés. "Talvez seja

coronel de alguma unidade especial", imaginei, mas meu peito estava tão apertado que eu mal podia pensar.

Devia ser 3h da manhã quando me sentei de frente para ele. Entre nós havia uma mesa pesada e o seu computador. Sem se preocupar com saudações, o homem descreveu a situação com um jargão militar afiado e preciso: "Você está num campo de reeducação, e trabalhará aqui como professora...".

Minha cabeça começou a girar. Não como prisioneira? Como professora? Entre tantas pessoas, por que eu? O que aquilo significava? Eu estava salva ou condenada? "De agora em diante, você dará aulas de chinês para os outros internos", instruiu ele, olhando para mim assim como um gato olha para um rato. "E você não se recusará a fazer outras tarefas além dessa".

Ele me empurrou um documento. "Só para ficar claro: você não dirá a ninguém o que vir e ouvir aqui. Assine isto!". Mal tive tempo de ler por alto o início das três ou quatro páginas.

As regras do meu novo trabalho estavam listadas uma após a outra:

"Este contrato é altamente confidencial. É proibido falar com os prisioneiros. É proibido rir, chorar ou responder perguntas sem permissão."

Foi difícil pousar a caneta no papel. Estava escrito, claramente, que quem cometesse um erro ou quebrasse uma regra seria punido com a morte. Meu coração afundou ainda mais.

"Assine!", ele latiu. Não tinha escolha. Assinei minha própria sentença de morte. Minha mão tremia como se todo o medo do meu corpo estivesse condensado nela.

"Dê as roupas para ela", o homem imenso ordenou a um subordinado. Quando me voltei para o guarda, meus olhos captaram ligeiramente os sinais que haviam na parede: os doze princípios norteadores de Xi Jinping, que eram onipresentes no escritório de todas as pessoas importantes, e também estavam exibidos no meu jardim-de-infância.

Incluíam coisas como: "Todos devem falar chinês... Todos devem se vestir como chinês... Todos devem pensar como chinês, independentemente de serem uigur ou cazaque... Tudo seja feito em serviço da China... A nenhum nativo é permitido contatos estrangeiros...". Tudo isso poderia ser resumido numa única frase: qualquer coisa remotamente

diferente deve ser transformada em chinesa. Deveria parecer, supostamente, um conselho paterno, mas estava expresso como uma série de ordens.

Levando nos braços um uniforme com estampa de camuflagem militar, segui o guarda até o corredor. Depois, vi o oficial outras duas vezes na chegada de novos prisioneiros ao campo de concentração. Ele era, provavelmente, um dos oficiais mais elevados a cargo do serviço especial. Eu acabaria indo ao seu gabinete de tempos em tempos, para deixar alguns formulários sobre a saúde de certos prisioneiros.

A primeira noite

Quando se está em estado de choque, a adrenalina faz com que certas áreas do cérebro fiquem a todo vapor. Daquele momento em diante, passei a memorizar tudo com absoluta precisão, porque eu sabia que um dia iria contar ao mundo sobre isso. Desde o princípio, eu me agarrei àquele pensamento, como a uma bóia salva-vidas.

À minha frente e ligeiramente à esquerda havia um pequeno saguão, no qual se via uma guarita com paredes de vidro. À esquerda, um corredor de aproximadamente 25 m de comprimento se ramificava do saguão, com doze celas em cada lado. Mais tarde, percebi que homens e mulheres eram mantidos em lados separados.

A porta de cada cela era triplamente trancada e protegida por um trinco de ferro adicional. Dois guardas ficavam mobilizados no lado de fora, trabalhando em turnos, 24 horas por dia. O motivo de tudo isso: viviam assombrados pela idéia de que os prisioneiros se libertassem e trouxessem à luz as suas atrocidades.

Desviei meus olhos enquanto era conduzida para a direita, na direção oposta, por um corredor igualmente longo. Ali, também, havia câmeras nos dois lados. A cada dois metros. Não havia um só recanto ou fissura fora do alcance das câmeras. Não havia janela em lugar algum. Essa metade do andar abrigava o bloco administrativo: seis escritórios, um atrás do outro.

Depois de poucos metros, paramos no lado de fora da quarta porta, a qual — diferente das celas dos prisioneiros — não possuía uma escotilha no meio para passar a comida. Evidentemente, como professora, eu seria tratada melhor do que os demais internos.

No chão nu de concreto, de aproximadamente 6 m^2, havia um colchonete de plástico, fino como duas sacolas de compras, além de um travesseiro delgado e um cobertor fino de plástico. Havia uma câmera em cada canto. "Vá dormir agora!", me ordenaram, antes de a porta de aço com barras bater e a chave girar na fechadura.

Por um momento, fiquei em pé ali, olhando para uma pequena abertura de barra dupla na parede diante de mim, tão alta que eu não podia olhar para fora. Quanto tempo terei que ficar aqui? O que está acontecendo? Tentava febrilmente encontrar respostas que eu não tinha. Como eu fora repetidamente interrogada pela polícia secreta, supus que ainda não haviam achado razão para me prender. Mas agora eu tinha um pensamento terrível.

Devem ter me trazido para o campo de concentração sob o pretexto de que eu ensinasse, para que eu enfim cometesse um erro e pudessem me manter isolada por anos naquele lugar. Não chore, não converse, não demonstre emoções... Ao pensar nas regras que eu havia assinado, notei o quanto seria fácil cometer um erro — mas eu não queria dar a eles esse gosto!

Deitei-me no cobertor de plástico e olhei para o teto, onde uma quinta câmera grande-angular estava apontada para mim. Cada milímetro desse *bunker* de concreto cinza estava sendo filmado. A lâmpada brilhava forte. Ela nunca era apagada.

Rotina diária

Pouco antes das 6h, um sino estridente tocou pelo prédio. Onde eu estava? Comecei a acordar, minha pulsação acelerada, olhei a câmera acima de mim e me senti tão moída quanto estava quando adormeci. Um instante depois, alguém estava batendo na minha porta. "Apronte-se! Rápido!".

À minha frente, à esquerda, separado por uma divisória, havia um espaço sanitário, com um buraco no meio. Uma câmera também estava apontada para lá. À direita, perto da porta, havia uma pia pequena, embaixo de outra câmera. Rapidamente abri a torneira, mas só saía um fio de água. Joguei água no rosto e lavei os dentes. Não havia sabão ou pente.

Dormi por duas horas, talvez, mas minutos depois eu estava em posição de sentido, como um guarda, fora da minha porta, as mãos ao lado do corpo, vestindo meu uniforme camuflado e quepe militar combinando, a jaqueta abotoada até o queixo.

Às 6h em ponto, todas as portas de ambos os corredores se abriram automaticamente. Por um momento, fiquei sem fôlego. Das portas abertas das celas veio um fedor abominável de suor, urina e fezes, invadindo o *hall* e penetrando todo o bloco. Os guardas de uniforme azul da ala oposta usavam máscaras sempre que adentravam as celas.

Àquela altura, eu ainda não havia reparado que, segundo as normas estabelecidas, cada indivíduo deveria ter 1 m^2 de espaço. Na realidade, porém, eles amontoavam até vinte pessoas no espaço de 16 m^2: aproximadamente quatrocentos prisioneiros por andar. Era permitido apenas um balde com tampa por cela, que servia como vaso sanitário. Os prisioneiros eram autorizados a esvaziá-lo somente uma vez a cada 24 horas.

Se, depois de cinco horas, o balde estivesse cheio, a tampa deveria ficar fechada. Então, mesmo que as bexigas dos prisioneiros estivessem estourando ou seus intestinos roncassem, teriam que esperar até que o balde fosse esvaziado. Com o tempo, essa condição resultava em terríveis problemas fisiológicos para alguns indivíduos, e o ar era tão fétido, que a todos deixava extremamente nauseados.

Minha atenção foi desviada dos prisioneiros, que estavam se alinhando no lado de fora, porque fui enviada para entrar numa fila de cerca de seis trabalhadores administrativos e outros empregados. Às vezes, a fila era maior ou menor, dependendo da pausa para refeição. Conversar era proibido.

Logo ficou nítido que vários grupos muito diferentes de trabalhadores eram empregados nesse andar, variando de faxineiras em uniformes simples com jaquetas, a oficiais de alto escalão, que usavam balaclavas pretas como ladrões de banco, revelando apenas suas bocas, olhos e narinas. Era evidente que mesmo os empregados chineses tinham medo desses sujeitos armados e mascarados, em suas botas altas de couro. Logo descobri, em primeira mão, qual era o seu trabalho.

Cada procedimento no campo de concentração era minuciosamente planejado. Era como um formigueiro. Estimo que cerca de cem pessoas eram empregadas no meu andar, trabalhando em turnos. Eu era

a única professora, e a única cazaque numa função relativamente qualificada. De outro modo, havia provavelmente uma pessoa nativa para cada doze empregados chineses, mas sempre em posições menos qualificadas.

Acompanhados por dois guardas, eu e um grupo de empregados percorremos cerca de 25 m até uma porta dupla, atrás da qual fizemos uma curva acentuada à esquerda, em direção às cozinhas. No fim do corredor havia uma abertura na parede, do tamanho de uma janela, através da qual o assistente de cozinha chinês empurrava pratos de comida para as pessoas à minha frente. O cheiro era bom, e parecia uma refeição decente. Meu estômago roncava.

Para a minha decepção, na condição de mulher nativa, me eram dados um pedaço de pão branco mole, cozido no vapor, e uma pequena concha de água de arroz cozido com alguns poucos grãos de arroz boiando. De modo semelhante, o pessoal chinês não era penalizado mesmo se cometesse os mesmos erros que eu: hesitante demais, nervosa demais, precipitada demais...

Marchamos de volta para nossos quartos, em fila. Antes que eu engolisse apressadamente a sopa sem gosto, o guarda comentou insolentemente: "Se batermos na porta, traga a concha limpa de volta para a cozinha, junto com os outros; se não, use-a na sua comida amanhã". Sempre trancavam a porta depois de saírem.

Às 7h, mais dois guardas me conduziram para um dos escritórios perto da minha cela. Ninguém era autorizado a andar pelo campo de concentração desacompanhado: sempre havia pelo menos um guarda armado no meu encalço, como uma sombra.

O plano de aula

Diferente do escritório anterior, este era mobiliado com móveis baratos de compensado. Outro homem chinês estava esperando por mim atrás da sua mesa, para me explicar o trabalho. Eu nunca me lembraria de seus rostos, porque eram sempre diferentes. Imagino que simplesmente trocassem as pessoas para departamentos diferentes no prédio: uma medida de segurança para prevenir o contato e a conversa entre os colegas.

"Sente-se", mandou o homem, apontando para uma cadeira. A grosseria era a abordagem padrão no campo de concentração. "Durante

as aulas, você só falará quando instruída". Para homens como ele, a violência era um meio legítimo para fortalecer a sociedade chinesa e manter o devido respeito.

Ele levantou um dedo, em advertência. "Você jamais dirá algo que não esteja escrito nessas instruções". Ele balançou no ar os pedaços de papel. Eu nunca estaria autorizada a expressar minha própria opinião ou agir de forma independente. Voltando-se para a porta, onde um guarda estava posicionado — obedientemente levantando e baixando sua cabeça, atento a cada palavra do oficial — ele acrescentou: "Homens como ele decidem o que é ou não permitido".

Ele então se inclinou para a frente e me entregou um documento de várias páginas, o qual especificava, em detalhes meticulosos, como eu deveria me comportar. Eu deveria ficar o mais impassível possível e sempre falar com um tom de voz cortante e ríspido. Eu só poderia me aproximar dos guardas de modos específicos.

Eu já havia aprendido, fora dos muros da prisão, que a arte de sobreviver num Estado de vigilância envolvia manter um comportamento discreto e, no rosto, uma feição rígida. Desse modo, o bando de informantes não tinha condição de achar algo repreensível no seu comportamento.

"Repita!". O homem me questionava sobre o código de conduta, como se eu fosse uma criança na escola, e então explicava o tópico da lição daquele dia. "Abra!". As primeiras quatro páginas do plano de aula tratavam de um resumo das resoluções tomadas no XIX Congresso do Partido. No total, a legislação era do tamanho de um livro, então esperava-se que eu ensinasse aos prisioneiros uma parte a cada dia.

"Continue a virar as páginas!", ordenou o oficial. Os próximos dois eram sobre os costumes e tradições da China. Como os chineses sepultavam seus parentes? Como celebravam casamentos? "Este é seu segundo tópico do dia", disse-me.

Então ele me deu meia hora para estudar o conteúdo.

Eu tinha que entender, por mim mesma, o significado da legislação e memorizar partes dela, a fim de ensiná-la aos alunos — que incluíam todos, de acadêmicos a analfabetos. Eu estava autorizada a utilizar em classe apenas algumas poucas anotações. Ler em voz alta não era permitido.

Após absorver tanta informação em tão pouco tempo, eu ficava extremamente tensa e nervosa. “Espero não esquecer algum detalhe”, eu pensava, ansiosa. Caso contrário, eles me trancariam como um animal, também, presa numa daquelas jaulas fedorentas. Tentei freneticamente bloquear qualquer outra coisa e me concentrar inteiramente na tarefa que tinha à frente.

“Basta”, rosnou o oficial, consultando o seu relógio prateado. “Levante-se e resuma todos os tópicos!”. Era a única forma que ele tinha de saber que eu compreendera tudo como devia. “Espere!”. Sacando seu telefone, ele fotografou minhas anotações. Não me era permitido levar quaisquer pedaços de papel, sem que antes fossem checados. Ao fim do dia, eles se certificavam de que eu havia voltado ao gabinete com todos os materiais escritos. Nenhuma evidência, mesmo diminuta, poderia deixar o prédio. Nada, absolutamente nada, poderia chegar até o lado de fora.

Todos os dias — ora de manhã, ora à noite — eu era levada para um escritório e me davam meu novo plano de aula. A cada vez, um membro do pessoal vinha da escadaria atrás da parede de vidro, carregando anotações não só para mim, mas também para todos os demais professores dos outros cinco andares. Assim que percebi isso, logo descobri que, considerando 400 prisioneiros por andar, mais um subsolo, devia haver, ao todo, cerca de 2.500 pessoas presas.

“Leve-a para a sala de aula!”. O homem passou a mão pelo cabelo preto e acenou para o guarda. Neste momento, em vez de virarmos à esquerda, em direção à cozinha depois de passar pelas portas duplas, nós nos viramos à direita e percorremos um corredor. Ao longo dele, havia três ou quatro salas mais largas, uma das quais seria o meu novo lugar de trabalho.

Durante os cinco meses seguintes, eu não deixaria aquele andar.

Das 7h às 9h: ensinar mortos-vivos

Mal pus os pés na sala e meus 56 alunos puseram-se de pé, as algemas retinindo no tornozelo, e gritaram, “Estamos prontos!”. Todos eles vestiam camisas e calças azuis. Suas cabeças estavam raspadas, a sua pele branca como cadáver.

Fiquei em pé, bem visível na frente da lousa, flanqueada por dois guardas com armas automáticas. Eu estava tão despreparada para a visão que tive e tão horrorizada, que, por um momento, quase cambaleei. Olhos roxos, dedos mutilados, ferimentos por toda parte. Uma horda de mortos-vivos, recém-saída dos túmulos.

Não havia mesas ou cadeiras comuns, mas apenas banquinhos de plástico, típicos de jardins-de-infância. Não era fácil para um adulto sentar-se ereto, especialmente se sentisse dores, como alguns dos homens de calças encharcadas de sangue, cujas hemorróidas haviam estourado.

Dez ou doze pessoas agachadas em cinco filas: acadêmicos, farmacêuticos, artistas, estudantes, empresários... Aproximadamente 60% eram homens entre 18 e 50 anos. O restante eram meninas, mulheres e idosos. Na primeira fila estava a mais nova, uma menina de treze anos de idade — alta, magra, muito esperta. Por causa de sua cabeça raspada, de cara eu a tomaria por um menino. A mais velha, uma pastora de ovelhas que se juntou a nós mais tarde, tinha 84.

O medo estava estampado em todos os rostos. Toda a luz dos seus olhos havia se apagado. Não se via qualquer centelha de esperança. Fiquei ali, em choque, sentindo a minha boca tremer. Tudo o que eu queria era chorar. "Não cometa erros agora, Sayragul!", gritei por dentro. "Ou em breve estará sentada naqueles bancos de criança também!".

Os internos falaram um de cada vez. "Número 1, presente". "Número 2, presente". E assim por diante, até o número 56. Após a chamada, os guardas deram a cada um uma caneta e um pequeno livreto. Como se supunha que os internos fizessem anotações, suas algemas já haviam sido removidas quando foram pegar a comida, e agora pendiam livre e tilintando de um dos pulsos. Durante o curso do dia, os prisioneiros responderam às questões da prova nos livretos.

Inicialmente, não consegui dizer uma única palavra. Era como se minha garganta estivesse bem fechada — mas era proibido ter compaixão. Sob pena de morte. Dando meia volta, apeguei-me ao quadro negro e comecei a escrever com o giz, falando com tom rude. Quando eu me virava novamente, mantinha os olhos fixos no fundo da sala. Não suportava olhar aqueles rostos. As paredes eram toscamente rebocadas com concreto cinzento, como os muros de uma fábrica.

No chão, diante de mim, havia uma linha vermelha traçada, a qual eu não podia cruzar sem a permissão dos guardas — e apenas se eu tivesse algo importante a fazer no outro lado. Era um modo de evitar que surgisse qualquer familiaridade ou relacionamento entre mim e os prisioneiros. Nunca fui autorizada a me aproximar deles. Deram-me uma mesa e uma cadeira simples de plástico, mas, estranhamente, os guardas as punham de lado no início de cada aula.

Ambos, homens e mulheres, tinham que se sentar retos como uma vareta em seus bancos, olhando bem para a frente. A ninguém era permitido baixar a cabeça. Quem não seguisse as regras era imediatamente arrastado para longe. Para a sala de tortura. "Ele está fazendo isso de propósito! Ele está se recusando a entrar na linha e resistindo ao poder do Estado!" — essa era a acusação de praxe.

Das 7h às 9h, meu trabalho era ensinar a essas pobres e maltratadas criaturas sobre o XIX Congresso do Partido e os costumes chineses. "Quando uma pessoa chinesa se casa ou estabelece uma família, ela age diferente de nós, muçulmanos", comecei, mantendo a questão o mais simplificada possível. Muitos camponeses não tinham idéia daquela outra realidade, porque nas montanhas nunca haviam vivenciado nada além de sua própria cultura. Por causa deles, eu tinha que explicar, uma por uma, as etapas dessas cerimônias.

"Nos casamentos chineses, os convidados sempre devem dizer o mesmo conjunto de frases quando parabenizam o casal", acrescentei. "Por exemplo, 'desejo a vocês dois muita alegria e espero que, em breve, tenham um bebê'".

Eles se sentavam diante de mim com rostos deprimidos, aqueles mortos-vivos de cabeças raspadas, e ali ficava eu, ensinando-lhes formas de parabenizar em chinês.

Das 9h às 11h: conferir as anotações

Das 9h às 11h, abordei o conteúdo novamente, para que pudesse conferir depois. "É hora de todos checarem as anotações!", um guarda me disse, e traduzi para os prisioneiros. Se alguém não entendesse algo, devia perguntar. Quando uma mão se erguia, eu primeiro olhava para o guarda armado à minha direita, para me certificar de que era permitido

fazer a pergunta. Uma vez concedida a autorização, o prisioneiro algemado fazia a pergunta em sua língua materna, presumindo que não falava chinês bem o suficiente. Sendo assim, eu primeiro tinha que traduzir a pergunta para o guarda e aguardar que ele me dissesse se e como eu deveria respondê-la. Eu estava constantemente alternando entre os idiomas uigur ou cazaque e chinês.

Ocasionalmente, algum prisioneiro era interpelado pelos guardas a pôr-se em pé e recitar o que aprendeu. Aqueles que progrediam ganhavam pontos. "Se aprender direito, será liberado logo", era a promessa feita, então todos tentavam absorver o conteúdo tanto quanto possível; contudo, os idosos, geralmente entre 60 e 80 anos, e os doentes sentiam uma dificuldade atroz. A maioria compreendia pouco ou nada de chinês. Era possível ver o tremendo esforço que estavam fazendo: os caracteres dançavam diante dos seus olhos, misturando-se e confundindo-se. Era uma tarefa impossível — como esperar que eles a cumprissem? Como supor que algum deles sairia dali um dia? Todos queriam gritar e chorar, mas sabiam que deviam ocultar toda agitação interior.

Posteriormente, suas perguntas seriam analisadas pelos chineses, que decidiriam a quem penalizar. Quem quebrasse as normas fora da aula também perdia pontos, o que poderia levá-los para outro andar. Infrações, de acordo com os regulamentos, deviam ser punidas de forma gradativamente rigorosa. Entre os delitos, estava ir para o lugar errado, ignorar alguma coisa ou reclamar de dor.

Era o caso da mulher que havia sido submetida a uma cirurgia no cérebro antes de ser internada no campo de concentração, cujo ferimento não tratado aumentava e infeccionava cada vez mais. Ou das pessoas que não poderiam se sentar após serem torturadas — razão suficiente para arrastá-los e torturá-los novamente. Aqueles que eram levados para cima ou para baixo recebiam um uniforme diferente e eram designados a outro andar.

Logo percebi que os prisioneiros com uniformes de cores diferentes estavam sendo levados, em grupos, para outro lugar. Aqueles que usavam vermelho, como imãs ou pessoas muito religiosas, estavam sendo marcados como criminosos graves. Crimes menos sérios eram identificados com roupas azul claro. Aqueles que eram acusados de infrações menores vestiam azul escuro. No meu andar, todos os

prisioneiros usavam azul claro, uma cor que parecia mais feia aos meus olhos a cada dia que passava. Um por um, os menos educados e os idosos perdiam cada vez mais pontos, até enfim serem descartados como ervilhas podres. Seus lugares eram imediatamente preenchidos com novos prisioneiros.

Das 11h ao meio-dia: "Tenho orgulho de ser chinês!"

Às 11h, os guardas distribuíram, a cada prisioneiro, uma caixa de papelão do tamanho de folhas de papel A4, sobre a qual estava escrita uma frase a cores. O "número um" segurou a sua acima da sua cabeça e disse em voz alta, e todos repetiram várias vezes: "Tenho orgulho de ser chinês!". Então o próximo segurava o seu. "Eu amo Xi Jinping!".

Aqueles que não fossem chineses han eram considerados sub-humanos pelo Partido e pelo governo. Não apenas cazaques e uigures, mas todas as outras raças do planeta. Segurando a próxima caixa, eu devia acrescentar a minha voz ao clamor: "Devo ao Partido a minha vida e tudo o que tenho!". Enquanto isso, o pensamento que girava na minha cabeça era: "A elite inteira do Partido perdeu a cabeça. São completamente loucos".

Meu olhar se movia sem rumo pelos seus rostos, quando, de repente, eu congelei. Aquele homem careca — eu o conhecia! Sim, ele era um uigur que fora detido em Aksu no verão de 2017 por celebrar um festival religioso. O fato havia causado bastante rebuliço na região. Naquele momento eu ainda podia vê-lo, um decente homem de família, de aproximadamente 25 anos, trazendo os seus filhos para o meu jardim-de-infância. Era uma pessoa tão gentil, tão feliz. E agora? Quem era agora? Alguém de olhos vidrados, a boca aberta, gritando: "Vida longa ao Partido!".

De repente, um guarda me espetou com a sua arma. "Por que você arregalou os olhos para ele desse jeito?". Assustada, gritei a próxima frase ainda mais alto: "Vida longa a Xi Jinping!". Internamente, eu me dei alguns bons tapas mentais. Havia dois guardas na sala, sem mencionar as diversas câmeras. Como eu podia ter sido tão estúpida?

A coisa ia se repetindo. O Partido, o seu "timoneiro" Xi Jinping, a China. Todos gritavam, em uníssono: "Eu vivo porque o Partido me

deu esta vida!" e "Sem o Partido não há nova China!". Seu plano era nos remodelar como novas pessoas, nos fazer lavagem cerebral até que cada pessoa, individualmente, estivesse convencida. "O Partido é tudo. É a força mais poderosa do mundo. Não há Deus, mas Xi Jinping; nenhum outro país todo-poderoso, e nenhuma outra força todo-poderosa no mundo, que não a China".

Havia, claro, algumas fracas personalidades cuja resistência se dissolveu como em ácido, após um tempo no campo de concentração. Mas não acho que esse método realmente funcione. Muitos prisioneiros estavam simplesmente fazendo o que fosse preciso para sair daquele inferno. Eles apenas fingiam mudar, agindo como se sua fé na divindade e na força do Partido e seus líderes os fizessem felizes.

Depois do abuso que sofreram, eles não podiam sequer acreditar naquele completo absurdo. Falando por mim mesma, nunca perdi a minha fé em Deus. Às vezes, arrisquei dar um relance, através da minúscula janela barreada, no muro externo. Era proibido olhar para fora, mas, de qualquer forma, eu não conseguia olhar muita coisa. Nenhum pedaço do céu. Apenas arame farpado.

Assim que um grupo terminava, o próximo era levado para dentro. Às vezes, o primeiro grupo ficava também, então havia mais de cem "alunos" na sala.

Do meio-dia às 14h: sopa rala e instruções frescas

Entre meio-dia e 14h os guardas colocavam todos os prisioneiros de volta nas suas celas e os funcionários de volta nos seus quartos. Minutos depois, eu estava na fila da cozinha, junto com os demais funcionários, com a concha na mão. Dessa vez, foi-me dado um pequeno pedaço de pão de verdade e uma insossa sopa de vegetais, que era mais água do que vegetais. Às vezes, eu conseguia até uma colher cheia de mel. Diariamente, eles alternavam essas três refeições diferentes, manhã, meio-dia e noite. Ao longo de meses.

Os prisioneiros eram, em tese, abandonados à fome, embora, diferente de mim, fossem forçados a comer carne de porco toda sexta-feira. Inicialmente, alguns muçulmanos se recusavam. Seus protestos resultavam em nada além de tortura e dor inesquecível. Após um tempo, essas pessoas passavam a comer carne de porco também.

Eu mal limpara a minha concha e ouvi outra batida à porta. Aquilo significava que eu tinha que estar pronta dentro de alguns segundos. Eu tinha que estar no escritório na porta ao lado até às 14h, preparando o encontro da tarde.

Das 14h às 16h: uma canção em louvor ao Partido

Das 14h às 16h, todos os prisioneiros eram reunidos novamente na sala de aula para cantar as canções do Partido, durante duas horas. Primeiro, nós todos recitávamos o hino nacional. Depois, outra canção "vermelha". "Sem o Partido, essas novas crianças não existiriam. O Partido criou essas novas crianças. O Partido faz todo o esforço para servir a todas as nacionalidades do país. O Partido salvou este país, empregando toda a sua força...".

Curvados em seus bancos de plástico, com seu bloco de anotações sobre as coxas, aqueles pobres internos tomavam nota de todos os textos escritos no quadro. Escreviam, cantavam, escreviam... Aprender uma canção inteira num único dia era pedir muito, então só praticavam um verso por dia. No dia seguinte, os prisioneiros teriam que cantar o verso que acabaram de aprender, enquanto marchavam, algemados, para a cozinha.

Vivemos no século XXI. O mundo estava avançando numa velocidade incrível: apenas na China parecíamos estar retornando, em espiral, ao nosso passado obscuro. De volta à velha barbárie e selvageria de Mao. O Partido e o governo tinham ido muito longe para apagar aquele período da nossa memória e dos livros de história; contudo, o silêncio havia nos condenado a reviver as mesmas atrocidades e os mesmos erros de antes.

Como o onipresente Xi Jinping, Mao — seu grande herói — tinha desejado remodelar um "novo homem", submetendo indivíduos suspeitos a um processo brutal de "reforma dos pensamentos" nos campos de concentração. Assim como antes, uma nova criação deveria nascer do nosso sofrimento. Nós nos tornaríamos servos apaixonados do Partido, livres de todos os demais laços e convicções, comprometidos a servir à sua ascensão épica e ao grande líder do Partido.

Hoje, basta-me ouvir um pequeno fragmento do hino nacional para reagir agressivamente. Começo a ferver; sinto repugnância pelo Partido

e o Estado. E penso nos prisioneiros torturados e em todos aqueles inocentes transformados em corpos ocos, desprovidos de alma. Em patriotas exclusivamente dedicados ao grande renascimento de um grupo étnico superior. No chinês perfeito. Todos os meses, os internos tinham que repetir: "Eu sou chinês!", reiteradamente. Mil, duas mil, três mil vezes. Antes mesmo que fossem autorizados a fazer o desjejum.

Das 16h às 18h: auto-exame

Aos olhos dos trabalhadores chineses do campo de concentração, os internos não eram seres humanos: não passavam de criminosos numerados. "Se você não tivesse quebrado as regras, nem tivesse sido espião ou agente duplo, não estaria aqui", eles lhes diziam. Era como eles justificavam todo aquele abuso. Qualquer um que estivesse detido no campo de concentração, segundo eles, merecia sofrer.

As próximas duas horas eram, basicamente, dedicadas a ficar sentado em silêncio, refletindo sobre os próprios erros. Dessa vez, permaneci no fundo da sala. À minha frente plantavam-se os dois guardas pesadamente armados, mais dois ou três funcionários chineses.

Um deles levantou a voz. "Se reconhecerem seus crimes rapidamente e tentarem compensá-los, serão soltos em breve". Caso não entendessem chinês, eu devia traduzir a mensagem para a língua cazaque.

Supondo-se que os prisioneiros não soubessem por que razão estavam no campo de concentração, os funcionários lhes explicavam. Os internos deviam, por exemplo, considerar-se culpados de rezar, de possuir visões religiosas demais, ou mesmo de ter pensamentos negativos quanto à língua chinesa, aos costumes chineses ou aos chineses em geral.

De fato, havia centenas de motivos diferentes pelos quais todas essas pessoas haviam sido presas. Uma foto tirada ao lado da pessoa errada era o suficiente. E ali estava cheio de casos como esse. Até bem recentemente, o Cazaquistão e a região de Xinjiang tinham coexistido pacificamente. Durante o período, muitos artistas estrangeiros, cantores e escritores haviam viajado para a província. Centenas de fãs tiveram fotos tiradas com *pop stars*, ou ao lado do pôster de alguma celebridade. Agora, tais fotografias eram consideradas prova de pensamento subversivo e usadas como justificativa para "purificar a mente dos pensamentos traiçoeiros".

Após passar em revista os diversos tipos de crime, a administração sugeria maneiras de os internos discernirem quais crimes haviam cometido. "Deve se perguntar: O que fiz errado na minha vida pregressa? Como posso expressar isso da melhor maneira?".

Quando um funcionário interpelou a menina de treze anos na primeira fila, interrogando: "Por que você está aqui?", ela deu um salto brusco e respondeu, num chinês perfeito: "Cometi um equívoco terrível e visitei um parente no Cazaquistão. Jamais farei isso novamente!". O restante do tempo deveria ser dedicado a um silêncio contemplativo, enquanto os prisioneiros julgavam seu comportamento passado e reconheciam a sua própria culpa.

Qualquer um que alegasse inocência não era apenas punido, mas tinha os familiares detidos também. As confissões deveriam ser verossímeis. Por exemplo, um homem podia alegar, de modo convincente: "Eu era crente e freqüentava a mesquita". Mesmo que isso não fosse verdade, ele devia tentar expressar a sua ofensa em chinês, durante aquelas duas horas, de modo que, depois, pudesse escrevê-la adequadamente.

Os prisioneiros empregavam o fim das tardes para preparar as suas admissões de culpa por escrito, que seriam entregues naquela noite. Ninguém se aventurou a dizer uma palavra. Todos ficaram quietos. Não se ouvia som algum, exceto a agitação da minha própria cabeça, como uma inundação prestes a acontecer.

Das 18h às 20h: pausa e refeição da noite

Das 18h às 20h, era hora de comer. Os prisioneiros se alinhavam fora de suas celas: mulheres num lado, homens no outro. No meio do chão, entre duas linhas azuis, corria uma linha reta vermelha. Eles deviam se locomover ao longo dessa linha vermelha. Algemados no pulso e no tornozelo, tinham que dar passos curtos e vacilantes. Quem quer que cambaleasse ou acidentalmente pisasse na linha azul era torturado. Uma vez que chegassem à portinhola da cozinha, os guardas destrancavam uma de suas algemas, de modo que o prisioneiro pudesse levar sua comida.

Enquanto isso, eu tinha que preparar um relatório para o gabinete sobre o primeiro dia de aula. Eu havia cometido um erro.

Um erro!

A porta não tinha sequer fechado e eu já estava sendo severamente repreendida por um membro da administração. "Reconheceu um rosto familiar entre os prisioneiros? Por que pareceu tão preocupada quando olhou para aquele uigur?". A equipe da sala de vigilância havia registrado a minha expressão pela câmera. Estavam sempre à espreita. "Como ela está se comportando? O que está se passando na sua cabeça? Será que ela é traidora?". E a armadilha me capturou.

Por um instante, eu estava tomada de absoluto terror. "Acabou, está tudo acabado!", pensei. Eu tinha assinado um contrato concordando que não cometeria erros ou seria morta. "Não, não", protestei, tentando me defender de forma desarticulada — eu mal podia desgrudar a minha língua do céu da boca. "Aquele olhar no meu rosto não era por causa de uma pessoa. Só continuo tendo dores de estômago terríveis. Dói muito e não há nada que eu possa fazer".

"Sente-se!", ele me ordenou, e me entregou papel e caneta. Eu deveria escrever uma confissão e assiná-la, declarando que nunca mais olharia um prisioneiro diretamente nos olhos. Assim que deixei a caneta ao lado, me foi dito para repetir a promessa em voz alta: "No futuro, nunca me comportarei daquela forma novamente".

No dia seguinte, o jovem uigur estava ausente. Provavelmente lhe haviam retirado alguns pontos e o rebaixado, vestindo-o com um uniforme vermelho. Sofri durante muitas noites, atormentada com uma culpa terrível. "Eles o levaram a um lugar pior ainda", pensei, "e a culpa é minha!". Como eu podia ter-me esquecido daquele jeito? Como eu podia ter arrastado alguém comigo? Eu me rasguei em mil pedacinhos, censurando-me freneticamente, até que não sobrasse nada de bom — e isso me fez detestar ainda mais o Partido.

Das 20h às 22h: "Sou um criminoso!"

Das 20h às 22h, os prisioneiros eram despachados para as celas, a fim de "aceitar internamente os seus crimes". Isso significava se concentrar neles vigorosamente e repetir as suas ofensas em voz baixa, inúmeras vezes. "Sou criminoso porque rezei. Sou criminoso porque rezei. Sou criminoso...". Cabeças voltadas para a parede, suas mãos algemadas

e erguidas, apoiadas contra a parede. Por duas longas horas. Ombro a ombro.

Enquanto isso, eu estava ocupada lidando com papelada em um dos escritórios, organizando arquivos e preenchendo documentos. Sob supervisão constante, é claro. Semanalmente, eu redigia um relatório manuscrito sobre o que havia feito, fazendo uma auto-avaliação. "Cumpri todas as minhas tarefas até a minha completa satisfação". Eles só permitiam que altos funcionários usassem computador. Eu não era autorizada a sequer chegar perto de um.

Meu relatório tinha de uma a três páginas, dependendo de quanto tempo me dessem. Suponho que eles o comparassem com as cenas filmadas pelas câmeras de vigilância.

Às vezes eles me enviavam para a área médica, apenas duas portas de distância da minha cela, de modo que eu pudesse pôr em ordem os arquivos dos pacientes. Cada prisioneiro era, inicialmente, examinado por um médico. A sua condição, tipo sangüíneo... Todos os detalhes que evidentemente lhes interessasse eram meticulosamente registrados.

Mensalmente, os prisioneiros "doavam sangue". Todos os internos se alinhavam no lado de fora da área médica e aguardavam a sua vez. Eu tinha que participar também, mas comigo eles faziam separadamente. Encontrei apenas uma enfermeira daquele andar que trabalhou ali por vários meses, num período. A julgar pelo seu sotaque, ela era de uma cidade do interior, como quase todos os outros membros da equipe. Ela tinha aproximadamente 21 anos, cabelos pretos e curtos e, assim como eu, usava um uniforme de camuflagem. Outras enfermeiras, médicos e auxiliares eram sempre chamados de fora, no meio da noite.

"Coloque os arquivos dos prisioneiros com doenças infecciosas numa pasta separada", ela me disse. A outra equipe médica a chamava pelo apelido "Xiao Chen". De outro modo, eles raramente se referiam uns aos outros pelo nome, preferindo usar seus títulos profissionais: "Ei, doutor, aqui!", diziam.

No departamento médico, eles prestavam atenção especial aos arquivos das pessoas jovens e fortes. Essas eram tratadas de modo diferente e marcadas com um x vermelho. No início, eu era ingênua demais — só mais tarde passei a me perguntar por que eles sempre reservavam os arquivos das pessoas fundamentalmente saudáveis.

Haviam eles pré-selecionado esses indivíduos para coleta de órgãos? Órgãos que médicos posteriormente removeriam sem consentimento? Era simplesmente um fato que o Partido extraía órgãos dos prisioneiros.

Diversas clínicas no Turquestão Oriental faziam tráfico de órgãos. Em Altai, por exemplo, era de comum conhecimento que muitos árabes preferiam os órgãos de outros muçulmanos, porque os consideravam "halal". "Será que ali no campo", pensava eu, "eles também estavam comercializando rins, corações e outras partes do corpo?".

Passado um tempo, reparei que aqueles internos que eram jovens e saudáveis estavam desaparecendo da noite para o dia, levados pelos guardas, mesmo que a sua pontuação não tivesse diminuído. Conferi mais tarde e, para o meu terror, todos os seus arquivos médicos estavam marcados com um x vermelho.

Um segundo motivo pelo qual estavam eliminando sistematicamente todas as pessoas fortes e saudáveis só me veio à cabeça após a minha soltura. Havia inúmeros relatos de pessoas sendo transportadas para a China central e sendo usadas como escravas. Qualquer empresa que se beneficia disso tem a sua parcela de responsabilidade. Deveriam examinar bem cuidadosamente as suas cadeias de suprimentos, e evitar que haja nela qualquer violação de direitos humanos.

Sabemos, com base em listas de subcontratantes, estudos de *think tanks* independentes e fontes acadêmicas, que dezenas de milhares de muçulmanos do Turquestão Oriental haviam sido enviados para fábricas de todo o país. Para essas pessoas, deixar o campo de concentração não significava escapar do controle estatal: elas passavam a ser mantidas em acomodações isoladas com outros operários, em complexos cercados de arame farpado. Empresas do Ocidente — incluindo Bosch, Adidas, Microsoft e Lacoste — se beneficiam desse trabalho escravo. Firmas como Siemens fornecem, entre outras coisas, infra-estrutura essencial para esses campos de concentração. Pessoas inocentes estão sendo presas, monitoradas e aprisionadas com auxílio de câmeras e *scanners* fabricados em outros países.

Das 22h à meia-noite: confissões por escrito

Das 22h à meia-noite, cada interno dedicava duas horas debruçado sobre seus cadernos, no chão da sua cela, escrevendo as suas confissões

de culpa. Se a pessoa pusesse algo como "Cometi um crime religioso, porque jejuei durante o Ramadã, mas hoje sei que Deus não existe", tinha uma boa chance de aumentar a sua pontuação. Todos tinham que entregar seu trabalho na manhã seguinte.

O sistema recompensava os melhores atores, aqueles que fossem mais convincentes e capazes de fingir que tinham "se libertado dos pensamentos imundos". Uma frase era especialmente importante e devia sempre aparecer numa confissão: "Eu não sou mais muçulmano. Não acredito mais em Deus".

Enquanto isso, eu redigia algum novo relatório ou limpava os corredores, escritórios e a sala de aula. Ocasionalmente, outros empregados eram designados para as mesmas tarefas, porém, no meu turno, eu sempre tinha que trabalhar sozinha. Não havia uma escala definida. De vez em quando, todos os dias era meu turno. Algumas vezes eu tinha que cumprir a tarefa durante o dia; em outras, durante à noite ou no fim da tarde. Para mim, só uma regra era definitiva: *não há intervalos*.

Enquanto os prisioneiros estivessem acordados, a equipe tentava controlar seus pensamentos. Mesmo quando eles eram enfim deixados a sós, não sei como tantas pessoas eram capaz de descansar num espaço tão confinado. Eles tinham que dormir esmagados uns contra os outros, sobre o seu lado direito, acorrentados nos pulsos e tornozelos. Virar para o outro lado era expressamente proibido e seria duramente punido. Imagino que era como cair num poço escuro e sem fim — como cair, por um breve período, num estado de inconsciência.

Mas o meu dia não havia terminado.

Da meia-noite à 1h: manter a vigilância

Fiquei no serviço de vigilância até 1h da manhã. À meia-noite, tive que ficar em pé num lugar designado do longo corredor, durante uma hora. Às vezes, eu tinha que trocar de lado com os outros sentinelas.

Éramos sempre posicionados atrás de uma linha traçada no chão. Em raras ocasiões, havia alguns poucos internos alinhados ali também, mas sempre havia um guarda ao lado de cada um deles. "Não podemos, de modo algum, permitir uma fuga!", insistiam. Não que escapar fosse algo provável. Todas as portas tinham múltiplas trancas. Ninguém jamais sairia.

Se, por alguma possibilidade, um dos prisioneiros conseguisse escapar, eles continuavam, devíamos impedir que a notícia se espalhasse pelo campo de concentração.

Observei no lado oposto a guarita com paredes de vidro. Atrás dela estava a escadaria. Eu logo tinha percebido que devia haver vários níveis inferiores, porque a equipe administrativa freqüentemente demorava muito buscando coisas no "andar de baixo", mesmo quando lhes era exigido que se apressassem.

As escadas ficavam também perto da "sala escura", onde torturavam pessoas dos modos mais abomináveis. Passados dois ou três dias no campo de concentração, escutei os gritos pela primeira vez, ressoando ao longo do enorme corredor e atravessando cada poro do meu corpo. Senti como se eu balançasse à beira de um precipício.

Eu nunca tinha ouvido algo assim em toda a minha vida. Gritos como aqueles são inesquecíveis. No instante em que você os ouve, sabe que tipo de agonia aquela pessoa está sofrendo. Elas soam como os berros crus de um animal morrendo.

Meu coração quase parou de bater. Senti vontade de me lançar no chão e tampar os ouvidos, mas eu sabia que não podia sequer pensar em chorar. "Caso contrário, nunca verá seus filhos novamente", eu lembrava a mim mesma, desesperada. Então, cerrei meus dentes o mais forte que podia e me refugiei no mais profundo da minha própria mente. Fundo o bastante para que eu só enxergasse contornos nebulosos e só ouvisse sons abafados. Daquele dia em diante, passei a ouvir aqueles gritos todos os dias.

Da 1h às 6h: dormir

Após ser dispensada do dever, me enrolei no colchão de plástico, dobrei os joelhos e puxei o cobertor sobre a cabeça. O frio penetrava do chão de concreto nos meus ossos. Normalmente, numa tentativa de ficar um pouco mais aquecida e mais confortável, eu mantinha o uniforme.

Dormir era impossível, embora eu estivesse absolutamente exausta. O fedor das privadas, os gritos ainda ecoando nos meus ouvidos, as coisas insuportáveis que eu vira — eu estava tão profundamente chocada e aterrorizada que todos os meus músculos estavam tensos.

Deitei-me imóvel, mas inquieta. A imagem dos rostos sérios dos prisioneiros e a sua muda resignação continuavam gravadas na minha mente. Na minha cabeça, as perguntas giravam incessantemente. "Por que isso está acontecendo? Por que essas pessoas não se importam com o nosso sofrimento? Como alguém pode ser tão duro de coração?". Para eles, nossas vidas não valem mais do que um besouro negligentemente pisoteado.

Em algum momento eu adormeci, e duas horas depois o sino tocou novamente. Por vários dias, a vida ali no campo de concentração foi exatamente igual.

Luz artificial 24 horas por dia. Trancada num cofre de concreto. Em pouco tempo, eu não sabia se era dia ou noite. Inverno ou primavera. Haviam-se passado semanas, ou meses?

Alguns dias eram semelhantes ao primeiro. Em outros, eu recebia instruções estritamente confidenciais...

Segredos de Estado: o Plano de Três Etapas

Informações confidenciais sempre chegavam ao campo de concentração de modo inesperado, geralmente no meio da noite. Às vezes, vinham uma vez por semana; outras, por dez dias seguidos. Um mensageiro saía correndo das escadas atrás da parede de vidro e entrava num dos escritórios.

Tanto a sala para a qual o guarda me conduzia quanto a quantidade de pessoas presentes pareciam variar, a depender da importância da mensagem. Não me ordenavam sempre a comparecer, mas geralmente sim. Poucas pessoas tinham ciência dos segredos de Estado, então, no máximo dois ou três oficiais superiores estariam presentes.

Esses oficiais do governo geralmente pertenciam a uma nova entidade, cujo nome é mais ou menos traduzido como "Segurança Nacional". Eles vestiam uniformes semelhantes aos da polícia e dos militares, porém mais caros e de maior qualidade. O funcionário mais qualificado da sala recebia os documentos primeiro, e depois me passava.

Eu devia me sentar e lê-los em silêncio, enquanto os oficiais ficavam em pé, atrás de mim e ao meu lado. Enquanto eu lia, eles estudavam as minhas expressões faciais. Na primeira vez, eu não tinha idéia

do que esperar, e por isso a minha aflição estava estampada em todo o meu rosto.

Pequim gosta de fingir que não é responsável pelo que os governadores das distantes províncias chinesas fazem. Esses documentos confidenciais, porém, eram timbrados com as palavras "Documentos Confidenciais de Pequim". A verdade é que os campos de concentração do Turquestão Oriental foram instalados por ordem da sede do Partido em Pequim.

Os documentos que puseram nas minhas mãos apresentavam o Plano de Três Etapas do governo:

> **Etapa 1 – 2014–2025:** Assimilar aqueles que estivessem dispostos em Xinjiang, e eliminar os que não estivessem.

Senti vertigens. Planejavam assassinato em massa? Cada passo consistia numa idéia central e uma lista de subitens, em tópicos. Já em 2014, Pequim havia começado a lançar os alicerces por meio da separação da minha terra natal em duas regiões: norte e sul. Os uigures do sul tinham sido escolhidos como as primeiras vítimas do Partido, por serem a maior minoria étnica. A região norte era povoada sobretudo por cazaques, quirguistaneses e povos de outras etnias, que tinham sido gradativamente visados a partir de 2016. Eu estava quase com medo de continuar a leitura. Apreensiva, eu me curvei sobre os papéis.

> **Etapa 2 – 2025–2035:** Depois que a assimilação na China estiver completa, os países vizinhos serão anexados.

Diversos países, como Quirguistão, Cazaquistão e Uzbequistão, seriam gradativamente tomados, inclusive por meio da Nova Rota da Seda e de generosas linhas de crédito. O plano era transformar esses países com dificuldades econômicas em devedores de Pequim. Assim, cada vez mais chineses se mudariam para lá e se estabeleceriam e construiriam fábricas, mas também investiriam em empresas de mídia, editoras e emissoras de TV, pavimentando o caminho para a política chinesa naqueles países. No topo disso, Pequim enviaria espiões e informantes para países estrangeiros a fim de coletar segredos de Estado.

Etapa 3 – 2035–2055: Após a realização do sonho chinês, vem a ocupação da Europa.

Meus olhos estavam fixos na folha de papel; quase me esqueci de respirar. Isso significava que a campanha de terror da China não acabaria com os uigures e cazaques: eles almejavam trazer o mundo inteiro para debaixo dos seus pés. Caso outros países não percebessem a tempo, esse pesadelo também se repetiria para eles.

Quando levantei o olhar, reparei, pelo sorriso apertado do oficial, que ele não deixara de notar o meu rosto pálido e a minha agitação. "Por que está reagindo assim? A que você está reagindo?".

"Estou intimidada pela sua autoridade", gaguejei, desculpando-me humildemente. "De qualquer forma, não tenho certeza se compreendi o conteúdo corretamente e se tenho permissão para perguntar".

Orgulhoso de si mesmo, ele levantou o queixo e me questionou sobre o conteúdo da mensagem. "O que você entendeu?". Se eu não articulasse a minha resposta usando o jargão do Partido de forma apropriada, ele me interrompia — "Não!" — e me dava a interpretação oficial. "Repita!", ele latia, forçando-me a repetir a sua versão.

O objetivo era recrutar as pobres almas das "aulas" como soldados de infantaria, forçando-os a servir às fantasias governamentais de dominação global. Trazê-los para o lado do Partido, de modo que, em última análise, a nação fosse como uma colméia: todos deveriam pensar igual, compartilhar as mesmas crenças e trabalhar tendo os mesmos objetivos. Todos devíamos trabalhar juntos, a fim de nos tornarmos o país mais poderoso do mundo e "participarmos do glorioso projeto da República Popular". Os prisioneiros deviam ser os olhos e ouvidos do PCC.

Por último, eles tiraram os documentos da minha mão, mandaram-me ficar em pé e me levaram até uma lixeira de metal, no meio da sala. À frente dos olhos dos guardas, um dos homens sacou o seu isqueiro e segurou-o contra o papel. Outro membro da equipe filmava a cena, como prova, e não desligou o telefone até que o último bilhete fosse completamente consumido pelo fogo.

O fragmento de informação que eu vislumbrara desapareceu. Mas aquilo era só um pedacinho de tudo o que os coronéis sabiam,

informações que eram transmitidas eletronicamente, muito mais detalhadas. Quando não havia mais nada, senão um monte de cinzas, deixaram-me dormir.

Algumas pessoas ocidentais não acreditam em nada disso — parece algo monstruoso demais para ser verdade. Mas encontrei outro sobrevivente cazaque, de um campo de concentração diferente, que também soube do Plano de Três Etapas. Eles claramente estavam utilizando o mesmo material em vários campos de concentração, então decerto há outras testemunhas para corroborar com essas afirmações.

Doutrinação: "Quanto tempo temos que ficar aqui?"

No dia seguinte, a aula começou com uma canção de louvor ao Partido. "O Partido Comunista conseguiu reeducar tantas pessoas! Isso é bom para todas as pessoas, porque somos um grupo unificado!". Depois disso, passei para o assunto da Nova Rota da Seda.

Eu ensinava aos alunos os conteúdos passados confidencialmente pelo governo em pequenas lições, distribuídas ao longo de vários dias. Os guardas presentes na sala analisavam se a mensagem tinha sido transmitida, questionando os prisioneiros aleatoriamente. Só então deixavam-me continuar a aula.

"Esta nova Rota da Seda já conecta Xinjiang com a África, Ásia e Europa, de forma muito bem-sucedida. Esse projeto econômico e geopolítico de grande escala transportará não apenas nossos bens, mas também as políticas chinesas".

A mensagem para os prisioneiros era clara: diante daquele gigantesco poder econômico, político e militar, qualquer resistência era inútil.

Eles reagiram com ansiedade à parte sobre a assimilação em Xinjiang e ao prazo que foi definido para isso. No momento das perguntas, ergueram suas mãos. "Prometeram nos deixar sair dentro de cinco ou seis meses. Isso significa que ficaremos aqui por mais dez anos?". Ou: "O que devemos fazer se quisermos sair antes de 2035?".

Como sempre, tive que traduzir as perguntas para os guardas, antes que fosse autorizada a responder. "Se você fizer tudo o que lhe for dito, permanecer submisso, continuar a comer carne suína e a fazer tudo o que os representantes do Partido mandam, então sairá mais rapidamente".

Seria aquilo verdade? A resposta não era clara. Nos cinco meses que passei lá, sequer um único prisioneiro foi solto. E posteriormente, em Aksu, jamais ouvi falar de qualquer amigo ou conhecido que tivesse sido libertado do campo de concentração, mesmo sabendo que a maioria deles estava na prisão há vários anos.

Mesmo que um prisioneiro não fosse posteriormente forçado ao trabalho escravo, ele ou ela nunca seria o mesmo. Nem com a maior boa vontade do mundo consigo imaginar que alguma daquelas pessoas maltratadas tenha vivido por muito tempo. A constante pressão física e psicológica os tinha seqüelado de tal forma que eles seriam incapazes de sentir alegria durante o breve tempo de vida que lhes sobrara. Com a alma em pedaços, viviam num perpétuo estado de medo. Bastava uma pequena elevação no tom de voz para que o seu coração acelerasse e ficassem inquietos.

Desnutrição severa, abuso, infecções e medicamentos significavam que qualquer um que deixasse os portões daquela prisão estava profundamente traumatizado, com significativos problemas psicológicos e físicos. Muitos deles já não eram quem costumavam ser; eram robôs controlados pelo Estado.

Fazer os mortos desaparecerem

Já descrevi um tipo de documento confidencial — o tipo que acabava desfeito em cinzas. Porém alguns assuntos controversos não se destinavam ao ensino, e então recebiam uma abordagem diferente. Nem mesmo os guardas da sala tinham licença para saber o que esses documentos continham, e assim, certa noite, lá estava eu, imóvel, num pequeno escritório, lendo silenciosamente a Instrução 21.

Também aqui os oficiais observavam as minhas expressões faciais, tentando identificar as minhas reações aos conteúdos. Mas eu tinha aprendido a lição. Não importa o quão apavorante era a mensagem, meu rosto não revelava o quanto.

"Todos aqueles que morrem no campo de concentração devem desaparecer sem deixar vestígios". Ali estava, tão claro como o dia, no jargão cru e oficial, como se eles estivessem falando sobre como descartar a comida estragada. Não deveria haver sinais visíveis de tortura

nos corpos. Quando um prisioneiro era assassinado, ou morria de alguma outra forma, o fato tinha que ser mantido em absoluto segredo. Qualquer evidência, prova ou documentação devia ser destruída imediatamente. Fotografar ou filmar os cadáveres era absolutamente proibido. Os membros da família deviam ser enganados com desculpas vagas quanto às circunstâncias da morte; e, em certos casos, explicavam, era recomendável simplesmente jamais mencionar que eles haviam falecido.

Durante o tempo que passei no campo de concentração, não os vi matarem ninguém, mas conheci muitas pessoas que desapareceram. Vi pessoas estateladas no chão, prestes a falecer. A probabilidade de que seres humanos morressem no campo de concentração era extremamente alta.

Pouquíssimos empregados — somente aqueles devidamente autorizados — eram informados sobre as mortes e as suas causas. Com exceção deles, a ninguém era permitido saber detalhe algum.

Fazia sentido para mim que tudo isso fosse escondido dos prisioneiros. Eles nunca deveriam saber que podiam morrer no campo de concentração — isso podia torná-los difíceis de controlar, ou causar pânico em massa. Mas por que estavam contando para mim? Eu olhei para a frente, confusa.

O oficial me estendeu caneta e papel. "Assine isso!", ordenou. Ao cumprir, confirmei o recebimento dos documentos e assumi a responsabilidade pelo seu conteúdo. Se as coisas dessem errado, eles teriam a minha assinatura num pedaço de papel que poderia ser usado para me culpar. Não seria eu a cumprir aquelas ordens; eu era apenas um peão, fácil de sacrificar.

Em cada um dos campos de concentração, exigia-se que uma pessoa preparasse um relatório diário, que era enviado a Ürümqi. A cidade abrigava um núcleo secreto conhecido como "Plataforma Integrada de Operações Conjuntas", que reunia informações dos campos de concentração em todo o país. Isso incluía todos os dados dos prisioneiros, incluindo DNA, passaportes e números de identificação. O gabinete também recebia instruções de Pequim, as quais repassava para várias outras regiões e campos de concentração.

Depois que assinei aquela diretriz sobre como proceder no caso de mortes, é quase certo que os oficiais a enviaram para Ürümqi.

Tomar banho

Depois de um tempo, as roupas dos prisioneiros chegavam a grudar nos seus corpos. Eles fediam suor e sujeira, mas só eram autorizados a lavar as roupas uma vez a cada um ou dois meses. Como funcionária, entretanto, eu podia tomar banho semanal ou quinzenalmente.

Dois guardas me escoltavam até a porta, com suas armas automáticas. Eles ou esperavam ali, ou entravam comigo. O lavatório era básico, e cada *box* era fechado com uma cortina. Eu estava sempre sozinha. Nenhuma outra mulher estava presente. Ninguém tinha autorização para permanecer muito perto de mim, e a água caía durante não mais de dois minutos. Eu me perguntava se os prisioneiros também eram autorizados a ter água quente. Provavelmente não.

Num primeiro momento, não percebi que todo o espaço estava sob vigilância das câmeras. Uma vez, quando eu estava esfregando o chão da sala de controle, onde as imagens de todas as câmeras estavam sendo exibidas em várias telas, vi dois empregados chineses assistindo maliciosamente às meninas e mulheres nuas. Estavam rindo alto e soltando piadas imundas. "Dá só uma olhada!", gargalhavam.

Enquanto eu me movia, com o meu esfregão, para trás e para a frente, vi quando deram *zoom* em certas partes do corpo, focalizando seios e genitais. Era visível que algumas meninas repararam que estavam sendo filmadas, porque só se despiram parcialmente e puseram-se a lavar seus cabelos com pressa.

Na próxima vez que fui levada para tomar banho, fiz o melhor que pude para me cobrir. Levantando a cabeça cautelosamente, examinei o teto com muito cuidado e percebi a lente das câmeras. Eram tão pequenas, que era fácil ignorá-las.

Uma lista dos 21 países mais perigosos do mundo

Na "aula" do dia seguinte, fui instruída a difamar os Estados Unidos — tidos pela China como o inimigo público número 1. O Partido havia elaborado uma lista de 21 países, ordenados conforme o seu grau de hostilidade contra a República Popular da China.

Nº 1: Estados Unidos. Nº 2: Japão. Nºs 3 e 4: Alemanha e Cazaquistão, embora eu não consiga me lembrar em qual ordem esses dois

estivessem. Qualquer indivíduo com contatos nesses países era considerado inimigo do Estado.

O Partido não fizera segredo algum dessa lista. Eles a haviam usado explicitamente, como justificativa para as detenções. Usando termos lisonjeiros, contei aos prisioneiros o quanto o Partido Comunista era "sagrado e bom", e o quanto algumas nações européias, e especialmente os Estados Unidos, eram "más".

Quaisquer dificuldades sofridas na China eram resultado de políticas norte-americanas contra o povo chinês, com intenção de fomentar divisões, eu expliquei, repetindo o que me havia sido dito pela administração da prisão. Mesmo que a China torturasse muçulmanos, os Estados Unidos eram, em última instância, os culpados, pois eram eles que levavam as pessoas de outras crenças a pensar de forma errada e ter um mal procedimento. Essa era a mentalidade comunista.

De acordo com Pequim, a democracia ocidental era um modelo falido, que estava degenerando em crises e no caos.

Códigos secretos: primeiro os sapatos de palha, depois os sapatos de couro

Por muitas noites, recebi mensagens secretas codificadas:

1. Lidar primeiro com os "sapatos de palha" e depois com os "sapatos de couro".

"Sapatos de palha" significava pessoas comuns, como pastores, camponeses e pescadores. Com "sapatos de couro", queriam dizer funcionários do governo — por exemplo, aqueles da administração, escolas e órgãos de segurança.

Lidar com "sapatos de palha" significava que os grupos nativos deviam, primeiramente, se tornar chineses. Quem resistisse ou se recusasse a colaborar teria "seus sapatos removidos" à força. Esse era o significado oculto da mensagem.

Não sei bem ao certo por que costumavam usar esses códigos secretos. O Partido segue a sua própria lógica. Talvez não quisesse que todo mundo compreendesse imediatamente. Os mensageiros entregariam seus comunicados a um membro da equipe, que então os repassaria adiante, criando uma longa corrente de pessoas com acesso à informação.

Como eu era bem educada e mais apta a interpretar metáforas do que a maioria dos mensageiros, eles evidentemente decidiram se comunicar comigo dessa forma.

2. Classificar todas as famílias em três grupos: primeiro, famílias principais; segundo, famílias comuns; terceiro, famílias confiáveis.

Eles estavam tentando estabelecer níveis de ameaça. "Famílias confiáveis" eram chinesas e não eram molestadas pelo governo. As outras duas famílias correspondiam a minorias muçulmanas — aquelas que, de acordo com Pequim, exigiam lavagem cerebral. Por "famílias comuns" eles se referiam a famílias com talvez apenas um ou dois indivíduos suspeitos. Numa "família principal", por outro lado, todo mundo terminava aprisionado.

Depois que absorvi o conteúdo da mensagem, um integrante da equipe pegou o isqueiro e logo o documento ardeu em chamas.

A sala escura

Durante as "aulas", eu notava que numerosos prisioneiros gemiam e se coçavam até sangrar. Eu não sabia se estavam realmente doentes ou se haviam enlouquecido. À medida que a minha boca abria e fechava — eu mal me ouvia falar do nosso abnegado patriarca Xi Jinping, que "transmitia o calor do amor com as suas mãos" — vários "estudantes" desmaiavam inconscientes, tombando de seus bancos de plástico.

Em situações ameaçadoras, o ser humano possui, em seu cérebro, uma espécie de disjuntor que funciona como o fusível de um circuito elétrico. Tão logo o nível de angústia que estamos sofrendo excede a capacidade dos sentidos, nós simplesmente desligamos: a fim de não enlouquecermos de medo, nos momentos extremos nós perdemos a consciência.

Quando isso acontecia, os guardas chamavam seus colegas no lado de fora, que entravam rapidamente, agarravam a pessoa inconsciente pelos braços e puxavam-na para longe, tal como um boneco, seus pés arrastando pelo chão. Mas não apanhavam apenas o inconsciente, o doente e o louco. De repente, a porta se escancarava e homens fortemente armados invadiam o recinto. Sem nenhuma razão aparente. Às vezes, era simplesmente porque um prisioneiro não havia entendido uma das ordens dos guardas, dada em chinês.

Essas pessoas estavam entre as mais desafortunadas do campo de concentração. Eu conseguia ver, nos seus olhos, como elas se sentiam — aquela tempestade furiosa de dor e sofrimento. Ouvir os seus gritos e berros pedindo ajuda nos corredores fazia o nosso sangue congelar nas veias e nos levava à beira do pânico. Eram prolongados, constantes, praticamente insuportáveis. Não havia mais aquele triste som.

Vi, com meus próprios olhos, os diversos instrumentos de tortura da "sala escura". As correntes na parede. Muitos internos, atados pelos pulsos e tornozelos, eram amarrados em cadeiras com pregos nos assentos. Muitas pessoas torturadas jamais voltaram daquela sala — outras saíam cambaleantes, cobertas de sangue.

Ocasionalmente, os guardas me levavam para dentro das celas para que eu traduzisse para eles. Eu via prisioneiros esparramados no chão, tão terrivelmente machucados após serem torturados que não podiam ficar em pé.

Como sei tantos detalhes acerca dos vários instrumentos da sala escura? Eu mesma fui torturada lá.

Conspiração: meu encontro com uma pastora idosa

Certa noite, em janeiro de 2018, um grande grupo de novos prisioneiros chegou. Entre eles, estava uma avó cazaque com uma curta trança grisalha, uma pastora simples das montanhas. Qualquer um diria que ela tinha sido apanhada inesperadamente. A polícia não tinha lhe dado sequer tempo para calçar os sapatos. Era inverno e estava muito frio, mas ali estava ela de meias. Tinha 84 anos de idade.

Desesperada por ajuda, a velha senhora olhava em todas as direções. Quando viu o meu rosto redondo em meio aos implacáveis guardas chineses ao longo da parede, correu para mim com os braços estendidos, lançou-os em volta de mim e suplicou: "Por favor, você é cazaque, precisa me ajudar! Por favor, me salve! Sou inocente, não fiz nada! Por favor, me salve!".

Isso aconteceu do nada. Naquele momento, eu não sabia o que fazer.

Fiquei ali, em choque. Ela gritou, tremendo de frio e de medo. Talvez eu tenha posto meus braços em volta dela, por alguns segundos. Não me lembro bem o que fiz — tudo aconteceu muito rapidamente.

Mas a minha reação foi, definitivamente, interpretada como violação do contrato que assinei.

No momento seguinte, os guardas arrancaram a senhora de mim e arrastaram-me dali. Para dentro da sala escura: o único lugar em nosso pavimento onde não havia câmeras, de modo que não houvesse evidências das coisas monstruosas que aconteciam ali dentro.

Eu era suspeita de conspiração.

Onde a maldade habita

O espaço, de aproximadamente 20 m², parecia uma câmara escura de fotografia. Uma faixa preta e suja, com cerca de 30 cm de largura, tinha sido pintada na parede pouco acima do piso, como se alguém a tivesse manchado de lama. No meio, havia uma mesa de 3 ou 4 m de comprimento, repleta de todo tipo de ferramentas e instrumentos de tortura. Armas de choque e cassetetes policiais de vários formatos e tamanhos: espessos, finos, longos e curtos. Barras de ferro usadas para prender as mãos e pés, em posições agonizantes, atrás das costas da pessoa, projetadas para infligir a maior dor possível.

Também na parede estavam penduradas armas e acessórios que pareciam oriundos da Idade Média. Instrumentos utilizados para extrair unhas das mãos e dos pés, e um bastão longo — um pouco parecido com uma lança — que, numa das extremidades, tinha o formato de uma adaga. Usavam-no para furar a carne da pessoa.

Ao longo de um lado da sala havia uma fileira de cadeiras projetadas para diferentes objetivos. Cadeiras elétricas e cadeiras de metal com barras e cintas para mobilizar a vítima; cadeiras de ferro com orifícios no encosto, para que os braços pudessem ser torcidos para trás, acima da articulação do ombro. Meu olhar vagava pelas paredes e pelo chão. Cimento áspero. Cinza e imunda, revoltante e confusa — como se o próprio Maligno estivesse agachado naquela sala, alimentando-se da nossa dor. Certamente eu morreria antes do amanhecer.

Dois homens estavam em pé, diante de mim. Um deles usava máscara preta e botas de amarrar. A julgar pelo seu sotaque, certamente era chinês da etnia han, e estava encarregado do interrogatório. A primeira frase que berrou para mim, repetindo-a reiteradamente, foi: "O que você

fez de errado?". Ele esperava que eu confessasse a minha culpa e inventasse um crime, embora eu não tivesse cometido nada. Seu colega chinês vestia um uniforme policial, mas não usava máscara. Ele portava uma arma de choque.

Eu estava aterrorizada com a possibilidade de me prenderem na "cadeira de tigre", com pregos no assento, ou que me cortassem com um bisturi, mas haviam escolhido a cadeira elétrica. Puseram uma haste de metal sobre o meu corpo, de modo que eu mal podia me mexer.

"O que aquela pastora velha disse para você? Por que ela agiu daquele jeito? Você a conhece?".

"Ela me implorou para salvá-la", respondi, honestamente. Por um lado, eu queria salvar a mim mesma; por outro, queria salvar a velha mulher, então não lhes contei que ela também dissera que era inocente. Nenhum daqueles chineses falava cazaque, então, se eu tivesse traduzido aquela parte para os torturadores, eles a teriam punido de forma ainda mais cruel. Naquele campo de concentração não se argumentava, assumia-se a culpa.

De repente, meu corpo inteiro estava chacoalhado e se contraindo, como se não fosse mais meu. Ao mesmo tempo, golpes começaram a chover sobre mim. Com minha cabeça pendente, eu vi as botas de amarrar diante do meu rosto. Devagar, muito devagar, eu levantei meu queixo. "Você é conspiradora! Está mentindo", rugiu o homem mascarado. Então, ele me bateu no ombro, na cabeça, nas mãos, até que desmaiei novamente.

Quanto mais eu demorava a responder ou confessar a minha culpa, mais eles aumentavam a corrente. Eu deveria lhes dizer o que queriam ouvir. "Sim, eu já conhecia aquela mulher. Ela me pediu para fazer um telefonema para avisar a seus parentes que ela tinha deixado a porta da cabana aberta...". Cada frase foi um esforço tremendo.

Meus torturadores não tinham humanidade, simpatia ou emoção. Eram como cães raivosos, perversos e selvagens. Aqueles homens não nos viam como gente — éramos como animais de teste ou ratos de laboratório. Continuei a perder a consciência por causa dos choques elétricos.

Era evidente o grau de satisfação que eles tinham com o sofrimento dos outros. Riam enquanto faziam aquelas coisas. Quanto mais eles me

ouviam soluçar de dor, mais claramente eu via o prazer estampado na face do homem desmascarado, e mais avidamente eles me torturavam.

"Não mostre a sua dor". Eu ouvi a voz do curandeiro misterioso da minivan ecoar na minha cabeça, misturada com a do meu pai. Ela vinha de longe, muito longe.

Mesmo quando tudo estava entorpecido, quando o sangue pulsava nos meus ouvidos e o mundo se encolhia num nevoeiro preto-acinzentado, eu forcei a minha língua pesada a proferir as mesmas palavras: "Eu já conhecia aquela mulher...". A cada vez, eu tentava levantar a minha cabeça e soltava o mínimo de gemidos possível. Passado um tempo, eles perderam o interesse, e eu fui poupada de sofrer mais punições.

Três horas depois, eu estava esparramada no chão da minha cela. Imediatamente, tudo ficou muito escuro. Era como se a noite tivesse me envolvido numa mortalha negra. Cada movimento era como uma faca através do meu corpo, mas, de algum modo, eu devia me pôr de pé e fazer o meu trabalho. Caso contrário, daria a eles outra razão para me torturarem. E aquilo significaria a morte.

Resistência

Aquela noite na sala escura me modificou. Deixou-me uma pilha de nervos. Senti-me como uma alienígena: desconectada, diferente. Cada passo parecia mais pesado, como se o chão tentasse me engolir por inteira; dificilmente restavam-me forças para levantar o pé. A dor já era insuportável. Mas continuei a dar aulas. Havia um ruído na minha cabeça, como se uma furadeira a estivesse perfurando.

Na primeira vez em que um integrante da equipe da sala de aula confrontou a velha pastora com o seu crime — "Você é uma espiã, fez uma ligação internacional com o seu telefone" — ela negou, amargamente. Então, arrastaram aquela mulher de 84 anos para a sala escura e extraíram as unhas das suas mãos. Depois disso, quando a perguntavam por que ela estava ali, ela lutava para formular as palavras, num chinês desajeitado: "Telefonei para fora, usando meu telefone". A mulher sequer tivera um telefone celular, muito menos sabia como usá-lo.

Como forma de punição adicional pelo meu contato não-autorizado com a velha mulher, fiquei dois dias sem comida. Não importa o pouco

de vida que me foi deixado, nunca perdi a esperança de escapar daquele lugar infernal. Nunca!

Para continuar em frente, à noite eu costumava imaginar sair e caminhar com os meus filhos no Cazaquistão. Eu já não via a Ukilay ou o Ulagat há um ano e meio. A separação pesou demais em mim, como se alguém estivesse apertando o meu coração.

Às vezes, eu me revirava na cama, à noite, até enfim ouvir a voz do meu pai. "Seja forte, minha filha". "Sim", eu respondia, e ficava imóvel; só meus lábios se moviam. "Se tudo der certo, pai, no futuro viajarei para outros países com aqueles a quem amo e viverei momentos preciosos de liberdade".

Morrer não era opção: eu queria ver os meus filhos novamente, ao menos uma vez. E estava determinada a escapar do campo de concentração de algum jeito, para que pudesse contar ao mundo lá fora as atrocidades hediondas que vinham sendo perpetradas.

Numa prisão normal, a pessoa é detida com base no julgamento de um tribunal. Ali ela passa um tempo e depois é solta. No campo de concentração, entretanto, você nunca sabe se vai sair, mesmo sendo inocente. Esse processo de prisões extrajudiciais e de aprisionamento sistemático é um dos maiores crimes contra a humanidade cometidos na Era Moderna.

Mês após mês, o que me mantinha viva era a esperança de que haveria um clamor do mundo livre assim que a verdade sobre os horrores do Turquestão Oriental viesse à luz. As democracias liberais perceberiam o perigo que elas estavam correndo. E imaginei outros chefes de Estado intervindo nas políticas desumanas de Pequim e tornando, novamente, o mundo um lugar melhor para se viver.

Esses eram os pensamentos que me levavam adiante.

Prevenir doenças, ao produzir doentes em série

Uma noite, de volta ao serviço de sentinela, vi uma longa fila de prisioneiros no lado de fora da área médica. "É só um programa de vacinação!", asseguraram as enfermeiras, para que as pessoas não ficassem ansiosas ou resistissem. Um médico disse: "É simplesmente uma medida preventiva para impedir a transmissão de doenças infecciosas".

Era a informação mais precisa que eles podiam obter. Enfermeiras e médicos se aproximaram e aplicaram uma injeção no braço dos detentos. Alguns deles resistiram, gritando de medo — "Não quero tomar injeção!" — mas dois médicos os seguraram, enquanto um terceiro lhes aplicava a injeção. Depois disso, os prisioneiros que haviam lutado foram espancados pelos guardas na sala escura.

Se eles estavam realmente tentando parar a disseminação da doença, então por que motivo não tomavam medidas muito mais simples e eficazes? Por que não desinfetavam as celas? Por que amontoavam tantas pessoas num lugar tão pequeno, 24 horas por dia, em meio a urina e excremento?

E por que os medicamentos lhes estavam sendo administrados nos braços? Por que não em outras partes do corpo? Como médica, eu sabia que aquelas injeções eram com freqüência aplicadas daquela forma em crianças, a fim de prevenir doenças. Mas isso não era necessário em relação a adultos, pois não ofereciam a mesma proteção. Por que, então, todos os internos estavam sendo "vacinados" forçadamente?

Havia muitas pessoas doentes ali no campo de concentração. A administração sabia exatamente o estado de saúde de cada prisioneiro porque eles mantinham um meticuloso registro médico. Por que eles tinham que ser "vacinados" novamente quase todos os meses? Se eles realmente quisessem ajudar aqueles que estavam mal, por que lhes negavam tratamento e cuidados paliativos?

Por que eles não ajudaram a mulher que passara por uma cirurgia no cérebro antes de ser presa e agora havia enlouquecido por causa da dor? Porque deixaram uma jovem mulher diabética passar o dia inteiro no chão frio de sua cela, caída sem consciência? Por terem se recusado a dar-lhe medicação, ela agora sofre o pior grau da diabetes, e não pode mais ficar em pé. Não sei o que aconteceu com ela. Quando saí, ela ainda estava ali abandonada.

Aniquilação médica

Depois de um tempo, eles me prescreveram uma medicação também. "É bom para você e ajuda a prevenir doenças", o médico alegou. Daí em diante, passei a ter que engolir um grande comprimido semanalmente, sob o olhar da enfermeira chamada Xiao Chen. O que eu podia fazer?

Na primeira vez em que tomei o comprimido, senti terríveis problemas de estômago e náusea. Após o segundo, também, sentia muita ânsia de vômito. A jovem enfermeira chinesa ajeitou sua boina camuflada e me olhou com compaixão. Era sua incumbência dar-me a medicação. Era magra, rosto comprido, e caráter forte.

No próximo momento em que eu estava em pé, diante dela, na fila do jantar, ela sussurrou no meu ouvido: "Não mais engolir! Venenoso!". Na próxima vez em que eu estava diante dela, ainda filmada pela câmera, apenas agi como se estivesse tomando o comprimido. Ela confirmou, na sua folha de papel, que eu o havia tomado, enquanto eu esfregava minha boca discretamente, para depois jogá-lo fora na lixeira mais tarde.

A administração fazia todo o possível para impedir que os empregados confraternizassem ou desenvolvessem relacionamentos pessoais — não queriam pessoas trabalhando juntas por muito tempo e fazendo amizade — então constantemente modificavam as atribuições.

Porém, a enfermeira chinesa que me ajudou estava no meu pavimento desde a minha chegada e me conhecia há semanas, porque eu freqüentemente organizava os arquivos médicos e lhe dava uma mãozinha. Perceber que havia, em meio à equipe chinesa, alguns poucos indivíduos com a coragem de se permitirem emoções humanas fez o meu coração acelerar de alegria. Talvez fosse ela, também, que havia me impedido de ser "vacinada" como os outros?

Mas eles não nos davam só um comprimido e aplicavam uma vacina: eles prescreviam numerosas drogas. Alguns prisioneiros tampavam a boca, com medo, e outros alegavam que não queriam nenhum medicamento, mas ninguém era poupado. Os médicos abriam suas mandíbulas à força e lhes administravam a droga.

Depois disso, muitas mulheres pararam de ter períodos menstruais. Talvez eles quisessem nos tornar inférteis, para que não pudéssemos nos reproduzir? Depois de observar esse fenômeno, a enfermeira confirmou, dizendo-me: "Você não terá mais filhos". Outros componentes transformavam os internos em zumbis apáticos, tão logo tomavam a droga. Uma pessoa como aquela não sente mais desejos, não pensa em sua família ou numa vida livre e normal. Havia também fármacos que envenenavam os nossos corpos permanentemente.

Certa vez, enquanto eu estava limpando a enfermaria e tirando o lixo, Xiao Chen passou por mim e perguntou bruscamente: “Posso jogar esse pedaço de papel aí dentro?”. Antes de prosseguir, ela me deu um chutinho. Entendi o recado, mas eu devia ser cuidadosa antes de fazer qualquer coisa, porque havia um guarda na sala.

Quando retirei o saco de lixo, sutilmente peguei o bilhetinho enrolado e o escondi no sapato, levando-o clandestinamente para a minha cela à noite. Deitada no meu colchão de plástico, puxei o cobertor acima da cabeça, o que eu fazia com freqüência, por causa da luz acesa. Com meus dedos tremendo levemente, desenrolei o bilhete e li-o. “Não tome nenhuma medicação ou injeção! Extremamente perigosos!”.

Eles não estavam realizando experiências em nós. Não pretendiam só nos dessensibilizar ou nos deixar permanentemente dementes. Estavam tentando nos aniquilar. Coloquei o bilhete na boca, mastiguei e o engoli.

Ainda pior para as mulheres

Todos os dias ouvíamos gritos lancinantes vindos da sala escura. A cada dia endurecíamos um pouco mais. A tortura dobrou muitos homens fortes, mas, no campo de concentração, eram as mulheres e meninas que levavam a pior. Quando trabalhava como sentinela ou faxineira no fim da tarde, eu freqüentemente notava que os guardas iam buscar, nas celas, as meninas mais novas e bonitas, a maioria de 18 ou 19 anos.

Como aquelas criaturas indefesas poderiam se defender? Se gritassem ou chorassem, eles depois as levariam para a sala escura. Os funcionários mais altos tinham rédea solta sobre os seus corpos. As autoridades mais importantes de Pequim tinham lhes dado poderes ilimitados. Eram autorizadas não apenas a brutalizar os prisioneiros, mas também a matá-los.

Enquanto eu estava limpando seus escritórios ou redigindo meus relatórios, escutava atentamente os integrantes da equipe discutindo as novas orientações quanto à tortura, repetidamente tranqüilizando-se uns aos outros: “É bom que esteja tudo esclarecido. Agora ninguém pode ser punido por tortura”. Dois deles perguntaram novamente: “Tem certeza absoluta?”.

“Sim, sim, estamos protegidos. Nada vai acontecer conosco. Podemos fazer com elas o que nos der na telha”.

Quando eu ouvia conversas como essa, sempre tentava captar o máximo possível, para entender exatamente o que estava acontecendo. Esses homens eram impiedosos e irreverentes. Só mesmo pessoas certas da impunidade são tão cruéis assim. Nenhum tribunal jamais responsabilizaria os assassinos que pusessem em prática, no campo de concentração, as suas fantasias sádicas.

Os guardas só devolviam no dia seguinte as meninas que tinham levado da sala de aula. Elas voltavam com feições pálidas e amedrontadas. Algumas apresentavam escoriações e piscavam continuamente os olhos vermelhos e inchados. Apesar da sua exaustão, era possível dizer o quanto elas estavam aterrorizadas e que tipo de horrores tinham sofrido.

Uma dessas meninas, que havia sido trazida de volta apenas meia hora antes de a aula começar, parecia completamente ausente, os braços molemente pendurados em cada lado do corpo. Incapaz de sentar-se em seu banquinho de plástico ou pegar a caneta, ela escorregou de lado, para fora do banquinho, e ficou imóvel no chão.

"Sente-se!", o guarda latiu, mas ela simplesmente não conseguia fazê-lo. Mandaram-me dar uma advertência e me dirigir a ela, em voz alta, pelo seu número. "Você, menina número ..., sente-se". Nenhuma reação. Ela simplesmente respondeu, com uma única frase: "Não sou mais uma menina". E então os guardas a levaram para a sala escura.

Nunca se sabia, de manhã, como o dia iria terminar. A pessoa nunca sabia se, à noite, ela ainda seria a mesma. Como os tormentos do dia a mudariam. Que coisas se enroscariam na sua cabeça, como arame farpado, dilacerando o seu cérebro durante a noite.

O teste final

No fim de janeiro de 2018, convocaram inesperadamente cerca de cem prisioneiros para um salão que eu nunca tinha visto. Muitos empregados já estavam lá dentro, sentados em semicírculos, em várias fileiras de bancos de plástico. Fiquei em pé, no fundo. Assim como os demais prisioneiros, eu não tinha idéia do motivo da convocação.

Um homem de máscara preta e botas de couro caminhou para o centro do semicírculo e chamou uma das garotas à frente, para que

ela confessasse o seu crime, rodeada de espectadores. Ela estava ali há pouco tempo: era um pouco rechonchuda e tinha os cabelos raspados como todos os demais. Tinha talvez 20 ou 21 anos.

Conforme instruída, ela fez a sua confissão em chinês: "Quando estava no 9° ano, enviei a uma amiga uma mensagem com o meu telefone celular, desejando um dia abençoado. Era uma ocasião religiosa e um crime. Nunca farei isso novamente!". Durante toda a nossa vida, era normal para nós, muçulmanos, nos saudarmos nos dias santos. Não é diferente dos cristãos, desejando mutualmente "Feliz Páscoa" ou "Feliz Natal". Oficiais do Partido haviam encontrado essa mensagem, de anos atrás, enquanto analisavam o seu telefone.

"Deite-se!", ordenou um dos homens mascarados. Os espectadores esticaram seus pescoços, surpresos. O que estava acontecendo? A garota rechonchuda olhou para eles de olhos arregalados e obedeceu à ordem, insegura, enquanto dois outros homens mascarados se aproximaram.

Um deles arrancou a calça dela com um puxão, e depois abriu o zíper da sua própria calça. "Não!", gritou a menina, horrorizada, e tentou se levantar num salto, defendendo-se do homem com as mãos, porém, no instante seguinte, ele a forçou para o chão e a imobilizou com o seu peso. Sacudindo-se em pânico, ela olhou para os espectadores e gritou: "Socorro! Por favor, me ajudem!", enquanto o homem acima dela começou a arquejar e bufar como um animal.

Inicialmente, ninguém da audiência moveu um músculo. Estávamos congelados. Como pessoas nuas no gelo. Minhas têmporas latejavam; minha mente estava acelerada. "Corra, Sayragul, fuja!". Meus olhos corriam de um lado para o outro, em busca de ajuda, de uma rota de fuga, mas não havia nada além de portas fechadas. E guardas, em toda parte, encarando os nossos rostos como caçadores à espreita.

Alguns espectadores desmaiaram ou gritaram alto. Eram imediatamente agarrados, ainda em seus bancos, e arrastados para longe. De repente, entendi por que estávamos ali. Era um teste! Queriam conferir se tínhamos sido "curados" da nossa "opinião religiosa e doente" e estávamos alinhados com o Partido. "Socorro! Por favor, me ajudem!".

Nada era pior do que ser um observador impotente, testemunhando essa insana tortura. Era como ter um membro amputado sem anestesia.

Mas qualquer um que revelasse os seus sentimentos reais provava, do ponto de vista da administração do campo de concentração, que ainda conservava sentimentos religiosos ou étnicos pelos seus conterrâneos cazaques. "Fique calma, Sayragul, fique calma...".

Devíamos assistir imóveis àquela cena, enquanto a cabeça da jovem mulher chicoteava para trás e para a frente, agitada pelo medo e pela dor. Quando o primeiro homem terminou e levantou as calças, como uma hiena que devorou tudo o que podia, o segundo homem mascarado atacou o corpo abusado no chão.

Alguns dos prisioneiros masculinos não puderam mais suportar. Saltando de seus assentos, gritaram a plenos pulmões: "Por que estão nos torturando desse jeito? Não têm coração? Vocês próprios não têm filhas?". Os guardas imediatamente os agarraram e os levaram embora, enquanto a garota gritava até não poder mais, completamente esvaziada, e enquanto o terceiro homem forçava entrada entre suas coxas ensangüentadas.

Uma gota de suor se formou na minha testa. Agora, a garota havia parado de gritar; tudo o que ouvíamos era o ruído da sua respiração. Era a presa deles. Poderiam destruí-la se assim quisessem. Algumas pessoas não suportavam mais assistir e baixaram as suas cabeças. Os guardas armados levaram outros tantos internos. Todos eles desapareceram.

Depois disso, não consegui dormir. Não encontrei descanso. Toda noite, eu cobria minha cabeça com o cobertor e enterrava o rosto no fino travesseiro de plástico, para que ninguém me visse respirando em espasmos. Não conseguia pensar com clareza. Assim que eu fechava os olhos, começava a despertar novamente. E me via olhando para aquele rosto em pânico, ouvindo aqueles gritos. "Por favor, ajudem-me! Por que vocês não me ajudam?". Mas ninguém podia ajudá-la. Ninguém.

Mesmo depois que me libertei, não consegui contar essa história durante meses: falar disso me fazia sentir como se tudo estivesse acontecendo outra vez. Enquanto eu viver, nunca vou me esquecer. Simplesmente não consigo me conformar com isso.

Um mês e meio depois, outra coisa inesperada aconteceu.

CAPÍTULO 7

Melhor morrer fugindo do que no campo de concentração

Março de 2018: libertada

À meia-noite, parei como uma estátua na fila de sentinelas, junto da parede, observando com o canto do olho enquanto vários oficiais caminhavam decididos pelo corredor e desapareciam no gabinete ao qual a polícia me levara na primeira noite. Passado um tempo, um guarda surgiu e mandou que eu entrasse. O que queriam comigo? Eu estava sempre esperando o pior.

Um oficial desconhecido se sentou, debruçado na mesa. Latiu para mim: "Seu trabalho aqui terminou! Você está indo para casa hoje e irá continuar seu trabalho como professora titular no jardim-de-infância. Irá dizer aos seus funcionários que participou de um programa de requalificação na China central".

Ir para casa? Não acreditei numa só palavra daquele homem. Provavelmente estavam me levando para outro campo de concentração. Ele encarou o meu rosto imóvel, seus olhos estreitos. "Você nunca dirá a ninguém sobre este campo de concentração. Não esqueça o seu contrato". O documento que eu havia assinado, originalmente, estava à vista, sobre a mesa, como um alerta. Ele estava pressionando o dedo com tanta força contra o documento, que a sua unha ficou branca. "Entendeu?".

"Entendido", respondi, adotando a entonação militar.

Então, ele me enxotou para o lado de fora da porta com um gesto, como se fosse uma mosca irritante. "Entregue seu uniforme, coloque as suas próprias roupas e embale suas coisas!". Eles nunca liberariam uma testemunha como eu. "Como isso irá acabar, Sayragul?", eu me

perguntei. Mal tive tempo de me trocar e pegar meu telefone, antes que eles jogassem um capuz preto sobre a minha cabeça.

Da mesma forma que havíamos feito quando cheguei, em novembro do ano anterior, passamos por vários postos de controle. Várias portas se abriram e, por poucos segundos, senti o ar quente da primavera nas minhas mãos quando fecharam a porta do carro e dois policiais se sentaram no banco de trás, ao meu lado.

Eu nunca tinha visto o exterior do edifício. Até hoje, não sei exatamente onde ficava, mas há mapas e imagens de satélites que provam a existência de vários campos de concentração nesta área. Achei que iriam me matar na próxima esquina. Mas, antes de o fazerem, provavelmente me estuprariam primeiro.

Quando tiraram o capuz da minha cabeça, mal pude acreditar no que estava vendo. Era fim de março, talvez 4h da manhã, e eu estava ao lado de minha casa. "Amanhã você irá para o trabalho, como sempre", ordenou o motorista, acompanhado de uma ameaça. "Pense no que está no seu contrato". Eu não deveria contar a ninguém o que havia visto e ouvido.

Como em transe, entrei no apartamento, sentei-me numa cadeira na cozinha escura e permaneci ali até o amanhecer. Perguntas sem respostas estavam girando na minha mente, provocando vertigens. O que irá acontecer agora? Eu estava incrivelmente tensa, e não conseguia afastar a suspeita de que algo horrível estava para acontecer.

Quando me vi no espelho, na manhã seguinte — pela primeira vez em meses — fiquei chocada. Uma pálida máscara feita de pele e osso me encarou de volta. Minhas clavículas estavam projetadas para fora, como as de um esqueleto. Rapidamente, coloquei um pouco de maquiagem, delineei de preto meus olhos, passei um batom vermelho e escolhi minhas melhores roupas.

Meus subordinados deveriam acreditar que eu havia retornado de uma grande cidade para a província, como o Partido vinha alegando o tempo todo. Eu não poderia deixar ninguém descobrir onde eu realmente estivera, ou seria uma mulher morta.

"Como ficou tão magra?"

"Oh, que maravilha, finalmente você está de volta!". Meus colegas corriam e se aglomeravam ao meu redor, emocionados. Especialmente

as mais jovens, essas estavam nas nuvens. "Em qual cidade você estava? Como foi lá? Foi interessante?". Ao mesmo tempo, todos me olhavam preocupados: minhas roupas estavam praticamente penduradas em mim. "Como você ficou tão magra?".

Dissipei as preocupações deles. "Oh, eu não tinha muito tempo para comer, havia muito a fazer...". Eu havia perdido mais de 10kg.

Minha visão ficou turva e, por um momento, precisei me escorar na parede. Fiz o melhor que pude para esconder a minha tontura e fraqueza, despistando ao dizer que estava exausta depois de uma longa jornada e que muito trabalho me aguardava no escritório. "Mais tarde, podemos sentar e ter uma conversa tranqüila, enquanto contarei a vocês onde eu estive", disse-lhes, explicando que era o bastante por um dia.

Na manhã seguinte, também fui trabalhar, cumprimentando a todos com um sorriso, como antes — mas a minha cabeça parecia embrulhada em novelos de algodão. Ao longo do caminho, encontrei um cazaque que já ocupou um cargo de direção na escola. Ele balançou tristemente a cabeça "Como você consegue continuar? Se eu fosse você, teria me jogado de um prédio de três andares, anos atrás". Nosso jardim-de-infância tinha três andares. Ele provavelmente adivinhou, como todos os demais, que estive num campo de concentração e que estava sofrendo.

Naquela manhã, um grupo de pessoas da entidade educacional apareceu no meu escritório. Um deles me informou que eu, de imediato, estava sendo removida do cargo. "Irá para casa", me disseram "e aguarde outras instruções". Minha cabeça ficou latejando o resto do dia. Alguém teria me denunciado? Qual era o jogo deles? Examinei mentalmente, várias vezes, cada palavra e cada ação minha, tomada pelo medo persistente de que alguém tivesse achado algum erro que eu não tivesse percebido.

"Não têm nada do que me acusar", falei a mim mesma, e me acomodei para esperar resignadamente. Por volta das 21h, dois policiais invadiram o meu apartamento, colocaram um capuz na minha cabeça e me enfiaram num carro. Pouco depois, encontrei-me de volta numa cela de delegacia, olhando fixamente para uma porta trancada com grades e o guarda fardado atrás dela. Ele ficou em sua cadeira, reclinado na parede, por cerca de uma hora, até que um segundo homem fardado se juntou a ele.

Eles se posicionaram em frente às grades. O recém-chegado fez as perguntas, o outro manteve a boca fechada. Provavelmente, eram ambos da polícia secreta. Neste momento, eu estava certa de que me prenderiam no campo de concentração com os demais prisioneiros.

O homem começou: "O ano de 2018 é quando começamos a expurgar aqueles que têm duas caras". Com isso, ele queria dizer pessoas como eu. "Você é uma das piores traidoras! Apesar de toda a confiança que depositamos em você, está usando uma máscara! De um lado, mostra uma face chinesa boa, mas de outro, conservou sua cara maligna do Cazaquistão".

O que fiz de errado? O que havia esquecido? Estava perplexa. "Até este momento, você não chamou de volta a sua família do Cazaquistão, nem se divorciou de seu marido. Isso prova que ainda alimenta um grande afeto pelos nossos inimigos no exterior". Eu nunca permitiria que eles me forçassem ao divórcio. E mesmo que eu o fizesse, ainda assim não me deixariam em paz.

Por meia hora, tentei reiteradamente me defender. "Não tive contato com minha família e eu não entendo do que estão me acusando...".

O rosto do agente retorceu como se tivesse visto uma barata. "Como pode fazer algo tão perverso contra nós? Como membro do Partido e diretora escolar, uma função de liderança?", ele ergueu as mãos, gesticulando de forma dramática. "Você precisa urgentemente de reeducação. Levará uns três anos para reordenar a sua mente doentia".

Fui instruída a usar os próximos dias para entregar o meu trabalho no jardim-de-infância a meus substitutos e familiarizá-los com toda a papelada. "Coloque tudo em ordem. Então aguarde nossas instruções. Apanharão você".

Um soco no estômago? Não, eu havia parado de sentir as coisas. Pelo menos, nada além de resistência instintiva, oposição furiosa e desgosto profundo pelo Partido e pelo governo que queria nos "curar", tirando-nos do caminho. Mas agora eu já sabia. Se eu entrasse num campo de concentração, não sairia. Eu morreria lá.

Todas as noites eu cambaleava até o chuveiro. Joelhos, pés, costas — tudo doía. Em seguida, era o coração acelerado, o medo, a falta de ar. Sempre que as luzes dos carros de polícia passavam, colorindo as

paredes de azul, eu congelava. Eu não voltei do campo de concentração com uma doença simples e identificável. Eu estava simplesmente despedaçada. Enquanto a água quente caía, a ficha caiu. "Isso não é um pesadelo, Sayragul. É a realidade".

Melhor morrer fugindo do que no campo de concentração

Certa noite, me peguei indo de um cômodo para outro, como uma sonâmbula. No quarto das crianças, abri os armários, tirei algumas peças de roupas e pressionei-as contra o meu rosto. Uma sensação aguda e cáustica subiu pela minha garganta e comecei a chorar. Alta e desamparadamente. Caindo na cama, meus punhos cerrados, me enrolei em uma bola e, soluçando, me agarrei com as duas mãos às roupas das crianças.

Foi a primeira vez, em tanto tempo, que me permiti expressar emoções. Tudo aquilo que reprimi tão cuidadosamente nos últimos meses transbordou. Todas aquelas imagens terríveis borbulhando, como um gás do pântano. Os pés acorrentados dos prisioneiros, seus corpos torturados, os olhos arregalados e o pânico da menina: "Por favor, me salvem!". Eu gritei e solucei até ficar entorpecida.

Pela manhã, minhas lágrimas secaram e tomei uma decisão. Vou fugir para o Cazaquistão. Evidentemente, eu sabia que, daquele ponto em diante, cada passo meu poderia significar ser levada instantaneamente para o campo de concentração, mas preferi morrer tentando escapar do que num lugar daqueles. Eu tinha que ser rápida. Mais rápida do que os agentes de segurança que me perseguiriam.

Vi no telefone que minha mãe, irmãs e irmãos tentaram fazer contato comigo várias vezes nos últimos meses. Ninguém da minha família sabia que eu estava num campo de concentração. Como as outras pessoas, presumiam que eu estava em outra cidade, fazendo treinamento. Por mais que eu sentisse falta deles, não poderia retornar a ligação. Estava desesperada para evitar que se envolvessem em problemas por minha causa.

Primeiro, tentei recuperar o meu passaporte. Não tinha idéia de para onde haviam levado todos os documentos que coletaram dos professores. Fui à delegacia no dia seguinte e perguntei, mas apenas deram de ombros e disseram que não faziam idéia.

Então me lembrei de um amigo chinês que poderia saber. Liguei para ele imediatamente. "Você sabe como posso recuperar meu passaporte?". Ele reclamou, em pânico: "Não fale comigo sobre essas coisas! Ou então vão cortar a minha cabeça primeiro e depois a sua". Bip, bip, bip... Desligou. Bem, eu teria que ficar sem o passaporte. Tive uma idéia de como poderia cruzar a fronteira. O principal era não perder tempo e fugir o mais rápido possível.

Uma vizinha correu até mim quando me viu entrando na garagem depois do trabalho. "Ainda não tive notícias dos meus filhos. Estou tentando obter uma autorização de visitante há seis meses", ela me disse, enxugando as lágrimas com a manga da blusa. Seus filhos estavam presos desde 2016. Ela pressionou um lenço no rosto. "Só quero saber se eles ainda estão vivos". O que eu deveria dizer? Coloquei a mão sobre o seu ombro, reconfortando-a. "Tenho certeza de que serão libertados logo". Mas o fato é que nós duas sabíamos a verdade.

Mal fechei a porta e meu telefone tocou. Era um amigo cazaque que trabalhava na polícia. "Preciso que você me empreste algum dinheiro. Cerca de 30 yuan. Pode ser?". Fui pega de surpresa por seu pedido inesperado e pela pequena quantia. "Eu preciso mesmo de dinheiro". O tom de voz dele não permitia resistência. "Estou a caminho de outra cidade agora, mas podemos nos encontrar em breve".

Como combinado, esperei por ele nos arredores da cidade. Quando o rapaz chegou, ele estava ao volante de um carro da polícia, com dois colegas chineses, que não falavam uma palavra de cazaque, conversando no banco de trás. Inclinando-se para fora da janela, ele acenou para mim e pegou o envelope com o dinheiro. Ao fazer isso, ele sussurrou: "nos próximos dias, 70 pessoas serão presas e levadas para um campo de concentração. Você é a terceira da lista". Ele só queria me alertar.

Decidida, passei o dia na sala principal do jardim-de-infância, entregando o meu cargo aos meus novos colegas, sorrindo para os transeuntes, ignorando seus olhares chocados e separando a minha papelada de forma rápida e organizada, absorvendo-me em velhos hábitos, como se eu não tivesse encarado os mais profundos abismos da alma humana poucos dias antes.

Exteriormente, mantive as aparências. Continuei a cumprir a minha função. Se, subitamente, eu não tivesse ido trabalhar, pareceria suspeito

demais. Na verdade, eu estava utilizando cada minuto livre para a preparação de minha fuga. Sabia que eles estavam me observando a cada passo.

Para ter autorização para entrar na Zona de Livre Comércio, na fronteira com o Cazaquistão, era preciso uma licença. Desesperada, liguei para o meu amigo chinês, aquele que havia desligado na minha cara. "Por favor, me ajude! Preciso de uma licença para a Zona de Livre Comércio". Desta vez, ele me deu o número de telefone de um uigur, antes de interromper a conversa.

Naquela noite, liguei para o número do estranho. Ele reagiu nervosamente ao meu pedido. "Quem disse a você que posso ajudá-la? É mais do que vale a minha vida!".

Dei o nome do amigo e prometi prontamente. "Se conseguir a licença para mim, pagarei a você o quanto quiser". Tive que ligar para ele mais algumas vezes antes de ele finalmente concordar.

"Dê-me 40 mil yuan", ele exigiu. "Ligue para mim quando estiver na fronteira".

"Está bem, mas como...?". Eu ia pedir mais detalhes, mas a ligação já tinha encerrado.

Não tenho certeza agora, se foi no terceiro ou quarto dia depois disso, que eu voltei para casa após um dia inteiro no trabalho e fui preparar o jantar. Arrumei a mesa e coloquei música chinesa no rádio com volume tão alto que poderia ser ouvido facilmente pelos guardas do lado de fora da minha casa. Já havia deixado as janelas bem abertas. Aparentemente, eu parecia uma mulher fazendo atividades normais depois do trabalho. Mais tarde, vesti minha jaqueta, coloquei um pouco de dinheiro e meu documento de identidade no bolso interno e fui até a janela.

Era 4 de abril de 2018, pouco antes da meia-noite.

Fuga

Seguida pela música estridente, coloquei meus pés no parapeito da janela e pulei para o jardim. Escondida pela escuridão, atravessei correndo o terreno do vizinho até a rua seguinte, onde tentei, impacientemente, chamar algum táxi que passava, mas ninguém parou.

A cada carro que passava, mais suor brotava na minha testa. Eu me virei, meus nervos em frangalhos. Estariam eles no meu encalço? Finalmente, um carro particular parou. Era um chinês no volante. "Para onde deseja ir?", ele perguntou. "Estou doente e preciso ir ao hospital em Gulja", respondi, oferecendo a ele uma grande quantia de dinheiro para me levar. De lá até a fronteira não era tão longe.

Muitos motoristas sabiam que os pacientes vindos de Aksu com freqüência precisam sair bem cedo de manhã para chegar na clínica a tempo de fazer a coleta de sangue às 9h, então ele não se surpreendeu de ver uma mulher cazaque, sem bagagem, aguardando sozinha no acostamento. Eu não tinha sequer bagagem de mão. A viagem durou aproximadamente cinco ou seis horas.

Cada vez que alcançávamos um posto de controle da polícia, eu ficava ofegante. Minha fuga terminaria aqui? Estaria tudo acabado? A cada parada, o motorista se inclinava e informava para onde estávamos indo e que tudo estava em ordem com seu veículo. Eu não tinha passaporte, é claro, mas entregava o meu documento de identidade. Felizmente, no meio da noite os policiais estavam cansados demais para verificar com muita atenção e, rapidamente, acenavam para que continuássemos.

Eu não queria que o motorista me fizesse perguntas, então recostei a cabeça e fingi estar dormindo o tempo todo. Sentia como se alguém estivesse ajoelhando no meu peito, um peso cada vez maior. Imaginava os piores cenários. Meu contato uigur disse para notificá-lo logo que chegasse à fronteira. Mas, e se ele não atendesse o telefone? E se o carro atrás de nós fosse da polícia secreta — e se tivessem rastreado o meu celular?

Minha vontade era jogar o aparelho pela janela, mas precisava dele para falar com o meu contato. Os serviços de segurança no Turquestão Oriental reuniam todas as informações de aplicativos e outras fontes — como dados de câmera de vigilância ou órgãos governamentais — numa "plataforma de integração", e faziam o monitoramento contínuo. "Provavelmente", procurei me tranqüilizar, "eles não estariam esperando que eu tentasse uma fuga apressada". Estavam confiantes de que eu estava paralisada de medo depois da forma como fui tratada, congelada como um rato diante de uma cobra prestes a cravar os seus dentes na carne do animalzinho.

O motorista me deixou do lado de fora do hospital. Assim que o carro desapareceu, peguei o próximo táxi particular, em direção à cidade fronteiriça de Korgas. Os outros quatro passageiros eram uigures e dunganes. Não trocamos uma só palavra; cada um de nós estava absorto em seus próprios pensamentos. Mais duas horas se passaram. Novamente, passamos por todos os postos de controle. Quando chegamos à fronteira, eu estava encharcada de suor.

A última vez que estive neste vasto complexo de edifícios, dissera adeus a Uali e meus filhos. Era um dos principais centros ao longo da rota comercial Leste-Oeste conhecida como Nova Rota da Seda, onde os operários carregavam incontáveis contêineres chineses em vagões ferroviários. Se eles queriam transportar mercadorias para a Europa, não havia como contornar o Cazaquistão.

Hordas de pessoas de todas as áreas estavam passando pelos portões da Zona de Livre Comércio entre a China e o Cazaquistão, ansiosas para comprar e vender. Pressionando meu telefone no ouvido e virando o rosto para a parede, liguei para o uigur e sussurrei: "Estou aqui". "Ótimo. Transfira 40 mil yuan agora".

O que eu deveria fazer? Confiar completamente num estranho era a minha única opção. Usei o meu cartão bancário para transferir a quantia no caixa eletrônico mais próximo. Claro, as autoridades em Aksu vigiavam de perto todos os pagamentos e saques, mas nem eles podiam controlar todas as contas bancárias, a cada segundo. Quando percebessem, eu já teria ido embora. Assim eu esperava.

"Fiz o que você pediu", disse a ele. "Está bem, agora pegue o seu documento de identidade...". Ele me instruiu a escrever "obrigatório" em chinês. Então, eu deveria levar a minha identidade a uma mesa específica. Apenas isso — não devia falar nem fazer mais nada. "Fique calma, Sayragul, fique calma...". Eu devia estar branca como um giz. Mesmo assim, mantive um sorriso engessado no meu rosto.

O funcionário me olhou e abriu o meu documento de identidade. Olhou para a foto e novamente para mim. Senti-me muito fraca. Minhas têmporas latejavam. Ele me trairia? Chamaria a polícia? Talvez eu estivesse na sala escura dentro de uma hora? Sem falar uma palavra, ele me devolveu a licença.

Sucesso! Com a ajuda de Deus, eu ainda estava viva. Por um momento, me deixei levar com a multidão por entre as fileiras de lojas, como se eu fosse um deles. Se eu quisesse chegar a algum lugar no Cazaquistão, teria que converter o meu yuan em tenge. "O que farei se eles me enganarem?", eu me perguntei, procurando um rosto que parecesse confiável.

Achei um homem de barba branca, de pé num canto. "Poderia trocar o meu dinheiro?", eu lhe pedi, acrescentando: "Espero que não me engane — eu tenho família e filhos".

Ele respondeu: "Sou um cara decente. Também tenho família e filhos". Então, coloquei meus últimos 5 mil yuan em sua mão e ele me devolveu 90 mil tenge. Isso era metade do que realmente valia, mas, como então acreditei nele, fiquei satisfeita.

Mas onde estava a plataforma para pegar a condução para a fronteira? "Preciso chegar ao Cazaquistão. Você também está indo para lá?". Perguntei a algumas pessoas que passavam, com dificuldade, por mim, carregadas de mercadorias.

"Se quiser pode vir conosco", ofereceram.

Assim que tive certeza de para onde eu estava indo, retirei a bateria e o cartão SIM do meu celular e joguei-os na lixeira mais próxima. Depois entrei com os outros no próximo táxi disponível.

Demorou cerca de dez minutos para chegarmos até a fronteira. A partir dali, todos nós seguimos nossos caminhos separados. Observei, com inveja, enquanto as pessoas simplesmente mostravam os seus passaportes no posto de controle e cruzavam para o Cazaquistão.

Mas o que eu deveria fazer agora?

A barreira

Até então, eu estava adiando essa pergunta, esperando que uma solução pudesse surgir na minha cabeça. Mas agora eu estava parada na fronteira, com nada além de um grande ponto de interrogação, diante de guardas armados e uma barreira. Por dez minutos andei para cima e para baixo, como um animal selvagem em uma jaula. Como eu iria atravessar?

No posto de controle dos passaportes, notei um idoso cazaque andando na ponta dos pés, negociando com o policial pela janela alta

da guarita. Ele estava cercado de malas. Olhei à minha volta. Não havia ninguém atrás de mim. O policial parecia exasperado, lançando olhares constantes para o relógio na parede: estava claramente ansioso para se livrar do velho o mais rápido possível. Evidentemente, estava chegando ao fim do seu turno.

No instante em que ele se virou — para buscar alguns documentos ou carimbar algum papel — me abaixei apressadamente, me encolhi o máximo possível e passei por baixo da janela, atrás do idoso. À minha frente havia algumas portas. Será que um policial estava prestes a surgir e me prender? Mas não havia ninguém. Corri até não poder mais.

De repente, uma voz gritou: "Táxi, táxi, táxi!". Tão logo ouvi isso, senti, pela primeira vez, em 24 horas, que podia respirar. Graças a Deus! Eu ainda estou viva! Estou no Cazaquistão! Respirei fundo várias vezes, inspirando e expirando. Meu cérebro estivera até então desligado. Nem sequer me dei conta do que estava fazendo todo esse tempo.

Quando, aos poucos, recobrei os sentidos, vi que estava num ponto de táxis, onde vários carros aguardavam passageiros que seguiam para o Cazaquistão. "Estou indo para Baidebek", falei para o motorista, porque era onde moravam os parentes de Uali. Era uma aldeia no caminho de Almati. O motorista explicou que eu teria que viajar pela via da cidade de Zharkent.

Na parada seguinte, entrei em outro táxi, tirei um bilhete do bolso da minha jaqueta e desdobrei-o com cuidado. Nele estava o número de telefone do meu marido, que eu carregava comigo a todo momento em Aksu. "Por favor, posso usar o seu telefone?", perguntei ao taxista, com a voz frágil.

Como que em transe, digitei o número e ouvi Uali atender do outro lado da linha.

"Alô?".

"É Sayragul, estou no Cazaquistão", respondi com naturalidade como se fosse uma secretária casualmente organizando os papéis. De fato, estava tão tensa que podia sentir o meu estômago contraindo. Eu sabia que poderia cair em uma armadilha a qualquer momento, então estava fazendo todo o possível para esconder do motorista o meu nervosismo. Para Uali, é claro, foi uma enorme surpresa.

"O quê? Como você conseguiu o seu passaporte tão rápido?".

Não nos falávamos há quase dois anos. Respondi da forma mais sucinta possível. "Estou voltando para casa de táxi agora". Ele riu e disse para eu descer no bazar de maçãs em Baidebek. Ele me pegaria lá.

5 de abril de 2018: reunião

Desci no bazar. Embora o crepúsculo estivesse caindo e os comerciantes estivessem aos poucos fechando as lojas, ainda era um enxame de atividades. Espreitei ao redor com cautela. Em um lugar pequeno como este, todo mundo se conhecia. Uma estranha como eu se destacaria como um polegar ferido.

Era sabido que o Cazaquistão estava repleto de espiões chineses. Nursultan Nazarbayev, o "Líder da Nação", mantinha total controle sobre o destino do país. Um autocrata, Nazarbayev rotineiramente aprisionava seus oponentes ou os liquidava, e governava conforme o princípio de privilegiar primeiramente a economia, depois a política. O Cazaquistão e a China mantiveram relações comerciais fortes, principalmente graças à Nova Rota da Seda, projeto de investimento e infra-estrutura global da China. O Cazaquistão tinha uma dívida significativa com a China.

Essa dinâmica de poder desigual significava que Pequim era capaz de entrar no Cazaquistão e seqüestrar, à vontade, muçulmanos do Turquestão Oriental. Eu simplesmente não entendia por que seu relacionamento era tão próximo, especialmente porque o governo chinês havia colocado o Cazaquistão em sua lista de 26 países inimigos mais perigosos para o Estado.

Com medo de que alguém me descobrisse, tentei agir o mais descontraída possível, como se estivesse lá todos os dias. Eu respirava superficialmente, tensa como uma flecha puxada no arco, toda vez que um transeunte resvalava na manga da minha jaqueta. Quem seriam? Espiões? Quando Uali veio na minha direção e me abraçou, seus olhos brilhando, me afastei de seus braços com frieza e disse sobriamente: "Não vamos conversar aqui. Vamos para casa primeiro...". Vi a alegria e ansiedade estampadas nos seus olhos — ele percebeu imediatamente que algo não estava certo.

Fomos para casa sem dizer uma palavra. Levou quinze minutos. Não olhei para os lados; deveríamos ser rápidos. A qualquer momento alguém poderia surgir na esquina escura e me pegar. Quando chegamos em sua rua, Ukilay e Ulagat já estavam do lado de fora, aguardando perto de uma grande porta de ferro. Eles correram na minha direção, brigando e se empurrando. “Quero ser o primeiro a abraçar a mamãe!”. “Não, eu!”.

E, então, todos nós passamos pela porta de ferro, atrás das paredes protetoras da casa, gritando e rindo ao mesmo tempo. Meus olhos se arregalaram de espanto enquanto eu os segurava com os braços estendidos para vê-los. “Vocês cresceram muito!”. Eu estava maravilhada! Então os puxei para perto novamente e não deixava eles saírem. A última vez que eu os vira, ambos estavam pequenos, com bochechas redondas. Agora, Ukilay com treze anos e Ulagat com nove, estavam crescendo muito rápido. Todo o sofrimento que suportei nesses últimos dois anos, cada dia e cada hora — suportei tudo para poder segurar meus filhos nos braços mais uma vez.

Não dormimos nem um pouco aquela noite. Nós quatro estávamos aninhados juntos, nos abraçando, beijando e conversando até o sol nascer. As crianças não queriam sair do meu lado. “Vocês têm que ir para a escola”, eu os adverti, mas eles estavam atemorizados de que, quando retornassem para casa, eu tivesse ido embora novamente. “Por favor, deixe-nos faltar hoje e ficar com você”, eles me imploraram.

“Não, as pessoas iriam perceber. Vocês devem ir para a escola, como todos os dias”, eu insisti. “Não deixem ninguém saber que sua mãe chegou”. Depois que eles pegaram suas mochilas e saíram, vaguei pela casa e entre as macieiras no jardim, com talvez uns 100 m de comprimento, como se estivesse em um sonho. Diretamente atrás dele estavam os picos do Trans-Ili Alatau. Mesmo assim, não pude saborear sua beleza.

Por alguns dias tentei me esconder. Contudo, era apenas uma questão de tempo até me encontrarem.

Nervos

Nos primeiros dias, evitei ansiosamente pensar sobre o passado. Eu não queria me lembrar. Sentia como se estivesse pressionando uma ferida

antiga que poderia abrir novamente e me fazer reviver a dor uma segunda vez. Mesmo morando com minha família nesta linda casa, ainda me sentia como uma prisioneira no campo de concentração. Eu tinha que voltar a mim mesma primeiro, me recompor. Tinha que entender quem eu era e onde estava, e analisar a minha nova situação. Simplesmente eu não conseguia entender o fato de ter realmente escapado.

Durante os interrogatórios, meus carrascos martelavam repetidamente na minha cabeça que o governo, a qualquer momento, seria capaz de levar fugitivos do Cazaquistão para Xinjiang. O alcance da China era grande; sua influência, poderosa. “Podemos fazer o que quisermos a cazaques como você”. Suas ameaças pareciam um laço apertando o meu pescoço.

Esperei até ficarmos sozinhos, antes de contar a Uali que eu havia cruzado a fronteira com o Cazaquistão ilegalmente. Ele ficou quieto e pensativo, pôs as mãos nas costas e andou de um lado para outro, murmurando baixinho, “O que faremos se eles vierem atrás de você?”.

Era muito difícil, quase impossível, exprimir em palavras ou mesmo pensar sobre todas as coisas terríveis pelas quais eu havia agonizado por tanto tempo. Só no quarto dia pude contar a meu marido que havia passado horas sozinha no apartamento de um chinês solteiro, como parte da “campanha da família” em Aksu. Embora não fosse possível que eu pudesse esconder isso. Todos no Cazaquistão sabiam que no Turquestão Oriental as nativas tinham que passar a noite com os chineses.

Descrevi minhas experiências para Uali. Se eu não tivesse contado, secretamente ele iria imaginar o motivo. Poderia até, precipitadamente, tirar conclusões desagradáveis. Todos no Cazaquistão estavam preocupados com as filhas, primas ou netas que viviam do outro lado da fronteira. Por nos sustentarmos em padrões morais elevados, não pensei no meu próprio sofrimento, apenas na culpa que sentia por aquelas visitas.

No momento seguinte, afastei-me olhando fixamente para o espaço. Eu não conseguia escapar disso, embora pudesse dizer o quanto a minha indiferença estava deixando Uali desconfortável. “Apenas fale!”, ele implorou, alcançando a minha mão fria. Com isso, reunindo todas as minhas forças, virei o olhar para ele e abri os lábios. “Eu estava num campo de concentração!”. Finalmente saiu! Foi libertador — como um daqueles comprimidos venenosos que cuspi na área médica.

Desde 2017, rumores abundavam no Cazaquistão sobre seus compatriotas serem reprimidos, torturados e mortos na China, mas ouvir isso de sua própria esposa deixou Uali estupefato. Hesitante, entrei em mais detalhes sobre como eles maltratavam as pessoas. Minha respiração estava irregular e, embora tivesse me contido muito e apenas esboçado o que tinha acontecido, Uali estava visivelmente chocado. "Isso não pode ser verdade", ele gaguejou. "Como pode um país tão moderno como a China ser tão brutal e primitivo?". Era impossível falar sobre minhas experiências sem chorar. Quando Uali soube que crianças e idosos também estavam sofrendo abusos, irrompeu em lágrimas.

Mas não tínhamos tempo para consolar um ao outro: mesmo em nossa própria casa, eu estava fugindo. Visitantes e amigos do trabalho estavam constantemente tocando a campainha, entrando e saindo. Consegui me esconder por uma semana, mas, a longo prazo, seria difícil manter o segredo em uma casa térrea de quatro quartos grandes. Alguém poderia notar a minha jaqueta ou vislumbrar a minha sombra quando eu passasse rapidamente e me denunciar para as autoridades. Toda a nossa família estava presa em uma cadeia psicológica. O que deveríamos fazer a seguir? A imensa pressão de, continuamente, ter que pesar nossas opções, sem nunca saber se nosso próximo movimento poderia me levar para a forca — isso estava nos deixando em parafuso.

Agentes do serviço secreto chinês poderiam aparecer a qualquer momento e me levar embora. Ulagat e Ukilay apagavam todos os vestígios da minha presença quando outras pessoas estavam por perto. Quando a campainha tocava, eles se encolhiam tanto quanto eu. Sempre que estávamos juntos eles se agarravam nos meus braços. "Não, ninguém irá tirar você de nós novamente!", eles me diziam. "Nós iremos protegê-la. Sempre que estivermos com você, não precisa ter medo!". Mesmo assim, eles sempre temiam que os agentes aparecessem quando eles estivessem na escola. "O que faremos então?", pensou o meu filho de nove anos, perturbado.

Sobre nós se acumulavam muitas questões não respondidas, como grandes nuvens de tempestade. Uali deslizou a mão no seu cabelo escuro, que a cada dia ficava mais grisalho. "Qual é a melhor autoridade para abordar sobre você? Em quem devemos confiar? Onde poderemos pedir ajuda?".

Eu disse a ele com clareza: "É melhor para todos vocês se eu partir".

Em quem confiar?

Por fim, reunimos coragem para contar ao irmão de Uali que, imediatamente, ofereceu um lugar para eu ficar. Felizmente, era apenas uma hora de carro, então minha família poderia me visitar em dias alternados.

"Você tem que ligar para Serikzhan Bilash", meu cunhado insistiu. Ele era o mais importante intermediário para os cazaques com cidadania chinesa. Se não pudéssemos confiar no líder de uma organização como a Atajurt, em quem poderíamos confiar? Todos os dias, Bilash gravava entrevistas com as vítimas, documentava suas declarações e postava na *internet* como prova dos abusos sistemáticos dos direitos humanos no Turquestão Oriental. Um ativista dos direitos humanos, originário de Xinjiang, Bilash era freqüentemente convidado pela TV e divulgava o seu número ao final de cada transmissão. Qualquer pessoa que precisasse de informações sobre os campos de concentração — ou pudesse fornecer alguma — era estimulada a ligar para ele. Quando você está com tanto medo como nós estávamos, todavia, é difícil confiar em alguém.

Então nós hesitamos e protelamos, até que um pensamento brilhou em minha mente: eu já ouvi falar desse homem antes! Notícias de sua organização haviam sido censuradas pelos chineses, marcadas com uma cruz vermelha: qualquer pessoa que entrasse em contato com ele seria ameaçada de morte.

Não muito tempo depois, discamos várias vezes o número de Bilash em Astana e tentamos entrar em contato com ele por carta e WhatsApp, mas ele estava com tantas questões e novos casos que não respondeu.

Mesmo em meu novo apartamento, fiquei escondida em um quarto de solteiro. Não arriscava colocar os pés para fora. Senti como se tivesse chegado ao fim da linha. Era difícil deixar alguém chegar tão perto. Eu queria me manter distante porque tudo doía. Cada parte do meu corpo estava gritando.

Não havia nem uma semana que eu estava lá, quando fiquei seriamente doente. Certo dia, do nada, não conseguia me mover: não conseguia nem sair da cama pela manhã. Minhas costas, meu estômago, minhas entranhas... Uma dor lancinante. Nada estava funcionando mais. Uali e seu irmão me levaram às pressas para um hospital particular, onde não era necessário dar todos os seus detalhes. Eles, realmente, só se

importavam se você iria pagar ou não. Parecia a opção mais segura para uma mulher procurada como eu.

Por um mês, médicos e enfermeiras cuidaram de mim com medicamentos e fisioterapia. Enquanto isso, Uali tentou em vão obter ajuda; nós ainda estávamos no limbo. Depois de um tempo, consegui me sentar, quando as crianças vieram me visitar. "Nós a levaremos para casa conosco", meu marido disse quando eu me recuperei um pouco. Os médicos estavam relutantes em me deixar ir e insistiram que, após um mês, eu deveria voltar para um *check-up*.

Tive alta do hospital no sábado, dia 19 de maio de 2018. Na segunda-feira, dia 21 de maio, vieram me buscar. Estava deitada na cama pela manhã, fraca, cheia de analgésicos e incapaz de oferecer muita resistência. Ouvi vozes na porta. "Os chineses estão procurando por sua esposa. Eles a querem de volta", dois homens estranhos disseram a meu marido, empurrando-o para o lado como um objeto inanimado. "Temos que levá-la". Com os dedos trêmulos, coloquei minha blusa e a calça *jeans*.

Meu marido e minha filha ficaram horrorizados. Ulagat gritou, "Mamãe! Deixe minha mamãe em paz!". Os homens eram do serviço de segurança nacional, mas vestiam roupas simples: *jeans*, camiseta e jaquetas de couro. Tinham em torno de trinta anos. Um tinha pele escura e estatura mediana, enquanto o outro era um pouco mais atarracado.

"Para onde vocês a estão levando?". Uali exigiu saber. "Do que minha esposa está sendo acusada? Há alguma evidência contra ela? Mostre-me o mandado que diz que você pode levá-la".

A resposta foi curta e grossa. "Não!".

"Por favor, deixe-me tomar os meus medicamentos", pedi enquanto colocava a minha jaqueta e os seguia, a pés lentos.

"Não irá precisar disso", um deles disse. "Se você confessar, nós a traremos de volta esta noite, de qualquer forma".

Mas aqueles homens mentiam.

A polícia secreta cazaquistanesa

Um carro sem identificação estava estacionado em frente à nossa casa e fui instruída a entrar nele. Olhando pela janela, vi Uali e as duas crianças perturbados, perto da porta de ferro. Dirigiram por muito

tempo. Ao longo do caminho, o homem sentado ao meu lado fez uma ligação. "Nós a pegamos!", ele disse.

Perturbada, lutei para encontrar palavras. "O que você quer comigo?".

Ele respondeu: "Apenas diga a verdade e explique tudo, no máximo de detalhes possível e, então, nada irá acontecer com você e voltará para casa esta noite".

Acreditei neles porque não estavam gritando comigo. Pareciam calmos e normais. Além disso, meu cérebro nebuloso raciocinou: eles são cazaques como eu e, com certeza, se eu fosse ficar muito tempo, teriam me deixado trazer a medicação. "Tudo bem", suspirei. "Então farei isso".

Após cerca de duas horas, o motorista parou em frente a uma pequena fazenda com um celeiro de feno. Dois ou três homens conversavam no terraço do jardim, um deles com uniforme militar. Eles nos seguiram até uma pequena sala de interrogatório. Fui obrigada a sentar-me à mesa de madeira, de frente para os dois homens que me trouxeram, antes de juntar-se a eles um terceiro homem, um gigante de mais ou menos cinqüenta anos, com uma pança tão grande que parecia ter enchido um saco de farinha e colocado embaixo da camisa. Os outros ficaram de olho em mim, circulando pela sala.

Todos os homens na sala eram bem barbeados, tinham cabelos escuros e eram altos. Pareciam experientes. Estava evidente que todos participavam da mesma unidade de inteligência. Eles se conheciam pelo nome e entendiam, exatamente, a função de cada um. Nenhum deles se apresentou.

Minha garganta se fechou de medo. "Quem é você?".

Eles me olharam de cima a baixo com desprezo, sorrisos sinistros em seus rostos. "Não é você quem faz as perguntas aqui!".

O trio na minha frente só se importava com uma coisa. "Como você atravessou a fronteira? Quem a ajudou?". Mas não acreditaram na minha resposta. Uma veia latejante apareceu na testa do gordo e ele bateu com o punho na mesa, mas tentei sentar ereta e seguir minha explicação: a verdade. "Eu passei por baixo do posto de controle e corri...".

"Isso não pode ser verdade! Diga-nos os nomes de quem a ajudou!".

"Apenas Deus me ajudou".

"Você perdeu a sua memória? Quem está por trás disso?". Eu poderia dizer, pelos seus rostos ameaçadores, que já haviam tomado uma decisão.

Continuei tentando contar o que estava acontecendo na China. "Há vários campos de concentração em Xinjiang, onde nossos companheiros cazaques estão sendo torturados — nossos parentes, irmãos e irmãs. Temos que fazer alguma coisa sobre isso, juntos! Vamos escrever para o presidente e pedir ajuda, para alertarmos a todos sobre essas atrocidades!".

Mas os homens não estavam nem um pouco interessados. "Não nos diga essas coisas. Não nos importa, nem queremos falar disso. Você deveria estar tentando salvar a sua própria pele primeiro". Só havia uma pergunta que importava para eles: "Como passou pela fronteira?".

Depois de um tempo, começaram a me ameaçar. "Você está mentindo! Se não nos disser a verdade, a enviaremos de volta para a China". O gordo, o de pele escura e o pálido continuaram a chegar mais perto. Como predadores se preparando para atacar. Um deles me atingiu com tanta força que me derrubou. Eu queria muito ser engolida pelo chão — simplesmente me dissolver. Instintivamente, cobri a minha cabeça com os braços para protegê-la, escondendo o rosto atrás de meus cabelos negros, mas eles afastaram as minhas mãos.

Eu estava apavorada, ofegante como alguém se afogando. Aqueles homens eram brutais. Não exibiam nenhuma misericórdia. Usavam todos os meios disponíveis para arrancar a verdade de mim. Eles me bateram e me chutaram. Não tenho certeza agora se os outros estavam na sala ou se já haviam saído. Só sei que destruíram até o mais íntimo de mim; que quebraram a minha dignidade em pedaços, como um vidro estilhaçado negligentemente. Mas, de quem era a honra que estava sendo realmente perdida? Da pessoa inocente ou dos algozes que ordenaram e executaram essas atrocidades?

Depois disso, trancaram-me atrás de uma grande porta de ferro. Não era um quarto, parecia mais um grande salão, mas sem telhado. A chuva caía lá dentro. Era um local gelado e vazio. Isolado do exterior. Estava terrivelmente frio! O mundo parecia um lugar terrivelmente solitário. Deitada no chão de concreto cru, perdi e recobrei a consciência.

Tudo o que restou de mim foi uma casca. Não havia mais nada.

Impotente

Eu odiava a mim mesma e a minha impotência. Fiquei tão horrorizada, tão profundamente desapontada, tão irada e desesperada. Ser tão maltratada e degradada por meus próprios conterrâneos — isso me chocou profundamente. Eu não tinha previsto isso. Estava quase sufocada com minha própria amargura. Quando me traziam comida à noite, eu virava a cabeça. Por três dias, quase não comi e bebi nada. Não havia nem um balde para usar como banheiro, mas, em todo caso, eu não precisava mesmo.

"Saia para o interrogatório!". No terceiro dia, me trouxeram de volta para aquela sala. Tentei me levantar, em vão no início, mas depois me coloquei de pé, com muito esforço e vacilando. Minhas bochechas estavam queimando. Tudo estava embaçado e obscuro. Um deles disse, "Em duas horas você será deportada para a China".

Como se não fosse o bastante, o segundo acrescentou: "E seu marido irá para a prisão por ajudá-la. Ele infringiu a lei. Afinal ele escondeu você e não informou imediatamente as autoridades sobre a sua chegada". No entanto, nem mesmo isso parecia ser o suficiente para eles. "E estamos enviando seus dois filhos para um orfanato".

Naquele momento, perdi a consciência e caí na cadeira. Quando voltei, estava em outo lugar. Meus olhos levaram um momento para se ajustarem. Ao meu lado, um homem jovem estava em pé. Lentamente, percebi que estava em uma maca, numa velha ambulância, equipada primitivamente.

Quando abri meus olhos novamente, estava na cama de uma pequena sala, possivelmente numa clínica médica. O jovem ainda estava ao meu lado. Depois de um tempo, ele falou: "E aí, acordou de novo?". Em seguida, consultou o seu relógio. "Você esteve inconsciente por aproximadamente 25 minutos".

Tentei me levantar e sair de uma vez, mas não conseguia. Eu ouvia o meu próprio sangue correndo dentro da minha cabeça. "Tenho que sair daqui!". Todos os meus alertas internos estavam soando, mas eu não conseguia mover nem meu dedo mindinho. Meu corpo inteiro estava paralisado, como se estivesse deitada sobre uma pilha invisível de pedras. Depois do que pareceu uma eternidade, consegui mover meus

braços e pernas. Era final de tarde quando o homem moreno de trinta anos, que havia me interrogado previamente, apareceu.

Assisti inquieta, meu olhar voando ao redor da sala, enquanto ele pegava o telefone e me mostrava uma foto. "Você conhece esta pessoa?".

Meu peito elevava e descia, "Sim, eu o conheço. É o irmão de meu marido. Onde você tirou esta foto? Por que está me mostrando? Do que se trata?".

"Não é da sua conta. Em duas horas você estará de volta à China", ele respondeu e depois saiu. Eles tinham tudo pronto para me deportar. Passei aquelas duas horas me preparando interiormente para o campo de concentração. "Tudo acabará logo, Sayragul, tudo acabará logo". Não haveria sepultura para mim. Eu iria simplesmente desaparecer, talvez em algum crematório, em algum lugar.

Para meu imenso assombro, alguns policiais me deixaram logo depois em um escritório em Zharkent. Era 23 de maio de 2018. Um juiz me fez algumas perguntas em seu escritório e anunciou, "A corte irá decidir se você será levada de volta à China ou não". Por que a sala estava tão nebulosa? Meus olhos estavam ficando turvos. Metade de seu rosto desapareceu. De onde estava vindo aquela voz? Onde eu estava? "Primeiro, seu caso deve ser investigado. Você precisa ser paciente. Vai levar algum tempo". Ao longo da conversa, minha visão foi escurecendo e eu desmaiei várias vezes.

Em seguida, eles me levaram sob custódia e me trancaram em uma cela.

Prisioneira

Eu ainda não fazia idéia do que havia acontecido neste ínterim. Depois que me levaram, Uali e seu irmão moveram os céus e a terra para me encontrar, mas eu havia desaparecido, aparentemente sem deixar vestígios. Nem a polícia nem quaisquer outros policiais sabiam onde eu estava. Agitados, meu marido e meu cunhado correram para os escritórios da Atajurt de Serikzhan Bilash e bateram na porta. "Escutem! É uma emergência!".

Momentos depois, Bilash levou dois homens a uma grande estação de ônibus para filmar um vídeo curto no qual o irmão de Uali implorava a ajuda de toda a população: "Uma mulher cazaque inocente, Sayragul Sauytbay, foi torturada num campo de concentração chinês...

Ela fugiu do Turquestão Oriental para o Cazaquistão e, nas primeiras horas da manhã, há dois dias, foi seqüestrada em sua casa por agentes cazaquistaneses... Sua vida corre grande perigo! Por favor, ajude-nos a encontrar Sayragul!". A gravação foi postada na *internet* e, em poucas horas, meu caso ficou famoso em todo o país.

Meus amigos retomaram as buscas. Minhas fotos surgiram em toda a *internet* e as pessoas estavam discutindo sobre mim na rua. "Onde está esta mulher? Seus parentes estão procurando por ela desesperadamente". Muitos cazaques ficaram especialmente indignados porque eles também estavam desesperados com os incontáveis parentes desaparecidos em campos de concentração chineses. Da perspectiva deles, uma cazaque finalmente conseguiu escapar e agora seu próprio governo estava tentando silenciá-la e devolvê-la às mãos dos captores.

A indignação atingiu rapidamente os altos escalões do governo, pressionando as autoridades a agirem. Silenciar não era mais uma opção, nem eles poderiam simplesmente me entregar aos chineses sem ter que lidar com o clamor popular. Foi por causa deste vídeo que o agente do serviço secreto trouxe a foto do irmão de Uali para o hospital e me mandou para o tribunal, em vez de ir para a China.

Enquanto isso, em minha cela em Zharkent, sentia como se minha cabeça estivesse submersa. Continuei me arrastando para cima e ofegando por ar. Perdi a consciência repetidamente. Foi um período deprimente e pesado. Havia uma câmera no canto, mas duvido que alguém tenha prestado muita atenção nas imagens. De manhã, havia água morna para beber. Ao meio-dia e à noite eles me deram uma refeição. Devagar, muito devagar, voltei à vida. Uali sabia onde eu estava? Como estariam as crianças? "Se eles me mandarem de volta para a China", pensei, "serei morta".

Enquanto eu entrava e saía da minha cama, as coletivas de imprensa aconteciam do lado de fora. Em um curto período de tempo, várias organizações se envolveram para fornecer suporte. Até mesmo um renomado advogado aproximou-se de Uali e se ofereceu para pegar o meu caso. No final de maio, o advogado — Abzal Husman — trouxe-me roupas, algo para comer e, acima de tudo, coragem para continuar.

Infelizmente, no fim das contas, ele estava trabalhando para o outro lado.

3 de junho de 2018: detenção em Taldykorgan, um pássaro e um fantasma

Após dez dias, fui transferida para a prisão estadual em Taldykorgan, onde dividi uma cela com duas assassinas russas e uma fraudadora cazaque. Pela terceira mulher soube que uma esfaqueou um ladrão e a outra matou o marido violento. As mulheres russas me empurravam e chutavam quando os guardas não estavam olhando. Eu fui uma vítima fácil. Estava presa em um mundo intermediário, distante, ainda que presente. Não estava nem viva e nem morta.

Os horrores do passado tiveram um impacto direto no meu corpo e na minha mente. Apesar de receber medicações e injeções aplicadas por um médico na nova instalação, eu continuava perdendo a consciência. Talvez estivesse muito sobrecarregada por todas as emoções que continuavam vindo do nada. Não saber como lidar com isso era profundamente inquietante.

Eu mal conseguia manter a comida no estômago e sentia tanta falta dos meus filhos que parecia que alguém havia arrancado meu coração e o segurado na minha frente, batendo. Então vi um pequeno pássaro pousar na janela gradeada. Cautelosamente, coloquei uma migalha de pão na frente dele. Ele pegou a migalha com o bico e voou para longe. Fiquei satisfeita porque sabia que o pássaro o usaria para alimentar sua ninhada, em um ninho em um lugar próximo, mas as lágrimas correram pelo meu rosto porque eu estava sentindo profundamente a falta de meus próprios filhos.

Certa vez, quando estava sozinha em minha cela, outra mulher russa apareceu repentinamente. Ela usava um vestido branco, longo e esvoaçante, e era maravilhosamente bonita, com cabelos loiros anelados, que desciam até os joelhos. "Quem é você?", perguntei, nervosamente. Mas ela não respondeu.

O que essa mulher misteriosa queria de mim? Em pânico, recuei contra a parede e pedi ajuda. Com isso, ela me repreendeu: "Acenda a luz!", e desapareceu. A partir de então, ela apareceu todos os dias. Às vezes, ela revistava a minha mala de roupas no chão. À noite, eu a via claramente; durante o dia, ela era como uma sombra. Aos poucos nos tornamos amigas.

Ocasionalmente, ela ficava atrás de mim, seu hálito quente no meu pescoço. "Você vê aquela mulher também?", perguntei certa vez ao guarda que abria a porta todas as manhãs, atordoada. Ele, um homem supersticioso, respondeu: "É o fantasma de uma mulher que estivera trancada aqui. Ela era inocente e se enforcou em sua cela". Às vezes, suas mãos quentes e pálidas enxugavam as lágrimas do meu rosto. A luz era tão intensa, o ruído tão escandaloso, meus lábios tão secos. Também pedi confirmação à mulher cazaque da minha cela. "Você a vê também?".

"Essa mulher lhe dá esperança de que você será libertada em breve", ela se convenceu.

Até hoje, posso imaginar com clareza o rosto daquela russa. É notável os poderes mágicos que o cérebro pode lançar mão para proteger a nossa saúde psíquica.

Minha saúde física, contudo, estava se deteriorando a cada dia. Em 22 de junho, eu estava sozinha com as duas russas na cela, porque a cazaque estava no tribunal. Quando eu estava saindo da cama superior do beliche, elas me agarraram e começaram a me bater. Minha cabeça bateu no chão de concreto e tudo escureceu. De repente, todos os nervos importantes do meu cérebro foram redirecionados em busca de um último recurso: fuga ou resistência? Ambos eram impossíveis. Fiquei deitada ali, imóvel. "Ela está morrendo!", ouvi alguém gritar. Um médico e alguns paramédicos estavam lutando pela minha vida, e pediram à administração do presídio para me transferirem imediatamente para uma clínica. Eu não recuperei a consciência por 34 minutos.

Fui acordada por uma dor intensa no meu braço esquerdo. Onde eu estava? As imagens giravam em minha cabeça como um carrossel. Vi homens me batendo com os punhos, ouvi mulheres gritando de dor e senti meu rosto contrair... Demorou um pouco antes de recuperar o controle de meus pensamentos confusos. Tentei mover minha mão mas, ao fazer isso, percebi que estava algemada e coberta de sangue. A outra estava presa a uma cânula. "Você quase morreu", um guarda armado me informou. Erguendo um pouco a cabeça, percebi que não estava sozinha.

Acordar

O médico diagnosticou que eu estava com concussão severa, pressão arterial perigosamente alta e batimento cardíaco anormal. Estava tão fraca, que mal podia me sentar. Três oficiais de polícia, dois armados com metralhadoras, me mantinham sob vigilância constante. Eles haviam trancado a porta por dentro. Do que eles estavam com tanto medo? Que eu pudesse fugir, na condição em que estava? Que Pequim, seu vizinho complicado, ficaria furioso se eu fizesse isso? Eles destrancavam a porta apenas para permitir a entrada do auxílio médico. Era verão — úmido, quente e pegajoso. Quase não havia ar suficiente para nós quatro naquela sala minúscula.

Meu marido e meus filhos não foram autorizados a entrar, mas Uali esperou o momento em que a porta abriu e os dois guardas foram ao banheiro. Ele entrou na sala com um prato de comida e saiu correndo. "Saia daqui!", eles gritaram. Colocaram a comida que ele trouxe longe demais da minha cama, para que eu não pudesse alcançá-la. Senti-me como um cachorro na coleira. A raiva pulsou em minhas veias. Eu estava acorrentada como uma criminosa reincidente, encharcada de suor, incapaz de me mover, comer ou dormir.

Assim que minha condição se estabilizou, alguns dias depois, eles me levaram de volta à prisão. Todos os pacotes de auxílio enviados pelos meus apoiadores aceleraram a minha recuperação. Estavam abarrotados de comida com um aroma delicioso, escovas de dente, sabonete e votos de boa sorte. Continuei a ver, em particular, o nome de uma organização de ajuda, Atajurt. "Serikzhan Bilash dedicou toda a sua vida a proteger os companheiros cazaques que sofreram sob o domínio chinês. Esse é o tipo de cara que ele é", disse minha colega de cela cazaque. Saber que tinha o apoio de todas essas pessoas me encheu de esperança. E tal esperança renovou as minhas forças.

Em comparação com o campo de concentração chinês, a prisão no Cazaquistão era praticamente um hotel de luxo. Recebia-se três refeições completas por dia. Tinha direito a até dez minutos no pátio. Inclinando a cabeça para trás, podia-se olhar para o céu através das barras. Também tive acesso à biblioteca, onde encontrei livros que exploram questões jurídicas. O conteúdo estava em cazaque, mas não nas letras árabes habituais.

Precisei reaprender, em pouco tempo, a ler o alfabeto cirílico, pois assim conseguiria descobrir mais sobre como o meu caso poderia ser tratado. O fato de meu marido e meus filhos serem cidadãos cazaquistaneses e de eu ser etnicamente cazaque, contribuiu contra a minha deportação para a China. Quando li isso, fiquei ainda mais esperançosa.

Passei mais de um mês naquela prisão. Dois dias antes de o julgamento começar, encontrei-me de volta às instalações de Zharkent, onde antes estive sob custódia. "Estão planejando me deportar através da fronteira para a China", pensei inquieta, mas, no instante seguinte, eu estava radiante de entusiasmo pelo julgamento. Talvez aquela fosse a minha chance de finalmente ser ouvida! A menos, é claro, que fosse o fim da estrada.

CAPÍTULO 8

Cazaquistão: A interferência de Pequim nos países vizinhos

9 de julho de 2018: o primeiro dia do julgamento

Desde que eu era criança, meu pai me encorajou a ser forte e audaciosa. Tentei ter fé nessa força interior e não me deixar abater por acontecimentos inesperados. Isso me ajudou a comparecer perante o tribunal em Zharkent em 9 de julho de 2018, o primeiro dia do julgamento, ansiosamente aguardado por pessoas em todo o Cazaquistão.

Havia, talvez, vinte assentos na pequena sala do tribunal, e mais de cem pessoas estavam amontoadas lá, incluindo ativistas de direitos humanos e jornalistas estrangeiros. Muitos espectadores interessados tiveram que ficar do lado de fora. Fui a primeira testemunha-chave no mundo que teve a coragem de publicamente lançar luz sobre os crimes cometidos nos campos de concentração chineses. A única professora que conheceu por dentro esse sistema altamente secreto e a única funcionária pública cazaque que havia saído viva do maior Estado de vigilância do mundo, apesar do que sabia.

Todos os visitantes se colocaram de pé quando os integrantes do tribunal entraram e tomaram os seus lugares. A juíza era uma mulher cazaque, e o promotor, um uigur. Eu segui atrás deles, algemada. Quando entrei na sala lotada, recuei com a confusão, o alvoroço e os jornalistas gritando: "Podemos fazer uma entrevista?". Por um momento, fiquei apavorada. No entanto, percebi que todas essas pessoas me apoiavam e desejavam boa sorte. "Será possível que eu não seja mandada de volta para a China, afinal de contas?", pensei. Interiormente, tentei manter minha cabeça erguida. "Você tem que lutar, Sayragul, tem que lutar!".

Os guardas me conduziram pela sala até uma cabine de vidro, onde me sentei. A sala estava tumultuada. O julgamento ainda não havia começado: o juiz e outros participantes estavam examinando seus documentos. Naqueles cinco minutos, meus filhos abriram caminho por entre a multidão e correram até mim. Ulagat parou atrás da parede de vidro e me chamou. "Mamãe, senti tanta saudade! Por favor, me dê pelo menos um beijo".

O rosto de meu filho estava tão cheio de esperança, era como uma punhalada no coração. Tentei fazer o que ele me pediu, mas sua cabeça não cabia na estreita abertura no vidro. Então ele implorou, "Mamãe, ao menos segure a minha mão e você poderá beijá-la". E ele empurrou a mão pela abertura. Quando me abaixei para beijar os seus dedinhos, um fotógrafo tirou uma foto do momento, que mais tarde circulou na mídia internacional e ficou famosa.

"Ordem!", gritaram os oficiais de justiça e todos tiveram que se sentar. "O julgamento está começando!".

Os oficiais de justiça pegaram os meus detalhes e posicionaram dois intérpretes ao meu lado, um que falava chinês e outro que falava russo. Este idioma era freqüentemente usado como língua oficial nos tribunais do Cazaquistão. Como eu não falava russo, eles presumiram que, como ex-presidente da província do noroeste da China, eu gostaria de me comunicar em chinês. Ambos os intérpretes deveriam se revezar na tradução para o russo.

Mas meus advogados haviam estimulado a minha confiança. De repente, esqueci de ter medo e a raiva deu força à minha voz: "Vim para o Cazaquistão porque considero este país a minha casa. E, em minha terra natal, desejo apenas falar na minha língua materna, não em chinês. Caso contrário, irei me recusar a testemunhar". E assim, depois de apenas alguns minutos, o julgamento foi interrompido.

Seguiu-se uma pausa tensa. Todos ficaram surpresos e houve uma grande discussão. "Como podemos resolver este problema?". "Ela é cazaque! Claro que deseja falar na sua própria língua!".

"Você quer mesmo outro intérprete?", o juiz inquiriu.

Agarrei-me às minhas armas. Os integrantes da corte continuaram a argumentar, mas depois de um tempo chegaram a um consenso:

"Estamos no Cazaquistão. Este depoimento é extremamente importante para o nosso país e seus habitantes, por isso só pode ser realizado na língua cazaque". Até a promotora acabou sendo muito gentil e amigável comigo como se fosse minha própria advogada e permitiu que minha família me visitasse à tarde.

Após meia hora, o juiz adiou o julgamento para uma data posterior.

Uma visita da família em minha cela

Muitas pessoas se aglomeraram na rua do lado de fora. Alguns viajaram de cidades e países distantes especialmente para me ver. Fiquei extremamente grata, muito emocionada e totalmente perplexa. Testemunhar a preocupação de todos esses estranhos restaurou um pouco da minha fé na justiça e na humanidade.

Logo depois, os guardas levaram-me para a sala de visitas da prisão, onde Uali e as crianças já estavam sentados à mesa, esticando o pescoço para ver se eu chegava. Foi a primeira vez que nos vimos desde meu seqüestro, aproximadamente dois meses antes. Tivemos dez minutos para nos abraçar e conversar. A idéia de, tão cedo, sermos separados novamente quando cada segundo era precioso, parecia horrível.

"O que você tem feito todo esse tempo?". Ukilay perguntou.

"Está tudo bem? Você está se alimentando bem?". Ulagat complementou.

Uali colocou a mão na garganta. "Eles bateram ou abusaram de você?". Seus olhos brilharam.

Respondi: "Está tudo bem, eu estava apenas trancada em um quarto". Era impossível falar naquela situação. Eu mal conseguia segurar tudo internamente, lidando com uma ferida que poderia nunca cicatrizar. E eu queria que meus filhos ficassem tranqüilos. Eu não queria que eles tivessem medo. Dessa forma, eu também me senti melhor.

Enquanto isso, uma fila estava se formando do lado de fora dos portões da prisão. As pessoas me trouxeram presentes, mas a polícia mandou-as embora. "Apenas parentes têm permissão para deixar pacotes para Sayragul Sauytbay". Neste momento, todos aqueles estranhos começaram a reclamar: "Eu sou irmão! Eu sou primo! Eu sou irmã!", para que eles pudessem deixar seus presentes. Um policial piscou para mim na minha cela. "Muitos parentes, hein?".

"Não", eu me defendi, ruborizada. Baixei o olhar, ainda com medo de cometer um erro que pudesse me custar a vida. "Eu realmente não pedi a ninguém para fazer nada...".

Mais tarde, outro oficial me disse: "Seus apoiadores vêm de todas as classes sociais. Ricos e pobres, jovens e idosos".

Desde 2016, as pessoas no Cazaquistão, diariamente, se preocupavam sobre como estariam seus parentes no Turquestão Oriental, imaginando o motivo de repentinamente perderem o contato e o que estaria acontecendo com eles nos "campos de treinamento profissional". Mas suas perguntas caíam em ouvidos surdos, colidindo com o muro de silêncio que circunda a fronteira com o Turquestão Oriental. Todos eles pretendiam, finalmente, obter respostas.

Havia pessoas nas ruas, questionando com raiva, "Por que você está trancando um dos nossos? Ela é inocente! Liberte Sayragul Sauytbay imediatamente! Ela deve receber asilo em seu país de origem!".

Mas o governo estava se contorcendo como um verme que foi cortado em pedaços, cada segmento se revirando em uma direção diferente. O que eles deveriam fazer? De um lado estava seu próprio povo; do outro lado estava o gigante vizinho, levantando uma bota de couro ameaçadora...

13 de julho de 2018: o segundo dia do julgamento

A segunda data do julgamento foi marcada para quatro dias depois. No caminho do tribunal, os policiais no carro pareceram satisfeitos e apontaram pelas janelas. "Olha, você não precisa se preocupar com a sua liberdade! A cidade inteira está com você!". Cada praça, cada jardim e cada canto estavam lotados de gente. Eles acenavam para mim na beira da estrada, vestindo camisetas brancas com letras azuis — "Liberdade para Sayragul Sauytbay!" — em três idiomas: cazaque, russo e inglês.

A Atajurt conseguiu organizar protestos em massa sem precedentes no Cazaquistão, o que estava impossibilitando a minha deportação. Mas o Cazaquistão é um país com um governo autocrático, então é preciso muita coragem para sair às ruas e fazer sua voz ser ouvida. Não é como no Ocidente. Protestos, alto-falantes e cartazes não são bem-vindos. "Queremos a verdade!", alguém gritou. Centenas de

manifestantes pacíficos pediam que o governo se compadecesse da sua própria população. Se o governo cazaquistanês tivesse cedido a Pequim, teriam perdido prestígio e poderiam até ser confrontados com uma rebelião aberta, então, mesmo relutantes, deixaram as manifestações acontecerem.

Desta vez, antes de sair do carro, perguntei ao policial ao meu lado: "Podemos esconder dos meus filhos as algemas?". Com um sorriso amigável, ele segurou minha mão nas minhas costas de forma que as algemas estivessem quase escondidas por baixo de sua manga. A multidão de pessoas no tribunal era ainda maior do que da primeira vez, e a segurança teve que abrir caminho para nós através do corredor. "Agüente firme!", os espectadores gritaram. "Você estará livre em breve!".

O tribunal consentiu todos os meus desejos. Um intérprete russo foi declarado supérfluo e todo o julgamento seria realizado na língua cazaque. Isso significava que poderíamos nos comunicar facilmente. Eu entendi o juiz, o juiz me entendeu e o público entendeu tudo. Dessa forma, todos poderiam acompanhar meu julgamento político.

A principal acusação contra mim era que eu havia cruzado ilegalmente a fronteira. Então eu tive que justificar por que eu havia infringido a lei. Esta era a minha chance. Endireitando as minhas costas, fixei meu olhar para a frente. "Toda a população de Xinjiang está sob tremenda pressão. Lá existem campos penais aos quais os chineses se referem, externamente, como 'centros de qualificação profissional'. Na realidade, contudo, lá as pessoas eram tratadas pior do que na prisão. Há um genocídio em curso na China, dirigido contra nós, cazaques e outros muçulmanos. Eu sei disso porque fui professora de um desses campos. Lá é um sistema fascista. A população nativa é tiranizada...".

Fiz o possível para explicar a situação na província do noroeste e nos campos de concentração, da forma mais objetiva possível, em apenas dez minutos. "Por causa da minha decisão de informar o mundo sobre o que está acontecendo, minha vida agora está em grande perigo. Por este motivo tive que escapar". Acrescentei que as autoridades haviam confiscado nossos passaportes e, por isso, não pude sair legalmente.

Algumas das pessoas na platéia reagiram à minha declaração com surpresa; outros pularam com os punhos cerrados, cheios de aversão

pelo Partido Comunista e pelo governo chinês. "Não podemos deixar isso continuar por mais tempo! Liberte nosso povo dos campos de concentração!", eles exigiram.

Eu assistia ansiosamente, mas pela primeira vez na vida vi pessoas fazendo tumulto sem serem detidas e torturadas imediatamente. O juiz foi bastante compreensivo e permitiu que continuassem expressando a sua indignação em voz alta. "Estamos vendendo nosso país para Pequim!", "O único agradecimento que recebemos é sermos oprimidos e roubados de nossa liberdade!".

No final da tarde, o julgamento foi suspenso até a próxima audiência. Não tive permissão para ver a minha família novamente até 23 de julho, período durante o qual fui envolvida por incertezas constantes. Seria eu enviada para a China no dia seguinte? Condenada à prisão perpétua em uma prisão cazaquistanesa? Ou, talvez, logo seria uma mulher livre?

23 de julho: meus últimos dias no tribunal

Durante a fase final do julgamento, algo que parecia impensável aconteceu: ainda mais pessoas se comprimiam na sala. A imprensa internacional, bem como representantes do mundo político e várias grandes organizações, reuniram-se no tribunal.

O juiz leu os nomes das inúmeras organizações estrangeiras que, apaixonadamente, haviam feito campanha pela minha libertação. As Nações Unidas, a Anistia Internacional, embaixadores de países como os EUA, Itália e Alemanha, a União Européia, a Sociedade para Povos Ameaçados... Todas estas importantes instituições entraram em contato direto com o próprio presidente Nazarbayev, e estava surtindo efeito. Em uma situação como a minha, a ajuda internacional foi crucial para a sobrevivência. O apoio deles me deu esperança de um futuro melhor. Pela primeira vez, ousei pensar: "Não importa o quanto a China seja poderosa, talvez os países livres sejam ainda mais...".

Cada vez que alguém me fazia uma pergunta no tribunal, eu a aproveitava para descrever as condições nos campos de concentração. Desta vez, teve um impacto ainda maior, porque a mídia transmitiu minha mensagem para o mundo todo.

Até então, Pequim havia contestado insistentemente a existência desses campos de concentração. Tinha enganado o mundo com imagens de alunos risonhos que, segundo a sua propaganda, estavam "em escolas onde são oferecidas refeições gratuitas e aulas de idiomas".

Todos os documentos e evidências relevantes foram apresentados naquela tarde. A essa altura, eles até me concederam um cartão temporário que me identificava como solicitante de asilo. A promotora, que deveria estar me processando, selecionou os parágrafos menos graves do código penal e recomendou que eu recebesse a pena mínima em sua argumentação final.

Uma semana depois, no quarto dia do julgamento, quando o juiz anunciou o veredito, uma forte ovação ecoou: "Liberdade para Sayragul!". Tive permissão para sair da prisão e estava apenas em prisão domiciliar. Todos pularam, me cercaram e parabenizaram. Havia microfones direcionados para mim de todos os ângulos.

"Estou livre", pensei, atordoada. E, pela primeira vez em muitos anos, senti um orgulho imenso.

A festa é interrompida

Com a aglomeração de pessoas no corredor, era quase impossível colocar um pé na frente do outro, então deixei a multidão me levar até a saída. Permaneci na ponta dos pés, procurando por meu marido e filhos, mas não vi nada além de chapéus voando e braços estendidos. À minha frente, havia dez ou quinze degraus que conduziam direto para a próxima multidão.

Havia muitas mulheres com flores, assim como crianças e idosos com presentes, esperando por mim lá embaixo. Alguns tinham lágrimas escorrendo pelo rosto. Outros haviam trazido instrumentos do Cazaquistão e tocavam música. Vários poetas e escritores conhecidos apertavam minha mão. Eu continuei secando minhas lágrimas. Empresários ricos reservaram restaurantes inteiros, abateram cordeiros e doaram alimentos para todos os visitantes. O que eu deveria dizer? Ar, luz e risos, tudo de uma vez. Que vitória! Foi um momento incrivelmente feliz.

Do lado de fora do tribunal, eu me dirigi à multidão: "Quando vim para ao Cazaquistão, me senti sozinha. Agora estou confiante de que isso não é a realidade. Eu encontrei meu povo, minha nação, minha pátria!".

De acordo com a decisão do tribunal, eu deveria passar seis meses sob vigilância e prisão domiciliar. Se eu quisesse ir a algum lugar, antes deveria obter uma licença das autoridades locais. Eu estava acostumada a coisas muito piores, então realmente não foi um grande problema para mim.

"Viva o Cazaquistão!", a multidão estava cantando ao meu redor. Em meu coração, senti como se os brilhantes raios de sol estivessem rompendo o crepúsculo eterno, preenchendo o mundo de luz enquanto dava meus primeiros passos para a liberdade. Entrei no carro da polícia em meio a cantos e vivas, e eles me levaram de volta para a prisão para que eu pudesse pegar as minhas coisas. Não vi meus entes queridos até o final daquela tarde, em um dos restaurantes onde minha libertação estava sendo comemorada.

As crianças estavam fora de si de alegria. Ulagat disse alegremente: "Sabe, mamãe, orei a Deus, o tempo todo, para que você fosse libertada e voltasse para nossa casa". E Ukilay envolveu seus braços no meu pescoço. "Veja, Deus permitiu o nosso desejo", disse, quase me sufocando com beijos. Meu marido colocou o braço no meu ombro e, explodindo de gratidão, senti meu corpo aquecer. Foi um longo caminho.

Mais tarde, entramos no carro e partimos para Almati, a aproximadamente três horas de distância. Quanto mais tempo estávamos na estrada, maior se tornou o comboio de apoiadores atrás de nós. "Todo o Cazaquistão parece ter acompanhado o seu julgamento", maravilhou-se Uali. Eu apenas balancei a cabeça em silêncio — estava tão comovida! Pessoas se reuniram nas ruas para torcer por nós. Não conseguimos nem passar em alguns lugares.

Centenas deles esperavam que eu saísse e os cumprimentasse, conversasse com eles. Tocaram o hino nacional. Não vi nada além de rostos alegres e mãos entregando comida e presentes. Todos queriam uma foto comigo. Havia até pessoas nos acenando ao longo da estrada. "Seria apenas um sonho?", pensei. Olhei incerta para os meus filhos, mas eles estavam comigo. Estavam perto de mim.

Em Almati, um generoso proprietário de restaurante havia servido um banquete suntuoso para cerca de duzentas pessoas, incluindo algumas celebridades locais e minha família. Tantos estranhos e todos me abraçando e manifestando seus sentimentos de gratidão. A bandeira

do Cazaquistão tremulava em enormes televisores de tela plana e a nossa música folclórica tocava. Foi só pela manhã, com os pássaros já cantando nas árvores, que as coisas se acalmaram e nós pudemos nos deitar e descansar na casa do nosso anfitrião.

No dia seguinte, a verdade sobre a vida nos campos de concentração apareceu no *New York Times* e no *Washington Post*, e em reportagens na BBC e outros importantes meios de comunicação. Depois de algumas horas de sono, estávamos de pé mais uma vez. O telefone fixo e meu celular estavam tocando incansavelmente. Dei breves entrevistas a um jornalista após outro. "Experimentei, dentro do meu país, o que significa viver sob adversidades e restrições. E eu posso dizer: a liberdade é uma alegria avassaladora!".

Cansados, mas felizes, queríamos partir para a aldeia natal de Uali. "Mais uma entrevista com um repórter canadense?", meu anfitrião me perguntou, acenando-me para o telefone. O intérprete ao meu lado estava traduzindo quando de repente percebi que todos ao meu lado pareciam preocupados. Não tenho certeza do que contei ao repórter depois disso. Recebemos uma notícia que puxou o tapete sob os meus pés.

Prisão domiciliar: de uma casa para outra

"Sua irmã mais nova foi presa em casa hoje", ouvi meu anfitrião dizer, enquanto ele estava na minha frente com os olhos baixos. Embora estivesse quente lá fora, eu congelei. Então ele pigarreou e acrescentou: "Eles também pegaram sua mãe ontem, imediatamente após o veredito ser anunciado". Na China, essa era uma forma comum de retaliação quando os refugiados ousavam divulgar suas histórias. Meu corpo inteiro tremia como se eu estivesse com febre.

Afundei desamparada no sofá. Parecia que alguém havia me dado um soco por trás. De repente, vi homens com máscaras pretas e a menina chorando no campo de concentração: "Salvem-me!". Mas eram os rostos dos meus parentes que eu estava imaginando. Minha frágil mãe de setenta anos. Minha irmã, de 26, professora como eu. Ela estava nos preparativos para o casamento. Estava tão ansiosa para, finalmente, se casar!

Até hoje não tenho certeza se minha irmã e minha mãe acabaram em um campo de concentração. Algumas pessoas afirmaram que elas

passaram um mês na prisão. Outros disseram dois meses. Como elas foram tratadas lá, posso apenas imaginar.

A sensação exultante de estar livre não durou muito tempo. Em um país como o Cazaquistão, onde o poder da China estava aumentando, a corrupção, os acobertamentos e a ganância estavam florescendo mais do que nunca, matando, como um câncer, as últimas células sadias em nossa sociedade

Quase três dias depois da celebração em Almati, chegamos em casa, em Baidebek, exaustos, e ali o próximo impacto nos esperava. Estranhos estiveram em nossa casa. Todas as gavetas foram abertas; papéis e roupas estavam espalhados pelo chão. Até os quartos das crianças pareciam ter sido atingidos por um furacão. Ukilay e Ulagat começaram a chorar em meio a toda a bagunça. Nada foi roubado, mas tudo estava destruído.

"Será que foi a polícia secreta chinesa?", ponderou Uali. Estávamos apavorados pela insegurança, mesmo no refúgio de nossa própria casa. Ukilay e Ulagat agarraram o meu braço com força e tentaram me arrastar para longe. "Mamãe, mamãe, vamos! Os chineses estão tentando seqüestrar você novamente!".

Em todo o caso, Uali já havia vendido a casa, porque precisava urgentemente de dinheiro para pagar a minha estadia na clínica particular, a busca por mim, os honorários do advogado e todas as outras despesas. Todo o dinheiro se foi. Os novos proprietários gentilmente se ofereceram para nos deixar ficar até que encontrássemos um lugar mais barato para morar. Mas, naquele momento, sabíamos que não poderíamos ficar lá nem mais um minuto. Parecia que os intrusos ainda estavam na casa. Ficamos enojados. O que eles teriam tocado?

Às pressas, pegamos os nossos documentos e saímos, sem levar nem ao menos comida e roupas. Havíamos passado por tantas coisas alucinantes que a idéia de que a polícia secreta pudesse ter envenenado nossos pertences não parecia mais tão estranha. Primeiramente, alugamos um pequeno apartamento nos arredores de Almati. Felizmente fomos apoiados financeiramente por várias organizações como a Atajurt até que pudéssemos nos recuperar.

Daquele momento em diante, não houve um único minuto em nossas vidas que não tenhamos vivido com medo.

Foragidos na nossa própria terra

A decisão do tribunal entrou em vigor em duas semanas. Fomos obrigados a nos mudar para a pequena cidade de Esik porque, a partir daí, fomos registrados naquele distrito. Tive o direito de asilo temporário por seis meses, após o que teria de prorrogá-lo a cada três meses, se o governo não me concedesse residência permanente. Poderia ser recusado a qualquer momento, o que significaria voltar para a China. Isso significaria a morte.

Nossa família foi implacavelmente assediada por cazaques que foram contratados pela polícia secreta, todos eles na folha de pagamento de Pequim. Quem mais estaria interessado em constantemente nos oprimir psicologicamente? Tínhamos acabado de nos mudar para um bangalô quando estranhos tentaram forçar a abertura de nossas janelas no meio da noite. Isso aconteceu várias vezes. Cada vez que acontecia, o sangue congelava em minhas veias. Sentíamos tanto medo de sermos atacados que dormíamos todos no mesmo quarto, com as crianças no meio.

Por fim, alguns desses informantes apareceram na escola de Ukilay e Ulagat, tentando captar informações dos outros pais. "Fiquem de olho neles para nós e sondem os filhos. Quais são suas rotinas? Para onde vão, e quando? Quem eles visitam?". Na verdade, eles foram ousados o suficiente para abordar nossos filhos diariamente: "Diga-nos, estão esperando mais jornalistas? Com quem estão mantendo contato?". Uali e eu estávamos o tempo todo verificando o nosso entorno e tentando manter tudo sob nosso campo de visão. Será que todas as portas e janelas estavam trancadas?

Novamente, foram os cazaques comuns que vieram em nosso socorro. O escritor Habbas Habsh, com cerca de oitenta anos, prometeu: "Logo que você estiver livre, Sayragul, irei dar uma grande festa para você!". Ele manteve essa promessa, embora estivesse gravemente doente, e mandou abater um cordeiro para nós, em uma montanha perto das fontes termais de Almali.

Muitos intelectuais, artistas e celebridades famosas compareceram para me parabenizar por minha liberdade recente e apoiar o meu pedido de asilo. Ao nos despedirmos, Habbas Habsh deu para mim e Uali um de seus livros de histórias do Cazaquistão, com uma dedicatória

pessoal. Levamos o livro para casa conosco: é um dos nossos tesouros mais preciosos.

Em 3 de outubro de 2018, o tribunal rejeitou a minha primeira solicitação de asilo em Taldykorgan. Tive que passar pelo processo sozinha: minha família teve que esperar do lado de fora. Mas o que teria acontecido com o meu advogado? Abzal Husman não compareceu.

Um pequeno grupo de voluntários se reuniu para aumentar as minhas chances de obter permissão para ficar. "Da próxima vez que discutirem seu pedido de asilo, podemos ter boas notícias para você", disse Serikzhan Bilash. Ele era um homem muito robusto, com aproximadamente a minha idade, eu suponho, muito bem educado e eloqüente, com um enorme conhecimento de política. Com sua credibilidade e experiência, ele, há muito, é um ponto de contato para organizações internacionais e jornalistas.

Também foi Serikzhan Bilash quem me informou da verdadeira extensão dos campos de detenção no Turquestão Oriental. Era muito pior do que eu temia. Este foi o maior sistema de *gulags* conhecido em nossa época. Todos concordaram que apenas uma intervenção externa oferecia alguma esperança de pôr fim ao pesadelo.

Depois de uma dessas reuniões com meus apoiadores, fui interceptada na rua por dois cazaques da polícia secreta. "Se, de agora em diante, não ficar de boca fechada e continuar a falar com os jornalistas sobre a situação na China, você vai desaparecer para sempre, assim que os seus seis meses terminarem", eles me ameaçaram.

Tudo o que eu queria era obter asilo no Cazaquistão e me dedicar à maternidade. Mas agora, eu não tinha certeza de que isso seria sequer possível. Eu estava dividida. Por um lado, queria solidificar minha condição de cazaquistanesa; por outro, estava ficando cada vez mais claro para mim como era importante dar à mídia um quadro ainda mais detalhado da terrível situação em minha terra natal. Até agora, vinha mantendo um perfil discreto. Eu não queria revelar tudo sem a segurança e o respaldo necessários.

Enquanto isso, meu advogado Abzal Husman fazia exigências semelhantes às dos agentes do serviço secreto, insistindo que eu me afastasse imediata e completamente dos olhos do público. Ninguém entendeu essa estratégia. "Trata-se apenas de fazer o que a China deseja?",

questionávamos à noite, quando éramos só nós. O plano deles era transparente: o governo do Cazaquistão queria me deportar secretamente assim que toda a atenção e notoriedade morressem.

Durante o dia, encontrava-me com jornalistas, em algum lugar distante de casa, a maioria clandestinamente, em carros, para reportagens superficiais sobre nossa atual situação de vida. Depois disso, ficava sentada à mesa da cozinha até tarde da noite, preenchendo nossos pedidos de ajuda para várias organizações internacionais.

Em favor de minha mãe e minha irmã encarceradas, escrevi várias petições às Nações Unidas e a importantes instituições políticas. "Por favor, ajude-as! Ambas são inocentes e não tem nada a ver com minhas ações! Elas nem sabiam que eu estava num campo de concentração ou que fugi para o Cazaquistão".

Por fim, a pressão política levou à sua libertação. No entanto, ainda não sei como elas estão. É difícil obter informações confiáveis. Desde então, a casa dos meus pais tem estado sob a vigilância das câmeras, interna e externamente. As autoridades mantêm um relatório de todos os seus movimentos, sejam eles no banheiro ou na cozinha. Ninguém mais quer visitá-los. Amigos, conhecidos e até mesmo o noivo da minha irmã lhes viraram as costas. Todos têm medo de serem arrastados para o abismo dos campos de concentração também.

É por isso que ainda me culpo. É minha culpa que minha irmã não pôde se casar e começar uma família. É minha culpa que minha mãe idosa tenha sido jogada atrás das grades para sofrer privação e fome. É minha culpa que meus parentes, amigos e todas as outras pessoas que eu conheço estejam em perigo mortal. Às vezes, recebo mensagens do Turquestão Oriental por rotas indiretas, mas é impossível para mim falar com meus amigos, irmãos ou irmãs, já que suas casas estão sob vigilância 24 horas.

Perseguida

Nossa situação se tornava cada vez mais ameaçadora. Sempre que saíamos de casa, éramos seguidos por estranhos. Os mesmos carros estavam sempre estacionados perto de nosso apartamento, geralmente com um motorista diferente ao volante.

Minha segunda solicitação de asilo foi rejeitada em Astana em 26 de dezembro de 2018, embora eles não tenham me notificado. Continuei perguntando, em vão, sobre a decisão, até que fui finalmente informada em 6 de janeiro de 2019. Mais uma vez, meu advogado não foi encontrado. Ainda assim, Uali e eu não permitimos que isso nos derrubasse. Nos últimos meses, foram muitas as pessoas que elevaram o nosso ânimo. Havia centenas de vídeos na *internet* nos quais crianças e avós do Cazaquistão, famílias e empresários, intelectuais e trabalhadores, apelavam ao governo: "Sayragul Sauytbay é uma mulher inocente que sofreu terrivelmente num campo de concentração chinês. Ela é uma de nós. Por favor, dê asilo e proteção para essa mulher no Cazaquistão".

Todos aqueles que, como nós, acreditavam que algo bom poderia resultar desse esforço — por menores que fossem as chances — fizeram todo o possível para atingir esse objetivo. Tal esperança nos estimulou. Alcançamos nossos limites, e fomos além deles. Meu marido e eu estávamos procurando formas de levar novamente uma vida normal. Pensamos em abrir um negócio juntos. "Poderíamos criar animais e, com os lucros, pagar algo de volta para os nossos apoiadores", sugeri. "E abrir outra loja", acrescentou Uali. Já havíamos comprado uma vaca. Do leite que ela produzia, um pouco consumíamos; o resto vendíamos no mercado.

Mas, no instante que saímos de casa, com as latas de leite na mão, havia pessoas em nosso encalço. Algumas vezes, eu me virei furiosamente e caminhei diretamente para eles. "Por que estão nos seguindo?". Não disseram uma palavra, só me olharam com desprezo.

Às vezes, Uali e eu dobrávamos a esquina e fazíamos o caminho mais longo, mas eles grudavam em nós como chiclete. Ocasionalmente respirávamos aliviados — "Nos livramos deles!" — mas então eles apareciam na próxima esquina, prontos para retomar a sua perseguição.

O tempo todo, a máquina de propaganda de Pequim agitava informações falsas sobre minha família para que as pessoas no Cazaquistão, e no resto do mundo, parassem de nos ajudar. Foi uma tática de rotina usada pelo PCC para silenciar os oponentes. Eles nos difamaram na *internet* e nas redes sociais, chamando-nos de criminosos, mentirosos e traidores. Minha irmã, meu irmão e outras pessoas que conhecíamos foram forçados a nos caluniar em um vídeo.

Por dias, fiquei deitada na cama com febre. Uali, preocupado, me levou a uma clínica particular em Esik, em janeiro de 2019, onde um médico me examinou e deu uma injeção. Quando voltamos no final da tarde, encontramos nossos dois filhos em estado de total pânico. Mudos de pavor, trêmulos pelo choque — incapazes de chorar, seus gritos de socorro sufocados ainda estavam em suas gargantas.

"O que está errado?", perguntamos horrorizados. Ainda febril, corri para Ulagat, que estava apertando o pescoço e ofegando de dor. Ele estava tão transtornado, que quase se esquecia de respirar. "Havia um homem grande no apartamento!". Ukilay começou a soluçar. "Não deu tempo de impedir que ele entrasse. Ele correu pela porta atrás de nós e simplesmente nos empurrou para o lado! Ele queria saber onde você estava e o que estava fazendo".

"Então o quê?". Uali estava tentando acalmar as crianças. Mas, como eu, ele estava lutando para manter a calma.

"Ele continuou a fazer as mesmas perguntas. Quis saber quem vem aqui", nossa filha continuou, branca como giz e suando frio, "E então Ulagat tentou chamar a polícia!". Tínhamos colocado na parede o número da delegacia mais próxima, para o caso de emergências. Mas o cara arrancou o telefone da mão dele e gritou: "O que você está fazendo? Para quem está ligando?". Agarrou o garoto pelo pescoço com uma das suas patas enormes e o suspendeu no ar. Enquanto nosso filho estava asfixiando, ele berrou com nossa filha, que gritava por socorro: "Você vai ser seqüestrada pelos chineses e assassinada!". Foi brutal a maneira como tratou nossos filhos. Ficamos apavorados.

No entanto, como eu estava em prisão domiciliar, não tínhamos escolha senão ficar em Esik. Depois desse incidente, meu marido e eu nos revezamos na vigilância, dia e noite. Enquanto um de nós dormia, o outro montava a guarda. Exceto por um bastão de madeira, não tínhamos armas para defender as nossas vidas.

Nem por um minuto perdíamos as crianças de vista. Todos os dias, nós as levávamos para a escola e as buscávamos. Ukilay e Ulagat viviam em medo constante; à noite, ele surgia diante deles como uma imensa onda e, pouco antes de nos engolir a todos, acordavam gemendo e chorando. Depois disso, não conseguíamos mais dormir. Nós quatro apenas ficávamos ali, esperando o sol nascer.

Mesmo agora, nada mudou para mim. Acordo à meia-noite e fico alerta durante a noite. Suada de medo.

Uali e eu esperávamos ganhar algum dinheiro, mas era impossível. Meu marido esfregou a testa franzida. “E se eu sair e, no exato momento, eles invadirem a casa? E se algo acontecer com você ou com as crianças?”. Nossos nervos estavam em farrapos.

Apelei, depois que minha terceira solicitação foi negada, mas ninguém me informou que meu caso seria ouvido em 11 de fevereiro de 2019, no tribunal de Taldykorgan. Meu advogado, a pessoa que me representa, não estava disponível. Depois de tudo o que aconteceu, resolvi não ficar em silêncio, mas divulgar a nossa situação na mídia de forma ainda mais agressiva.

Por conta própria, estávamos perdidos.

Campos de concentração subterrâneos

Enquanto conto tudo isso, me pergunto como consigo suportar a lembrança disso tudo. Cada vez que converso com um jornalista sobre os campos de concentração, é como se eu estivesse trazendo o passado de volta à tona, e é tão insuportável quanto era na época. Parece que estou de volta à mesma situação. Meu coração bate forte e a minha blusa, encharcada de suor, gruda na minha pele. As imagens na minha mente giram e rodopiam até que eu fico exausta demais para continuar.

Normalmente, quando os repórteres me perguntam sobre aqueles dias, eu logo os mando embora, porque não agüento nem mais um segundo: “Por favor, saia!”. Depois, morta de cansaço, vou para a cama e fico por lá um ou dois dias; só então, com esforço, sou capaz de me levantar novamente. Já é ruim ouvir sobre o que aconteceu com outros presos, meu peito aperta e eu sinto que fico reduzida a nada, além do meu coração batendo.

Como a história de um policial num campo de concentração perto de Hulija, no centro da cidade de Ili, que arrancou uma página do Corão, limpou suas nádegas com ela, jogou-a no chão, pisoteando-a, e por fim urinou nela. Depois de fazer isso diante dos presos, ele os obrigou a imitar o seu comportamento, gritando: “Este é o nosso Deus! Este é o nosso Alá! Este é o nosso Corão Sagrado!”.

Inúmeras outras declarações de sobreviventes dos campos de concentração atestam que prisioneiros foram intencionalmente infectados com tuberculose e hepatite, e mulheres grávidas foram forçadas a abortarem. Esses relatórios foram confirmados por organizações de direitos humanos.

Mais recentemente, têm circulado histórias sobre campos de concentração subterrâneos. Organizações internacionais de direitos humanos têm usado imagens de satélite para coletar informações sobre o número de campos de concentração e, com base nisso, estimam que entre 1,2 e 1,8 milhão de pessoas estejam em campos de concentração no Turquestão Oriental.

Na realidade, existem vários campos de concentração escondidos e subterrâneos, que não podem ser vistos por satélite. A Bingtuan — Corpo de Produção e Construção de Xinjiang — administra vários campos de concentração subterrâneos, que não são descobertos tão facilmente.

Ouvi falar, por um amigo que visitou seus pais em Guliden no ano passado, sobre dois campos de concentração subterrâneos. Ele se mudou do Turquestão Oriental para o Cazaquistão alguns anos antes e agora é cidadão do Cazaquistão. Quando foi ver seus pais em Tougztarau, um condado da Prefeitura Autônoma do Cazaquistão de Ili, ele ouviu de sua família e outras testemunhas sobre um campo subterrâneo lá em Guliden. Aparentemente, quatorze mil pessoas foram detidas lá. Meu amigo dirigiu até Sumen, no condado número 6 de Qapqal, para descobrir, por meio de um amigo policial, onde exatamente seus parentes estariam encarcerados. O policial explicou que seus parentes estavam detidos em uma prisão subaquática em Sumen e deu-lhe outras informações internas horripilantes. Muitas outras pessoas também estavam presas nesse campo.

Os guardas mantinham os prisioneiros acorrentados no teto. Eles ficavam pendurados lado a lado na água que chegava até a boca, as mãos algemadas acima da cabeça. Qualquer tentativa de esticar as pernas e aliviar a dor, logo se tornaria insuportável, porque eles iriam engolir água e não conseguiriam respirar. A urina ou fezes que eles eliminassem ficariam nadando na mesma água. Eles só podiam sair da água três vezes ao dia, para as refeições. Eles seriam mantidos lá por semanas a fio. Eu não sei por quanto tempo uma pessoa pode suportar

uma coisa dessas. Não sei se houve muitos sobreviventes. Só ouvi dizer que existem várias dessas prisões subaquáticas.

Quando meu amigo voltou para o Cazaquistão, contou-me sobre os campos de concentração. Seu irmão foi preso lá, injustamente, no ano passado. Passei os endereços e todas as informações de que dispunha às organizações internacionais competentes.

Com base no testemunho confiável de vários prisioneiros mantidos em campos de concentração subterrâneos, eu e outros ativistas estimamos que o verdadeiro número de detidos no Turquestão Oriental seja em torno de 3 milhões.

Quando ouço essas histórias, sinto-me como uma prisioneira novamente. Eu me sinto uma inválida.

Ameaças: "Você não vai mudar de advogado!"

"Vou mudar de advogado", anunciei, em fevereiro de 2019, num vídeo que postei na *internet*. Eu precisava fazer uma declaração pública, para ter provas legais de que aquele homem não me representava mais e não tinha mais direito de falar em meu nome.

Não muito tempo depois, por volta das 18h, nossa porta da frente abriu e quatro policiais invadiram o nosso apartamento. As crianças correram para a outra sala gritando e se esconderam. "Sentem-se!", os invasores ordenaram rispidamente. Uali e eu sentamos lado a lado, num banquinho duro como uma tábua, enquanto os policiais uniformizados se acomodaram confortavelmente no sofá e gritaram ordens para mim.

"Você não vai mudar de advogado!".

"Mas eu tenho direito a outro", insisti com minha voz suave.

Eles zombaram de mim. "Direitos, alguém como você?". O que é que eu estava pensando?

Meu marido e eu estávamos morrendo de medo. "Você vai fazer um novo vídeo agora mesmo, em seu telefone, anunciando publicamente que mudou de idéia e quer manter o seu advogado!". Hesitei, ciente de que, caso concordasse, isso significaria o fim da linha para mim. Eles tentaram nos intimidar por várias horas.

Durante esse tempo, não nos permitiam levantar, beber nada ou olhar nossos filhos trêmulos. "Se você não fizer o que falamos, sua família

terá um destino terrível. Então você realmente irá se arrepender". Por volta da meia-noite, eles conseguiram o que queriam. Eu estava tão preocupada com Ukilay e Ulagat e tão desesperada, que desisti.

Na manhã seguinte, vários policiais me levaram à delegacia, onde tive um encontro surpresa com meu advogado, Abzal Husman, e um importante funcionário que tinha vindo especialmente da capital. O segundo homem não me informou o seu nome, nem qual era exatamente o seu cargo. Sua mensagem foi breve e a sua ameaça, igual a dos outros bandidos do governo: "Você vai ficar de boca calada e continuar trabalhando com seu advogado. Ai de você e de sua família, se não o fizerem". Que escolha eu tinha? Eles estavam praticamente empunhando uma faca na garganta daqueles a quem eu mais amava. Tudo o que pude fazer foi concordar.

Meu marido e eu ficamos profundamente frustrados. Naquela tarde, eu estava sentada na poltrona, com os olhos bem abertos, quando Uali chamou: "Sayragul, preciso falar com você!". Não respondi. Estava dormindo. Com os olhos abertos. Três dias depois, o juiz de Taldykorgan deveria proferir uma decisão quanto ao meu apelo. Na noite anterior, sentamo-nos na sala de estar, balançando nervosamente os nossos pés, até que enfim reunimos coragem para envolver um novo advogado, apesar de todas as ameaças. Minutos depois, Aiman Umarova recebeu a minha mensagem desesperada, em formato de vídeo. "Pegue o meu caso, por favor; senão estarei perdida. Pequim está cobrando a minha deportação...".

Nosso desejo era sumir imediatamente, mas policiais num carro estavam observando a nossa porta.

Vítimas de políticos bajuladores de Pequim

O que devemos fazer? No meio da noite, telefonamos para um amigo: "Por favor, venha nos buscar! Não podemos ficar aqui um minuto sequer!".

Quando ele apareceu de carro, pouco tempo depois, os agentes da polícia, fora da nossa casa, perseguiram-no. "Saia já daí!", gritaram. "O que estão fazendo?".

Ele inventou uma desculpa. "Só estou comprando carvão". Então ele estacionou o carro num lado da rua e usou seu telefone para nos

avisar que tinha chegado. Aguardamos até que os agentes dormissem no carro e então Uali, as crianças e eu saltamos o muro da nossa casa, corremos pela rua e entramos, ofegantes, dentro do carro. Uma vez seguros na aldeia do meu amigo, meu novo advogado postou meu vídeo mais recente, intitulado "Quero mudar de advogado!".

Na manhã seguinte, em 11 de fevereiro de 2019, eu esbarrei no meu antigo advogado, Abzal Husman, fora do tribunal de Taldykorgan. Extremamente indignados, meu marido e eu lhe contamos, com todas as letras, que não queríamos mais trabalhar com ele. Por essa novidade ele não esperava.

Minha nova advogada, Aiman Umarova, era excepcionalmente audaciosa e pegou o meu caso, apesar da sua carga política. Sei que ela, também, era ameaçada e perseguida. Certa vez, numa cafeteria, enquanto estávamos esperando alguns jornalistas da CNN, reparamos que alguém estava nos observando, mas nós o ignoramos.

Mas, tão logo um dos jornalistas me fez a primeira pergunta, o homem — vestido de calças e jaqueta — se posicionou à nossa frente, com os pés afastados, e começou a filmar com o celular. "Por favor, pare com isso! Você está nos incomodando. Vá embora", o repórter se queixou, irritado pela sua grosseria, mas o homem permaneceu e continuou a filmar.

Investigações revelaram que ele trabalhava na delegacia local, embora na cafeteria estivesse à paisana. Em outra tentativa para assustar a minha advogada, alguém matou o seu cachorro no jardim e deixou o animal morto perto da sua porta. Sua boca estava cheia de terra. Mais tarde, fizeram a mesma coisa com o seu gato.

Finalmente, a corte decidiu contra mim. Mais ou menos na mesma época, Serikzhan Bilash foi detido, no meio de março, por "incitar ódio étnico" e posto em prisão domiciliar. Ele foi impedido de continuar o seu trabalho como ativista dos direitos humanos, até segunda ordem. Minha advogada, extremamente corajosa, que pegou o seu caso, também foi caluniada como "inimiga da nação".

Entretanto, ela continuou a se dirigir à mídia, denominando o caso de "julgamento político", profundamente influenciado pelo imenso poder que a China exercia no Cazaquistão. "O governo não quer que as pessoas se expressem abertamente sobre a situação vivida nos campos de

concentração chineses. Digo isso de forma bem clara, com muito medo e correndo risco pessoal". Enquanto isso, e apesar de todo o banimento, Serikzhan Bilash — outra pessoa incrivelmente audaciosa — continuou a publicar o depoimento de testemunhas dos campos de concentração.

Nessa altura, era impossível para o governo me deportar secretamente para a China. O mundo inteiro ficaria sabendo disso. Foi por isso que, no fim, deixaram-me mudar para o Ocidente. Estavam apenas tirando uma mosca da sopa: dali em diante, a relação entre o Cazaquistão e a China não seria mais embaçada por uma testemunha tão relevante.

Consola-me saber que meu caso está ajudando a pavimentar o caminho para outros refugiados do Turquestão Oriental que seguiram os meus passos. Desde que Nazarbayev entregou o poder ao seu seguidor Kassym-Jomart Tokayev, em junho de 2019, e agora que Pequim passou a ser vista mais criticamente no palco internacional, o governo cazaquistanês se tornou um pouco mais generoso ao lidar com pedidos de asilo vindos da minha terra natal.

Nossa família foi vítima de políticos que bajulavam Pequim, que se rastejavam na poeira, enquanto o governo chinês subjugava a sua própria população. O Cazaquistão está num dilema político complicado, porque deve à China aproximadamente 12 bilhões de dólares por projetos relacionados com a Nova Rota da Seda.

Mas, enfim, obtivemos a permissão de viver como uma família no Cazaquistão, a terra da língua materna, por pouco menos de quatorze meses, de 5 de abril de 2018 a 3 de junho de 2019.

CAPÍTULO 9

Vírus:
Um alerta para o mundo

3 de junho de 2019: chegar a um mundo novo

Menos de três dias antes de partirmos, descobrimos aonde estávamos indo. "A Suécia nos aceitou!", gritou Uali. Quando ouvimos as notícias, meu marido pôs as duas mãos nos meus ombros e disse: "Deus lhe deu uma terceira vida". Olhei para ele com incerteza, sentindo meu estômago revirar. Dizer adeus ao Cazaquistão seria doloroso, mas eu estava animada com o nosso futuro num país estrangeiro.

"Primeiro você conseguiu fugir da China", explicou Uali, levantando um dedo para cada situação. "Segundo, você sobreviveu à tortura e detenção no Cazaquistão. E terceiro, um grito indignado ecoou em todo o Cazaquistão apenas poucas horas antes de você ser enviada para morrer na China".

"Onde é a Suécia?", minha filha perguntou. Ela e seu irmão se sentaram diante do computador e pesquisaram na *internet* como as pessoas vivem na Escandinávia. Curiosamente, já havíamos procurado vários países no Ocidente, incluindo Canadá, Estados Unidos e Alemanha.

Ukilay leu em voz alta: "A Suécia valoriza profundamente os direitos humanos. Eles até concedem o Prêmio Nobel da Paz a famosos ativistas dos direitos humanos".

Ulagat se engasgou, ao gritar para os nossos rostos atônitos: "Olha, lá tem um monte de ilhas e lagos, grandes florestas de pinheiros, e geleiras. As maiores cidades estão todas no litoral...".

"Enfim ficaremos em paz. Não precisaremos mais ter medo!", minha filha aplaudiu.

Por um lado, estávamos satisfeitos por finalmente podermos viver em paz; por outro lado, estávamos tristes. À noite, as lágrimas escorriam da face de nossos filhos. "Por que não podemos ficar aqui?", lamentou meu filho. Eles se adaptaram bem ao colégio, e tínhamos muitos amigos e parentes por perto.

O Cazaquistão é, evidentemente, um Estado autocrático; em comparação com a China, porém, a vida lá se parecia com a liberdade — apesar da perseguição e do terrorismo psicológico. Tínhamos a possibilidade de circular pelo país sem impedimento, falar com as pessoas e buscar informações na *internet*. O Cazaquistão foi onde experimentamos nossos piores ataques de pânico, mas também os momentos mais maravilhosos de nossas vidas.

Quando nossos filhos perceberam o quanto estavam nos deixando frustrados, tentaram engolir em seco e tomar coragem. "O principal é que estamos longe do perigo dos chineses", disse Ukilay, mordendo os lábios.

"Sim, estaremos mais protegidos na Suécia", Ulagat concordou, me apertando.

Os ombros do meu marido estavam curvados, sua cabeça baixa, como se estivesse escutando. "Se ficarmos aqui, as coisas ficarão ainda piores", meditou, fitando-me nos olhos. "Você será morta".

Apertei as minhas mãos, levantei a cabeça e disse: "Muito bem, vamos começar uma vida nova. Uma terceira vida".

Embalamos o essencial. Não era muita coisa. Os ótimos boletins de nossos filhos, documentos importantes, papéis, fotos de festas no Cazaquistão e nossa vida no Turquestão Oriental. A maior parte do espaço foi ocupada por livros dados por escritores cazaques, personalizados com dedicatórias feitas à mão. Finalmente, enrolamos as bandeiras do Cazaquistão, uma grande e duas pequenas, e enfiamos no meio das poucas roupas que estávamos levando.

Por segurança, contamos sobre a nossa partida apenas aos nossos parentes e amigos mais próximos, um pequeno grupo que veio se despedir de nós no aeroporto. Eles me pediram para gravar outra curta mensagem de vídeo para o povo do Cazaquistão, que eles divulgariam mais tarde. Mas eu chorei o tempo todo e mal consegui dizer uma palavra. Até o último segundo, eu estava agarrada à esperança de que

pudéssemos receber asilo no Cazaquistão depois de tudo, porque lá milhares de pessoas me deram apoio, de todo o coração. Mas, infelizmente, esse desejo nunca se tornou realidade.

Era noite quando voamos de Almati para Astana. Olhei a cidade pela janela. Ninguém estava nas ruas. Todos estavam dormindo. Achei a vista profundamente comovente. Todas aquelas pessoas boas que fizeram tanto por nós, sem nenhuma idéia de que eu logo estaria sobrevoando acima de seus telhados, partindo para sempre.

Em minha mente, continuei reproduzindo seus vídeos, que eles continuaram enviando ao governo até o fim. "Por favor, conceda asilo a Sayragul Sauytbay e sua família em sua terra natal, o Cazaquistão". Virei o rosto para que ninguém me visse chorar e tentei me consolar. "O fato de estarmos voando acima das nuvens agora é um presente de Deus".

No aeroporto de Frankfurt, pedi a meus amigos, por telefone, que não publicassem a última mensagem de vídeo, depois de tudo. "Se as pessoas assistirem, ficarão tristes por me verem num estado tão lastimável", expliquei. Meu intuito era lhes enviar o meu agradecimento já na Suécia, bem composta e sem lágrimas. Em todos os aeroportos havia pessoas esperando por nós, segurando placas com nossos nomes, até que finalmente alguém nos buscou em Estocolmo e nos levou para Trelleborg, através de Malmö. "Para onde estão nos levando?", cochichamos baixinho uns com os outros.

De fato não queríamos atrair nenhuma atenção, fazendo exigências. Até agora, havíamos pensado pouco sobre como seria a nossa vida na Suécia. Uali e eu estávamos imaginando um quarto de hotel barato ou alguma acomodação em mau estado, apinhada com centenas de refugiados. O que exatamente está reservado para nós? A incerteza nos deixou um pouco apreensivos, mas nossas expectativas eram modestas. O importante é que estávamos seguros.

Onde vamos ficar?

Quando paramos numa pequena rua lateral, do lado de fora de uma casa geminada de dois andares, Uali se inclinou para a frente e perguntou ao motorista: "Então, onde vamos ficar?".

"Já chegamos", respondeu ele.

Nossos olhos se arregalaram. "Mas é um hotel, não é?", suspirei.

O motorista disse: "Não, essa é a sua casa. De hoje em diante pertence a vocês". Ele chamou um intérprete pelo telefone, que nos traduziu as suas palavras.

Totalmente perplexos, seguimos dois outros suecos para dentro da casa. "Ooooh!". Nosso queixo caiu. Tudo estava limpo, tudo era novo. Havia dois quartos para as crianças, uma sala de estar e um quarto para o casal. O aroma da mobília era como se tivesse acabado de ser desembalada e, na cozinha, tínhamos comida para alguns dias. Tudo estava preparado para nós. Enfim um deles entregou a chave na mão do meu marido, e os dois nos desejaram boa noite.

Só para ter certeza, Uali girou a chave na fechadura três vezes e as crianças puxaram as cortinas antes de todos nós corrermos pelos quartos, várias vezes, animados e felizes.

"Este país é ainda mais bonito do que pensamos", afirmou o meu filho, enquanto tocávamos a mobília, com todo cuidado, como se, a qualquer momento, tudo pudesse sumir, como bolhas de sabão.

Ukilay riu, seus olhos brilhando. "Como um país pode fazer algo tão bom a desconhecidos como nós?".

Desde o primeiro momento, todos na Suécia foram incrivelmente atenciosos conosco. Sentimo-nos imediatamente aceitos. Era um sentimento maravilhoso. Infelizmente não durou muito tempo.

Passamos a primeira noite na nossa nova casa juntos, amontoados numa mesma cama grande.

No topo do mundo por um minuto...

Na manhã seguinte, às 8h30, recebemos a visita de duas assistentes sociais. Depois de nos ajudarem a preencher todos os formulários necessários, mostraram-nos o centro da cidade, a cerca de 1 km de distância. De mãos dadas com as crianças, caminhamos da agência dos correios ao banco, e do supermercado aos mais importantes escritórios das autoridades locais.

Enquanto, naquela tarde, nós quatro caminhávamos de volta e já avistávamos o nosso apartamento, Uali parou e respirou fundo. "O mar deve estar por aqui, em algum lugar".

Fiz uma careta. “Como você sabe isso?”.

“Eu posso sentir o cheiro”.

Como poderia uma pessoa da região ao redor de Ürümqi, a cidade mais distante do oceano do que qualquer outra na Terra, reconhecer o cheiro do mar? Atravessamos, em linha reta, uma grande rua e então as vimos, bem atrás da nossa fileira de casas — as águas do Mar Báltico. Não muito longe dali ficava o porto das barcas e, ao lado dela, a estação principal.

Era verão, mês de junho, a época mais bonita do ano. Como atraídos por um ímã, descemos para a praia, as crianças correndo na frente. Famílias brincavam com a água do mar, na companhia de seus filhos pequenos. Ukilay e Ulagat se jogaram na água, ainda de camisa e calça, e tentaram nadar, ainda que nunca tivessem feito isso antes.

“Voltem!”, gritei ansiosa. “Vocês não sabem nadar, é perigoso!”. Mas as crianças não queriam voltar. Ulagat gritou: “Olhe, mamãe, as crianças estão nadando assim”, e ele os imitou com seus braços magrinhos. Ambos estavam lutando para continuar boiando, tossindo e engolindo água salgada, mas imediatamente começaram a aprender a nadar.

Todo dia alguém vinha nos ajudar. Desde o Cazaquistão, estávamos constantemente nos mudando, por medo e falta de dinheiro. Foi relaxante finalmente podermos nos estabelecer num lar. Os habitantes dessa pequena cidade não eram esnobes, não nos tratavam como cidadãos de segunda categoria. Eram amigáveis, tratavam-nos como iguais. Era maravilhoso ser uma pessoa completamente normal. Minha filha jogou sua trança sobre o ombro. “Finalmente, podemos parar de nos perguntar aonde iremos semana que vem”.

Uali concordou. “É o paraíso!”.

Embora nossos vizinhos não nos conhecessem, vieram até nós na rua e nos cumprimentaram de forma amistosa. “Quando vocês chegaram? Vieram da Síria ou do Uzbequistão?”. Evidentemente, muitos refugiados dali vinham desses lugares.

“Não, viemos do Cazaquistão”, respondemos, para a sua admiração.

Posteriormente, Ulagat encontrou na *internet* um grande supermercado próximo a nós. “Venha, mamãe, iremos juntos”. Ele já estava

me arrastando atrás dele. Entre as prateleiras de comida fui abordada por um senhor sueco de uns sessenta anos, “Seja bem-vinda, Sayragul Sauytbay”, ele saudou.

Não entendi uma palavra, exceto meu nome, mas meu filho falava russo e um pouco de inglês, então foi capaz de traduzir parcialmente. O sueco havia passado anos morando na Ásia Central, e ainda acompanhava as notícias na *internet*. No Cazaquistão eu era uma pessoa famosa, então me reconheceu pelas fotos. Deu-me os parabéns várias vezes e pareceu muito satisfeito por termos encontrado asilo na Suécia. “Bem-vindos à sua nova pátria!”.

Esta foi mais uma experiência maravilhosa na Suécia. Depois de alguns dias, todavia, nossa euforia se transformou no exato oposto. Caímos num profundo abatimento.

Altos e baixos

Eram as férias de verão. A vida estava difícil. Sem amigos, sem escola, sem trabalho. Nossos filhos sempre foram excelentes estudantes, com uma relação estreita com os professores. Agora, entretanto, eles passam horas lendo as mensagens de seus antigos colegas de classe e vendo as fotografias nos grupos de WhatsApp. Depois de alguns dias, Ulagat e Ukilay sentaram-se à mesa de jantar com olhos vermelhos. Estavam profundamente solitários.

Não havia cazaques, uigures ou muçulmanos do Turquestão Oriental em nenhum lugar da vizinhança. Meu marido, que era tão ativo e alegre, que normalmente tinha um coração generoso, que gostava de convidar os amigos e familiares pela manhã, à tarde e à noite, de repente tornou-se silencioso. Tudo o que ouvíamos eram nossos filhos chorando.

Nós todos estávamos profundamente mudados. A menor coisa nos trazia lágrimas aos olhos. Meu marido foi atingido de modo especialmente forte. Normalmente, eu é que me fechava com meus problemas inacessíveis. Uali era o exato oposto. Pelo menos, até agora.

Por alguns dias, ele estava carregando o livro de Habbas Habsh que ganhamos na festa na montanha. Durante este período, o envelhecido escritor era a única pessoa que, segundo o meu marido, o compreendia totalmente. Continuou a ler o mesmo livro de histórias do Cazaquistão,

várias vezes, desde o início. Poemas como *Invisível é a bela lua / As estrelas também sumiram*... Meu marido, uma pessoa tão adorável e comunicativa, de repente não quis mais falar com as pessoas.

Certa manhã, Uali se trancou com o livro no quarto. Horas depois, as crianças e eu — primeiro eu, depois elas, e então todos juntos — tentamos convencê-lo a sair. Sacudimos a maçaneta, mas ele apenas gritou: "Deixem-me em paz!".

Estávamos muito preocupados. "O que há de errado com o papai?", soluçou Ukilay. Quando o sol se pôs, Uali ainda estava sozinho no quarto. Ele nunca tinha se comportado desse jeito.

Mais tarde, naquela noite, fiquei do lado de fora da porta fechada, minha cabeça encostada no batente, e comecei a conversar com ele. "Como podemos continuar, se você está agindo assim? Por favor, saia!". Eu conhecia muitas pessoas no Turquestão Oriental que foram devoradas pela tristeza, como uma doença. Muitos deles começaram a beber para entorpecer a dor. "Se você permanecer assim, nunca sairá desse buraco!". Eu continuei, colocando a minha boca bem perto da borda da porta. A única resposta era o silêncio. Falei mais alto. "Sim, eu sei que você não tem amigos aqui agora. Mas você pode, ao menos, dizer o que está incomodando, assim você irá tirar isso do seu peito". Já era noite quando Uali abriu a porta.

Esse período, entre 3 e 17 de junho, quando iniciamos nosso primeiro curso de idiomas, foi bem difícil. Materialmente, estávamos bem, mas nos sentíamos incrivelmente sozinhos, atormentados pelas saudades de casa. As crianças ainda falavam apenas de seus amigos do Cazaquistão, de quem eles sentiam uma imensa falta. "Está tudo bem aqui, mas não conseguimos nos comunicar", eles reclamaram. "Como iremos lidar com isso?". Sem linguagem, sem relacionamentos. Vimos absoluto desamparo nos seus olhos arregalados de criança.

De vez em quando, eu mandava Ukilay e Ulagat brincarem fora de casa, para que eu pudesse conversar com o Uali na sala de estar sem sermos interrompidos. "Já passamos por coisas muito piores do que isso. Isso também irá passar". Meu marido deixou a cabeça tombar em suas mãos, cansado. "Você não deve absorver tudo e deixar que o destrua", continuei, puxando-o para perto de mim. "Temos que passar por isso juntos. Será a única forma de superarmos".

As chamadas telefônicas eram caras porque não tínhamos a nossa conexão de *internet* configurada adequadamente, mas, mesmo assim, todos os dias tentei colocar Uali em contato com nossos parentes no Cazaquistão. Eu estava constantemente fazendo o meu melhor para estimular a sua curiosidade e convencê-lo a visitar as cidades vizinhas, andar até a praia ou ir aos escritórios das autoridades locais para tratar da papelada.

Certo dia, por volta do meio-dia, alguém bateu à nossa porta. Quando respondi, havia um garotinho loiro do lado de fora, provavelmente filho de um vizinho. Sem saber o que fazer, chamei minha filha, "Venha e pergunte o que ele deseja. Você fala um pouco de inglês, pelo menos. Tente".

O menino explicou: "Eu vi que você tem um menino morando em seu apartamento. Diga a ele para sair para brincar". Eu esperava alguma reclamação ou algo desagradável, então sorri aliviada.

Enxotei Ulagat com minhas mãos. "Vá com ele. Mesmo que não entenda o que ele diz, brinque com ele. Talvez você encontre outros meninos lá fora". Então, meu filho saiu. Depois de um tempo, porém, voltou chorando. "O que aconteceu?", perguntei a ele.

Ele pressionou seu rosto molhado em minha barriga enquanto eu o abraçava. "Tentei conversar com eles", ele soluçava, "mas ninguém me entendeu. O que devo fazer agora?".

Depois de alguns dias, as crianças começaram a se acostumar com as situações desconhecidas. Eventualmente, comprei roupas de banho e começaram a ir à praia e a aprender a nadar.

Desenho de bandeiras do Cazaquistão na Suécia

Aproximadamente dois meses antes do início das aulas iniciou o curso de idiomas para os recém-chegados. Eu me senti preocupada quando deixei meu filho e minha filha irem. Eles seriam tratados com desprezo por serem muçulmanos do Turquestão Oriental? Mas os dois professores aceitaram Ukilay e Ulagat tão calorosamente como se fossem seus filhos. Fiquei muito emocionada por ver os sorrisos agora registrados permanentemente em seus rostos.

Ulagat e Ukilay estavam estudando ao lado de crianças refugiadas do Sudão, Iraque, Síria, Afeganistão e de outras regiões afetadas pela crise.

Desenhos de bandeiras de dezessete países estavam penduradas na parede. Naquela noite, pediram que todas as novas crianças desenhassem a bandeira de seu país de origem e trouxessem no dia seguinte para colocá-la na parede.

“Estamos em um país estrangeiro, mas nossos professores estão realmente interessados em conhecer de onde viemos”, maravilharam-se meus filhos, perplexos. Levantei as sobrancelhas, em dúvida. Seria genuíno o interesse e abertura deles? Sem acusações veladas, sem críticas?

Meu filho confirmou com veemência: “O professor até disse, ‘Vocês devem manter sua pátria na mente porque é lá que estão as suas raízes’”.

“Aquelas mulheres são como nossas tias”, acrescentou Ukilay, colocando suas mãos sobre o coração.

Logo após terminarmos a refeição, ambos se sentaram e começaram a desenhar com lápis de cor. À medida que moviam o lápis sobre o papel, começaram a fungar, por estarem tão envolvidos pela emoção da lembrança dos momentos felizes em sua pátria. As lágrimas caíam sobre o papel e as cores escorriam. Turquesa radiante, representando o céu sobre as amplas estepes do Cazaquistão, mesclado com o amarelo dourado do sol e a águia abaixo, com suas asas bem abertas.

Eles tiveram que começar do zero. As cores e os símbolos em nossa bandeira representam a paz e a unidade, esperança e liberdade de pensamento. Até meia-noite, eles estavam desenhando e chorando. Assim que as crianças foram para a cama, sentei-me no sofá e deixei as lágrimas escorrerem na minha face.

Na manhã seguinte, os professores penduraram as bandeiras para que todas as crianças pudessem se orgulhar de seus países. Daquele dia em diante, as coisas se tornaram melhores. As crianças aprenderam mais rápido do que o previsto e logo fizeram amigos. Nós quatro passávamos a noite aprendendo vocabulário, fazendo nosso dever de casa na mesa da cozinha. Até fizemos uma competição. “Quem irá terminar primeiro?”, eu provocava as crianças.

“Vocês irão ver”, disse, cutucando o pai deles com o cotovelo. “No final, tudo ficará ainda melhor do que antes”.

Uali levantou a cabeça e olhou para mim com tristeza, mas com esperança. “As coisas serão realmente como antes? Com novos amigos? Seremos capazes de ganhar nosso próprio dinheiro?”.

"Sim, é claro. Talvez até possamos trabalhar como professores", respondi animada.

Um sorriso radiante se espalhou por todo o seu rosto e ele me pegou nos braços. "Você está certa. Por que deveríamos estar tristes? Só temos motivos para estar felizes!".

Para nós, foi o início de uma grande aventura. Uali e eu conhecemos muitas pessoas interessantes dos mais variados países, aprendendo sobre suas culturas e modo de vida. Para nosso enorme prazer, fomos honrados com a visita de um cazaque que morava na Dinamarca há décadas — nosso primeiro convidado. Em meados de junho, nosso próximo convidado chegou. Desta vez, foi um sueco vindo da América, que fez a viagem especialmente para poder nos levar para conhecer seu lindo país. Antes de partir, ele nos deu uma TV de tela plana. "Como sueco, estou muito orgulhoso por meu país os ter acolhido", disse, ao nos despedirmos. Que experiência! Nunca esquecerei aquele homem excepcional.

Em agosto, fui convidada pelo Ministério das Relações Exteriores da Suécia a ir a Estocolmo, onde fiz uma declaração sobre a situação dos campos de concentração chineses. Um desafio que foi benéfico para a minha família. Minha advogada do Cazaquistão também nos visitou duas vezes. E assim, gradualmente, começamos a nos acomodar. "O sistema educacional sueco é muito melhor do que no Cazaquistão. As crianças terão um futuro aqui. Há muitas portas abertas para elas".

E os jornalistas e convites de organizações políticas estrangeiras continuaram chegando. Em março de 2020, eu estava entre as doze mulheres que receberam o International Women of Courage Award do secretário de Estado americano Mike Pompeo, em Washington, em parte pelo que foi descrito como nossa "excepcional coragem e liderança na defesa dos direitos humanos... Muitas vezes com grande risco pessoal". Mas não acho que fiz algo especial: tudo o que fiz foi relatar o que vivenciei.

Não vou parar de falar a verdade

Para minha surpresa, enquanto perambulava pelas ruas comerciais alemãs, nos intervalos das entrevistas para a edição original deste livro, vi muitas "lojas de 1 euro" abarrotadas de mercadorias chinesas

baratas. Aqueles pequenos itens coloridos pareciam inofensivos. Mas os pensamentos e a política por detrás são um grande negócio.

Pequim está, furtivamente, ganhando espaço em muitas partes do mundo, sobrecarregando o mercado com produtos baratos e oferecendo empréstimos generosos. O objetivo do governo, a longo prazo, é ganhar monopólios e estabelecer uma nova ordem mundial. Uma vez que eles consigam, o PCC — e apenas o PCC — irá ditar as regras. Então todos seremos governados por tiranos.

Há muito tempo, o governo e o Partido vêm lançando seus tentáculos nas universidades pelo mundo, aumentando sua influência sobre as elites e formadores de opinião, na economia e na política, tentando dividir os europeus, envolvendo a extrema esquerda do Leste Europeu, países como a Polônia e a Hungria, com grandes somas de dinheiro, perseguindo livres-pensadores, pressionando meios de comunicação e universidades, defendendo a construção e controle de redes de telefonia móvel e exportando a censura chinesa.

Em países livres, isso levou a incidentes, como o jogador de futebol Mesut Özil, impedido de entrar na partida por ousar criticar o uso de campos de concentração na China; como a Daimler, uma grande corporação, emitindo um pedido de desculpas a Pequim, por postar uma citação inofensiva do Dalai Lama e, em seguida excluí-la, conforme as instruções; e como a Lufthansa, comportando-se como uma criança travessa porque se referia a Taiwan como um país separado. Enquanto as empresas e os cidadãos no mundo livre continuarem valorizando os interesses financeiros acima dos direitos humanos, estaremos vendendo nossas almas ao diabo.

A Alemanha, junto com vinte e duas outras nações, condenou os abusos aos direitos humanos nos campos de concentração chineses. No entanto, nenhum país muçulmano expressou solidariedade com seus irmãos e irmãs na fé que vivem no noroeste da China. Imediatamente após essa condenação, Pequim recebeu apoio de 37 outros países, incluindo Rússia, Síria e Mianmar, cujos próprios governantes pisoteiam as liberdades de seus cidadãos e servem a seus próprios interesses acima de todos os outros.

A China comprou a fidelidade deles com acordos financeiros, forçando-os à dependência econômica; os cidadãos desses países, contudo,

não vivem suas vidas com a prosperidade prometida por Pequim. Na verdade, esses Estados estão em montanhas de dívidas e venderam toda sua malha de ruas, suas terras agrícolas, seus portos, usinas de energia, oleodutos, aeroportos e linhas ferroviárias para Pequim, pedaço por pedaço. Quando os que estão no poder vendem tudo em seu país de origem, o que resta, no final, para o seu próprio povo?

Em contraste com esta política irresponsável, os vinte e três países ocidentais me dão esperança. Embora os interesses econômicos também sejam de vital importância para eles, eles têm a previdência de priorizar os direitos humanos. Por exemplo, a China é o parceiro comercial mais importante da Alemanha e isso dá esperança a todas as pessoas no mundo que vivem na miséria e no sofrimento, assim como aqueles que lutam pela liberdade e justiça, e contra o despotismo. Em algum momento, talvez, teremos mais sucesso do que os outros! Então, haverá um futuro melhor para todos os povos do mundo.

Mesmo que Pequim continue a me estigmatizar como mentirosa e traidora, espalhando violência e desinformação, usando minha família como refém e fazendo tudo ao seu alcance para me silenciar, nunca irei parar de testemunhar! Sou profundamente grata a esses vinte e três países por me possibilitarem viver em paz, com minha família, na Suécia, e por me darem a liberdade de falar a verdade.

No meu julgamento no Cazaquistão, dois representantes do Consulado da China pediram para se encontrar comigo a sós. Eles pretendiam, é claro, me assustar — fechar a minha boca para sempre. Mas gritei no meio do tribunal, no centro das atenções do público: "Há dois chineses aqui tentando me silenciar, mas não vou parar de falar a verdade!".

Atrás de mim estão 43 anos perdidos. Desde que eu era criança, vivi sob o controle do Partido Comunista. Quando o Partido dizia "Pule", perguntávamos "Qual altura?". Eu deveria ter chegado na Europa vinte anos atrás. Eu teria aprendido muitas línguas e tido muitos empregos, visitado muitos países e conhecido muitas pessoas. Mas, mesmo agora, não é tão tarde para mim. Quero usar o tempo que me foi dado para compensar o que eu perdi e lutar, por meios pacíficos, pela liberdade — porque a liberdade não pode ser considerada garantida.

Os aprisionamentos em massa no Turquestão Oriental são a prova de que o governo de Pequim não tem escrúpulos em destruir brutalmente aqueles que estão em seu caminho. Depois de ler este livro, ninguém pode alegar que não sabia.

Um vírus da mente

As entrevistas para este livro continuavam em meados de dezembro de 2019, quando o número de pessoas infectadas pelo coronavírus aumentou de forma alarmante em Wuhan, uma cidade de onze milhões de habitantes. O governador da província, Hubei, não tinha poder para agir de forma independente, então ele relatou a situação ao centro nacional de controle de doenças em Pequim. Mas ninguém fez nada para conter o vírus.

Em vez disso, o PCC fez o possível para interromper todos os testes e destruiu as amostras confirmadas por análises laboratoriais; os repórteres chineses e indivíduos que alertaram sobre a rápida disseminação do vírus foram detidos. O governador da província de Hubei foi destituído de seu cargo. Outros vinte dias se passaram, nos quais o vírus correu desenfreadamente pela cidade em expansão.

Epidemiologistas estimam que a transmissão inicial do vírus ocorreu em outubro. Quando os habitantes de Wuhan souberam que a cidade ficaria confinada a partir de 23 de janeiro, aproximadamente cinco milhões de pessoas partiram. Os que tinham dinheiro e passaporte voaram para outros países pelo mundo; outros fugiram para Xinjiang ou viajaram dentro da China.

Com um único golpe, o PCC desencadeou uma tragédia que, atualmente, afeta o mundo inteiro. Milhões de pessoas inocentes sofreram por causa do vírus, pagando um preço cruel pelas políticas obscurantistas de Pequim. Se Pequim tivesse tomado medidas ativas no início do surto para prevenir a propagação do vírus e notificado a Organização Mundial de Saúde a tempo, a humanidade seria poupada da devastação subseqüente. Mas, ao falsificar prontuários médicos, silenciar casos e falsificar estatísticas, eles impossibilitaram outros países de aprender com seu exemplo e proteger melhor suas próprias populações.

Enquanto escrevo isso, o governo chinês está usando uma estratégia testada e comprovada, apresentando-se como um "leve" poder humanitário. Ao distorcer habilmente os fatos, está tentando fazer o mundo acreditar que sua reação ao vírus foi exemplar, distraindo-nos a todos de suas próprias falhas sistêmicas e encorajando-nos a esquecer onde e como o vírus se originou. Em troca de "generosa" ajuda humanitária — incluindo apoio financeiro e a doação de máscaras — ele poderá exigir fidelidade de ainda mais países no futuro. Por meio de campanhas de desinformação direcionadas, Pequim — como outros Estados autocráticos — também usou esta crise para semear confusão e minar a fé dos europeus na unidade da União Européia.

Os indivíduos corajosos que relataram a situação catastrófica em Wuhan, antes de serem silenciados, foram rapidamente esquecidos. Esquecido também está o fato de que patógenos anteriores, como a primeira síndrome respiratória aguda grave relacionada ao coronavírus (que causou o surto de SARS) e cepas do vírus Influenza A (que causou a gripe aviária) também se originaram na China. De acordo com especialistas, esse fato está intimamente ligado à prevalência de mercados úmidos e à destruição ambiental implacável. Um laboratório de virologia, perto de um desses mercados em Wuhan, onde a pesquisa para coronavírus estava sendo conduzida, também entrou em questão. Em 2018, o *Washington Post* destacou falhas em seus protocolos de segurança. Um vírus como esse não pode ser combatido com teoria — apenas com cooperação global e intercâmbio aberto. No entanto, o mais recente "conto de fadas" de Pequim é que o vírus vem de um laboratório militar nos EUA. A China, eles afirmam, derrotou o vírus graças a seus recursos superiores e agora está ajudando, magnanimamente, o resto do mundo.

Ainda mais assustador do que o próprio coronavírus, é o "vírus mental" fascista chinês, que se desenvolveu no laboratório do Turquestão Oriental e se espalhou por todos os cantos do globo. Os infectados não percebem que a liberdade, a paz e os direitos humanos estão ameaçados em todo o mundo. E que Pequim quer usar o "modelo chinês", objeto de tanta propaganda, para provar a superioridade da ditadura sobre a democracia. Um vírus capaz de impactar pessoas em todo o planeta deixa duplamente evidente a importância de procurarmos entender o mundo como um todo.

Depois de um tempo, o coronavírus irá gradualmente regredir. A situação irá se normalizar. Mas o "vírus mental" da China nunca deixará de atacar o mundo livre. Espero que as pessoas ao redor do mundo entendam que o PCC e o governo em Pequim ameaçam não apenas os chineses, mas todos os cidadãos da Terra. Este vírus é muito mais perigoso do que o novo coronavírus.

É um inferno.

Posfácio

ALEXANDRA CAVELIUS

Não levou muito tempo para que nosso trabalho tivesse impacto. Desde que *Fuga do Inferno* foi publicado, o telefone de Sayragul Sauytbay na Suécia não pára de tocar. Os números no visor são, em sua maioria, da China. E aqueles que fazem as chamadas a ameaçam com o que de mais terrível se pode dizer a uma mãe: "Pense nos seus filhos...".

Constantemente preocupo-me com a vida dessa ativista de direitos humanos extraordinariamente corajosa, que ainda luta pela paz, justiça e liberdade para uigures, cazaques e outras minorias étnicas muçulmanas de sua terra natal. Quando comecei a escrever meu primeiro livro, há cerca de quatorze anos — *Dragon Fighter* — sobre a uigur internacionalmente famosa Rebiya Kadeer, indicada várias vezes ao Prêmio Nobel da Paz, recebi uma notícia chocante pouco tempo antes de ela vir me ver na Alemanha: ela sofreu uma tentativa de assassinato, à qual sobreviveu por pouco. O FBI rastreou o ataque, chegando até a embaixada chinesa. Claramente, não eram ameaças vazias.

Porém, logo depois, em 2006, estávamos em condições de começar as entrevistas. Kadeer chegou ainda com as marcas de seu ataque. Ela era delicada, mas incrivelmente combativa e animada. Usava um colar cervical e tinha a testa machucada. De repente, porém, nosso tradutor começou a parecer cada vez mais ansioso. Tentou me desviar do caminho e reteve documentos fundamentais. Somente após o editor o ameaçar com uma ação legal é que admitiu que Pequim o colocara sob pressão.

Este erro — escolher o tradutor errado para as entrevistas — eu não o queria repetir em 2019, com a delatora cazaque, famosa internacionalmente, Sayragul Sauytbay. Desta vez, escolhi um tradutor não com base na formação acadêmica, mas por ser considerado confiável por uma organização de direitos humanos.

No entanto, este homem também mudou depois que começamos a gravar as nossas conversas. Traduziu certas coisas incorretamente e suprimiu deliberadamente informações essenciais sobre os campos de concentração que Sayragul Sauytbay havia ditado para ele num bloco de notas, especificamente para mim. Seu comportamento acabou me forçando a reexaminar todas as outras informações, com a ajuda de outros intérpretes. Isso não foi apenas estressante, mas custou tempo e dinheiro, o que poderia significar o fim de uma pequena editora independente como a Europa Verlag.

Depois de, inicialmente, tentar sabotar nosso trabalho no livro, aquele tradutor tentou evitar que ele fosse impresso, e finalmente espalhou rumores na *internet* sobre sua colega cazaque. O que o levou a fazer isso, nunca saberemos. Sabemos, entretanto, que o PCC freqüentemente pune os membros da família que ainda vivem na China, ou os persuade a mudar de lado, acenando com enormes quantias de dinheiro. O fato triste é que este homem estivera ao lado de Sayragul Sauytbay apenas alguns meses antes, em Bruxelas, aonde ela foi convidada pela União Européia, em reconhecimento por sua coragem e compromisso com os direitos humanos.

Houve várias barreiras a superar antes que eu pudesse transformar as nossas conversas em livro. Constatei quão forte e poderosa é Sayragul Sauytbay em conferências de imprensa e como, imediatamente depois, longe dos olhos do público, ela luta com as conseqüências do campo de concentração pelo qual passou. Ela é atormentada por estresse pós-traumático, que se manifesta sob vários sintomas, incluindo taquicardia e náuseas constantes, porque sua saúde fisiológica foi arruinada.

Eu a observei enquanto ela se recostou no táxi, exausta, uma das mãos apoiada no coração em espasmos, os olhos fechados, gemendo à mercê das imagens do passado. "O que você está fazendo às pessoas do meu país, neste exato instante? Eu sei. Está jogando as garotas que estuprou em suas celas, descartando-as como lixo. Nem ao menos as deixa chorar...". Fiquei boquiaberta enquanto ela se recompunha para consolar os outros e trabalhar, incansavelmente, até tarde da noite, na luta contra a opressão no Turquestão Oriental.

Essa mulher coloca a sua vida em risco cada vez que aparece em público. Em cada entrevista que dá, traz suas memórias terríveis à tona.

No entanto, suporta tudo isso para poder divulgar a tortura das crianças, mulheres, idosos e homens inocentes em sua terra natal. Para que o seu sofrimento inexprimível um dia termine. E para que o mundo não possa mais desviar o olhar, fingindo ignorância.

Enquanto Sayragul Sauytbay e eu estávamos num *tour* de imprensa por conta do nosso livro, em junho de 2020, sentadas num trem de Berlim a Munique, ela passou a viagem vasculhando a *internet*, pesquisando as políticas de Pequim no seu celular. As primeiras coisas que me mostrou no *site* da organização de direitos humanos Atajurt foram fotos de uma casa de oração budista no Tibet, em cima da qual estava pendurado um cartaz de propaganda em caracteres chineses: "Sem o Partido Comunista também não há Buda Tathagata". Sayragul ergueu os olhos, pensativa. "No Turquestão Oriental, o PCC prega para as pessoas: Suas vidas e tudo o que você possui foi dado pelo PCC. Sem o PCC, não há Deus".

No próximo *post*, ela bateu com o dedo numa foto do Brasil — outro cartaz de propaganda. "Até os brasileiros são loucos pela China!". Ela então me mostrou um filme apresentando duas crianças africanas chorando, que foram forçadas por oficiais do Partido, em seu próprio país, a aprenderem chinês e a cantarem em voz alta: "Todos nós temos uma família, e ela se chama China". Transparecia o sofrimento em seus rostos juvenis, mas elas abriam bem a boca para cantar. "E nós temos muitos irmãos e irmãs, e a paisagem lá é linda...". Sayragul conhecia esta música — "Grande China" — do Turquestão Oriental. Seus alunos cazaques e uigures também foram obrigados a cantá-la.

De repente, a atenção de Sayragul foi atraída por um vídeo do XIX Congresso do Partido em Pequim, no qual oficiais de alto escalão do Partido discursavam para um grande público.

"Quem é a pessoa que está falando?", perguntei.

"É o Ministro da Educação, Chen Baosheng".

"O que ele está falando?".

"Diz que, em 2049, o sistema educacional chinês será aceito em todo o mundo como o sistema básico de educação".

Assustada, levantei minhas sobrancelhas e aprofundei o assunto. "Como exatamente ele expressa isso?".

"Nesse ponto, o sistema educacional global será liderado e governado pelo PCC. A China irá decidir qual tipo de sistema educacional o mundo terá".

"O quê?".

"O mundo inteiro irá obedecer ao PCC e apenas usará os conteúdos fornecidos a eles pelo Partido".

Eu mal conseguia ficar no meu lugar. "Continue...".

"O sistema chinês será introduzido em todas as escolas do mundo. Todos os estudantes receberão materiais em chinês e falarão chinês".

Nesse ponto, não pude deixar escapar: "Eles nem ao menos estão mantendo em segredo seus planos de domínio global. Este discurso de Chen Baosheng é outra peça-chave de evidência para apoiar o Plano de Três Etapas!".

Enquanto fazia minha própria pesquisa na *internet*, encontrei uma foto de Chen Baosheng visitando a Fundação Hanns Seidel, com sede em Munique, uma organização afiliada à União Social Cristã, um partido político conservador alemão. Poucos dias depois, em 27 de junho de 2020, foi noticiado na mídia alemã que um espião bem relacionado do Serviço de Inteligência Federal, que trabalhava numa função relevante na fundação, havia desertado para a inteligência chinesa. Parte de seu trabalho era "espremer" (para usar o jargão das agências de inteligência) informações dos palestrantes, durante o Congresso Mundial de Uigures. Este espião já havia tentado várias vezes, sem sucesso, me convidar e me questionar. Há rumores nos círculos de segurança de que este caso é típico da maneira como o serviço de inteligência chinês gosta de formular estratégias. "Além dos ataques do mundo virtual, eles recrutam, implacavelmente, recursos humanos em todas as áreas da vida pública", relatou o estúdio de televisão da ARD em Berlim. Este caso, eles acrescentaram, era sério.

Quando eu disse a Sayragul Sauytbay, em julho de 2020, que uma grande organização política havia cancelado um evento planejado conosco em Berlim, adiando vagamente para o próximo ano, por um momento ela ficou profundamente triste. Mas, por causa da nova lei de segurança nacional introduzida em Hong Kong, os organizadores temiam que seus colegas na China pudessem sofrer represálias por estarem divulgando nosso livro.

Uma semana depois, eu li que o Ministério das Relações Exteriores apagou a bandeira de Taiwan de seu *site* e substituiu por um espaço em branco. A manchete no *Münchner Merkur* dizia: "Ministério das Relações Exteriores levanta bandeira branca: Bandeira desaparece da página inicial — que vergonha!". Logo após, meu olhar foi atraído por uma manchete no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*: "Ao criticar a China, o governo federal recomenda a autocensura". No futuro, os alemães deveriam ter um cuidado especial ao criticar a China, alertou o Ministério das Relações Exteriores.

A nova lei de segurança permitiu ao PCC prender qualquer pessoa que criticasse as políticas de Pequim — incluindo livres-pensadores que viviam no exterior e estavam simplesmente viajando pela China. Tendo sido co-autora deste livro, *Fuga do Inferno*, eu poderia esperar prisão perpétua ou talvez até pena de morte. A acusação em tais casos é geralmente separatismo ou terrorismo.

Temo pela minha própria vida? Costumo ouvir esta pergunta de jornalistas. Não, eu respondo, mas é certo que me fez pensar. O simples fato de que esta é uma pergunta constante e óbvia, indica o quanto já é perniciosa a influência do PCC na Alemanha. Não fui intimidada pelas ações que eles tomaram contra mim pessoalmente. Houve ligações freqüentes de números de telefone chineses durante meu trabalho no livro. Uma voz automatizada me dizendo "adeus" ou estranhos respirando baixinho em meu ouvido. Quando escrevi meu primeiro livro, sobre Rebiya Kadeer, recebi fotos de facas em uma mesa e Kalashnikovs apoiados na parede, bem como citações do Alcorão desejando a morte de infiéis como eu. Era para parecer que os muçulmanos haviam me enviado essas mensagens, mas uma investigação policial revelou que as imagens eram originárias de Pequim.

Em julho de 2020, o *Die Welt* publicou um artigo sobre "Como Pequim está aumentando o seu poder", e *Der Spiegel* seguiu com "China amplia exponencial e publicamente a sua presença militar na África". Se você juntar todos esses relatórios e todas as peças individuais do quebra-cabeça, isso revela, exatamente, o que os oficiais do Partido têm em mente para o mundo e o quanto é extenso o alcance de Pequim, mesmo em democracias como a Alemanha.

No entanto, apesar das evidências esmagadoras, muitos políticos, jornalistas, e formadores de opinião em todo mundo ainda não acreditam no que estão vendo e ouvindo com seus próprios olhos e ouvidos. Eles fazem vista grossa, enquanto o PCC, implacavelmente, amplia o escopo de seu poder. Para o restante de nós, isso significa censura, propaganda, corrupção, mentiras, racismo, tortura, campos de concentração e fascismo. Em imagens gravadas secretamente para um documentário da emissora Westdeutscher Rundfunk, o chefe chinês de um departamento de segurança interna em Xinjiang descreve, em poucas palavras, a terrível situação dos muçulmanos na região: "Seus direitos humanos não estão sendo violados porque eles não têm direitos". A cada minuto em que o mundo mantém o silêncio sobre essas atrocidades, mais pessoas morrem.

Antes de ser dominada por uma sensação sufocante de desesperança, costumo sair de casa e tomar um pouco de ar fresco à beira do rio, perto da minha casa. Um cisne negro vive na área e regularmente passa deslizando ao longo da margem. Na China, acredita-se que esse animal extremamente raro seja um presságio de algo inesperado que destruirá planos cuidadosamente feitos. Se as verdades antigas, de repente, não se aplicarem mais, isso pode ter um impacto catastrófico no sistema existente. O cisne negro representa o advento de uma nova era.

Esse raro fenômeno reflete o quanto podem ser incalculáveis as conseqüências políticas. O cisne negro, como Sayragul, é excepcional. Estritamente falando, ela não deveria existir. Se o PCC tivesse conseguido o que queria, ela teria morrido há muito tempo num dos incontáveis campos de concentração. Mesmo assim, sua voz está revelando cada vez mais fatos sobre as atrocidades cometidas pelo governo chinês no Turquestão Oriental. De repente, surgem conflitos com Hong Kong, Grã-Bretanha, EUA, Índia... Mas, e se a vida for menos passiva, menos vulnerável à vigilância do que o PCC pensa? E se, em última análise, seu próprio povo se levantar contra a opressão, a dívida e o aumento da pobreza? Então os planos de Xi Jinping serão prejudicados. A ditadura chegará ao fim.

De volta para casa, enviei a Sayragul uma mensagem por WhatsApp de um *emoji* de um bíceps flexionado. É o símbolo que usamos para transmitir coragem e força quando estamos enfrentando mais um

obstáculo, o qual vamos superar. Embaixo disso, escrevi: "Enquanto vivermos em liberdade, nunca pararemos de divulgar a verdade! Nunca seremos impedidas! Por ninguém!".

Imediatamente, Sayragul respondeu: 💪 💪 💪 💪 💪 💪

"Meu nome é Sayragul Sauytbay. Venho de uma província a noroeste da China. Mao Tsé-Tung a renomeou como Região Autônoma de Xinjiang, mas, para nós, ela permanece sendo o Turquestão Oriental, nossa terra ancestral. Desde 2016, sob o comando do novo secretário-geral do Partido Comunista, Xi Jinping, ela se transformou no maior Estado de vigilância do mundo. Uma rede de mais de 1.200 campos de concentração existe acima do solo, e cada vez mais relatórios mencionam também campos subterrâneos. Estimamos que cerca de 3 milhões de pessoas se encontrem detidas atualmente. São homens, mulheres, crianças e idosos presos como animais, sofrendo lavagem cerebral, sendo humilhados diariamente e torturados de maneiras indescritíveis. Eles jamais cometeram um crime, e nunca foram julgados. Este é o maior extermínio deliberado de um único grupo étnico desde o Terceiro Reich."

Este é o testemunho de alguém que escapou de um cenário infernal; cenário este que, visto tantas vezes por nós nos filmes e documentários sobre a II Guerra, parece estar muito longe, num passado superado. Atrocidades iguais ou maiores que aquelas, porém, estão acontecendo agora, e ainda está vivo e operante, tanto ou mais que no século passado, o sonho diabólico de desentranhar do coração humano o sentimento do transcendente, de dominar as mentes de maneira tão íntima e profunda que se troque tudo, todos os valores, a própria dignidade humana, e até mesmo Deus, pelo Partido.

www.videeditorial.com.br